

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LUIZ CÉSAR DE SÁ JÚNIOR

**UMA MEMÓRIA DE PAPEL: RETÓRICA, COMUNIDADE E  
CÂNONE NA EPISTOLOGRAFIA LATINA GOISIANA (1528-1545)**

JUIZ DE FORA

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LUIZ CÉSAR DE SÁ JÚNIOR

**UMA MEMÓRIA DE PAPEL: RETÓRICA, COMUNIDADE E  
CÂNONE NA EPISTOLOGRAFIA LATINA GOISIANA (1528-1545)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como  
requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em  
História.

Orientador: Prof. Dr. Cássio da Silva Fernandes

JUIZ DE FORA

2012

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Cássio da Silva Fernandes

Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP (orientador)

---

Profa. Dra. Beatriz Helena Domingues

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF (arguidora)

---

Profa. Dra. Cristiane Nascimento

Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP (arguidora)

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender o papel do epistolário latino do humanista português Damião de Góis na construção de seu prestígio social e no fortalecimento de sua autorrepresentação para o futuro.

No primeiro capítulo, procuro situar Góis no contexto de sua atuação diplomática a serviço de d. João III, momento que precedeu sua decisão de voltar-se aos estudos humanistas de forma prioritária. Também tento reconstruir a genealogia de seus primeiros contatos com humanistas como Cornelius Grapheus, seu tutor de latim, e as fórmulas que foram importantes para sua posterior atividade epistolar. Concluo o capítulo com a descrição e análise da *Brevíssima arte de escrever cartas*, de Erasmo - possivelmente lida por Góis - observando as regras do gênero.

No segundo capítulo, observo a atuação de Góis nos círculos eruditos da República das Letras. Relaciono a questão da República das Letras à prevalência da retórica nos escritos de diversos personagens ligados direta e indiretamente a Góis, tentando traçar a rede de contatos dele por meio do estudo das cartas. O pano de fundo dessas relações é a querela ciceroniana, uma das mais importantes querelas literárias do século, em capítulo aberto por Erasmo com a publicação do diálogo *Ciceronianus*, e, ainda, as polêmicas religiosas em torno às tentativas do cardeal Jacopo Sadoleto de reaproximar Melancthon dos católicos. Ensaio uma interpretação para as posições de Góis em relação a essas circunstâncias, procurando refletir se elas teriam impactado em sua produção de cartas.

No terceiro capítulo, discuto os temas das cartas latinas divididos segundo os tópicos sugeridos por Grafton. Assim, considero a formação de amizades e de inimizades por meio das cartas como formas de criar vínculos essenciais na República das Letras. Também descrevo as tentativas de Góis de construir seu prestígio canônico entre os humanistas por meio da edição das obras completas de Erasmo após sua morte. Por fim, discuto as diversas cartas voltadas à divulgação dos textos escritos por Góis e a coletânea de suas correspondências mais ilustres que fez publicar em 1544. Tento, com isso, sincronizar as missivas pertinentes e a obra epistolar que produziu no sentido da conservação de sua memória.

## ABSTRACT

This research aims at understanding the epistolary written by the Portuguese humanist Damião de Góis in the construction of his social prestige and self-representation for the future.

In the first chapter, I try to place Góis in the context of his diplomatic activities under the service of king d. João III, moment in which he decided to initiate a humanistic career. I also try to reconstruct the genealogy of his first contacts with humanists like Grapheus Cornelius, his tutor in Latin, and formulas that were important to his later epistolary activity. I conclude this chapter with a description and analysis of the *Brief art of letter writing*, by Erasmus - possibly read by Gois - observing the rules of the genre.

In the second chapter, the actions taken by Góis in his relationship with the Republic of Letters are studied. I Relate the question of the Republic of Letters to the prevalence of the rhetoric in the writings of several characters connected directly and indirectly to Gois, trying to trace this network through the study of letters. The background of these relations is the Ciceronian quarrel, one of the most important literary quarrels of the century in chapter started with the publication by Erasmus of a dialogue named *Ciceronianus*, and also the religious controversy surrounding the attempts of Cardinal Jacopo Sadoletto reconnect Melanchthon to the Catholics. I analyse Gois' positions in relation to these circumstances, trying to say whether they would have impacted on his production of letters.

In the third chapter, I discuss the themes of Latin letters divided according to some topics concerning the problem of self-representation and search for the canon and prestige. Thus, I consider the formation of friendships and enmities through the letters as essential forms of bonding in the Republic of Letters. I also describe his attempts regarding the making of his reputation among humanists by editing the complete works of Erasmus after his death. Finally, I discuss the various letters focused on the dissemination of texts written by Gois and the publication of a collection of his most distinguished correspondence in 1544. I try to thereby synchronize the relevant letters and this letter-writing project that was produced towards the preservation of his own memory.

## AGRADECIMENTOS

Algum tempo atrás, quando hesitava, pela primeira vez em muitos anos, em continuar a carreira de historiador, externalizei essa preocupação a meus pais. Dizia-lhes do meu temor do fracasso após o investimento de seis anos – e ao menos quatro ainda por vir - em uma carreira na qual por vezes a incerteza impera acima das esperanças de sucesso; também temia que eles, distantes do mundo acadêmico como são, não compreendessem o porquê de um período tão longo de trabalho sustentado (nem sempre) por bolsas e não por um emprego formal.

Foi assim que, abatido e angustiado, ouvi deles, da voz de meu pai e do sorriso cheio de alegria de minha mãe, que eles iriam “continuar comigo até o final”. “Não importa quando tempo leve, não importa quantos títulos tenha de obter, continuaremos contigo até o fim”. Ouvir essas palavras de pessoas para quem os termos dissertação e tese pouco querem dizer, e vê-las traduzi-los para o sonho de um filho, acima de qualquer religião revelada, restituiu-me o significado da palavra fé. Muito obrigado. A meu pai, Luiz César, e a minha mãe, Cristina, dedico esta dissertação.

Tive a fortuna de contar com uma segunda família ao longo dos estudos de mestrado. À Angela, mãe carinhosa e gentil como poucas há, cuidou de mim como se fosse seu próprio filho. Graças a ela, ganhei dois irmãos de quem agora sinto muitas saudades. André e Helena, companhia inestimável e fonte contínua de diversão, foram meus maiores aliados na escrita deste trabalho. Ao Cássio, agradeço pelo convívio intelectual resultante de sua orientação ao meu trabalho e pelas lições sobre a arte e cultura do Renascimento. Igualmente, agradeço por ensinamentos que jamais esquecerei. Sua presença constante, sua alegria e paixão pela vida são exemplos que guardarei comigo. Sua honestidade e capacidade de conciliar o trabalho sério e rigoroso à amizade e ao calor de uma convivência verdadeiramente humana, compartilharei com meus alunos, quando os tiver. À toda a família, agradeço pelos dias e noites passados na cozinha; eles despertaram em mim o irresistível prazer da culinária.

Não poucos foram os amigos a seguir comigo nessa caminhada. Alguns deles virtualmente, outros bem perto de mim, ajudaram-me nos momentos indispensáveis de folga e também no exercício de constante reflexão que culminou neste trabalho. Ao Heitor Loureiro e à Helenice Dias, agradeço pelo carinho especial que me dedicaram

nos últimos anos. Além disso, agradeço-lhes pelas inúmeras discussões sobre política e sobre a vida, e, em particular, por tudo que me ensinaram sobre respeito, amor e ética.

Não posso me esquecer aqui de outros amigos com quem tantas vezes estive durante as aulas e em ocasiões divertidas fora delas. Nittina Bianchi, Thiago “Bob” Sterling, Paula Ferraz, Carla Almeida, Daniela Barbosa, Gabriela Duque, Fernanda Gherardi, Alessandra Belo, Wallace Andriolli, Lílian Moreira, Luciana Scanapieco; os primos Sarah Ramirez, Frederico Azevedo, Anderson Ferigate; André Boechat, Mariana Barata, Mirelly Cardoso, Fabíola Paulino, Camila Martins, Renata Fernandes, Luiz Fernando Lopes, Rumennig Weitzel, Antônio Gasparetto, Thiago Firmino e Rhuan Fernandes Gomes. Aos amigos – hoje virtuais – Rafael Bara, Edú Trota e Felipe Andrade, agradeço, ainda, por compartilharem sua erudição comigo. A Raphael Sanchez, Bruno Stigert, Felipe Ribeiro e Rodrigo da Silva, agradeço pelos finais de semana intermináveis em que contamos boas histórias.

A Laiz Perrut, inicialmente amiga, hoje namorada, agradeço, antes de tudo, pela paciência com este “nerd” e suas excentricidades no decurso de escrita da dissertação e ao longo dos, por vezes, estressantes debates travados no Centro Acadêmico do Curso de História e na comissão organizadora da Semana de História. Agradeço pelo amor, carinho, gentileza e companhia, sobretudo nos momentos de dificuldade, mas também pelas inúmeras risadas e paixões compartilhadas. Preciso admitir, com os neolatinos que tanto aparecem nesta dissertação: *Tota pulchra es*.

Agradeço a Aparecida Pereira e Regina Rossini, anjos secretos em minha vida.

A Diego Albino Lopes, amigo dos mais queridos, *in memoriam*.

Os textos, imagens e ideias apresentados a seguir resultaram de pesquisa em diversas bibliotecas. Em Juiz de Fora, agradeço aos funcionários da Biblioteca Redentorista, ótimo lugar de leitura e pesquisa. Em São Paulo, aos funcionários da Biblioteca Florestan Fernandes, cujos repositórios resolveram quase todas as minhas dificuldades. Em Campinas, meu obrigado aos membros da Biblioteca do IFCH e, especialmente, àqueles que me apoiaram no excelente setor de História da Arte, exemplo a ser seguido no Brasil. Em Lisboa, ao pessoal da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e aos colegas da Biblioteca Nacional – sobretudo ao Luís, quem guiou-me pela primeira vez naquele maravilhoso acervo. Por fim, agradeço a todos os funcionários de tantas livrarias e bibliotecas que visitei em Lisboa, Coimbra, Salamanca, Paris, Londres, Atenas, Bari, Lecce, Buenos Aires, São Paulo, Niterói e no Rio de Janeiro. Sem os achados que retirei das livrarias – muitas vezes com grande

dificuldade -, jamais teria reunido o material bibliográfico necessário. Um último agradecimento aos serviços de digitalização de obras raras das diversas Bibliotecas Nacionais que frequentei. Graças a eles, um pesquisador residente em nosso país, mesmo que não possa viajar ao exterior, tem plenas condições de efetuar buscas em livros e cartas do Renascimento que, de outra maneira, seriam inacessíveis.

Agradeço à CAPES por ter-me concedido a bolsa de estudos para o mestrado. À Coordenação de Relações Internacionais (CRI-UFJF), pela bolsa de mobilidade acadêmica que me permitiu viver em Lisboa durante a graduação. Finalmente, à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História da UFJF, que me concedeu aportes financeiros parciais para ir à Espanha em meu primeiro ano de mestrado.

Registro meus agradecimentos a todo o corpo docente do curso de História da UFJF. Tenho orgulho de ter sido aluno de professores que mantêm excelente padrão de ensino nos cursos de bacharelado, mestrado e doutorado sem menoscabar a pesquisa, atraindo, assim, cada vez mais a atenção em âmbito nacional. Em particular, agradeço aos professores que, além de ótimos mestres, tornaram-se amigos queridos. Ao Alexandre Barata, à Silvana Barbosa e à Beatriz “Bia” Domingues, meu abraço apertado.

Agradeço aos membros de minha banca examinadora de qualificação e de defesa de dissertação, composta pelos professores Cássio Fernandes, Beatriz Domingues e Cristiane Nascimento. Suas críticas enobrecem este trabalho.

Agradeço ao professor Miguel Monteiro, da Universidade de Lisboa, pela generosidade em me acolher nas aulas de seu programa de mestrado durante minha estadia. À doutora Ingrid Kastel, da Albertina de Viena, agradeço pelos esclarecimentos quanto ao retrato de Damião de Góis abrigado naquela instituição.

Por fim, endereço meu muito obrigado a todos os autores dos livros que pude acumular ao longo da última década. Sem a literatura, acadêmica e ficcional, passar pela vida seria mais difícil e, no fim, tudo faria menos sentido. Seus sonhos e desafios intelectuais e emocionais são a razão pela qual escolhi esta carreira que pode, sim, combinar escrita com aspirações literárias e pensamento com aspirações científicas. Defendida com sucesso ou execrada, esta dissertação de mestrado representa, para além de todo o resto, um período difícil e valioso, cujas experiências vividas e imaginadas motivaram-me a seguir adiante a despeito de enxergar o mundo nos tons da nostalgia irrefreável de Fitzgerald. “So we beat on, boats against the current, borne back ceaselessly into the past”.



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**ANTT** – Arquivos Nacionais/Torre do Tombo

**BNP** – Biblioteca Nacional de Portugal

**BNF** – Bibliothèque Nationale de France

**CLG** – Correspondência Latina Goisiana (a descrição pormenorizada da CLG encontra-se no “Anexo 1”)

CLG “A” – Correspondência ativa

CLG “B” – Correspondência passiva

**WGA** – Web Gallery of Art

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1.** As terras de Otranto. AUBIN, Jean. Une frontière face au péril Ottoman: La terre d'Otrante (1529-1532). In: *Le latin e l'astrolabe. Recherches sur le Portugal de la Renaissance, son expansion en Asie et les relations internationales.* V. II. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2000. P. 113.
- Figura 2.** Albercht Dürer. São Jerônimo (1521). Óleo sobre madeira de carvalho. 59,5 cm X 48,5 cm – Lisboa, MNAA. Foto: WGA.
- Figura 3.** Albrecht Dürer. São Jerônimo no deserto (c. 1495). Óleo sobre painel. 23 cm X 17 cm – Londres, National Gallery. Foto: WGA.
- Figura 4.** Albrecht Dürer. São Jerônimo no deserto (c. 1496). Gravura. 34 cm X 22 cm – Nova Iorque, Metropolitan Museum of Art. Foto: WGA.
- Figura 5.** Albrecht Dürer. São Jerônimo (1492). Xilogravura. 19 cm X 33 cm – Basileia, Kupferstichkabinett, Öffentliche Kunstsammlung. Foto: WGA.
- Figura 6.** Albrecht Dürer. São Jerônimo em seu estúdio (1511). 19 cm X 15 cm – Milão, Biblioteca Ambrosiana. Foto: WGA.
- Figura 7.** Albrecht Dürer. São Jerônimo em seu estúdio (1514). Gravura. 25 cm X 20 cm – Karlsruhe, Staatliche Kunsthalle. Foto: WGA.
- Figura 8.** Bíblia Poliglota Complutense de Alcalá (1514). Biblioteca La Rioja.
- Figura 9.** Albrecht Dürer. Erasmo de Rotterdam (1526). Gravura. 25 cm X 29 cm - Washington, National Gallery of Art. Foto: WGA.
- Figura 10.** Folha de Rosto de *Ex P. Terentii Comoediis [...] colloquendi formulae* (Antuérpia, 1530). Bayerische StaatsBibliothek.
- Figura 11.** Primeira página da carta-dedicatória de *Ex P. Terentii Comoediis [...] colloquendi formulae* (Antuérpia, 1530). Bayerische StaatsBibliothek.
- Figura 12.** Folha de rosto de *Latinissimae colloquiorum formulae ex Terentii comoediis [...]*. (Augsburgo, 1532). Bayerische StaatsBibliothek.
- Figura 13.** Primeira página da carta-dedicatória de *Latinissimae colloquiorum formulae ex Terentii comoediis [...]*. (Augsburgo, 1532). Bayerische StaatsBibliothek.
- Figura 14.** Folha de rosto do *Breuissima maximeque compendiarum conficiendarum epistolarum formula* (Paris, 1521). Paris, BNF.
- Figura 15.** Folha de rosto do *Ciceronianus* (Froben, 1528). Basileia, UniversitätsBibliothek.
- Figura 16.** Folha de rosto dos *Aliquot Opuscula* (Louvain, 1544). Centre d'Études Supérieures de la Renaissance - Tours.
- Figura 17.** Folha anterior [fl. 10] ao frontispício de DAMIANI GOIS EQVITIS LVSITANI. VRBIS LOVANIENSIS OBSIDIO. OLISIPONE APVD Lodouicum Rhotorigium typographum M. D. XL. VI. BNP.
- Figura 18.** Imagem de Góis contida no *Imagines L. Doctorum Virorum, Qui Bene de Studiis Literarum Meruere*, por Philips Galle – 3.ed - 1587.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO PRIMEIRO: Genealogias retóricas e itinerários sociais.....	37
1.1 Diplomacia epistolar na feitoria de Flandres .....	37
1.2 Arte, história, humanistas .....	44
1.3 Fundamentos para a arte epistolar.....	67
CAPÍTULO SEGUNDO - Prestígio público e comunidades imaginadas: Damião de Góis na querela do ciceronianismo.....	112
2.1 Erasmo e a publicação do <i>Ciceronianus</i> .....	114
2.2 A comunidade cindida: Damião de Góis e os círculos eruditos transalpinos e italianos .....	122
2.3 Tópicos dialogais: elementos de persuasão erasmiana no <i>Ciceronianus</i> .....	143
2.4 Ecletismo, ciceronianismo: as escolhas epistolográficas de Damião de Góis ....	170
CAPÍTULO TERCEIRO - Uma memória de papel: Difusão das obras, comércio de cartas e obra epistolar como recursos de autorrepresentação.....	186
3.1 Os usos da amizade: A divulgação das obras de Damião de Góis.....	190
3.2 Os usos da inimizade: Damião de Góis contra Paolo Giovio e Sebastian Münster .....	208
3.3 Os usos da posteridade: Damião de Góis, Bonifacius Amerbach e o espólio de Erasmo .....	225
3.4 Obra epistolar: a publicação dos <i>Aliquot Opuscula</i> .....	241
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	253
ANEXO – Correspondência Latina Goisiana (CLG).....	256
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	263

[...] Ad bene dicendum duae potissimum res conducunt, ut penitus cognitum habeas de quo dicendum est: deinde, ut pectus et affectus suppeditet orationem.

Erasmus, *Ciceronianus* (1528).

[...] Também por isso a história dos indivíduos singulares é tão importante: não nos permite esquecer a relatividade de nossos pontos de vista. Li uma vez em Michelet um caso histórico de pouca monta, uma dessas anedotas que, em sua trivialidade, tem a marca da verossimilhança. Diz respeito a Robespierre. Muitos anos depois da Revolução, um jovem pergunta ao velho Merlin de Thionville como havia podido tomar partido pela condenação de Robespierre. O velho cala-se, parece estar um pouco descontente; de repente, se levanta com um movimento violento e diz: “Robespierre! Robespierre! Ah...! Se tu tivesses visto seus olhos verdes, o terias condenado como eu”. Apenas quem vira os olhos de Robespierre pudera entender por que o Incorruptível fora condenado. Há algo mais adequado para ensinarmos uma verdadeira motivação histórica, para advertirmos de quão terrivelmente parcial é nosso agir quando reduzimos a todos esses homens cheios de ódio e de cólera e de ilusões a um feixe de potências políticas ou econômicas? Essa pequena anedota diz de forma totalmente explícita: não esquecer a paixão.

Johan Huizinga. O elemento estético das representações históricas (1905).

## INTRODUÇÃO

*Uma memória de papel: o epistolário goisiano entre a retórica, a comunidade e o cânone*

Foi então que, com irreparável desorientação e desconcertada consciência, Giambattista Bodoni despertou de um profundo torpor. Mal podia divisar os contornos de uma névoa adensada, que no entanto parecia dizer-lhe algo, vagando ao redor de sons que não lhe saíam da cabeça. Os acordes difusos daqueles sons singravam a paisagem onírica construída e destruída ao sabor do nevoeiro como um navio a irromper em mares nebulosos, mares governados por um timoneiro ciente da invasão de seus domínios. Bodoni sentiu-se tragado por aquelas águas em direção a um precipício, sem deixar de ver – ou pressentir – as imagens formadas pela névoa: *nevoeiro rio acima, nevoeiro rio abaixo, nevoeiro que morde as mãos da pequena vendedora de fósforos*. Logo adiante, a sorrir-lhe um sorriso viciado, uma figura espectral – *um nevoeiro espesso, opaco, que envolvia os rumores, e fazia surgir fantasmas sem forma* – mastigava a bruma intempestiva, tornando pesadelo o sonho vislumbrado. *Chamo-me Arthur Gordon Pym*.

Mas não se chamava Arthur Gordon Pym, - *Call me... Ismael?* - e o fato de não ter certeza de que sabia o próprio nome perturbava a voz formada pelos sons antes ininteligíveis. Sem prestar suficiente atenção no que ela dizia, mergulhou novamente num sonho entrecortado por paisagens etéreas. Agora notava movimentos agressivos, talvez ecos de uma batalha vindos do vazio que aguardava após o abismo. *A perfeição, num tabuleiro, que mais significa senão a morte, o vazio? Nos nomes, nas carreiras fulgurantes, naquilo que a memória configurará, busco a imagem das suas mãos entre a névoa, brancas e seguras, busco seus olhos observando batalhas*.

De um lado, atmosferas tumultuadas, a insinuação de enxadas e lanças entre casas na margem do rio. *Há um rio que atravessa a casa. Esse rio, dizem, é o tempo. E as lembranças são peixes nadando ao invés da corrente*. De outro, para lá da ribeira, caminhos serpenteavam impossíveis encostas de ilhas retorcidas, onde mil embarcações traçavam seus percursos rumo ao céu, céu iluminado por fluxos aquáticos que

convergiam a um único ponto, talvez o cume de uma montanha. *Minhas lembranças são aves. A haver inundação é de céu, repleção de nuvem. Vos guio por essa nuvem, minha lembrança.* Ao cruzar as últimas nuvens, Bodoni topou com outros olhos e com o som – finalmente – cristalino da mensagem que insistia em alertá-lo: “Acorde, Yambo”.

Quando finalmente recobrou os sentidos, Bodoni descobriu-se em um hospital. Recuperando-se pouco a pouco de um acidente de carro, foi informado pelo médico de que sua condição física era satisfatória, mas que os testes denunciavam uma seqüela grave e curiosa: Bodoni – e as imagens oníricas o vaticinaram – mantivera suas faculdades mentais quase intactas, mas algo ocorrera com sua memória. Homem erudito que era, continuava capaz de recitar inúmeros poemas em diversas línguas; conhecia de cor citações literárias, datas de grandes eventos, biografias de personagens variados, uma tormenta de saberes que espantava o doutor Gratarolo, sem, contudo, conseguir recordar qualquer memória sentimental. Seu nome escapava debaixo da língua, sua esposa parecia-lhe fruto dos devaneios que experimentara no coma; tampouco lembrava-se de seus netos, ou de episódios como a guerra do Golfo, conflito que o havia abalado fortemente. Na opinião do médico, o acidente privara-lhe da memória episódica, biográfica:

[...] - É a memória episódica que estabelece um nexo entre o que somos hoje e o que fomos de outro modo; ao dizermos *eu*, estaríamos a referir-nos apenas ao que sentimos agora, não ao que sentimos antes, que se perderia, justamente, no nevoeiro. O senhor não perdeu a memória semântica mas a episódica, ou seja, os episódios de sua vida. Enfim, eu diria que o senhor sabe tudo aquilo que os outros também sabem, e imagino que, se lhe pedisse para me dizer qual é a capital do Japão...

- Tóquio. Bomba atômica sobre Hiroxima. O general MacArthur...

- Chega, chega. É como se o senhor recordasse tudo aquilo que se aprende por ter lido algures, ou por se ter ouvido dizer, mas não aquilo que está associado às suas experiências diretas.

Em suma:

- O senhor sabe que Napoleão foi derrotado em Waterloo, mas tente dizer-me se se lembra da sua mãe.

- *Mãe há só uma, mãe, que verdade linda teu nome encerra...* Mas não me lembro da minha mãe. Imagino ter tido uma mãe, porque sei que é uma lei da espécie, mas... pois... é o nevoeiro. Estou a sentir-me mal, doutor. É horrível. Dê-me alguma coisa para dormir.

Sentindo-se melhor, Bodoni voltou para casa, lugar que lhe pareceu estranho e amargo. Sem sucesso, tentou recuperar suas lembranças, passou dias em vão no seu antiquário, repleto de incunábulos e demais obras raríssimas – era um reputado livreiro de Milão -, mas elas apenas aprofundaram o fosso que se abriu entre ele e as coisas de sua infância e de sua vida familiar. Atendendo a uma sugestão da esposa, Paola, dirigiu-se à casa interiorana onde passou a juventude, lugar no qual guardava os livros e revistas de que havia gostado, os jornais que havia lido, as fotos de família, fragmentos de um passado que deveria reunir como detetive, como caçador. Verdadeiro historiador da própria vida, tentará, sozinho, resgatar os árduos anos da Segunda Guerra, os pais, o avô e a primeira mulher por quem se apaixonou. Contudo, sua única via de acesso a essa época será precisamente a memória semântica de que falava o doutor Gratarolo, a memória possível àqueles que não viveram as épocas que desejam desvelar. Uma memória de papel.

Próximo da revelação final, o corpo de Bodoni estará fragilizado, incapaz de suportar a torrente de memórias desencadeada pelas pesquisas que empreendeu. O coração, alquebrantado, baterá devagar, e ele abraçará novamente aquele torpor povoado de sonhos e pesadelos cada vez mais enegrecidos. É hora de deixá-lo resolver-se com o próprio destino.

\*\*\*

Não é possível ignorar o suplício de Bodoni. Todos aqueles que perscrutarem seu corpo literário, fruto do engenho de Umberto Eco, encontrarão nele uma angústia incurável e alguma nostalgia. A mim, especialmente, sua história comoveu, pois jamais deixei de pensar, desde que li esse romance, *La misteriosa fiamma della regina Loana* (2004)<sup>1</sup>, que o protagonista carregava consigo algo além de sua cruz pessoal; levava também, como um emblema, a metáfora mais justificável a ilustrar os limites do ofício do historiador: estar fadado a recordar a vida de outrem tão-somente pela memória semântica disponível – para valer-me do vocabulário médico-literário -, deixando para trás, sem ter escolha, os pensamentos, desejos e sonhos não cristalizados de algum modo nos documentos.

---

<sup>1</sup> ECO, Umberto. *A misteriosa chama da rainha Loana*. Lisboa: Difel, 2004. As citações do diálogo entre Bodoni e Gratarolo encontram-se na p. 20. As citações anteriores, em itálico, referem-se tanto a passagens usadas por Eco para demonstrar a erudição de Bodoni em meio ao trauma que experimentava quanto à inclusão de outros autores escolhidos por mim.

Séculos antes de a imagem de Bodoni ganhar forma, muitos foram os que se interrogaram sobre outro aspecto que clama por atenção nessa história; a finitude e fragilidade da memória humana, e a confiança que poder-se-ia nela depositar. Esses homens desejavam, acima de tudo, a lembrança dos vindouros, a lembrança a que prestavam homenagem eles mesmos, recordando outros que os precederam. Curiosamente, sua resposta aos desafios despertados pela irrefreável degradação da memória humana, a que chamavam *natural*, estava nas páginas manuscritas, mas também – e especialmente - nas folhas de papel que começavam a despontar dos aparelhos de *imprimissão*.

No penúltimo capítulo da *Crônica da Tomada de Ceuta* (c. 1468), de título *Como o autor mostra que todas as cousas deste mundo falecem, senão a escritura*, o guarda-mor da Torre do Tombo e cronista régio Gomes Eanes de Zurara escreveu:

Que cousa pode melhor ser entre os vivos que a escritura [aqui fala-se do ato de escrever, e não do Livro Sagrado, nomeado por Zurara “Santa Escritura”] pela qual seguimos diretamente o verdadeiro caminho das virtudes, que é o prémio da nossa bem-aventurança. Esta é aquela que nos mostra quais serão os nossos galardões depois do trespassamento desta vida e outras muitas cousas que propriamente pertencem à alma das quais não curamos muito falar em este lugar, porquanto nossa intenção não é mostrar em este capítulo outra cousa, senão como todas as boas obras deste mundo se perderiam, se a escritura não fosse<sup>2</sup>.

Zurara reportava-se aos antigos autores, aos greco-romanos do mundo clássico, àqueles que, por meio de artifícios que havia que decifrar, prolongaram as vidas dos nobres capitães, dos homens públicos e dos sábios. Afinal, argumentava, qual “[...] é a mais segura sepultura, para qualquer príncipe ou barão virtuoso, que a escritura que representa o claro conhecimento de suas obras passadas”<sup>3</sup>? Estranha e poderosa habilidade, a escrita de recordação era cobiçada pelo cronista que, seguindo Lucano<sup>4</sup>, recitava: “Cá [porque] morrer para viver é bem-aventurada cousa [...]”<sup>5</sup>.

<sup>2</sup> ZURARA, Gomes Eanes. *Crônica da Tomada de Ceuta*. Lisboa: Europa-América, 1992. P. 292.

<sup>3</sup> ZURARA, Gomes Eanes. *Crônica da Tomada de Ceuta...* P. 292-293.

<sup>4</sup> Marco Aneu Lucano nasceu nos territórios hispânicos em 39 d.C, tendo falecido em Roma no ano de 65 d.C. Sobrinho de Sêneca, dele conhecemos apenas uma parte de sua obra *Farsália*, mas seu *corpus* literário certamente ultrapassou os limites desse livro em particular.

<sup>5</sup> ZURARA, Gomes Eanes. *Crônica da Tomada de Ceuta...* P. 293.



Revolvendo os mistérios em torno à persistência da vida de tais personagens, o cronista pensava ter compreendido os princípios garantidores da imortalidade secular. Ela não se originava tão-somente do acaso, mas da indústria e do “[...] eloquente estilo [...]”<sup>6</sup>, que, se empregado com pertinência, levaria ainda à instrução dos leitores. “E, tanto é esta indústria mais perfeita virtude, enquanto reforma o homem à sua duração até fim da vida dos homens, cuja clara memória sempre traz aprazível deleitação aos corações aparelhados e dispostos a seguir honra”<sup>7</sup>.

Mas não apenas aos homens ilustres estaria garantida a permanência da memória. Ora, a tarefa de construir imagens de honra e glória, de transgredir as fronteiras da vida rumo à eternidade possível no mundo terreno, isto é, a existência até o Juízo Final, também cobriria de renome seu artífice. É graças ao cronista, argumentava Zurara, que os feitos humanos poderiam aspirar à sobrevivência. “E por certo não é o nosso pequeno encargo, quando, por nosso trabalho, os virtuosos homens justamente hão seu merecimento de seus grandes feitos”<sup>8</sup>. Assim, se a história era a mestra da vida, não poderia ser desprezível o lugar relegado àqueles que a escrevem.

Dos antigos convocados por Zurara para justificar suas pretensões e seu elogio à arte da escrita e ao mérito do escritor, Lucano<sup>9</sup> é aquele que aparece em destaque, e é por meio dele que o cronista procurou esclarecer seu pensamento. “‘Oh santo e grande trabalho’, diz Lucano, ‘dos autores históricos; como tolhes à morte todas as cousas que achas e as guardas em memória que não esqueçam nem moiram e das aos homens mortais idade que lhes dure sempre’”<sup>10</sup>. Também Cícero é convocado a defender tal posição, recorrendo-se a um antigo tratado seu sobre a velhice, sobre o qual falaremos

<sup>6</sup> ZURARA, Gomes Eanes. *Crónica da Tomada de Ceuta...* P. 293.

<sup>7</sup> ZURARA, Gomes Eanes. *Crónica da Tomada de Ceuta...* P. 293-294.

<sup>8</sup> ZURARA, Gomes Eanes. *Crónica da Tomada de Ceuta...* P. 293-294.

<sup>9</sup> De fato, a *Farsália* de Lucano pode ter servido de inspiração a Zurara, pois nela são descritos os momentos dramáticos da história romana em torno do enfrentamento de César e Pompeu, razão pela qual o texto ficou também conhecido pelo nome “Guerra Civil”. Lucano descreveu em seu livro as características psicológicas dos dois líderes, nuançando os motivos pelos quais seus nomes haveriam de se recobrir de glória no futuro a despeito das grandes diferenças entre os personagens. Pompeu, “[...] no declinar dos anos, mais tranquilo pelo uso da toga, entregue à paz, esquecera já o saber do general e, ávido de fama, fazia largas concessões ao vulgo, todo ele arrastado pela aura popular e pelo prazer dos aplausos no teatro que erigira sem cura de refazer novas forças, confiante na fortuna de outrora”. Quanto a César, “[...] não era o nome tão grande, nem a fama de chefe militar, mas tinha uma coragem que não sabia deter-se; vergonha, para ele, era só não vencer na guerra; ardoroso e indómito; onde a esperança e a fúria o chamassem, levava seu braço, e nunca poupava o ferro sangrento. Amontoa êxitos sobre êxitos, força o favor dos deuses, feliz por fazer caminho à custa de ruínas”. [*Farsália*, I. 126-155]. Cf. PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Romana: antologia da Cultura Latina*. 6. Ed (aumentada). Lisboa: Guimarães, 2010. P. 255.

<sup>10</sup> ZURARA, Gomes Eanes. *Crónica da Tomada de Ceuta...* P. 294.

ao longo da dissertação. Por agora, detenhamo-nos noutro escrito do arpinate, no qual há similar defesa dos cantores das gestas historiais. Na famosa defesa do poeta Árquias<sup>11</sup>, Cícero não hesitou em proclamar aos juízes uma razão definitiva para que se lhe fosse outorgada a inocência: os poetas eram os verdadeiros guardiães da memória.

Quam multos scriptores rerum suarum magnus ille Alexander secum habuisse dicitur! Atque is tamen, cum in Sigeo ad Achillis tumulum astitisset: "O fortunate" inquit "adulescens, qui tuae virtutis Homerum praeconem inveneris!" Et vere. Nam nisi Illias illa existitisset, idem tumulus, qui corpus eius contexerat, nomen etiam obruisset. [*Pro Archia poeta oratio*, 24] [Quantos cronistas dos seus feitos esse grande Alexandre não teve consigo, segundo se conta! E, contudo, ao passar no Sigeu, à beira do túmulo de Aquiles, exclamou: 'venturoso jovem, que encontraste em Homero o pregoeiro da tua virtude!' E com razão: se não tivesse existido a famosa *Ilíada*, o mesmo túmulo que lhe cobrira o corpo ter-lhe-ia também sepultado o nome<sup>12</sup>.] (*Defesa de Árquias*, X, 24)

Por que a *tradição* – já percebemos como Zurara não estava sozinho – em torno à prevalência da memória escritural emanejada por Lucano e Cícero e retomada por Zurara provou-se tão persuasiva e válida mais de um milênio depois de sua confecção? Umberto Eco, em palestra proferida na *Biblioteca Nazionale Braidense* (1991), buscava uma solução fortemente dependente da ideia de natureza humana. Ele sugeria que todos os homens de todas as épocas compartilhariam duas deficiências físicas e psicológicas bastante claras. (i) Eventualmente, todos os homens morrem; (ii) é fato comum não se conformarem diante desse fato. Como tentativa de resposta à marca da psiquê humana assinalada por tais concepções, teriam surgido as religiões reveladas, as soluções místicas e mistericas em geral e a filosofia. Essa constatação nos sugere, em sua conclusão, uma pista que cumpre não ignorar.

Algumas filosofias orientais nos dizem que o fluxo da vida não se detém, e que depois da morte reencarnaremos em outra criatura. Mas, diante dessa resposta, a pergunta que nos surge espontaneamente é: quando eu for essa outra criatura, será que ainda me lembrarei de quem fui e saberei fundir minhas velhas lembranças

---

<sup>11</sup> Veremos com vagar a posição desse texto como principal suporte à noção de eloquência humanista (que aparece também nos argumentos de Zurara para a boa escrita historial) no capítulo 2.

<sup>12</sup> CÍCERO, Marco Túlio. *Defesa de Árquias*. Trad. Carlos Alberto Louro Fonseca. In: RAMALHO, Américo da Costa (org.). *Cícero*. Lisboa: Verbo, 1974.

com as novas que ela terá? Se a resposta for negativa, ficamos muito mal, porque, entre ser um outro que ignora ter sido eu e desaparecer no nada, não há nenhuma diferença. Eu não quero sobreviver como algum outro, quero sobreviver como eu mesmo. E, como de mim já não existirá o corpo, espero que sobreviva a alma: *mas a resposta que todos daremos nos diz que identificamos nossa alma com nossa memória. Como afirmava Valéry: ‘Eu sou, enquanto eu mesmo, a cada instante, um enorme fato de memória’*”<sup>13</sup>. [grifos meus]

Espanta a correlação entre as palavras de Eco ao retomar Valéry e as preocupações de Zurara que, lembremos, externava assim seu argumento: “Esta [a memória escrita] é aquela que nos mostra quais serão os nossos galardões depois do trespassamento desta vida e outras muitas cousas que propriamente pertencem à alma [...]”<sup>14</sup>. Ela – a correlação – leva-nos a pensar, se não nos princípios metafísicos esgrimidos por Eco em sua fala, ao menos na continuidade de um problema agora totalmente claro, qual seja, a *necessidade* da preservação da memória tanto como instrumento de manutenção dos feitos humanos (inclusive as glórias do escritor das memórias) dignas de persistir quanto como – eis um corolário da primeira asserção - reação ao evanescimento da memória natural, imperfeição do corpo que acaba por prejudicar sobejamente o espírito e sua permanência no conhecimento dos demais homens, se afortunado o suficiente para tanto.

A verdadeira obsessão que inúmeros historiadores dos séculos XV e XVI externaram em relação à morte é, como se avaliou acima, tributária do mundo antigo e da visão ocidental (talvez universal) da finitude da vida. Tal observação desdobra-se noutras, como bem notou o sempre perspicaz François Hartog: “A obsessão da morte”, lemos em *Evidência da história* (2005), “transformou o historiador ocidental moderno em homem da dívida”<sup>15</sup>. Essa dívida, desde o mundo antigo, tornou-se tripartite. De um lado, deve-se aos mortos (“ou alguns mortos”), ou seja, às tradições; de outro, deve-se à verdade e à narrativa, prerrogativas fundadas pelos escritos tucidideanos e herodoteanos; finalmente, torna-se patente a dívida com o futuro, com a imortalidade. Com efeito, prossegue Hartog, propondo interrogações que serão pertinentes no decurso desta dissertação:

<sup>13</sup> ECO, Umberto. *A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia*. São Paulo: Record, 2010. P. 10

<sup>14</sup> ZURARA, Gomes Eanes. *Crônica da Tomada de Ceuta...* P. 294.

<sup>15</sup> HARTOG, François. As primeiras escolhas. In: *Evidência da História: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011 [2005]. P. 19-36, cit. à P. 22.

[...] que tipo de relação uma sociedade mantém com os seus mortos? Com a morte? Em que aspecto e como a história é um discurso de imortalidade que vem – por exemplo, na Grécia – substituir o canto épico que celebra a ‘glória imperecível’ dos heróis mortos em combate, forjando algo de memorável para uma nova memória social do grupo?<sup>16</sup>

Zurara, por meio da evocação de Lucano e Cícero, esforçava-se por trazer à tona memórias dessa antiga tarefa, que buscava, por sua vez, assumir. Depois dele, ao menos outro escritor das crônicas portuguesas voltou a manifestar-se nesse termos, respaldado, como Zurara, pelo fio condutor que remontava aos intelectuais clássicos curiosos acerca da pertinência e valor da história e da memória do historiador. Tal escritor, diferentemente de Zurara, tinha fundamentos mais sólidos para a arquitetura de seu argumento, pois formara-se noutra geração, na época em que os humanistas se afirmaram no reino lusitano<sup>17</sup>.

João de Barros, no Prólogo da *Primeira Década da Ásia*, reportava-se ao rei a partir de preocupações semelhantes às de seu antecessor: “Todas cousas muyto poderoso Rey e senhor nósso, tem tanto amor a conservaçam de seu próprio ser: que quanto lhe é possível, trabalham em seu módo por se fazerem perpétuas”<sup>18</sup>. Barros prosseguia afirmando que a natureza também se degrada, mas ela conta com virtudes generativas, que fazem com que tudo aquilo que pereceu renasça. Os produtos da ação do homem, sem poder contar com tais virtudes, simplesmente feneceriam com a brevidade da vida de seus criadores. Para evitar tamanha desdita, eles “[...] buscaram hum divino artificio que representásse em futuro, o que elles obrávam em presente”. Apesar de a muitos autores se reputar tal descoberta, foi Deus quem teve a maior responsabilidade na concessão dos caracteres aos homens<sup>19</sup>. De todo modo, a escrita, instrumento potente e misterioso, faria multiplicar a memória dos feitos humanos em tantos anos, que superaria mesmo as habilidades da natureza, sendo essa a razão pela qual Barros afirma ter decidido escrever a história do povo português, pouco inclinado

<sup>16</sup> HARTOG, François. As primeiras escolhas... P. 22

<sup>17</sup> O progressivo aparecimento de humanistas em Portugal começa e prospera com o fértil contado mantido com as cidades italianas a partir de finais do século XV. Também é a época em que Cataldo Sículo chega a Portugal e produz textos e leciona para membros da corte. RAMALHO, Américo da Costa. Origem e início do Humanismo em Portugal. In: *Para a História do Humanismo em Portugal* (III). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998. P. 15-34.

<sup>18</sup> BARROS, João de. *Ásia de João de Barros*: Primeira Década (fac-símile). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998. P. 2 [fl. 1 r.]. P. 1.

<sup>19</sup> BARROS, João de. *Ásia de João de Barros*... P. 1-2[fl. 1 r.].

às letras memoriais, estando, por conseguinte, severamente ameaçado pela passagem do tempo:

E aiinda quis que este módo de elucuçam artificial de letras: per beneficio de perpetuidade precedesse ao natural da fála. Porque esta, sendo animada nam tem mais vida que o instante de sua pronunciaçam, & passa a semelhança do tempo que nam tem regresso: & as letras sendo huus caracteres mórtos & nam animádos, contem em sy espírito de vida, pois a dam a cerca de nós a totalas cousas. Lá ellas Sam huus elementos que lhe dam assistêcia: & as fazem passar em futuro com sua multiplicaçam de annos em annos, per módo mais excellente do que faz a natureza. Pois vemos que esta natureza pera gerar algua cousa, corrompe & altera os elementos de que é compósta, & as letras sendo elementos de que se compõem, & fórma a significaçam das cousas, nam corrompem as mesmas cousas nem o intendimento (posto que seja passiuo na intelligencia dellas pelo módo de como vem a este) mas vanse multiplicando na páрте memoratiua per vso de frequentaçam, tam espirital em hábito de perpetuidade, que per meyo dellas no fim do mundo, tam presentes seriam áquelles que entam forem néssas pesoas feitos & ditos, como oje per esta custódia literal, e vino o que fizeram & disseram os primeiros que fõram no principio delle. [...] E vendo eu que nesta diligencia dencomendar as cousas a custódia das letras (cõservadores de totalas obras) a naçam Portugues é tam descuidada de sy [...].<sup>20</sup>

As obras são perpétuas porque não dependem mais do corpo do homem, mas da imposição de sua vontade. Assim, escrever torna-se a tarefa mais importante de todos aqueles que quiserem custodiar suas experiências ao tempo, para que delas se possa aproveitar “[...] o bom exemplo [...]”<sup>21</sup>, e de maneira que os grandes feitos não se pudessem perder “[...] da memória dos hómeems que viérem depois de nós”<sup>22</sup>.

Aqui, é de salientar o paralelo com outra fonte da história visando à imortalidade dos homens no mundo antigo. Hartog nos introduz ao pensamento de Heródoto:

Desde o início de suas Histórias, Heródoto, o pai da história ocidental, estabelece, de fato, que ele pretende salvar do esquecimento as marcas (pelo menos, as “grandes”) da atividade dos homens (erga megala). Diante da imutabilidade da natureza e à imortalidade dos deuses, a palavra/fala [parole] do historiador assume o encargo desses vestígios fundamentalmente efêmeros, os quais são fixados por sua

<sup>20</sup> BARROS, João de. *Ásia de João de Barros...* P. 2 [fl. 1 r.]. Devo a sugestão da passagem de Barros a OSÓRIO, Jorge. *Humanismo e História. Humanitas*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1993. P. 470-471.

<sup>21</sup> BARROS, João de. *Ásia de João de Barros...* P. 2.

<sup>22</sup> BARROS, João de. *Ásia de João de Barros...* P. 2.

escrita. Sucessor do aedo épico, ele aspira a se apresentar como “senhor” da imortalidade<sup>23</sup>.

Zurara e Barros, conforme referido, ligaram sua escrita historial a certos *topoi* aparentados, e, como se vê, eles dependiam fortemente dos historiadores icônicos do Ocidente. Nos modernos, refletindo os antigos com as adaptações naturalmente existentes em uma temporalidade diversa – a presença suprema da história cristã e do livro revelado, para ficar no exemplo crucial - predominava a ideia de valorização da memória coletiva por meio da fixação histórica dos grandes homens e feitos, fixação garantida pela existência da escrita. Aqui, história e memória, que viriam a trilhar caminhos sinuosamente distintos e cruzados, confluíam<sup>24</sup>. Ademais, em Zurara percebemos o quão imprescindível era a consolidação do próprio redator das histórias, naquilo que claramente se percebe como um eco da muito célebre proposição de Cícero, que ainda reza: “[...] E a história, que é testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira do passado [...]”. E o seu fim, costumeiramente esquecido pelos críticos modernos<sup>25</sup>: “[...] que outra voz, que não seja a do orador, a torna imortal?” (*De oratore*, II, 9.36)

Tendo em vista esse panorama, caberia perguntar se tal atitude era frequente entre os cronistas e humanistas em geral, particularmente os portugueses. E, havendo afirmativa resposta a essa questão, ainda teríamos que definir: como os humanistas do século XVI pensavam o problema da memória pessoal, a par com seu esforço em resgatar os feitos dignos de imortalidade? Como poderiam sedimentar seus nomes, suas aspirações e o próprio grande feito que era o exercício do sagrado ofício de escrever? Em que suportes consolidariam essas memórias? O próprio texto, fosse crônica ou opúsculo, certamente figuraria como uma opção proeminente, afinal, se bem redigido e aprazível aos olhos dos soberanos, naturalmente carregaria consigo a glória do escriba. Mas, haveria outros suportes? Outros métodos? O desejo de se instalar no panteão terreno dos virtuosos seria sempre expressado a partir de uma construção racional, contínua e dependente do tecido social? Ou a inspiração proporcionada pelos clássicos e sua imitação seria o suficiente para viabilizar essa vontade, mesmo que pelas

<sup>23</sup> HARTOG, François. As primeiras escolhas... P. 26.

<sup>24</sup> Todavia, não cumpre esquecer o alerta: “Mas se história e memória tiveram, de saída, um projeto comum, suas relações efetivas foram complexas, mutáveis e conflitantes”. HARTOG, François. As primeiras escolhas... P. 26-27.

<sup>25</sup> TEIXEIRA, Felipe Charbel. Uma construção de fatos e palavras: Cícero e a concepção retórica da História. *Varia Historia*, v. 24. Belo Horizonte: Jul/Dez. 2008. P. 4.

costas da própria percepção do autor? Talvez, antes de tudo isso, o temor de desaparecer fosse imperativo; se nós sempre desconfiamos de nossa memória natural, enquanto a memória de papel nos conforta e enche de certezas, o que poderia sentir um escritor quinhentos anos atrás, muitas vezes responsável por contar histórias que não presenciou, sem saber se as testemunhas que contribuíram para sua criação algum dia contariam também a história de sua própria existência? Ontem e hoje, podemos dizer que “[...] o livro é um seguro de vida, uma pequena antecipação de imortalidade<sup>26</sup>”. Mas, apenas ele?

Além dos livros, nos séculos XV e XVI outro instrumento textual contava com grande admiração dos leitores e escritores, particularmente dos humanistas com quem se perfilava João de Barros. Tratava-se do gênero epistolar, prática que também remontava ao mundo clássico – basta pensar nas *Cartas a Lucílio* e nas diversas epístolas escritas pelo arpinate – e que se impunha não só como meio de comunicação, mas, igualmente, como meio de ampla divulgação de ideias, como meio de demonstrar as pujantes amizades com que contava dado escritor – isto é, como instrumento de prestígio - e<sup>27</sup>, por fim, como meio de eternização<sup>28</sup>.

Pouco a pouco vislumbramos as interrogações que nortearão essa pesquisa. Procuramos por um cronista quinhentista, preferencialmente português, particularmente interessado no problema da memória; alguém que, para além de crônicas em grossos volumes e breves opúsculos, manifestasse inclinações à salvaguarda de sua memória pessoal também por outros meios, como o gênero epistolar. Quando colocamos todas as variáveis desse problema em ação, surge logo na mente daquele que se interesse por tal contexto o nome de Damião de Góis.

Damião de Góis (1502-1574), foi um destacado diplomata da corte portuguesa e também conhecido humanista e redator de textos históricos. Antes de decidir tornar-se um cultor das letras, serviu à corte de D. Manuel como moço da câmara até 1523<sup>29</sup>, quando viajou, já sob o reinado de D. João III, rumo a Flandres, para exercer o cargo de

<sup>26</sup> ECO, Umberto. *A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia...* P. 17

<sup>27</sup> E outras relações sociais, como, inclusive, a constituição de inimizades, o fomento de polêmicas, etc.

<sup>28</sup> CHAUNNU, Pierre. *A civilização da Europa clássica*. Vol. 2. Lisboa: Estampa, 1993. P. 218. Outras referências na literatura acerca da *Ars dictaminis* serão mencionadas ao longo da dissertação.

<sup>29</sup> SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *Figuras e Caminhos do Renascimento em Portugal...* p. 45

escrivão na feitoria das Índias ao lado de Rui Fernandes de Almada<sup>30</sup> até 1533. Realizou diversas missões diplomáticas ao longo do período mencionado<sup>31</sup>, tendo se aproveitado da oportunidade de locomoção para entrar em contato com figuras notórias de seu tempo, em especial Lutero e Melancton, aproximando-se perigosamente da Reforma<sup>32</sup>. Em 1534 viveu, já livre da função na feitoria, com Erasmo de Rotterdam, quem admirou acima de todos<sup>33</sup>; estudou na Universidade de Pádua entre 1534 e 1538, sob os auspícios dos cardeais Bembo e Sadoletto, exímios epistológrafos de cariz tuliano<sup>34</sup>, além de Lazaro Buonamico. Nos anos seguintes esteve em Louvain, onde contraiu matrimônio, e, além disso, dedicou-se a publicar variadas obras. Uma tradução de Cícero, de um livro da Bíblia, opúsculos sobre as gestas lusas no Oriente, sobre a fé mui cristã dos etíopes, uma breve história da *Hispania*, ou seja, da península Ibérica enquanto uma unidade geográfica e civilizacional, além de cartas a humanistas, a homens de negócio, mesmo ao papa Paulo III, solidificando sua reputação.

Ao retornar a Portugal, em 1545, ganhou destaque como um homem de vasta experiência, instalando-se na corte. Três anos depois, a posição de Guarda-mor da Torre do Tombo foi-lhe conferida. Por outro lado, foi observado com desconfiança por aqueles que temiam que os anos como um total “estrangeirado” pudessem ter corrompido a fé de Góis no reino luso e no reino de Cristo. Conseqüentemente, denunciaram-no pela primeira vez à Inquisição de Lisboa, sem maiores desdobramentos<sup>35</sup>.

---

<sup>30</sup> Trata-se de um personagem importante para Góis, que chegou a dedicar-lhe um de seus trabalhos posteriormente (a tradução do *Livro de Eclesiastes*). EARLE, T. F. *Introdução*. In: SALOMÃO. *O livro de Eclesiastes*. Trad. Damião de Góis. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002. [1538] p. 8. Para maiores informações sobre o feitor Almada, cf. BARATA, Maria do Rosário Themudo. *Rui Fernandes de Almada, diplomata português do século XVI*. 2 v. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1971; como um complemento à detalhada biografia de Themudo Barata, ver ANSWAARDEN, Robert van. *O testamento de Rui Fernandes de Almada, diplomata do século XVI*. *Revista da Biblioteca Nacional*. Lisboa: s.2, v.7 (1), 1992. p. 27-41.

<sup>31</sup> O itinerário detalhado de Góis pode ser lido em MARQUES, A. H. de Oliveira. *Damião de Góis e os mercadores de Danzig*. In: MARQUES, A. H. de Oliveira. *Portugal Quinhentista* (ensaios). Lisboa: Quetzal, 1987. p. 46-48

<sup>32</sup> RÊGO, Raul. *O processo de Damião de Góis na Inquisição*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007. [1571-1572]. p. 70-71.

<sup>33</sup> Aubin é da opinião de que Góis foi um erasmiano antes de temperamento que de formação. Cf. AUBIN, Jean. *Damião de Góis dans une Europe évangélique*. *Humanitas*. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, vols. XXXI-XXXII, 1979-1980. p. 198

<sup>34</sup> Cf., dentre outros, BURCKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália: um ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. [1867] p. 174.

<sup>35</sup> O processo veio a ser instaurado somente em 1571. Ele encontra-se na Torre do Tombo (PT/TT/TSO/17170), mas também pode ser lido por meio da seguinte edição: RÊGO, Raul. *O processo de Damião de Góis na Inquisição...*



Finalmente, propôs-se a redigir um opúsculo sobre a história da cidade de Lisboa e uma crônica sobre o reinado do príncipe D. João (que veio a ser D. João II), ao mesmo tempo em que foi-lhe solicitada pelo cardeal D. Henrique a redação de uma crônica sobre o reinado de D. Manuel, *o Venturoso*. Os três textos foram redigidos de modo a compor uma historiografia elogiosa para o império português, e sua construção dependeu fortemente do período em que Góis traçou seus itinerários pela Europa e coletou notícias sobre o ultramar. Veio a falecer em 1574, depois de ser preso e posteriormente libertado pelo Santo Ofício em função de seus antigos contatos com os Protestantes e Erasmo.

Uma rápida análise da biografia de Góis confirma algumas de nossas expectativas. Humanista dedicado aos escritos históricos, pode ter entrado em contato com os temas assinalados anteriormente. Diplomata de carreira, seguramente voltava seus olhos à ascensão de seu nome e à manutenção do nome ilustre de sua família. Redator de opúsculos e crônicas, valia-se com o mesmo fervor das cartas. Sua correspondência em língua latina é razoavelmente ampla; possuímos cerca de 40 cartas de sua autoria, além de outra centena de epístolas enviadas a ele ou que dele falavam. Entre os correspondentes, contam os nomes dos maiores humanistas de seu tempo, como Erasmo e Luís Vives, e também de especialistas na escrita epistolar, como o cardeal Pietro Bembo. Tudo isso faz de Góis o objeto ideal se quisermos satisfazer, mesmo que parcialmente, nos limites de uma dissertação de mestrado, as perguntas sugeridas acima.

Sugerir questões, todavia, é insuficiente. É igualmente necessário construir instrumentos metodológicos capazes de mapear e justificar o envolvimento com as fontes escolhidas para o estudo, quais sejam, as cartas latinas goisianas. Assim, convém estabelecer com maior rigor a busca pela permanência da memória que procurarei enxergar na obra de Damião de Góis.

\*\*\*

“A memória (como bem sabia David Hume)” - e como bem recordou Paolo Rossi - “sem dúvida tem a ver não só com o passado, mas também com a identidade e, assim (indiretamente), com a própria persistência no futuro”<sup>36</sup>. Ela distancia-se da

---

<sup>36</sup> ROSSI, Paolo. Lembrar e esquecer. In: *O passado, a memória, o esquecimento*. São Paulo: UNESP, 2010 [1991]. P. 24.

história por seu caráter fragmentário, demasiadamente parcial, largamente emotivo<sup>37</sup>. Ela aproxima-se da história por seu pendore à sobrevivência, por seu apelo à imortalidade e, às vezes, porque aquele sobre quem recai a responsabilidade historial deseja ser lembrado.

Criar laços com o futuro era indispensável ao humanista, impellido como era a uma rememoração elogiosa de certos passados. Fosse pela curiosidade intelectual, fosse pelo serviço a um monarca, fosse pela busca de prestígio pessoal<sup>38</sup>, as forças dos humanistas voltavam-se tanto aos textos greco-latinos que serviam de mestres para a escrita quanto aos *exempla* fornecidos pelas trajetórias ilustres de seus autores. Escrever e pensar a história equivalia a, de certo modo, pensar em nela se incluir, em chegar-se ao panteão canônico e a uma comunidade restrita de sobreviventes eternos (na medida do Juízo Final, claro está) na memória humana. Mas, o que nos garante que a vontade de preservação estivesse tão arraigada no pensamento goisiano?

Góis explicitou a vinculação entre memória e escrita de maneira clara no prólogo da *Crônica do Príncipe d. João*. Em 1567, vivendo em Lisboa, ele anotou:

Grave negoçio comette, serenissimo Rei, quem ou por obrigação, ou por lhe ser mandado, se despõe a dar nouo testemunho dos feitos, e proezas de Reis e príncipes, cujos mereçimentos sam taes que ha razam obriga a louualos, e ha industria a trabalhar pera, com arte e prudência, se encomendaram à *scriptura, mai da eterna memoria*<sup>39</sup>. [grifos meus]

Essa afirmação não resolve o problema por si só, mas é possível sugerir duas hipóteses que merecem atenção. A primeira, aparentemente universal e atemporal, insinuei páginas atrás. A memória, a identidade e sua perpetuação estão conectadas nas formas de pensar da humanidade, precisamente como certas noções de espaço, como a de alto e de baixo<sup>40</sup>, ou mesmo a noção de jogo. Esta última seria tão universal para Huizinga que sua existência não estaria vinculada a “[...] qualquer grau determinado de civilização, ou a qualquer concepção do universo”. Mais do que isso, “[...]a existência

<sup>37</sup> ROSSI, Paolo. Lembrar e esquecer... P. 28

<sup>38</sup> Uma pletora de práticas e sentidos para os usos da história no século XVI encontra-se em ALBANESE, Gabriella. A redescoberta dos historiadores antigos no Humanismo e o nascimento da historiografia moderna. In: PIRES, Francisco Murari (org.). *Antigos e Modernos: diálogos sobre a (escrita da) história*. São Paulo: Alameda, 2009. P. 277-329.

<sup>39</sup> GÓIS, Damião de. *Crônica do Príncipe d. João*. Edição crítica e comentada por Graça Almeida Rodrigues. Lisboa: Universidade Nova, 1977. P. 9.

<sup>40</sup> Ofereço uma análise de caso do ponto de vista da relação entre escrita “alta” e escrita “baixa” no capítulo 2.

do jogo”, concluía, “é inegável”. “É possível negar, se se quiser, quase todas as abstrações: a justiça, a beleza, a verdade, o bem, Deus. É possível negar-se a seriedade, mas não o jogo”<sup>41</sup>.

Tomar esse dado como um pressuposto não é ocioso, pois ele nos permite lidar com um poderoso discurso anacronista<sup>42</sup> de forma a, ao invés de ignorá-lo e apenas insinuar seu potencial dano ao discurso histórico, valer-se dele ao lado dos dados concretos fornecidos pelo estudo das fontes. Afinal, como argumentou Koselleck, a busca de conceitos atemporais que possam mediar a experiência com o passado não invalida à partida sua aplicação às fontes. De fato, há categorias universais que podem remeter “[...] a um dado antropológico prévio, sem o qual a história não seria possível, ou não poderia sequer ser imaginada”<sup>43</sup>.

Para reforçar o argumento e permanecer na seara de autores até agora levantada, aproveito para reproduzir uma das passagens de Umberto Eco em carta ao cardeal Carlo Maria Martini. Na ocasião, Eco lutava para confirmar a possibilidade de uma postura ética diante do mundo e da sociedade sem o – supostamente – basilar suporte provido pelas leis divinas. Assim, advogando por sua moral laica, ele confirmava conceitos universais:

“[...] Somos animais de postura erecta, pelo que é cansativo permanecer muito tempo de cabeça para baixo, e portanto temos uma noção comum do alto e do baixo, tendendo a privilegiar o primeiro sobre o segundo. Igualmente temos noções de uma direita e uma esquerda, do estar parado ou caminhar, [...] e do compreender, o ver, o ouvir, comer e beber, engolir ou expelir. E decerto todos os homens têm noções sobre o que significa perceber, recordar, sentir desejo, medo, tristeza ou alívio, prazer ou dor [...]. Portanto (e aqui já se entra na esfera do direito) têm-se concepções universais acerca da sujeição: não se deseja que alguém nos impeça de falar, ver, ouvir, dormir [...]”<sup>44</sup>.

---

<sup>41</sup> HUIZINGA, Johan. Natureza e significado do jogo. In: *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007 [1938]. P. 6

<sup>42</sup> Chamo de *discurso anacronista* – e não anacrônico – aquele em que determinado autor, consciente do sistema cultural no qual poderiam inserir-se seus textos, vale-se desses conhecimentos para integrar-se a ele, medindo expectativas futuras e aliando-se a textos precedentes já prestigiados.

<sup>43</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006 [1979]. P. 308.

<sup>44</sup> ECO, Umberto. Quando entra em cena o outro. In: *Cinco escritos morais*. Lisboa: Difel, 1998 [1997]. P. 91-92.

Carlo Ginzburg defendeu posição semelhante em conhecido ensaio:

“[...] Mas entre essas categorias, nenhuma é tão universal como a oposição alto/baixo. É significativo que digamos que algo é “elevado” ou “superior” – ou, inversamente, “baixo” ou “inferior” – sem nos darmos conta do motivo por que aquilo a que atribuímos maior valor (a bondade, a força etc.) deva ser colocado no alto<sup>45</sup>.”

Sem percebermos, frequentemente deixamos de lado problemas como o da preservação da memória pessoal por vislumbrá-los como não-problemas, isto é, como questões naturalizadas, ignorando os ganhos de estudá-los a partir de seu valor universal. No caso de Damião de Góis, é possível sugerir duas soluções para esse esquecimento. (i) O caráter histórico de sua obra, que ocupou quase toda a literatura na definição dos temas que o humanista avaliou, dos personagens evocados, dos alvos de seus elogios e críticas sem pensar no valor interno que tais textos poderiam assumir enquanto testemunhos dos desejos pessoais de construção e preservação da imagem pública do autor<sup>46</sup>. (ii) A prevalência do entendimento de que tratar de memória, em especial no Renascimento e entre os humanistas, queira exclusivamente dizer que vá se investigar a escrita e leitura das artes da memória<sup>47</sup>, monopólio temático que, acredita Rossi, tem muito a ver com o persuasivo livro de Frances Yates sobre a questão<sup>48</sup>.

A segunda hipótese é derivada do contexto concreto no qual encontrava-se Damião de Góis, qual seja, o humanismo quinhentista, e é sobre ela que me debruçarei ao longo da dissertação. O princípio ontológico que atrai memória, identidade e futuro, embora certamente presente na atividade escrita, é demasiado vago para nos deixar confortáveis diante do confronto com o objeto. A melhor maneira de tonificar esse conceito e torná-lo operativo é aproximar a ideia de preservação da memória pessoal da noção de construção do prestígio público no âmbito da República das Letras renascentista. Para fazê-lo, há que avaliar o problema do prestígio público diante de três chaves de leitura: a *comunidade imaginada* que unia os humanistas em seu presente, a

<sup>45</sup> GINZBURG, Carlo. O alto e o baixo. O tema do conhecimento proibido nos séculos XVI e XVII. In: *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. [1986] P. 97-98.

<sup>46</sup> Cito duas referências historiográficas importantes a compilar os trabalhos a que fiz menção: HIRSCH, Elisabeth Feist. *Damião de Góis*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002. [1967] FARIA, Francisco Leite de. *Estudos Bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua época*. Lisboa: Secretaria de Estado e da Cultura, 1977.

<sup>47</sup> É também a opinião de ROSSI, Paolo. Lembrar e esquecer... P. 23.

<sup>48</sup> Refiro-me, evidentemente, a YATES, Frances. *A arte da memória*. Campinas: UNICAMP, 2007.

busca pela inserção no *Cânone* que os atraía em direção à reminiscência futura e a fundamentação *retórica* retirada do passado clássico. Embora tenha distinguido aproximadamente um capítulo para um desses tópicos na dissertação, a verdade é que eles se imbricam ao longo do texto, indissociáveis que são do ponto de vista da prática letrada goisiana.

Para tornar os parâmetros mais claros, creio que a discussão acerca da ideia de comunidade imaginada abrirá o caminho para a definição dos temas a tratar e a maneira de intercalá-los aos problemas da retórica e do cânone.

\*\*\*

Discípulo de Arnaldo Momigliano<sup>49</sup>, quem muito admirou e de quem extraiu inspiração para diversos trabalhos desde seu primeiro encontro em 1973, no University College de Londres<sup>50</sup>, Anthony Grafton esboçou uma penetrante interpretação da República das Letras<sup>51</sup> ou, para ficar em um termo de época, da *Respublica literarum*. Ela pressupunha que a única forma de compreender adequadamente a relação entre humanistas que viviam em todas as partes da *Respublica Christiana* era pensar nas noções de imaginação e movimento.

Afinal, de acordo com Grafton, os habitantes dessa República naturalmente se reconheciam não importando onde vivessem, e consideravam-se, unidos, mestres de sua civilização. Mas, ao contrário do que se poderia esperar, a República não tinha nenhuma constituição, nenhum senhor, nenhuma fronteira; nenhuma terra, nenhuma capital. Os confederados não compartilhavam nenhuma atividade, nenhuma profissão em

---

<sup>49</sup> O próprio Momigliano demonstrou interesse pela obra de Damião de Góis. Em sua clássica análise da historiografia renascentista, ele observou que Góis fez um dos mais argutos elogios a Tucídides no século XVI, ao contemplar o greco como cronista de uma nação. MOMIGLIANO, Arnaldo. Fábio Píctor e a origem da História Nacional. In: *Raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: EDUSC, 2004 [1990]. P. 126-127.

<sup>50</sup> Conforme relato do próprio Grafton, que narrou a trajetória de seu encontro com Momigliano em cores bastante vivas em edição da *Rivista Storica Italiana*. GRAFTON, Anthony. Arnaldo Momigliano e la storia degli studi classici. *Rivista storica italiana*, Vol. CVII, Fascicolo I. Torino, Janeiro de 1995. P. 93-96.

<sup>51</sup> Desde já não podemos desconsiderar um alerta. A República das Letras a que se fará menção numerosamente neste trabalho não guarda qualquer sentido de comunidade institucionalizada. Pierre Mesnard deu breves e contundentes explicações anos atrás: “[...] quand on parle de république des lettres, ce n’est quand même pas une société des nations. C’est une métaphore heureuse, intéressante, qui permet de coiffer un certain nombre de faits.” MESNARD, Pierre. Discussion de la deuxième journée. In: MESNARD, Pierre et al. *Individu et société à la Renaissance: colloque international*. Bruxelles: Presses Universitaires de Bruxelles, 1967. P. 174.

particular, nenhuma língua natal; nenhum sonho coletivo<sup>52</sup> grassava entre eles senão o de reformar toda a sociedade<sup>53</sup>.

Dentre as características marcantes da República das Letras estavam a defesa teórica (frequentemente ignorada na prática) de uma sociedade igualitária, o uso de uma língua franca de comunicação – o latim –, o pendor para outros idiomas que refletissem valores de culturas antigas de cuja sabedoria os humanistas tencionavam beneficiar – o grego, a língua hebraica e até mesmo o árabe –, a consciente valorização da sociabilidade como forma de aprendizado e ganho de prestígio e o respeito aos aparatos retóricos que tanto concediam aportes para as formas de escrita quanto norteavam os humanistas do ponto de vista dos valores éticos e estéticos a seguir<sup>54</sup>.

Ausentes, na maior parte dos casos, locais específicos nos quais toda a comunidade humanista pudesse se reunir<sup>55</sup>, restava aos humanistas lançar mão da imaginação e da movimentação para manter seus contatos com os demais e sustentar a República das Letras. A imaginação a que se refere Grafton está, antes de tudo, baseada nos modelos escritos que se difundiram entre os humanistas – escrever de maneira semelhante aos demais e, por vezes, de modo hermético aos não-membros da República das Letras gerava laços identitários. Também as descrições de colóquios entre os humanistas, geralmente por meio de opúsculos dialogais – visitarei nesta dissertação um deles, o *Ciceronianus* de Erasmo –, como, digamos, a *Utopia* moriana, refletiam seu desejo de manter e representar contínuo contato. Finalmente, o aparato imagético era igualmente importante para a criação de identidade; com efeito, os retratos em grupo ou individuais de humanistas circulavam entre diversos membros da República das Letras

---

<sup>52</sup> A questão da ideia de reforma defendida por tantos humanistas, sobretudo no século XV, mas também no XVI, foi discutida no excelente livro de RICO, Francisco. *El sueño del humanismo*: de Petrarca a Erasmo. Barcelona: Ediciones Destino, 2002. [1993] Maxime P. 74-76; 100-112; 126-137.

<sup>53</sup> Inspirei-me no seguinte texto para as reflexões adiante: GRAFTON, Anthony. A sketch map of a lost continent. The Republic of Letters. In: *World made by words: scholarship and community in the modern west*. Cambridge: Harvard University Press, 2011 [2009]. P. 9-34

<sup>54</sup> GRAFTON, Anthony. A sketch map of a lost continent. The Republic of Letters. P. 18-22 e *passim*.

<sup>55</sup> O aparecimento de academias e a aglomeração de grupos de humanistas em universidades são fenômenos a considerar aqui. Para o primeiro caso, cf. GRAFTON, Anthony. A sketch map of a lost continent. The Republic of Letters. P. 16-17. Para o segundo, cf. o exemplo da criação do Colégio das Artes em Coimbra, local onde puderam se reunir diversos intelectuais antes dispersos pelo continente em RAMALHO, Américo da Costa. O Humanismo (depois de 1537). In: *HISTÓRIA DA Universidade em Portugal*. Vol I, tomo I (1290-1536). Lisboa: Calouste Gulbenkian/Universidade de Coimbra, 1997. P. 695-720.

como forma de manter próximos os ausentes<sup>56</sup>, assim como representações de sábios antigos que tanto lhes serviam de inspiração<sup>57</sup>.

De tudo isso podemos retirar um dado claro, de natureza conceitual. A imaginação de que fala Grafton irmana-se com a ideia de *comunidade imaginada*, originalmente apresentada pelo historiador britânico Benedict Anderson para tratar do nascimento dos nacionalismos. Sem referir à obra *Comunidades Imaginadas* (1983), a descrição de Grafton, contudo, não deixa de se aproximar do pensamento de Anderson. Este demarcava que a principal marca de uma comunidade imaginada era a de que “[...] mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles”<sup>58</sup>. Essas e outras reflexões de Anderson, como a das dinâmicas entre línguas, atividade escrita e comunidades imaginadas serão adotadas ao longo do texto ao lado de considerações de especialistas no humanismo como Grafton.

Ademais, as teses de Anderson ajudam a esclarecer um dos problemas deixados para trás por Grafton, qual seja, o da intencionalidade no âmbito da formação da República das Letras. Se a ampla reforma da sociedade fora mais sonho do que projeto, o que dizer da própria construção da comunidade de humanistas de que fez parte Góis? Anderson sustenta que o aparecimento de comunidades imaginadas nem sempre atende a planos individuais ou a projetos sociais, mas, pelo contrário, decorre de ações parcialmente inconscientes. O exemplo que fornece vem do próprio século XVI. No movimento de colonização espanhola na América não teria ocorrido de forma alguma uma “hispanização” dos povos dominados. A comunidade imaginada que se associava ao projeto hispânico atuou junto às sociedades indígenas por meio da ideia de colonização de pagãos selvagens<sup>59</sup>, o que reflete, na realidade, uma identidade mais

---

<sup>56</sup> O uso dos retratos como “diálogo entre ausentes” aparece na obra de Alberti. “Contém em si a pintura – tanto quanto se diz da amizade – a força divina de fazer presentes os ausentes, mais ainda, de fazer dos mortos, depois de muitos séculos, seres quase vivos, reconhecidos com grande prazer e admiração para com os artífices. [...] Assim, a fisionomia de quem já está morto vive pela pintura longa vida”. ALBERTI, Leon Battista. *Da pintura*. Trad. Antônio da Silveira Mendonça. Campinas: UNICAMP, 1992. P. 95

<sup>57</sup> As figuras antigas centrais no caso goisiano são, ao que me parece, Cícero e São Jerônimo. Ao menos no caso de São Jerônimo, como demonstrarei no capítulo 1, Góis teve profundo contato com representações imagéticas que certamente tiveram impacto em relação aos modelos intelectuais que veio a adotar.

<sup>58</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1983]. P. 32.

<sup>59</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas...* P. 131.

ampla, vinculada à *Respublica Christiana*. O que não quer dizer que, direta, indireta e mimeticamente, a coroa espanhola não tenha feito sentir sua presença “hispanizante”<sup>60</sup>.

Como inserir uma investigação sobre Damião de Góis no vastíssimo panorama das comunidades imaginadas? Uma análise inicial de sua trajetória sugeriu que era essa a melhor forma abordagem, uma vez que o humanista português e sua obra – inclusive a epistolar - são consequências da interação com diversos grupos identitários que se imaginavam como tal; assim, ao discutir como Góis teve que conciliar sua lealdade aos reis lusos, aos valores da República das Letras, à fé católica e à profissão historial, será de particular relevância integrar elementos de todos esses mundos.

Elementos de mundos distintos, mas confluentes. A história de Góis como humanista e seu contato epistolar com a República das Letras se entrelaçou aos seus serviços ao reino de Portugal e ao ato de contar a história de sua expansão pelo mundo<sup>61</sup>. Se alguém, no enorme conjunto de humanistas do século XVI, serve de mediador para essas interlocuções, certamente este alguém é Damião de Góis<sup>62</sup>.

A ideia de movimento salientada por Grafton conduz-nos a outros caminhos.

Em vez de adotar uma perspectiva comparada para a análise dessa teia de relações identitárias, prefiro adotar a ideia de “histórias conectadas”, termo criado por Sanjay Subrahmanyam e aplicado por Serge Gruzinski em sua avaliação do México colonial. Empregar esse termo:

[...] implica que as histórias só podem ser múltiplas – em vez de falar de uma História única e unificada com “h” maiúsculo. Essa perspectiva permite também a observação de que estas histórias estão ligadas e que se comunicam entre elas. Diante de realidades que convêm estudar sob diversos aspectos, o historiador tem de converter-se numa espécie de electricista encarregado de restabelecer as conexões internacionais e intercontinentais que as historiografias nacionais e as

---

<sup>60</sup> Basta pensar na instalação de uma burocracia régia e na imposição do castelhano aos povos colonizados. GRUZINSKI, Serge. *A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 [1990]. P. 18-19.

<sup>61</sup> A biografia de Góis por Hirsch continua válida ao mostrar essa teia de relações. HIRSCH, Elisabeth Feist. *Damião de Góis...*

<sup>62</sup> A faceta obscura do Renascimento (entendido como época histórica) impõe-nos, de fato, “[...] refletir antes sobre este paradoxo que faz do século do humanismo um dosséculos mais desumanos de nossa história”. LESTRINGANT, Frank. É necessário expiar o Renascimento? A abertura antropológica do século XVI. *Revista de História* (USP), Vol. 160 (1º semestre de 2009). P. 195-219, cit. à P. 196.



histórias culturais desligaram ou esconderam, entaipando as suas respectivas fronteiras”<sup>63</sup>.

Ora, a sugestão de Gruzinski de construir histórias culturais diversas por meio de conexões “elétricas” tem sua própria genealogia; foi retirada de Lucian Febvre, e seus comentários sobre o tema ajudam a explicar melhor o que se tenciona levar em consideração aqui. No célebre curso sobre as origens da Europa, o professor francês argumentou em prol da percepção da mobilidade e da diversidade no discurso histórico como se segue<sup>64</sup>:

[...] os historiadores farão muito mal em não levar em conta os substractos históricos – o que equivale também a dizer que estes fenómenos não devem ser abordados tendo apenas presente um único tipo de representação, o tipo de uma Europa de arquitecto, se assim posso dizer, feita de bocados, de extensões justapostas, mas que convém recorrer a maneiras mais próximas de nós, a maneiras mais modernas de construir uma representação das coisas, por exemplo, *às noções de correntes a que a electricidade nos habituou*, de correntes que encontram, no seu trajecto, obstáculos em que penetram ou contornam, correntes que, com perpétua mobilidade (a da própria vida) se diversificam, se ramificam, se separam para se reunirem e nos fornecerem a vera imagem da vida histórica, de uma vida que se distingue, precisamente, pela sua *mobilidade e diversidade*<sup>65</sup>. [grifos meus]

Mobilidade, comunidade, identidade. Se associamos o humanismo ao movimento, às correntes incessantes de trocas de informações, deveremos pensar, ainda segundo Grafton, em deslocamentos físicos. A viagem - recurso a que Góis recorreu por mais de uma década - funcionava para o humanista como uma peregrinação em busca de prestígio e de conhecimento. Um jovem humanista que visitasse um erudito residente em Roma, Paris ou Basileia com sucesso, ou seja, garantindo alguma demonstração de respeito e generosidade por parte dele diante de toda a República das Letras, assegurava vantagem na competição por postos e reconhecimento em sua terra natal<sup>66</sup>. Todavia, é possível ir além. Se é verdade que a comunidade imaginada em torno dos humanistas nada mais era do que um imenso caleidoscópio de livros, homens e objetos em

<sup>63</sup> GRUZINSKI, Serge. O historiador, o macaco e a centaura: a história “cultural” no novo milênio. *Estudos Avançados*. 17 (49), 2003. P. 323.

<sup>64</sup> O estilo é um tanto truncado em razão de ser fruto de manuscritos usados para as aulas no Collège de France.

<sup>65</sup> FEBVRE, Lucien. *A Europa: gênese de uma civilização*. Lisboa: Teorema, 2001 [1999]. P. 27-28.

<sup>66</sup> GRAFTON, Anthony. *A sketch map of a lost continent...* P. 19.

movimento<sup>67</sup>, o que dotaria essa comunidade de um sistema circulatório capaz de colocar diversos personagens em contato constante? As obrigações que muitos deles tinham em igrejas, postos régios e universidades não eram compatíveis com uma vida de translados permanente. A República das Letras, portanto, precisava interligar-se por meio de uma rede. Uma rede epistolar.

As cartas, justificou Grafton, foram o mais importante instrumento a tornar possível a comunicação na República das Letras. Elas representavam a fusão de detalhes profissionais e pessoais da vida dos confederados. Por meio delas se anunciavam novas descobertas, ideias para experiências, a chegada de novos livros, a crítica aos inimigos, o apreço pelos amigos. As cartas também eram úteis na criação de sínteses sobre dado conhecimento ou sobre a própria história do mundo, permitindo a um erudito numa pequena cidade intervir em assuntos gerais. Finalmente, eram elementos de mediação para contenciosos, instrumento poderoso para a divulgação dos sucessos textuais e peça mor da construção do prestígio público. Acima de tudo, um artefato retórico singularmente eficaz.

\*\*\*

Consideradas as proposições elencadas, ficamos diante de um quadro geral de pesquisa e um conjunto documental circunscrito. Pretendo investigar as cartas latinas<sup>68</sup> de Damião de Góis – portanto, aquelas mais ligadas à *Respublica literarum* – diante dos vários temas que poderemos encontrar nelas (as cartas goisianas enquadram-se em quase todos os tópicos que mencionei) e, de forma particular, do ponto de vista da construção da imagem pública com vistas à perpetuação na memória coletiva humanista. A força dessa imagem concentrava-se no âmbito da República das Letras, e dependia tanto do arcabouço retórico – que mobilizava, por exemplo, a tópica da amizade – capaz de justificar e nortear a busca da autovalorização quanto do esforço para aproximar-se do cânone literário humanista.

---

<sup>67</sup> “The Republic of Letters existed, first and foremost, as a kaleidoscope of people, books, and objects in motion”. GRAFTON, Anthony. A sketch map of a lost continent... P.18.

<sup>68</sup> Utilizo algumas cartas em português escritas por Góis no primeiro capítulo com o único propósito de contextualizar sua estadia no posto diplomático de Flandres.

Em termos de literatura clássica e humanista, Cícero e Erasmo foram as principais referências de Góis. Do primeiro, traduziu o *De Senectute* (1538), além de ter, presumivelmente, lido muito de sua obra<sup>69</sup>. Do segundo, obteve diversos conhecimentos por meio da troca de cartas, da leitura de algumas obras (como, provavelmente, o ensaio de Erasmo sobre a escrita epistolar e, certamente, o *Ciceronianus*) e do convívio que mantiveram quando Góis mudou-se para a casa de Erasmo em Friburgo. Ali, certamente travou diálogos sobre o conhecimento greco-romano e bíblico, deparando-se com figuras como São Jerônimo e Santo Agostinho. Talvez por sugestão de Erasmo, veio a traduzir o livro bíblico de *Eclesiastes* algum tempo depois (1538). Exploro a relação de Góis com esses personagens nos capítulos 1 e 2, argumentando que a carreira de Góis parece desdobrar-se da carreira de Erasmo, como se de uma sombra deste se compusesse.

No primeiro capítulo, procuro situar Góis no contexto de sua atuação diplomática a serviço de d. João III, momento que precedeu sua decisão de voltar-se aos estudos humanistas em de forma prioritária. Também tento reconstruir a genealogia de seus primeiros contatos com humanistas como Cornelius Grapheus, seu tutor de latim, e as fórmulas que foram importantes para sua posterior atividade epistolar. Concluo o capítulo com a descrição e análise da *Brevíssima arte de escrever cartas*, de Erasmo, observando as regras do gênero.

No segundo capítulo, observo a atuação de Góis nos círculos eruditos da República das Letras. Relaciono a questão da comunidade imaginada à prevalência da retórica nos escritos de diversos personagens ligados direta e indiretamente a Góis, tentando traçar a rede de contatos dele por meio do estudo das cartas. O pano de fundo dessas relações é a querela ciceroniana, uma das mais importantes querelas literárias do século, em capítulo aberto por Erasmo com a publicação do diálogo *Ciceronianus*, e,

---

<sup>69</sup> Amadeu Torres e Maria José Ferreira Lopes, ambos autores de teses importantíssimas sobre Góis, concordam que Cícero foi o autor mais frequentado por ele em seus estudos. A principal razão para argumentar nesse sentido vem da análise linguística das cartas latinas realizada por Torres. A tese de Lopes, concentrada em um dos opúsculos de Góis sobre as guerras travadas pelos portugueses no ultramar, está de acordo. Entretanto, os estudiosos ressaltam que Góis valeu-se sobretudo do ecletismo na escolha dos clássicos cujo estilo decidiu reproduzir. A lista, encimada por Cícero, conta ainda com Terêncio, Virgílio, Ovídio, Horácio, Lívio, Plauto, Horácio, Salústio, Sêneca, Plínio, dentre alguns outros. LOPES, Maria José Ferreira. *Damião de Góis e os clássicos: vestígios culturais e literários latinos nos Commentarii de Góis*. P. 5-6. Agradeço muito à autora por ter-me cedido o texto, ainda não publicado.

ainda, as polêmicas religiosas em torno às tentativas do cardeal Jacopo Sadoletto de reaproximar Melanchton dos católicos. Ensaio uma interpretação para as posições de Góis em relação a essas circunstâncias, procurando refletir se elas teriam impactado em sua produção de cartas.

No terceiro capítulo, discuto os temas das cartas latinas divididos segundo os tópicos sugeridos por Grafton. Assim, considero a formação de amizades e de inimizades por meio das cartas como formas de criar vínculos essenciais na República das Letras. Também descrevo as tentativas de Góis de construir seu prestígio canônico entre os humanistas por meio da edição das obras completas de Erasmo após sua morte. Por fim, discuto as diversas cartas voltadas à divulgação dos textos escritos por Góis e a coletânea de suas correspondências mais ilustres que fez publicar em 1544. Tento, com isso, sincronizar as missivas pertinentes e a obra epistolar que produziu no sentido da conservação de sua memória.

## **CAPÍTULO PRIMEIRO: Genealogias retóricas e itinerários sociais**

### **1.1 Diplomacia epistolar na feitoria de Flandres**

Quando as últimas notícias sobre a movimentação dos exércitos turcos na Hungria chegaram ao prédio da feitoria portuguesa na rua Kipdorp, os diplomatas reagiram prontamente, enviando ao rei d. João III uma carta sobre esse e outros assuntos. As cartas desse entreposto eram diligentemente preparadas e ansiosamente aguardadas, uma vez que por ali passavam, além dos produtos trazidos do oriente, mercadores, cortesãos, religiosos e militares de toda a Europa, personagens cujas informações eram vitais na arquitetura da estratégia política e comercial a ser adotada pelo monarca e seus conselheiros.

Não somente da Antuérpia, contudo, corriam notícias tão relevantes. O contínuo contato epistolar com Lisboa era realizado em diversas partes do orbe, de variadas maneiras e velocidades. Certas cartas eram despachadas por dignatários régios ignorantes acerca do conteúdo das mensagens. Elas eram remetidas graças a velozes correios volantes que, por exemplo, faziam o percurso entre Roma e Lisboa em cerca de quinze dias<sup>70</sup>, a que se seguia o tempo de espera dos servidores no aguardo de instruções até o regresso dos mensageiros. Muito mais difícil se afigurava a situação dos diplomatas lotados nos territórios de além-mar. Destinadas a cobrir distâncias imensas, as epístolas iam e vinham ao cabo de meses. De todo modo, sem os mecanismos de informação escrita, as empresas ultramarinas teriam fadado ao fracasso, razão pela qual “com toda a propriedade, o historiador J. H. Elliot denominou a Monarquia Hispânica de “government by paper”<sup>71</sup>.

Noutros casos, cartas aparentemente irrelevantes se cobriam de códigos destinados a ofuscar de olhos indesejados o verdadeiro teor dos textos. Dom Miguel da

---

<sup>70</sup> PEREIRA, António dos Santos. *Portugal: o império urgente (1475-1525)*. Quadros mentais e aspectos do quotidiano. v. 2. Lisboa: Imprensa Nacional, 2003. P.7.

<sup>71</sup> RAMINELLI, Ronald. “A escrita e a espada em busca de mercê”. In: *Viagens Ultramarinas*. Monarcas e governo a distância. São Paulo: Alameda, 2008. P. 42.

Silva, célebre embaixador português em Roma desde 1514, e que viria a tornar-se bispo de Viseu em novembro de 1526<sup>72</sup>, usava o vocabulário exótico das especiarias – ainda desconhecido para muitos – e outras referências para cifrar suas missivas; em 1516, Maximiliano I era nomeado “a pérola”, enquanto o monarca francês recebia o apelido de “cobre”. Quanto ao ainda príncipe d. João (estamos no reinado de d. Manuel I), tivera seu nome disfarçado sob um termo seguramente de difícil decifração: “Brasil”<sup>73</sup>.

Apesar disso, os sistemas de encriptação vigentes nos reinados de d. Manuel I e d. João III eram bastante rudimentares se comparados aos de outros potentados. O perigo de espionagem, portanto, era iminente, e a inquietação em relação à Espanha de Carlos V<sup>74</sup>, bastante familiarizada com as técnicas de codificação e decifração desde o século XV<sup>75</sup>, se impunha; tais fatos não passaram despercebidos a d. Miguel da Silva. Os apelos do embaixador foram ouvidos, de modo que, a partir de 1517, houve tentativas de utilizar e aprimorar os códigos, ora numéricos, ora de memorização. Todavia, apenas depois de 1550, período no qual a atuação diplomática portuguesa se tornou mais incisiva no âmbito europeu, passou-se a codificar a correspondência oficial da chancelaria d. João III criteriosamente<sup>76</sup>.

Desapetrechados de instrumentos desse gênero, os cônsules da rua Kipdorp valeram-se da concisão e de correios marítimos confiáveis para evitar a espionagem. Naquele dia, seis de Janeiro de 1527, eles, como dito, comunicaram ao rei os desdobramentos da questão húngara. Com a morte do soberano Luís II em batalha contra os turcos no ano anterior, dois sucessores disputavam o poder. Sob a proteção dos Habsburgo, Fernando I, irmão de Carlos V, sagrou-se rei. Ao mesmo tempo, dizia-

---

<sup>72</sup> P. CARDOSO, Arnaldo Pinto. *A presença portuguesa em Roma*. Lisboa: Quetzal, 2001. 64-65. A principal referência para o estudo da vida e da obra do bispo continua a ser DESWARTE-ROSA, Sylvie. *Il “perfetto cortegiano” D. Miguel da Silva*. Roma: Bulzoni, 1989.

<sup>73</sup> Para os exemplos acima, cf. COUTO, Dejanirah. Spying in the Ottoman Empire: sixteenth-century encrypted correspondence. In: BETHENCOURT, Francis; EGMOND, Florike. *Cultural Exchange in Early Modern Europe: Correspondence and cultural exchange in Europe – 1400-1700*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. P. 294

<sup>74</sup> Segundo COUTO, Dejanirah. Spying in the Ottoman Empire... P. 297, “se o imperador Maximiliano I estava usando a criptografia por volta de 1510, seu neto Carlos V fe-lo desde então mais extensivamente. Vinte e quatro códigos para cifragem diferentes do seu reino ainda estão preservados nos arquivos de Viena, mais ou menos elaborados de acordo com a estatura de seus correspondentes e a relevância de seus reinos” [If Emperor Maximilian I was also using cipher by 1510, his grandson Charles V did so far more extensively. Twenty-four different cipher codes from his reign are still preserved in Viennese archives, more or less elaborate according to the stature of his correspondents and the rank of their kingdoms].

<sup>75</sup> COUTO, Dejanirah. Spying in the Ottoman Empire... P. 296-300.

<sup>76</sup> COUTO, Dejanirah. Spying in the Ottoman Empire...P. 294-296.

se detentor da coroa o conde João de Beida, na verdade João Zapolya<sup>77</sup>, voivode aliado dos adversários de Carlos V na região. A missiva testemunha a tensão entre os partidários de cada pretendente ao cargo:

Senhor – Depois de termo esprito a vosalteza as novas da Italya e de alemanha nos vieram oje cartas de xxbj de dezembro per que nos espream como o comde Yoã de beyda que emlegeram por Rey de Vmgrya mandou tres embaixadores ao Jfamte dom fernando com grande trumfo o Jfamte os quys ouuyr em pontefiqua e em pruiquo e quando emtraram na salla nom se aleuantou nem lhe quys dar a mão ao custume da terra nem receber a carta de creença começaram a falar em vumgro sua embaixada e nom nos quys ouuyr senom que lhe falassem em latim [...].<sup>78</sup>

Os redatores da missiva fizeram notar as tentativas de diversos soberanos de participar da querela. O principal interventor deveria ser o rei da Polônia, Segismundo I, pois mantinha boas relações com os dois rivais. Caso resolvessem a questão, “[...] serya grande bem pera crystandade [...]”, porque “[...] nom averyam medo do turquo ne de nynguem [...]”<sup>79</sup>. Por outro lado, os turcos perdiam soldados e tempo mergulhados nas próprias desavenças. “Do turco ja temos esprito a vosalteza como deixou çerta gemte nas frõteiras e nos castellos fortes que tinha tomados de vumgrya [...]; um parente do turquo cõ ajuda do cofy fez ao turquo muyto mall [...]”<sup>80</sup>. Parte das tropas instaladas no território da cristandade se engajava em lutas fratricidas pelo poder, abrindo espaço para uma oportunidade que, no entender dos portugueses residentes em Antuérpia, não deveria ser perdida.

Ainda que as beligerâncias internas dos turcos atrasassem o eventual confronto, havia razões de sobra para temer sua presença. A ocupação turca de territórios húngaros avançou depois das campanhas de 1529 e 1532 – e diversas missivas semelhantes fizeram-lhe referência. A ambição de Solimão, o magnífico crescia em direção aos territórios italianos sob tutela de Carlos V, à época governados pelo vice-rei de Nápoles, Charles de Lannoy, e cada vez mais parecia que o destino das civilizações cristã e otomana seria jogado nas terras de Otranto<sup>81</sup>. Jogo delicado, já que os engenhos de

<sup>77</sup> O conjunto documental analisado nas próximas páginas encontra-se em BELL, Audrey F. G. *Um humanista português: cartas portuguesas de Damião de Góis*. Trad. António Álvaro Dória. Lisboa: Editorial Império, 1942. P. 41, nota 1.

<sup>78</sup> BELL, Audrey F. G. *Um humanista português...* P. 41.

<sup>79</sup> BELL, Audrey F. G. *Um humanista português...* P. 44-45

<sup>80</sup> BELL, Audrey F. G. *Um humanista português...* P. 45.

<sup>81</sup> AUBIN, Jean. Une frontière face au péril Ottoman: La terre d’Otrante (1529-1532). In: *Le latin e l’astrolabe*. Recherches sur le Portugal de la Renaissance, son expansion en Asie et les relations internationales. V. II. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2000. P. 93-127.

guerra cristãos naquela localidade e os recursos para organizá-los eram incipientes, dadas as campanhas no norte da África, a expansão rumo às Índias e as disputas fratricidas que apartavam Francisco I e Carlos V, consumidoras ávidas de quase todas as atenções. Os otomanos, por seu turno, consideravam regiões do sul da península Itálica, a ainda hoje chamada Puglia, extensão do território islâmico, o dêr al-Islâm. E para justificar suas pretensões evocavam a história. Lembravam-se de que, não muitos anos antes, em 1480 e 1481, o comandante Ahmet Gelik Pacha, no ocaso do governo de Mehmet II, ocupara as terras de Otranto<sup>82</sup>. Chegara a hora de reconquistá-las. [Figura 1]

Essa memória em particular aguçava também os portugueses, pois fora com seu apoio naval que a vitória sobre Gelik Pacha se concretizou. A conquista contra os muçulmanos em Otranto foi eternizada pelo bispo de Évora d. Garcia de Meneses que, em 1481, narrou, diante do papa Sisto IV, todos os detalhes das escaramuças, da formação da armada e do valor dos nautas lusitanos. Trata-se, na realidade, da oração em latim estilisticamente elevado em torno da qual se situa uma das possíveis origens do Humanismo em Portugal<sup>83</sup>.

Meneses aproveitou a oportunidade para destacar as vitórias de Afonso V e seu filho, o príncipe D. João, nas batalhas contra os muçulmanos em África. Além disso, esclareceu as ligações de familiares seus com as vitórias e o governo das praças conquistadas, reunindo o louvor ao reino ao prestígio pessoal. Nas palavras do professor Américo da Costa Ramalho, “[...] prosseguindo no seu discurso, D. Garcia de Meneses recorda ao papa que é, graças aos portugueses, que o poderio turco não atacou ainda a Europa, a partir do reino de Granada, seu aliado”<sup>84</sup>. Meneses enfatizou, por fim, que a vitória em Granada, caso ocorresse, teria grande parte de seus méritos justamente atribuída aos lusitanos que, ao patrulharem a passagem marítima entre o norte da África e a península, impediam a chegada de reforços aos infiéis<sup>85</sup>.

No mesmo discurso, d. Garcia de Meneses elogiou o soberano de Portugal, celebrou as vitórias de sua família e reforçou o estatuto do reino diante das ameaças vindas de Castela. Tudo isso nos mostra como em torno de batalhas como a de Otranto

---

<sup>82</sup> AUBIN, Jean. Une frontière face au péril Ottoman... P. 95.

<sup>83</sup> RAMALHO, Américo da Costa. Origem e início do Humanismo em Portugal: in: *Para a História do Humanismo em Portugal (III)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998. P. 15-34.

<sup>84</sup> RAMALHO, Américo da Costa. Os humanistas e a divulgação dos descobrimentos. *Humanitas*. Coimbra: 1991-1992. P. 17-19

<sup>85</sup> RAMALHO, Américo da Costa. Os humanistas e a divulgação dos descobrimentos... P. 17-19.



travavam-se, de fato, verdadeiros combates pela memória, memórias erigidas e extinguidas ao sabor das orações, opúsculos e cartas. Simultaneamente, o caso expõe as consequências da ascensão do conhecimento clássico em Portugal – afinal, a oração tem propósitos estilísticos elevados - e a simbiose formada entre ele e a vida cortesã e diplomática.

“A terra de Otranto de fato apresenta todas as características de uma fronteira”. Uma linha de defesa, postos de vigília e, acima de tudo, “[...] um clima de desconfiança e de confluência de complexas relações humanas”<sup>86</sup>. Jean Aubin não poderia ter colocado melhor: a expectativa de um confronto nas terras meridionais representava também um microcosmo das relações institucionais, religiosas e mercantis então vigentes.

A seis horas de barco, a província de Avlona [Valona]<sup>87</sup>, do outro lado do Adriático, projetava a sombra do turco a envolver a desarmada cidade de Brindisi, que passava por enormes dificuldades financeiras e perdera grande parte de sua população nos últimos anos<sup>88</sup>. Mais ao sul, barcos de corsários berberes<sup>89</sup> mostravam que, se a reconquista de porções do espaço magrebino por espanhóis e portugueses lograra algum avanço, ela não mitigara suficientemente as forças muçulmanas. Por fim, havia Veneza. O embaixador de Carlos V na República de Veneza, Rodrigo Niño, acreditava ser aquela cidade o melhor posto para espionagem das ações turcas. Mas a grandeza dessas esperanças era frequente soçobrada pela dura realidade da diplomacia: embora a manutenção de boas relações com Carlos V estivesse no topo da pauta, negligenciar a paz com o sultão estava fora dos planos da Sereníssima. Assim, Niño tivera de se contentar com vestígios em documentos dispersos, porções de relatos de mercadores e comentários palacianos, ciente de que “[...] nós sabemos o que eles [os venezianos] querem que saibamos”<sup>90</sup>. Verdadeira balança daquele frágil equilíbrio, Veneza, em

---

<sup>86</sup> [La Terre d’Otrante présente bien tous les caractères d’une frontière: ligne de défense et d’échange, de postes de vigie et de points de trafic, où s’élaborent dans un climat de méfiance et de connivence des relations humaines complexes] AUBIN, Jean. Une frontière face au péril Ottoman... P. 105.

<sup>87</sup> Hoje chamada Vlorë, faz parte do território albanês.

<sup>88</sup> Brindisi, que chegou a contar com cerca de 800 fogos - sendo 50 de judeus - no final do século XV, caíra para 400 nas cercanias de 1530. AUBIN, Jean. Une frontière face au péril Ottoman... P. 112.

<sup>89</sup> AUBIN, Jean. Une frontière face au péril Ottoman... P. 104.

<sup>90</sup> [...] avec tout cela, je suspecte que nous ne savons que ce qu’ils veulent qui se sache]. AUBIN, Jean. Une frontière face au péril Ottoman... P. 118.

nome da prosperidade dos negócios, também fazia um rígido controle do espaço matérmo, valendo-se para tanto de seu importante protetorado de Corfu<sup>91</sup>.

Como se vê, os desafios internos da diplomacia nos territórios cristãos impediam a organização da luta contra os turcos. Os côsules portugueses, ainda no ano de 1527, relataram as tentativas de negociação entre as forças de Carlos V na Itália e o papa Clemente VII. Alerta quanto às consequências de uma eventual aliança entre eles, o rei da França movia-se em direção à Suíça; seus embaixadores tentavam apoios que permitissem “[...] estrouar a empreza dos alemães [...]”<sup>92</sup>.

Em outubro do ano seguinte, escreveram uma carta que procurava fazer um balanço dos rumos políticos de todo o mundo ocidental, destacando o agravamento das relações entre Carlos V e Francisco I – “De paz nom há qua nenhua noua por o presente. Deus a ordene”<sup>93</sup>, diziam. As tropas do imperador avançavam pelo território de Nápoles, e aproveitavam-se do enfraquecimento dos franceses – em decorrência da peste – para intensificar os ataques. Gênova, Milão, Veneza, toda a Puglia e outros territórios serviam de palco às batalhas. Os diplomatas ainda procuravam alertar quanto ao estado dos homens ilustres envolvidos na guerra. A carta em questão nos revela por onde andavam os generais de Francisco I, como o conde de Saint-Pol, e os de Carlos V, como o conde de Pavia, António de Leyva, para além de duques, capitães e representantes de confederações mercantis<sup>94</sup>.

Nas pegadas do relato factual que procuravam fazer do andamento das guerras, é possível constatar opiniões bastante incisivas. Os embaixadores, quando comentando as guerras na Itália, não hesitavam em deixar claro de que lado estavam – o que, de todo modo, aponta para o fato de que seu sistema de correios gozava de algum crédito.

[...] Asy que as cousas de Itallya vão prosperas por o emperador em grande maneira quis Deus que elRey de França pague quanto mall tem feyto, elle esta em Parys e não muyto contente destas nouas comtudo manda agora fazer mais gente de nouo vay toda a reste de sua nobreza e o duque dallbanya por capitão jerall e todos os seus pryuados e o allmyrante paixão cremos que farão a fym que fezerão os outros pois Deus nom he por elles<sup>95</sup>.

<sup>91</sup> AUBIN, Jean. *Une frontière face au péril Ottoman...* P. 118.

<sup>92</sup> BELL, Audrey F. G. *Um humanista português...* P. 46-47.

<sup>93</sup> BELL, Audrey F. G. *Um humanista português...* P. 52.

<sup>94</sup> BELL, Audrey F. G. *Um humanista português...* P. 48-50.

<sup>95</sup> BELL, Audrey F. G. *Um humanista português...* P. 51.

Desesperançados no que diz respeito à paz na *Respublica Christiana*, ao menos podiam celebrar as tréguas na região da feitoria. A paz entre Carlos V e os Gueldres era iminente, o que concorria para a ampliação do comércio e o decorrente escoamento dos produtos portugueses para os mercados da França e dos territórios germânicos. Por sinal, não deixam de avaliar a situação nessas localidades: “as cousas de Allemanha estão bem e pacificas; elRey dom Fernando esta em Boemea quer lançar huum trebuto nouo no Reyno sobre as mercadorias [...]”<sup>96</sup>. Quanto à Inglaterra, não havia grandes novas, exceto pelas discussões em torno à polêmica do divórcio de Henrique VIII. No momento da redação da carta, um emissário do papa Clemente VII encaminhava-se àquele reino para tentar um acordo. Aproveitando a oportunidade, lembraram ao rei d. João III que o “[...] o papa esta firme namizade do emperador tee agora”<sup>97</sup>. Já na Hungria, “nom esta tudo bem”, e aqui os diplomatas não se constrangeram em subir o tom. Enquanto os comentários sobre as disputas diplomáticas – especialmente referentes às críticas ao soberano francês – parecem se alinhar à orientação régia, nos problemas comerciais prevalece o parecer dos representantes da Antuérpia, que não se esquivaram de questionar opiniões vindas da corte:

Em Vmgrya nom esta tudo bem; os vmgros estam mall contentes dos governadores e chamão por ElRey sera força que vaa lla pera pascoa en todas maneiras he de temer que avera allgum mall por que entrementes o seu contrato viuer nom ade estar seguro do Reyno elle esta com elRey de Polonya, o quall trabalha por fazer seu apontamento; parecenos que não aproueita por que elRey nom quer ouuir falar nelle asy que as cousas da Vmgrya não estão bem, pelo quall o despacho das especyaryas perece e vallem pouco crea Vosallteza que entrementes esta Vmgrya naom esteuer em paaz que numqua as especyaryas amde ter muyto despacho e digua cada huum o que quyger que esta he a verdade<sup>98</sup>. [grifo meu]

Transmitidas as novidades inerentes às guerras – ou à expectativa de que elas ocorressem -, os redatores sempre passaram a um assunto que lhes importava enormemente: as notícias comerciais. Na carta anterior, de 1527, afirmavam ter alguma esperança no que respeita ao bom andamento do comércio da Antuérpia, esperança que lhes faltaria para as vendas a leste em 1528: “Item as galles dos venezeanos que vem de barute sam vymdas as quaes trazem muyto poucas especearyas ou nada vem”<sup>99</sup>. Parcamente abastecidos de mercancias, os venezianos relataram que havia inúmeros

<sup>96</sup> BELL, Audrey F. G. *Um humanista português...* P. 53.

<sup>97</sup> BELL, Audrey F. G. *Um humanista português...* P. 53-54.

<sup>98</sup> BELL, Audrey F. G. *Um humanista português...* P. 53.

<sup>99</sup> BELL, Audrey F. G. *Um humanista português...* P. 47.

produtos disponíveis em Alexandria. Como eles não chegassem aos reinos ocidentais, a vantagem passou para as mãos da feitoria de Flandres, bem fornida pelos navegadores portugueses. Os diplomatas ponderavam se caberia uma subida nos preços, lembrando que o único entrave a essa decisão viria de certo feitor da cidade, que poderia colocar empecilhos. Interessados em saber o que o rei desejaria fazer quando ao problema, despediram-se, aguardando ordens<sup>100</sup>.

Assinaram todas as cartas os principais responsáveis pelos negócios portugueses em Flandres: os feitores João Brandão e Rui Fernandes de Almada e, além deles, o escrivão Damião de Góis.

## 1.2 Arte, história, humanistas

A vocação da feitoria portuguesa em Flandres, ou, como era chamada, da “Casa da Índia”, era certamente comercial. Tendo superado Bruges na aurora do século XVI, a Antuérpia destacava-se por ter se tornado um ponto de revenda e escoamento dos produtos de diversos reinos. Mercadores da Hansa, ingleses, portugueses e outros muitos concentravam tantos esforços na distribuição de seu comércio naquela cidade que estes últimos, em 1508, construíram ali a mencionada feitoria, orientada para a negociação das especiarias orientais. No seu trato cotidiano, estabeleceram sólidos vínculos com poderosas famílias, como as germânicas Fugger (Augsburgo) e Welser (Nuremberg)<sup>101</sup>. No século XVI, chegou a haver 150 portugueses residindo na cidade; os ingleses chegavam a 400; os germânicos da Liga Hanseática, a 300<sup>102</sup>.

Em um centro tão cosmopolita como a Antuérpia, verdadeira sucessora de Veneza, no que se refere ao trato comercial das especiarias, e antecessora de Amsterdam e Londres<sup>103</sup>, florescia, ao lado das atividades políticas e comerciais, um mercado de luxo bastante requisitado pelos soberanos dos diplomatas que ali viviam. Dos muitos dividendos auferidos nas vendas de especiarias, parte se alocava na compra

---

<sup>100</sup> BELL, Audrey F. G. *Um humanista português...* P. 48.

<sup>101</sup> BAUMGARTEN, Jens. Os discursos econômicos e a arte flamenga nos séculos XV e XVI: reflexões sobre o mercado de luxo a partir do tríptico de Jan van Dornicke do MASP. *Revista de História da Arte e Arqueologia*. Nº 06. São Paulo, dez. 2006. P. 45-46.

<sup>102</sup> BAUMGARTEN, Jens. Os discursos econômicos e a arte flamenga nos séculos XV e XVI... P. 46.

<sup>103</sup> BAUMGARTEN, Jens. Os discursos econômicos e a arte flamenga nos séculos XV e XVI... P. 46.

de objetos religiosos suntuosamente ornamentados, pinturas, esculturas e livros iluminados.

É o testemunho que nos presta outro contato da feitoria portuguesa com Lisboa. O principal responsável pela compra de objetos valiosos para a casa real de d. João III devia ser Damião de Góis, único a assinar a correspondência. “Per esta armada mamdo as cousas que per suas imentas mandou pedir aquellas se poderam achar, e a tapeçarya tenho toda mandado fazer por se nam achar nada feyto [...]”<sup>104</sup>. Nesta carta, escrita em 22-VIII-1530, Góis procurava levar ao conhecimento régio os motivos pelos quais era necessário obter mais recursos para garantir a compra de objetos que fizessem jus aos paços lisboetas. As tapeçarias, argumentava, estavam sob os cuidados do “[...] melhor oficial da tera, o qual tira e poem nelles ho necesareo [...]”<sup>105</sup>. Ele, além de tudo, elaboraria as tapeçarias com as próprias mãos, garantia de que a oficina do artista se colocara plenamente à disposição de d. João III.

Naquela ocasião, Góis ainda remeteu a Lisboa um dos livros que se “[...] tem mandado fazer [...]”, livro cuja “[...] folha da Ilumynadura vay asaz bem ffeita [...]”<sup>106</sup>. A qualidade da letra, porém, havia caído, pois o copista falecera antes de finalizar o trabalho e teve de ser substituído pelo filho. Prometeu outro livro, quase pronto, bastando arrematar as iluminuras. Mas nem tudo corria bem: o famoso iluminador Simão de Bruges, o “mestre symão”, se indispusera com Góis [“... estaa muy mal comtemte de mym ...”] porque este não lhe pagara aquilo que considerava justo pelos livros encomendados. Comprometera-se a não assumir outros serviços em virtude do pedido de d. João, e agora passava por dificuldades devido ao atraso nos pagamentos<sup>107</sup>.

Ainda que Góis não tenha mencionado os nomes dos livros iluminados que o rei ordenara adquirir, podemos ter alguma ideia do volume das compras e de sua tipologia ao analisar as listas de livros da biblioteca régia portuguesa nas três primeiras décadas do século XVI. Em termos de edições iluminadas, encontramos nas listas de d. João III um “Briuiayro romão, grande, illuminado e no começo delle a imagem de Xpõs [Cristo] do meio pera cima com ho mundo na mão em tauoas, cuberto de coyro vermelho com guarniçã de cobre de rosas e charneyras, a guarnição solta do liuro e

---

<sup>104</sup> BELL, Audrey F. G. *Um humanista português...* P. 59.

<sup>105</sup> BELL, Audrey F. G. *Um humanista português...* P. 60.

<sup>106</sup> BELL, Audrey F. G. *Um humanista português...* P. 60.

<sup>107</sup> BELL, Audrey F. G. *Um humanista português...* P. 61.

metida em huua fumba de panno velho e outro de coyro bayo”<sup>108</sup>. Também havia um “Misall, de letra de mão, iluminado, em tauoas, cuberto de coyro branco com correas e na sua guarnição de copos de llatam”, bem como diversas outras obras que, mesmo não iluminadas, apresentavam ornamentos de grande valor<sup>109</sup>. Na livraria de dona Catarina, rainha consorte de d. João III e irmã, dentre outros, do recentemente finado d. Luís II da Hungria e do imperador Carlos V, abundavam livros repletos de detalhes em ouro e outros materiais preciosos. Através de sua lista ficamos a saber de uma edição das *Morales* de Sêneca, de um *Bello Judaico* de Josefo, dos *Tryunfos* de Petrarca, de uma edição em romance das *Décadas* de Tito Lívio, além de Plutarco, Curcio e César e muitas obras religiosas, dentre as quais merecem destaque os “livros de rezar”<sup>110</sup>. Também é de se salientar que a biblioteca da rainha, considerada a dimensão significativa do mundo flamengo diante a corte espanhola de onde ela veio, estava repleta de obras relativas a humanistas, e a Erasmo em particular. Seus textos em latim, aliás, ficaram disponíveis para estudo dos jovens membros da corte portuguesa<sup>111</sup>.

É possível que a vocação dessas bibliotecas reflita, ao menos em parte, as indicações e trabalho dos cônsules portugueses na Antuérpia. Tendo crescido nos paços régios, servindo ao rei d. Manuel como moço de câmara<sup>112</sup>, Góis certamente esteve próximo dos textos de sua livraria, e recebeu educação esmerada na corte<sup>113</sup>, para não mencionar sua facilidade de trânsito no território flamengo em virtude de sua ascendência<sup>114</sup>. O feitor Rui Fernandes de Almada<sup>115</sup> morava em Antuérpia desde ao

<sup>108</sup> VITERBO, Sousa. *A livraria real*: especialmente no reinado de d. Manuel – memória apresentada à Academia real das ciências. Lisboa: Academia real das ciências, 1901. P. 26.

<sup>109</sup> Disponibilizei a lista completa das listas das livrarias régias de d. Manuel I, dona Catarina e d. João III nos anexos desta dissertação.

<sup>110</sup> Cf. Anexos.

<sup>111</sup> RAMALHO, Américo da Costa. O Humanismo (depois de 1537). In: COXITO, Amândio; RAMALHO, Américo da Costa; CASTRO, Aníbal Pinto de et al. *História da Universidade em Portugal*. Vol. I. Tomo II. Coimbra: Universidade de Coimbra, Calouste Gulbenkian, 1997. P. 705.

<sup>112</sup> HIRSCH, Elisabeth Feist. *Damião de Góis*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002 [1967]. P. 9-21.

<sup>113</sup> Embora Marcel Bataillon tenha há muitos anos questionado a origem dos estudos de Góis por causa de seu supostamente mal latim, Amadeu Torres apresentou sólidas evidências em contrário naquela que considero a melhor tese já escrita sobre o humanista. Cf. TORRES, Amadeu. *Noese e Crise na epistolografia latina goisiana*. 2. Vols. Paris: Calouste Gulbenkian, 1982. Para as afirmações de Bataillon, cf. MARTINS, José Vitorino de. Avant-propos. In: MARTINS, José Vitorino de (org.). *Damião de Góis*: humaniste européen. Braga: Barbosa e Xavier, 1982. p. XVII. Voltarei à questão dos estudos de Góis no segundo capítulo desta dissertação.

<sup>114</sup> Cf. HENRIQUES, Guilherme J. C. *Inéditos goisianos*. v. 2. Lisboa: 1896-1898.

<sup>115</sup> A biografia de referência sobre Rui Fernandes de Almada continua a ser o trabalho escrito por BARATA, Maria R. de Sampaio Temudo. *Rui Fernandes de Almada, diplomata português do século XVI*. Lisboa: s/ed., 1971. P. 63-115.

menos 1510<sup>116</sup>, e travava contato regular com humanistas e livreiros dos quais poderia ter conseguido obras latinas em edições eruditas. De todo modo, a produção livreira na Antuérpia se destacou desde seus primórdios, quando Mathias van der Goes publicou o primeiro incunáculo da região, em 1481. Desde então, “[...] no período entre 1500 e 1540 cerca da metade dos livros produzidos provinham dos prelos daquela cidade”<sup>117</sup>.

Quanto aos referidos livros iluminados, deviam manter estreitas ligações, no âmbito da atividade da feitoria, com os esforços voltados à formação daquela que seria chamada “Leitura Nova”. O termo “Leitura Nova” designa uma série de documentos que d. Manuel I mandou transcrever, classificar e iluminar de 1504 em diante. O período de produção da Leitura Nova coincide com a cada vez maior conquista de espaço das gravuras diante das miniaturas, e do livro impresso frente ao manuscrito, e está claro que os especialistas da região flamenga, talvez Simão de Bruges à frente, terão contribuído para a realização do projeto, contactados pelos diplomatas. Damião de Góis, que veio a coordenar a “Leitura Nova” quando assumiu o cargo de guarda-mor da Torre do Tombo em definitivo<sup>118</sup> (1550), dedicou-se às iluminuras com a experiência de quem já havia comprado diversas obras anos antes. Com efeito, a primeira assinatura de Góis nos documentos da “Leitura Nova” data de 1532, quando, com Fernão de Pina, parece ter se responsabilizado por 25 cadernos corrigidos e iluminados, além de um caderno com folhas do índice. Também há referência a outros 12 cadernos corrigidos e 9 iluminados e a mais 16 cadernos corrigidos e 6 iluminados, todos nesse ano<sup>119</sup>.

Entretanto, o interesse nas obras clássicas, na religião e nos humanistas por parte dos diplomatas também pode ser identificado em sua tentativa de adquirir obras de arte inerentes a tais temas. Poucos lugares eram tão privilegiados para esse tipo de aquisição como a Antuérpia dos anos 1520. As oficinas de arte da Antuérpia consolidaram-se a

<sup>116</sup> ANSWAARDEN, Robert van. O testamento de Rui Fernandes de Almada. *Revista da Biblioteca Nacional*, s. 2, vol. 7. Lisboa, (1) 1992. P. 28.

<sup>117</sup> BAUMGARTEN, Jens. Os discursos econômicos e a arte flamenga nos séculos XV e XVI... P. 47-48

<sup>118</sup> Conforme os esclarecimentos da professora Sylvie Deswarte-Rosa, “Le quatrième directeur de la Leitura Nova est DAMIÃO DE GOES, de 1548 à 1554 environ. Damião de Góis, à la suite de la condamnation de Fernão de Pina et antérieurement à son propre emprisonnement par l’inquisition, est nommé conservateur intérimaire le 3 juin 1548 (cf. Chancellerie de D. João III, livre 60, f° 43 v.) et ne devient conservateur effectif que sous D. Sebastião, 1566 à 1571 [Sic]. Dès 1550, il dut s’attacher à la finition de la Leitura Nova puisqu’il reçoit plusieurs douzaines de parchemins à cette date (cf. Chancellerie de D. Manuel, livre 18, f° 133 v.). Il publie et annote différents livres de la Leitura Nova, de 1550 à 1554”. Cf. DESWARTE-ROSA, Sylvie. *Les enluminures de la Leitura Nova – 1504-1502: étude sur la culture artistique au Portugal au temps de la Renaissance*. Paris: Centro Cultural Calouste Gulbenkian, 1977. P. 41-51.

<sup>119</sup> DESWARTE-ROSA, Sylvie. *Les enluminures de la Leitura Nova – 1504-1502...* P. 41-51

partir de 1491, quando a atuação de Quinten Metsys, já então mestre em seu ofício, foi muito bem sucedida, gerando uma contínua demanda quantitativa e qualitativa por diversos representantes comerciais instalados na cidade<sup>120</sup>. A presença de artistas oriundos de diferentes localidades, atraídos pelas inúmeros agentes diplomáticos, burgueses e nobres, impediu a formação de um “[...] estilo próprio antuerpiense [...]”<sup>121</sup>, mas deixava uma ampla margem de compra aberta aos interessados.

Compras que, afinal, não se faziam apenas em nome dos reis. Rui Fernandes de Almada e Damião de Góis tinham, por força de seus encargos, um tino apurado para o mercado de luxo e grande prestígio na cidade, e usavam-nos para adquirir livros e obras de arte para suas coleções particulares. Detenhamo-nos em Rui Fernandes de Almada em primeiro lugar.

Almada conquistara a amizade de muitos no decorrer de seus negócios na feitoria. Antes de assumir o cargo, gozava já de portentosa presença nos círculos sociais mais relevantes da Antuérpia, devido ao fato de ter sido escolhido, por volta de 1510, para o cargo de tesoureiro da “nação de Portugal”, “[...] ou seja, detentor da ‘bolsa’ para a qual todos os comerciantes portugueses nos Países Baixos contribuía obrigatoriamente [...]”<sup>122</sup>. Esse cargo, embora não estivesse ligado ao serviço régio, colocava Almada no coração do trânsito comercial de seus compatriotas e, por conseguinte, no centro das discussões com outros feitores e dignatários da região.

Em outubro daquele ano, Almada provavelmente presenciou o auxílio prestado por Duarte de Sá, comerciante, a um pintor. Tudo indica que ele esteve em Antuérpia para a assinatura de alguns papéis que permitiriam-no recuperar uma quantia dada como perdida. Graças à possível intermediação do tesoureiro, alcançou seu objetivo, o que ajuda a explicar – a tese é de Robert van Answaarden – o porquê de ter recebido desse artista, Albrecht Dürer, em algum momento entre 1520 e 1521, um quadro retratando São Jerônimo [Figura 2], enquanto os demais serviçais da feitoria ganharam gravuras e desenhos<sup>123</sup>. Apesar de considerar a hipótese discutível – basta pensar que, na altura, Almada já se consolidara como figura proeminente na feitoria, de modo que seria

---

<sup>120</sup> BAUMGARTEN, Jens. Os discursos econômicos e a arte flamenga nos séculos XV e XVI... P. 47.

<sup>121</sup> BAUMGARTEN, Jens. Os discursos econômicos e a arte flamenga nos séculos XV e XVI... P. 47.

<sup>122</sup> BAUMGARTEN, Jens. Os discursos econômicos e a arte flamenga nos séculos XV e XVI... P. 47.

<sup>123</sup> ANSWAARDEN, Robert van. O testamento de Rui Fernandes de Almada... P. 29. Para efeito de comparação, observe-se as figuras 5, 6 e 7, gravuras de São Jerônimo elaboradas por Dürer noutros contextos.



natural que recebesse um presente generoso -, ela nos dá uma amostra precisa de que tipo de obra aguçava o faro dos cônsules portugueses.

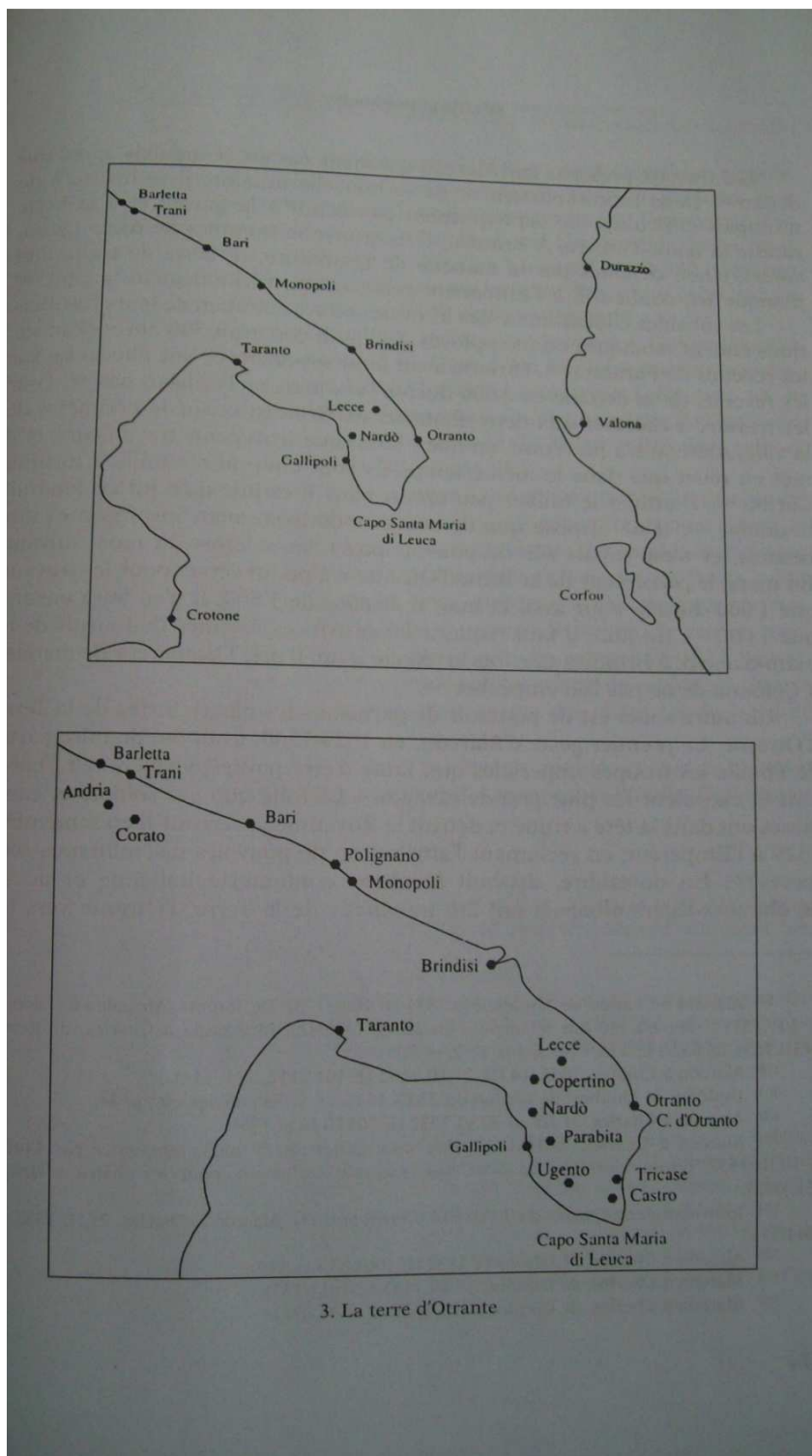


Figura 1. As terras de Otranto.



**Figura 2. Albercht Dürer. São Jerônimo (1521). Óleo sobre madeira de carvalho. 59,5 cm X 48,5 cm – Lisboa, MNAA. Foto: WGA.**



**Figura 3. Albrecht Dürer. São Jerônimo no deserto (c. 1495). Óleo sobre painel. 23 cm X 17 cm – Londres, National Gallery. Foto: WGA.**



**Figura 4. Albrecht Dürer. São Jerônimo no deserto (c. 1496). Gravura. 34 cm X 22 cm – Nova Iorque, Metropolitan Museum of Art. Foto: WGA.**

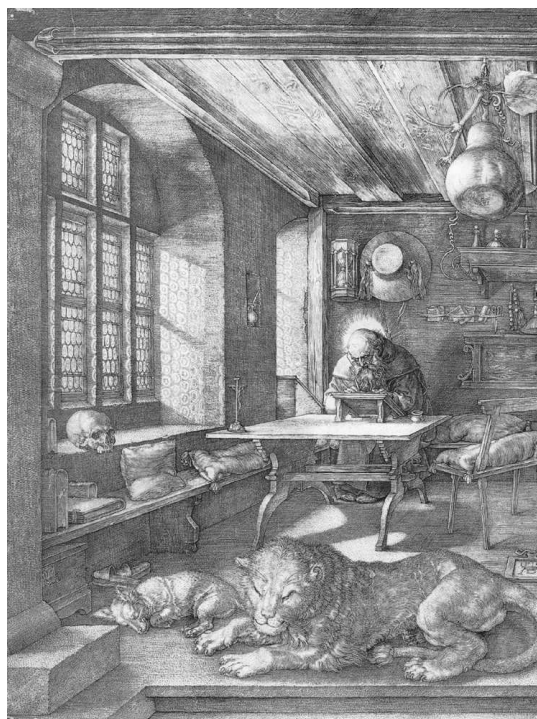




Figura 5. Albrecht Dürer. São Jerônimo (1492). Xilogravura. 19 cm X 33 cm – Basileia, Kupferstichkabinett, Öffentliche Kunstsammlung. Foto: WGA.



**Figura 6. Albrecht Dürer. São Jerônimo em seu estúdio (1511). 19 cm X 15 cm – Milão, Biblioteca Ambrosiana. Foto: WGA.**



**Figura 7. Albrecht Dürer. São Jerônimo em seu estúdio (1514). Gravura. 25 cm X 20 cm – Karlsruhe, Staatliche Kunsthalle. Foto: WGA.**







Figura 9. Albrecht Dürer. Erasmo de Rotterdam (1526). Gravura. 25 cm X 29 cm - Washington, National Gallery of Art. Foto: WGA



As representações de São Jerônimo por Dürer significavam muito para todo aquele que manifestasse curiosidade em relação aos humanistas que, por sua vez, vislumbravam no antigo doutor da Igreja um farol inspirado para a aliança entre a cultura clássica e o louvor a Cristo. Jerônimo nasceu ao redor do ano de 347 d.C, em uma vila próxima a Aquileia, destruída pela invasão dos Godos. Enviado a Roma pelos pais, começou a estudar com o célebre Donato, gramático que dominava amplamente a cultura latina. Após cerca de três décadas concentrado nos clássicos, em especial Cícero e os estudos de retórica, converteu-se ao em definitivo ao Cristianismo, dedicando-se com ardor às leituras dos livros bíblicos<sup>124</sup>. Contudo, julgando-se em pecado pela vida pregressa, decidiu passar algum tempo no deserto de Calcis, na fronteira da Síria, em penitência junto de animais selvagens – Dürer dedicou não poucas obras a esse tema [Figuras 3 e 4]. Naquele período, ter-se-ia aproximado de um judeu convertido a fim de aprender a língua hebraica. Findo o exílio, foi a Antióquia, onde estudou profundamente os evangelhos, situação que acabou por favorecer seu aprendizado do grego, idioma no qual as aulas eram lecionadas<sup>125</sup>. O grego ainda fora aperfeiçoado com as lições tomadas de Gregórios Nazianzeno, professor residente em Constantinopla<sup>126</sup>.

A par com as leituras tomadas nas aulas, São Jerônimo dedicou-se às traduções de inúmeros escritos, aproveitando-se frequentemente de suas lacunas para aduzir detalhes que julgava pertinentes - foi o caso de sua leitura das *Crônicas* de Eusébio de Cesareia. Igualmente, dedicou-se às correções de salmos e diversos textos correlatos, como o livro de *Jó*, os *Provérbios*, o livro de *Eclesiastes* e o *Cântico dos Cânticos*, valendo-se da *Septuaginta* e de outros instrumentos<sup>127</sup>.

Os elementos da vida de São Jerônimo destacados irmanam-se com os maiores ideais dos humanistas, ideais que não escapavam a Dürer, nem tampouco a Almada. A erudição expressa por meio do conhecimento de múltiplos idiomas, notadamente a habilidade de leitura nas três línguas dos textos sagrados, latim, grego e hebraico, aparece numa gravura de Dürer produzida em 1492 [Figura 5].

---

<sup>124</sup> SUTCLIFFE, E. F. Jerome. In: LAMPE, G. W. H. (org.). *The Cambridge History of the Bible*. Vol. II. Cambridge: Cambridge University Press, 2008 [1969]. P. 80.

<sup>125</sup> SUTCLIFFE, E. F. Jerome... P. 80-82.

<sup>126</sup> HARVEY, Paul (org.). *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987 [1937]. P. 295.

<sup>127</sup> SUTCLIFFE, E. F. Jerome... P. 83-84; 89.



Imagens como a concedida a Almada [Figuras 2, 6 e 7] imortalizavam outra característica do retratado: a solidão contemplativa. Desde a passagem pelo deserto, Jerônimo teria adotado semelhante atitude, quebrada apenas na realização de viagens ocasionais<sup>128</sup>, partindo do princípio de que, sem certo distanciamento, a capacidade de reflexão enfraqueceria.

Sempre ao lado do lendário leão, a aparência de Jerônimo emanava disciplina, organização e método em seu incansável trabalho de edição, tradução e correção filológica<sup>129</sup>, único arcabouço capaz de permitir a regeneração do conhecimento antigo. Dürer, além de ter estado plenamente ciente disso, transformou sua obra em voz ativa no intuito de fazer com que as inquietações que o atormentavam fossem ouvidas. Panofsky, em clássico artigo, definiu os sentimentos de Dürer em relação à antiguidade a partir da ideia de “pathos da distância”. Aliados das memórias proporcionadas pelas ruínas, como no espaço italiano, só restaria aos homens do norte agir como conquistadores (ao invés da postura de herdeiros ou imitadores, esperada nos italianos), articulando cuidadosamente um programa de restituição dos valores da cultura greco-latina. O objetivo de sua arte, tanto na teoria quanto na prática, voltava-se ao retorno às origens, motivo para o qual também trabalhou sua insistência na representação clássica dos corpos e de seus movimentos<sup>130</sup>. No caso das pinturas de São Jerônimo, particularmente na de 1521 [Figura 2], esse propósito parece se coadunar com outro alerta.

O olhar inquisidor, as mãos distantes dos materiais de trabalho e o dedo a apontar para o crânio podem ter soado como uma mensagem aos espectadores: é preciso ponderar sobre o que fazer no decurso da vida, libertar-se das vaidades – não percamos de vista o São Jerônimo tradutor do *Eclesiastes*<sup>131</sup> -, dedicar-se com toda a força ao serviço de Deus. Em suma, o aspecto de São Jerônimo na tela de Almada urge que se não ignore a marcha inexorável do tempo. O mundo clássico e a antiga sabedoria dos

<sup>128</sup> SUTCLIFFE, E. F. Jerome... P. 80-98.

<sup>129</sup> PARSHALL, Peter W. Albrecht Dürer's St. Jerome in his study: a philological reference. *The art Bulletin*, Vol. 53, Nº 03 – Set. 1971. P. 303.

<sup>130</sup> PANOFSKY, Erwin. Albrecht Dürer e a antiguidade clássica. In: *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2009 [1955]. P. 308

<sup>131</sup> Refiro à célebre passagem disponível em *Eclesiastes* 1.1, na qual se exorta ao leitor que de dispa das vãs glórias do mundo – referência essa, aliás, comum em diversos retratos no século XVI. FRANCASTEL, Galiene; FRANCASTEL, Pierre. El retrato en el Renacimiento: siglo XVI. In: *El retrato*. Madrid: Cátedra, 1978. P. 114.

primeiros cristãos, além de estarem distantes temporalmente, afastavam-se cada vez mais dos coevos, sendo a lembrança metódica o único antídoto para a ameaça do esquecimento.

Damião de Góis certamente viu o São Jerônimo na feitoria ou na residência do feitor – Almada terá sido um de seus grandes amigos, a quem inclusive dedicou uma tradução do *Livro de Eclesiastes*. Sem ter podido estar na presença de Dürer na ocasião - chegara à Antuérpia dois anos depois da passagem do artista<sup>132</sup> -, não deixou, contudo, de admirar sua arte. Góis nalgum momento adquiriu uma gravura<sup>133</sup> [Figura 9], não de Jerônimo, mas de um *germanus*<sup>134</sup> que se lhe assemelhava, e que representou para Dürer e muitos além dele prova cabal de que os elos com o mundo antigo não estavam de todo cortados.

Com efeito, desde a morte dos grandes humanistas italianos do século XV, arrefeceram dramaticamente os apelos à proposta de reforma civilizacional que estava no cerne dos primeiros cultores modernos dos *studia humanitatis*. Descobertas como as de Poliziano, que provara ser a denominação correta do autor da Eneida “Vergílio” – e não “Virgílio” – causavam um impacto restrito; autores que gozavam de uma ressonância maior na sociedade, por outro lado, haviam se apartado dos rígidos critérios estabelecidos por Valla e seus continuadores. Entre uma elevadíssima especialização e, simultaneamente, o enraizamento de banalizações das descobertas que serviriam tão-somente como instrumentos de prestígio, os humanistas dos primeiros anos do século XVI sentiram-se encurralados. A saída, muitos pensavam, estava no norte, no mundo “bárbaro”; nas mãos de Erasmo<sup>135</sup>.

O humanismo de Erasmo, de certo modo, se aproximava das aspirações de Dürer. Sem as ruínas e templos italianos, sem carregar a ilustre memória – e seu peso – de predecessores pátrios, Erasmo tivera de agir como um conquistador – ou assim desejou ser recordado -, construindo o conhecimento a partir da reflexão livresca e da busca pessoal nas universidades, um pouco como São Jerônimo, que, embora

<sup>132</sup> HIRSCH, Elisabeth Feist. *Damião de Góis...* P. 22.

<sup>133</sup> Ainda que Góis tivesse conhecido Erasmo e seu renome muito antes, apenas podemos ter certeza de que a gravura comprada pelo humanista português constava em suas posses a partir de 1554, quando o atesta ao amigo Jerônimo Cardoso. Cf. CLG – A XXXV.

<sup>134</sup> Esse personagem, embora nascido em Rotterdam, recebia em geral o apelido de *germanus*. Cf. RAMALHO, Américo da Costa. Duas opiniões sobre os Germani no Portugal Quinhentista. In: *Para a história do Humanismo em Portugal*. Vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998. P. 132

<sup>135</sup> RICO, Francisco. *El sueño del humanismo: de Petrarca a Erasmo*. Barcelona: Ediciones Destino, 2002. [1993]. P. 94-102.

alimentasse a ideia de distanciamento do mundo, jamais deixou de percorrê-lo. Assim, ao lado de uma intensa produção erudita, que incentivava o saber trilingue, Erasmo cultivou o contato direto com a vida, com os homens e seus desafios, com as maiores querelas de seu tempo, fatos que motivaram diversos humanistas a reforçar a ideia segundo a qual, se ainda havia alguma chance de reformar a sociedade, essa chance estaria nas mãos dele.

A conexão entre São Jerônimo e Erasmo não é casual. No exercício de um de seus maiores objetivos, restaurar filologicamente a pureza original dos evangelhos, Erasmo encontrou em São Jerônimo um antigo mestre, que tratou de editar abrangente e cuidadosamente. Na época em que Damião de Góis se apresentou na feitoria portuguesa da Antuérpia, Erasmo estava em Basileia. Não obstante a doença que o afligia, fez sair dos prelos edições de textos dos Pais da Igreja: Santo Hilário em 1523; Santo Ireneu em 1526, Santo Ambrósio em 1527, Santo Agostinho entre 1528 e 1529; São João Crisóstomo em 1530; quanto a São Jerônimo, surgiu em 1524<sup>136</sup>.

Do ponto de vista do humanismo bíblico, a atitude de Erasmo estava longe de ser solitária. A defesa da filologia trilingue que encampava era algo precária, visto que Erasmo ignorava o hebraico, a despeito de considerá-lo vital. Assim, ele teve que se amparar na noção de Valla de que o grego seria o idioma privilegiado no esclarecimento de quaisquer dúvidas nas Escrituras. Essa *graeca ueritas*, ademais, retomava o exercício intelectual estimulado em diversos humanistas desde a chegada de Manuel Chrysolaras (1397) a Florença, fugido dos turcos<sup>137</sup>. Mas havia quem se dispusesse a aprender o hebraico e levar o projeto de Erasmo às suas consequências mais pujantes. Por volta de 1486, Nebrija preparava-se para tentar, estudando o idioma obstinadamente. A abordagem que pretendia visava em grande medida à uma edição preocupada com o sentido literal das passagens, característica que identificava-se com seu pendor gramatical<sup>138</sup>.

As ambições de Nebrija e Erasmo vieram a se concretizar com a intervenção do cardeal Cisneros – embora deva-se salientar que o seu projeto e o de Erasmo não

---

<sup>136</sup> HUIZINGA, Johan. *Erasmus*. Barcelona: Ediciones del Zodíaco, 1946 [1924]. P. 217.

<sup>137</sup> Para um breve panorama do ressurgimento do grego na Europa dos humanistas, cf. MANN, Nicholas. The origins of humanism. In: KRAYE, Jill. *The Cambridge companion to Renaissance humanism*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010 [1996]. P. 15-17. Maiores informações acerca do estudo do grego e da importância da viagem de Chrysolaras podem ser encontradas na nota 232.

<sup>138</sup> RICO, Francisco. *El sueño del humanismo...* P. 131-132.

chegaram a se tocar. O cardeal, humanista que estimulou a organização da Universidade de Alcalá, compreendeu profundamente o sentido da filologia trilingue. A filologia trilingue proposta por São Jerônimo se vincularia à ideia de *translatio* linguística. A língua hebraica teria transmitido a primeira salvação, depois surgira o grego, farol da sabedoria, e finalmente o latim, de alcance universal, estabelecendo a tríade *religio, sapientia et potentia*<sup>139</sup>.

Com tal perspectiva em mente, Cisneros coordenou a edição daquilo que viria a ser a materialização da imaginação de Dürer [Figuras 5 e 8]: o *Vetus testamentum multiplici lingua nunc primo impresum et imprimis Pentateuchus Hebraico Greco atque Chaldaico idiomate adiuncta unicuique sua latina interpretatione*, mais conhecido como *Bíblia Poliglota Complutense*. Finalizada em 1514, a bíblia começou a circular apenas por volta de 1520<sup>140</sup>, ao lado das edições de Erasmo, a que vieram se somar outras, como as supracitadas. A *Complutense*, fiel à proposta da *translatio* linguística, reconheceu no latim o idioma primordial. De fato, a *Respublica Christiana* tinha no latim um instrumento de interconexão precioso, através do qual toda a elite intelectual do continente podia se comunicar<sup>141</sup>. Cisneros entendia que qualquer proposta que descartasse essa constatação diminuiria a relevância do texto por podar à partida seu impacto nos leitores. Nebrija tornou-se um crítico do projeto por causa dessa questão, já que divergia do cardeal quanto ao tratamento dado aos idiomas. Nebrija pretendia que os três idiomas estivessem equilibrados; o claro privilégio conferido ao latim, que aparece no centro de cada página, ladeado pelo grego e pelo hebraico, lembrava-lhe a figura de Cristo entre os ladrões<sup>142</sup>.

Se observarmos uma página da *Complutense* [Figura 8], ficará claro o porquê da indisposição de Nebrija. Em *Gênesis* 1, 1, - e como em todo o primeiro volume - notamos que a parte esquerda está tomada pela passagem em grego da *Septuaginta* intercalada com uma versão latina. No centro, destaca-se a *Vulgata*, enquanto o canto direito reserva-se ao hebraico. Abaixo, abre-se espaço para a tradução latina coeva e para uma versão caldaica do *Pentateuco*.

<sup>139</sup> RICO, Francisco. *El sueño del humanismo...* P.132.

<sup>140</sup> RICO, Francisco. *El sueño del humanismo...* P.133.

<sup>141</sup> MARGOLIN, Jean-Claude. *Apologie pour l'Humanisme...* P. 36.

<sup>142</sup> RICO, Francisco. *El sueño del humanismo...* P. 133.

Cisneros jamais poderia ter levado a termo um projeto tão amplo e complexo sozinho. Além disso, a posição geográfica de Alcalá favoreceu imensamente a edição. O *Antigo Testamento* só foi preparado com a meticulosidade desejada por terem participado judeus conversos – Pablo Coronel, Afonso de Toledo e Afonso de Zamora, para ficar em exemplos significativos. As linhas que intercalam o texto grego resultaram da colaboração de um cristão novo, Juan de Vergara, e do cristão velho Diego López de Zúñiga. Quanto ao *Novo Testamento*, coube a “Demetrius Ducas, que era de Creta, mas havia se estabelecido na Itália antes de vir a Alcalá, por Zúñiga e pelos maior erudito de todos, Elio Antonio de Nebrija”<sup>143</sup>. As discordâncias de Nebrija o afastaram do projeto no fim, mas não impediram sua determinante colaboração.

O trabalho individual de Erasmo, Cisneros e Nebrija demonstrou que as antigas aspirações de São Jerônimo haviam superado a curiosidade intelectual de um ou outro humanista, tornando-de de fato um projeto encarnado nos valores mais proeminentes dos *studia humanitatis* no século XVI. As edições de São Jerônimo recebiam ótimo tratamento. Sabiam-no muito bem os filhos do finado Johannes Amerbach (c. 1440-1513), editor central no mercado livreiro de então. Certa vez, Bruno Amerbach chegou a temer pelo destino de sua casa, tamanhas as despesas, e lamentou ter perdido boa parte de sua juventude no contínuo labor em torno às edições de Jerônimo das quais Erasmo era o principal responsável<sup>144</sup>.

Erasmo permaneceu ligado aos filhos do amigo Johannes, especialmente de Bonifacius Amerbach, personagem relativamente afastado da atividade de editor dos humanistas por ter decidido dedicar-se ao direito, mas ainda próximo dos cultores das letras por força da amizade e de sua capacidade de direcionar os melhores textos aos prelos via indicação.

A continuidade do esforço de Erasmo na publicação de obras religiosas decorreu em grande medida também na casa dos Froben de Basileia, onde encontrou a calorosa acolhida de Jerônimo Froben e um lugar para morrer<sup>145</sup>. Foi lá que, em 1516, surgiu a

---

<sup>143</sup> [... Demetrius Ducas, who was from Crete but had settled in Italy before coming to Alcalá, by Zúñiga and by the greatest scholar of all, Elio Antonio de Nebrija.] HAMILTON, Alastair. *Humanists and the Bible*. In: KRAYE, Jill. *The Cambridge companion to Renaissance humanism*... P. 107.

<sup>144</sup> BERCHTOLD, Alfred. *Bâle et l'Europe: une histoire culturelle*. Lausanne: Payot Lausanne, 1990. P.252.

<sup>145</sup> BERCHTOLD, Alfred. *Bâle et l'Europe*... P. 260.

primeira tiragem das obras completas de Jerônimo, a que seguiram os esforços a que fiz menção<sup>146</sup>.

Com o nome de Erasmo nos olhos e nos ouvidos – não podemos ignorar a repercussão da visita de Erasmo à região flamenga nos círculos eruditos antuerpienses -, Góis passou a inclinar-se às leituras humanistas com maior dedicação. Erasmo chegou a Louvain em 1517, pensando seriamente em fixar residência naquela cidade. Em 1520, encontrou-se com Dürer, que fez esboços dele em Bruxelas e em Anvers<sup>147</sup>. As terras de Espanha ofereciam o atrativo do convívio com o cardeal Cisneros na Universidade de Alcalá; contudo, em confiança epistolar ao grande amigo Morus, admitiu suas desconfianças em relação à Ibéria, localidade inóspita, onde seria difícil fazer seus livros serem lidos pelo público que pretendia atingir<sup>148</sup>. A Inglaterra dos amigos Fisher, Giles e do próprio Morus certamente seria proveitosa do ponto de vista dos estudos, mas “assusta-no a servidão que lhe exigiriam”<sup>149</sup>.

Na Universidade de Louvain, recebeu elogios por sua edição do *Novo Testamento*, quase pronta, mas o ambiente daquela instituição jamais foi-lhe tão favorável quanto gostaria. Tratar a fé a partir da erudição despertava suspeitas, mesmo no que diz respeito ao crucial trabalho de resgatar as fontes originais do Cristianismo. Um ano depois, partia para Basileia, a fim de editar o *Novo Testamento*. Terá retornado à cidade de novo, abandonando-a em definitivo somente no mês de Outubro de 1521, quando as ameaças e insistências de luteranos e católicos para que tomasse posição por um dos lados tornaram-se insuportáveis<sup>150</sup>.

Quanto a Góis, se levarmos em conta a documentação disponível, passou a se concentrar nos autores greco-latinos e na obra de humanistas como Erasmo a partir de 1529. O professor de cultura clássica escolhido por ele foi Cornelis de Schrijver (1482-1558), notário, poeta e humanista que assinava Grapheus em grego e Scribonius em latim. Grande amigo de Erasmo e de Dürer, introduziu Góis a autores clássicos que

<sup>146</sup> BERCHTOLD, Alfred. *Bâle et l'Europe...* P. 280

<sup>147</sup> “Se conocieran durante el viaje de éste [Dürer] a los Países Bajos en 1520. Durero hizo dos veces un boceto de él: en Amberes e Bruselas, los dos en Agosto. El segundo, un dibujo al carbón, casi de frente, y el único de esta forma, há sido conservado y se halla al presente en el Louvre, donación de L. Bonnat, y en el cual el artista há escrito: ‘1520, Erasmus fon rottertam’”. HUIZINGA, Johan. *Erasmus*. Barcelona: Ediciones del Zodíaco, 1946 [1924]. P. 279.

<sup>148</sup> FERNÁNDEZ, Luis Gil. Los Studia Humanitatis en España durante el reinado de los Reyes Católicos. *Península, Revista de Estudios Ibéricos*. Nº 2, 2005. P. 45-46.

<sup>149</sup> [... En Inglaterra, le asusta la servidumbre que le exigirán.] HUIZINGA, Johan. *Erasmus...* P. 185.

<sup>150</sup> HUIZINGA, Johan. *Erasmus...* P. 196 e ss.

deviam ser-lhe desconhecidos, além de incentivá-lo a progredir nas leituras de latim começadas na corte de d. Manuel I<sup>151</sup>. Em setembro daquele ano, Grapheus escrevera a Góis a primeira carta – que chegou à nossa época - relativa ao aprendizado humanista do português desde que os pendores nesse sentido passaram a governar parte considerável de seu tempo.

O assunto da epístola partia de uma discussão sobre a memória. Grapheus relatava os problemas surgidos quando tentava fazer com que os filhos, na tenra infância, guardassem as lições de latim. Segundo seu juízo, a memória dos jovens se enfraquecia pela leitura dos manuais e gramáticas, que ofereciam modelos inconvenientes por estimularem o uso de um péssimo latim, apartado da prática concreta dos autores antigos. Ademais, o ensino periclitante da tradução para o vernáculo concorria para a perda do tato com o idioma de nascimento, agravante imperdoável à situação<sup>152</sup>.

Pareceu-lhe adequado, no intuito de estimular a correta educação dos jovens, valer-se das *Comédias* de Terêncio, as quais já utilizara com Góis, pois não havia nelas nada que pudesse corromper os espíritos. Ademais, ali se poderiam coligir “as expressões elocutórias comuns tal como de um ameníssimo prado bem seleccionadas flores<sup>153</sup>” [ex amoenissimo quodam prato, selectissimos quosque flosculos decerperem]. Dado ser Góis um apaixonado por Terêncio [cum Terentii sis studiosissimus], dado também ser a tarefa útil e necessária aos *studia humanitatis*, Grapheus decidiu coletar os trechos de Terêncio que julgava pertinentes e lançá-los em obra inédita, dedicada ao aluno português [figuras 10 e 11<sup>154</sup>]. Tratava-se de uma coletânea de expressões para uso no cotidiano escolar, a ser usada desde o ensino infantil<sup>155</sup>.

As preocupações de Grapheus reverberavam até atingir humanistas de todos os cantos do continente. A hesitação na escolha entre o uso de manuais que compendiassem as regras gramaticais da língua e a leitura direta dos autores antigos

---

<sup>151</sup> HIRSCH, Elisabeth Feist. *Damião de Góis...* P. 35.

<sup>152</sup> CLG B I. P. 135.

<sup>153</sup> CLG B I. P. 135.

<sup>154</sup> Importante observar que da edição seguinte de Terêncio organizada por Grapheus, agora com traduções para o alemão, já não consta a carta-dedicatória a Góis que mencionei [figuras 12 e 13]. Com efeito, o instrumento de elogio e retórica que era a carta prefácio tinha grande valor na República das Letras, e é natural que elogios a um humanista apareçam apenas uma vez, privilegiando-se o elogio de outro amigo em edições seguintes. Discutirei o assunto em mais detalhes no capítulo 3.

<sup>155</sup> CLG B I. P 135-137.

geralmente retomava a defesa ou crítica a Nebrija e a Erasmo. Um bom termômetro dessas inquietações está na obra do humanista de Burgos Juan de Maldonado.

Definir os traços da trajetória de Juan de Maldonado não é tarefa das mais simples. Eugenio Asensio sugere que tenha nascido em 1485; podemos detectar sua atuação profissional apenas a partir de 1515, quando trabalhava na catedral de Burgos. Formou-se certamente em Salamanca, onde tomou aulas com Nebrija. Também foi lá que conheceu humanistas que vieram a granjear enorme prestígio, como Christophe de Longueil e Lúcio Flamínio Sículo. Publicou várias obras, impresas e manuscritas, tendo falecido, com toda a probabilidade, em 1554<sup>156</sup>.

Na tratadística moral, seu *Pastor Bonus* (1531) propõe uma revitalização da vida clerical da cidade de Burgos. Consciente do fato de que a decadência do clero estaria se agravando, sobretudo nos anos de *sede vacante* (1526 – 1531), decidiu publicar esse texto latino, de tom erasmiano, valendo-se da metáfora dos maus pastores para criticar as atitudes dos religiosos de Burgos. Redigiu o texto com apaixonada retórica, instruindo-se para tanto na tradição que remonta a Juvenal e São Jerônimo, exemplificada pelo *topos* do culpado que confessa os próprios crimes<sup>157</sup>.

A aproximação de Erasmo, para mais, ajudou Maldonado a atacar aquele que assumia ser principal detrator da língua latina, Nebrija. Em universidades como a de Salamanca, argumentava, havia punições aos alunos que se valessem do castelhano. Ao mesmo tempo, punia-se todo erro de sintaxe com vigor (os solecismos), tornando a fala do idioma cada vez mais difícil. “Falar em latim corrompe a latinidade”, houve quem atestasse<sup>158</sup>. Maldonado, no entanto, acreditava ser possível praticar o latim falado e escrito mediante a imitação dos clássicos; também pensava ser o latim a língua do futuro. Assim, não chegou a escrever em vernáculo, embora temas de seu interesse freqüentemente fossem discutidos em castelhano. Graças ao latim, esses intelectuais poderiam se encontrar e debater quaisquer assuntos, mesmo os oriundos de pátrias distantes, de modo que o latim não era útil apenas aos eruditos, médicos e eclesiásticos, mas também a comerciantes, diplomatas e viajantes. Quem não soubesse latim, seria

<sup>156</sup> ASENSIO, Eugenio. Juan de Maldonado (c. 1485-1554) y su Paraenesis o el humanismo en la época de Carlos V. In: ASENSIO, Eugenio. *De fray Luis de León a Quevedo y otros estudios sobre retórica, poética y humanismo*. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 2005. P. 259-264.

<sup>157</sup> ASENSIO, Eugenio. Juan de Maldonado (c. 1485-1554) y su Paraenesis o el humanismo en la época de Carlos V... P. 274-275.

<sup>158</sup> ASENSIO, Eugenio. Juan de Maldonado (c. 1485-1554) y su Paraenesis o el humanismo en la época de Carlos V... P. 282.



como um asno que anda sobre duas pernas<sup>159</sup>. Saber latim, reforçava, não passava pelo extenuante ato de habituar-se à memorização de regras gramaticais, mas, muito antes, pela convivência direta com os antigos.

Maldonado, contudo, jamais foi um ardoroso erasmiano. Sua posição diante da escrita de Erasmo ficou esclarecida no colóquio *Praxis seu de lectione Erami* (publicado na coletânea *Opuscula quaedam*, 1549), no qual admitiu a importância do erudito, mas mostrou clara desconfiança quando o holandês falava de religião. Maldonado pensava que, nesses momentos, Erasmo sempre fazia sentir por trás de seu discurso a sedução herética de Lutero<sup>160</sup>.

Entretanto, sua indisposição em relação à obra de ensino de Nebrija sobrepujava quaisquer desavenças de teor religioso com Erasmo. Na realidade, as posições iniciais de Nebrija diante do Estudo de Salamanca até podem ser lidas como análogas às aspirações de Maldonado – aparentemente, a situação se deteriorou mais tarde. Quando Nebrija se instalou na universidade daquela cidade, logo instituiu um debate entre *auctores* e *artes*. Estas eram os manuais, os compêndios e coletâneas constituídas pelos professores. Por meio delas, evitava-se o contato direto com obras perigosas, para além de sintetizar organizadamente os conteúdos. Eram esses os textos lidos pelos docentes em sala de aula, sendo tal a razão do título de *lentes* que recebiam ao iniciar a carreira. Uma das mais conhecidas e utilizadas *artes* na universidade era uma compilação de lições do antigo Donato<sup>161</sup>, aquele Donato cuja notoriedade nos tempos modernos também se atribui ao fato de ter sido professor de São Jerônimo.

O estímulo à lide com os *auctores* foi ocasionado com as críticas estudo dos bárbaros compêndios, das *artes*; além de se advogar a leitura dos clássicos, propunha-se mitigar o ensino oral. Contudo, Nebrija se posicionava a favor de manuais escolares na condição de que estivessem aliados à investigação, isto é, se fossem textos consolidados como uma enciclopédia repleta de itens claros e concisos. Foi o que acabou por fazer nas suas *Introductiones latinae* (Salamanca, 1481). Ocorre que seu incessante labor de incremento tornou a obra uma coleção interminável de regras para a prática de um bom

---

<sup>159</sup> ASENSIO, Eugenio. Juan de Maldonado (c. 1485-1554) y su Paraenesis o el humanismo en la época de Carlos V... P. 282-283.

<sup>160</sup> ASENSIO, Eugenio. Juan de Maldonado (c. 1485-1554) y su Paraenesis o el humanismo en la época de Carlos V... P. 284-285.

<sup>161</sup> ASENSIO, Eugenio. Juan de Maldonado (c. 1485-1554) y su Paraenesis o el humanismo en la época de Carlos V... P. 304.

latim, além de ter enviesado pelos caminhos da memorização, como os textos anteriormente criticados pelo próprio Nebrija. Os alunos tiveram de usar, desde então, o livro como um *vade mecum* labiríntico e sufocante, donde a indignação de Maldonado<sup>162</sup>.

O exemplo de Maldonado dá-nos alguma noção dos debates que cercavam os estudos de Góis com Grapheus. Entre as disputas em torno das *artes* e dos *auctores*, do saber escolástico e daquele dos humanistas, ou entre humanistas como Erasmo e Nebrija, descortinava-se um amplo cosmos que transitava em torno do passado e daquilo que dele se deveria extrair para um bom governo do presente e do futuro. Na íntima conexão entre os contatos diplomáticos, a experiência da arte das iluminuras, gravuras e pinturas e o início de um percurso humanista, Góis terá experimentado um duplo sentimento diante do tempo. De um lado, a sensação de proximidade de um mundo antigo perseguido com cada vez maior interesse. De outro, um profundo olhar sobre a eternização. O resgate de memórias tão antigas e seu refinamento e superação na própria época podem ter levado Góis à conclusão de que, se havia algo em comum entre tantas contendidas, era que seus protagonistas haviam reservado para si um lugar apropriado na galeria de retratos de homens de ilustres disposta para toda a eternidade. Os olhar inquisidor de São Jerônimo na feitoria, a mão sobre o crânio a lembrar-lhe da máxima *tempus fugit*, tudo isso aconselhava a tomada de uma decisão<sup>163</sup>.

Góis abandonou o serviço direto sob d. João III em 1533, logo após ter deixado de lado o posto de tesoureiro da Casa da Índia de Lisboa, tornado vago pela ascensão do grande amigo João de Barros ao cargo de feitor. Após ter-se persuadido a perseguir o caminho dos *studia humanitatis* de forma prioritária, avaliou onde deveria buscar um tutor à altura de suas aspirações. O escolhido fora Erasmo. Em sua casa, aprendeu alguns dos segredos por trás da *Respublica Christiana*, além de ter estabelecido amizades que viriam a impactar sobejamente sua trajetória. Para se inserir na *República das Letras* de sua época, havia que dominar o melhor possível os clássicos gregos e latinos, mas não só; havia que vincular-se a outros humanistas, havia que fazer seu nome correr entre suas obras e fazer com que os nomes deles surgissem nas suas,

---

<sup>162</sup> ASENSIO, Eugenio. Juan de Maldonado (c. 1485-1554) y su Paraenesis o el humanismo en la época de Carlos V... P. 304-305.

<sup>163</sup> Também motivos de ordem bastante prática se impuseram no momento dessa escolha, como tentarei demonstrar adiante.

gloriosamente. Logo aprendeu o primeiro método para efetivar tais intenções: pôs-se a escrever cartas.

### 1.3 Fundamentos para a arte epistolar

Mas a escrita de cartas não procedia unicamente da força de vontade do autor ou de sua capacidade “natural”. Ambas dependiam de artifícios e preceitos formulados pelos antigos e refinados pelos modernos, preceitos assimilados apenas ao cabo de anos de estudo atento. A partir período passado com Grapheus até o fim da estadia na casa de Erasmo, em 1534, Góis provavelmente se dedicou a aprofundar e a descobrir temas e textos que lhe eram desconhecidos. Afinal, sua idade algo avançada para o aprendizado – em 1534 contava 32 anos -, as atribuições concernentes ao envolvimento marcante com os negócios do reino até 1533 e as vertigens que sentia com frequência eram obstáculos para os quais apenas o esforço metódico e a qualidade do mestre poderiam constituir oposição.

Ao primeiro contato a sério com os autores antigos, o português terá percebido o quão numerosos se afiguravam, e quão intensos e extensos poderiam ser seus livros. Como lidar com a urgência do tempo e um volume tão grande e complexo de informações? Grapheus já havia sugerido o caminho; ele estava baseado na ideia de imitação. Em vez dos terríveis manuais, os humanistas em formação precisavam buscar os textos completos dos autores clássicos ou, ainda, os compêndios, livros repletos de passagens selecionadas dos melhores autores, passagens as quais, se bem imitadas, iluminariam pontos obscuros da língua latina e aperfeiçoariam também sua capacidade de julgamento e elocução. Tratava-se, de fato, de, *ex amoenissimo quodam prato, selectissimos quosque flosculos decerperem*.

A referência a um “ameníssimo prado”, do qual tirar-se-iam as melhores flores, não se fez ingenuamente. Essa metáfora buscava, ela própria, imitar as lições de um antigo versado na arte epistolar: Sêneca.

Embora presente em autores como Macróbio<sup>164</sup>, a metáfora apiária se consolidou no mundo antigo graças a Sêneca. Em carta presente nas *Morales*, ele destacava a Lucílio que, tanto na escrita quanto na leitura, “devemos imitar as abelhas que

---

<sup>164</sup> PIGMAN III, G. W. Versions of the Imitation in the Renaissance. *Renaissance Quarterly*, Vol. 33, Nº 01 (Spring). University of Chicago Press, 1980. P. 5-6.

deambulam pelas flores, escolhendo as mais apropriadas ao fabrico do mel [...]”<sup>165</sup> (*Epistulae morales*, 84, 3). Mais adiante, em página célebre, Sêneca complementou essa ideia, aduzindo outra, fundamental:

[...] nós devemos imitar as abelhas, discriminar os elementos colhidos nas diversas leituras (pois a memória conversa-os melhor assim discriminados), e depois, aplicando-lhes toda a nossa atenção, todas as faculdades da nossa inteligência, transformar num produto de sabor individual todos os vários sucos coligidos de modo a que, mesmo quando é visível a fonte donde cada elemento provém, ainda assim resulte um produto diferente daquele que onde se inspirou”. (*Epistulae morales*, 84, 5)

Os preceitos formulados por Sêneca estavam claros. O aprendizado viria com as muitas e bem escolhidas leituras, das quais se verificaria quais eram os melhores elementos. A seguir, tais virtudes deveriam ser reordenadas pela inteligência, transformando-se em novas contribuições.

Não obstante serem claros os conselhos do romano, parece inconcebível que Góis tenha deixado de lado outros modelos na constituição de sua escrita epistolar. Somente chegaremos a eles na medida em que retirarmos um obstáculo do caminho, qual seja, aquele estabelecido pelo mistério que envolve o abandono por Góis das vida diplomática em nome do envolvimento com as letras humanistas. Com efeito, os humanistas do século XVI estavam longe de serem especialistas. Pelo contrário, em sua maioria, exercia múltiplas atividades, explorando facetas variadas dos conhecimentos antigos e modernos enquanto atendiam a demandas do presente, de modo que não havia qualquer impedimento social ao acúmulo das funções de diplomata e humanista<sup>166</sup>. Tentar esclarecer o problema passa, portanto, por um exame do último período de Góis a serviço oficial de Portugal, época que coincidiu com a publicação de seu primeiro livro e de suas primeiras cartas latinas que chegaram ao nosso tempo.

\*\*\*

Exstantes as esperanças de redenção dos pecados que tanto sofrimento haviam-lhe infligido, Dante caminhava com Beatriz, Matelda e suas sete ninfas pelo Purgatório:

<sup>165</sup> A edição utilizada foi SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2007.

<sup>166</sup> GRAFTON, Anthony. A sketch map of a lost continent... P 11.

Quando pararam – como para o guia  
 que vai à frente pra indicar a estrada,  
 e acha embaraço, ou indício que o anuncia –  
 as ninfas, na sombra nublada,  
 como nos Alpes vê-se projetar  
 nos frios riachos, da negra ramada,  
 quais Tigre e Eufrates, dois rios apontar  
 vi, frente a elas, de uma só nascente,  
 e logo se afastarem, devagar<sup>167</sup>.

(*Purgatório*, XXXIII, 106-114)

Que misteriosamente bela fonte seria aquela que, “glória [...] da humana gente” [gloria de la gente umana], tornava-se, de uma só, em duas ditosas correntes? Se a hesitação de Dante devia-se ao seu recente esquecimento ou à estupefação, no-lo sabemos. Matelda o repreende: “Muito mais coisas, além desta, eu/já tenho lhe explicado, e estou segura/que a água do Letes não lho escondeu” [la bella donna: “questo e altre cose/dette li son per me; e son sicura che l’acqua di Letè non gliel nascose”]. Beatriz, condescendente, atribui a ignorância de seu amado à tensão, “que muitas vezes de memória priva” [che spesse volte la memoria priva]. Ademais, recomenda-lhe que não se exaspere: “Mas vejas o Eunoé que lá deriva;/a ele o leva e, como sóis lidar,/o amortecido seu poder reaviva” [Ma vedi Eünoè che là diriva:/menalo ad esso, e come tu se’ usa,/la tramortita sua virtù ravviva]. (*Purgatório*, XXXIII, 115-129)

Banhado pelas águas do rio do esquecimento em canto anterior (*Purgatório*, XXXI, 94-103), agora Dante se curvava diante do bálsamo proporcionado pelo Eunoé, cuja essência purificara todos os seus tormentos, abrindo-lhe, finalmente, as portas do Paraíso. Graças àquelas águas, Dante fixara na memória cada boa ação que fizera. “Se eu tivesse, caro leitor, para escrever,/ mais margem, cantaria, bem que só em parte,/ essa água que jamais sacia beber” [S’io avessi, lettore, piú lungo spazio/da scrivere, i pur cantere’ in parte/lo dolce ber che mai non m’avria sazio;] (*Purgatório*, XXXIII, 136-138). Dante lamentava não poder reproduzir na *Commedia* a sensação de eternidade que experimentara naquele momento, tornando as páginas, à imagem e semelhança do Criador, um perpétuo Eunoé.

<sup>167</sup> [quando s’affisser, sí come s’affige/ chi va dinanzi a gente per iscorta/ se trova novitate o sue vestigge,/ le sette donne al fin d’un’ombra smorta,/ qual sotto foglie e rami nigri/ sovra suoi freddi rivi l’Alpe porta/ Dinanzi ad esse Eüfratès e Tigri/ veder mi parve uscìr d’una fontana/ e, quase amici, dipartirsi pigri]

Valho-me do texto original e da tradução contidas em ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Purgatório*. Edição Bilingue. Trad. Italo Eugenio Mauro. São Paulo: 34, 2010 [1998].

O apelo de Dante à memória coadunava-se com os princípios essenciais de sua obra. Apesar do papel fundamental da subordinação da razão à fé, também gozavam de proeminência na *Commedia* o direito ao exercício da liberdade e a proximidade de Deus por meio da ideia de imortalidade<sup>168</sup>. A conquista de uma memória que transcendesse as eras, por meio da imortalização pelas letras, talvez fosse o maior elo entre Dante e os humanistas do século XVI, que encontraram nos livros e nas cartas meios privilegiados para alcançar esse objetivo<sup>169</sup>.

“Não havia humanismo sem livros”<sup>170</sup>. Para além de seu papel central na organização dos saberes humanistas, serviam como fonte de renda a muitos; a outros, como tentáculos que lançavam suas vozes a longínquas localidades; havia ainda quem, sem preocupar-se com as minúcias do conhecimento carregado pelos impressos, os colecionavam no intuito de obter inspiração a partir de suas mensagens ou o reconhecimento de que sua biblioteca era um verdadeiro farol da civilização cristã. Um livro era também “o veículo de uma aliança entre cultura e poder, na forma de traduções ou dedicatórias de trabalhos originais, comissionados ou não”<sup>171</sup>.

O uso das dedicatórias, de modo geral escritas no formato de cartas-prefácio/posfácio, e das demais correspondências, atendiam a propósitos semelhantes<sup>172</sup>. Poder-se-iam avaliar por meio desses instrumentos planos, projetos, os caminhos que os levaram ao sucesso ou ao fracasso, a constituição de círculos de amizade, redes de poder e interação intelectual, a construção da fama de certos eruditos, a destituição do prestígio de outrem, questões filológicas, teológicas, históricas, assuntos de governo, etc<sup>173</sup>. Ou, como no caso deste estudo, as conexões entre construção da imagem pública e a construção de uma rede epistolar. Com efeito, se não podia haver humanismo sem livros, tampouco poderia ter havido humanismo sem cartas<sup>174</sup>.

---

<sup>168</sup> MARTINS, José Vitorino de Pina. O humano e o divino na obra de Dante Alighieri. In: *Cultura Italiana*. Lisboa: Verbo, 1971. P. 59.

<sup>169</sup> MARTINS, José Vitorino de Pina. O humano e o divino na obra de Dante Alighieri... P. 60.

<sup>170</sup> [There was no humanism without books] Esta e as próximas referências originaram-se de DAVIES, Martin. Humanism in script and print in the fifteenth century. In: KRAYE, Jill. *The Cambridge companion to Renaissance humanism*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010 [1996]. P. 47.

<sup>171</sup> Id. [A book was often the vehicle of an alliance between culture and power, in the form of translations or dedications of original works, commissioned or unsolicited].

<sup>172</sup> Cf. nota 148.

<sup>173</sup> MARGOLIN, Jean-Claude. Apologie pour l’Humanisme... P. 33.

<sup>174</sup> Cf. as páginas 30-32 desta dissertação.

Damião de Góis sabia-no bem antes mesmo de se entregar em definitivo aos *studia humanitatis*. Tendo concluído uma série de viagens diplomáticas no de 1531<sup>175</sup>, retornou à Antuérpia, onde preparou um opúsculo acrescido de uma carta endereçada aquele a quem dedicara a obra. O destinatário, João Magnus Gothus (Jöns Mansson, 1488-1544), arcebispo de Upsala, travara contato com Góis quando este visitou a Dinamarca, e lá puderam discutir a expansão lusa e seus desafios – os problemas na consolidação da rota mercantil, as lutas contra árabes e persas e a presença turca, principal ameaça entre o Golfo Árábico e a Índia Menor.

Um assunto fincou as bases de uma amizade que epistolarmente viria a se provar duradoura. Góis fez lembrar na missiva o debate com Gothus acerca do Preste João, imperador das terras etíopes disposto a tornar-se o sustentáculo da luta contra os inimigos de Cristo no Levante. Sabedor de que ao redor do Preste João perfilava uma corte de informações desencontradas, Góis decidiu passar ao papel tudo aquilo que sua memória recordava do encontro entre os embaixadores do imperador e d. Manuel I, encontro ocorrido quando o português contava cerca de doze anos de idade e era *pagem de iguarias* nos paços régios. Assim, a esta carta a Gothus aduziu suas memórias e também a carta que o dito imperador enviara ao soberano português, acrescentando comentários. Disse a Gothus que pretendia explicar melhor em que circunstâncias se dera a discussão com os embaixadores para “melhor ressaltar a verdade dos factos” [ut rei ueritas clarius pateat]<sup>176</sup>.

Mas a “verdade dos fatos” jamais poderia emergir de uma memória vacilante como seria a daquele que busca eventos ocorridos uma década e meia atrás.

“Mas como é que tu – objectará aqui alguém – então menino de tão pouca idade, pudeste todos estes factos passar ao papel ou à memória, de modo a enviar-no-los, tanto tempo após, descritos ponto por ponto?” [Qui tu, tantulae tunc aetatis puer, ea omnia sic litteris moemoriaue commendare potuisti, ut articulatim descripta iam (tanto elapso temporis interuallo) ad nos mittas?]<sup>177</sup>

À impossibilidade de confiar na “memória natural”, Góis teve de percorrer outros caminhos para defrontar-se com o próprio passado, e para, ainda, tecer os fios que compunham o passado de sua pátria. Explicou ao amigo que não pôde fazê-lo na

<sup>175</sup> Seu itinerário na ocasião foi minuciosamente descrito por MARQUES, A. H. de Oliveira. *Damião de Góis e os mercadores de Danzig*. In: MARQUES, A. H. de Oliveira. *Portugal Quinhentista* (ensaios). Lisboa: Quetzal, 1987.

<sup>176</sup> CLG A I. P. 37.

<sup>177</sup> CLG A I. P. 37.

idade de doze anos, mas teve uma chance mais tarde, já servindo a d. Manuel na Flandres, quando conheceu o feitor Rui Fernandes de Almada. Almada, a serviço do rei nos territórios germânicos, recebeu de António Carneiro, secretário de D. Manuel, todas as informações acerca do Preste, inclusive a carta. Veio a passar esse material a Góis na Antuérpia, que o verteu então ao latim. Assim foi confeccionado o opúsculo em questão, *Legatio Magni Indorum peratoris Presbyteri Ioannis...*, provavelmente o primeiro esforço concreto do humanista no cultivo do interesse pela história.

Há que impedir interpretações apressadas, no entanto. A *Legatio* foi composta de uma série de textos avulsos – além daqueles a que fiz menção –, como uma coletânea de poemas de Grapheus dedicados a Góis. Os poemas, aliás, referiam-se insistentemente ao gosto de Góis pelas artes, evocando os quadros religiosos de Quinten Metsys que ele adquirira<sup>178</sup>. Todo o material parece ter sido coligido por insistência de Grapheus, que o teria enviado ao irmão, João Grapheus, “quase sem Damião de Góis o saber”<sup>179</sup>. Apesar da preocupação em dizer a verdade e em apresentar os fatos honestamente sugerir uma aproximação com *topoi* ciceronianos relativos à escrita da história, sua atenção na coletânea enviada a Gothus deveria estar, igualmente, na qualidade do latim – embora não apenas, como veremos a seguir. Góis chegou a se desculpar de antemão se porventura houvesse usado de algum barbarismo na escrita, pois era “homem cortesão e pouco exercitado nas letras, além disso instantemente assoberbado de negócios sem conta” [in quibus quidem si barbariem quampiam forte deprehendes, ignosce quaeso homini et aulico et in re Litteraria parum exercitato et plurimis negotiis uehementer impedito]<sup>180</sup>. O temor de Góis em relação ao pouco tempo para dedicar-se às atividades de estudo, aliás, também aparece em João de Barros. Ao redigir o prólogo da Primeira Década (que comentei na introdução), Barros constatava as dificuldades em escrever quando era feitor da Casa da Índia em Lisboa, “[...] cárregos que com seu peso fazem acurvar a vida, pois lévam todolos dias della, e com a ocupaçam e negócio de suas armadas e comércios, afógam e cativam todo liberal engenho”<sup>181</sup>. Nesse caso, ambos parecem dever a Cícero. Em *De Legibus* (I.3.8-9), a tópica aparece nas palavras de Marco, quando discutia com Ático os atributos daqueles que quisessem assumir a tarefa historial:

<sup>178</sup> FARIA, Francisco Leite. *Estudos bibliográficos sobre Damião de Góis e sua época*. Lisboa: Secretaria de estado da Cultura, 1977. P. 12. Cf. também o ponto 1.2 desta dissertação.

<sup>179</sup> FARIA, Francisco Leite. *Estudos bibliográficos sobre Damião de Góis e sua época...* P. 11.

<sup>180</sup> CLG A I. P. 41.

<sup>181</sup> BARROS, João. *Primeira Década da Ásia...* P. 3-4 [fl 1 r.]



Bem compreendo que há muito me solicitam esse trabalho, Ático. Não o recusaria, se me dessem algum tempo desocupado e livre. É que um empreendimento de tanta magnitude não pode fazer-se no meio de uma actividade tão plena e com o espírito ocupado. É preciso duas condições: ausência de cuidados e desocupação<sup>182</sup>.

E conclui: “[...] Mas a História, nem pode começar a fazer-se se não se tiver um tempo fixado de inactividade, nem concluir-se num período limitado”<sup>183</sup>.

A fraseologia latina de Góis<sup>184</sup> ainda se assemelha às explicações que encontramos no *Ad Herennium*. No texto sobre a arte retórica (*De ratione dicendi*), um ícone das artes da memória por muito tempo atribuído a Cícero (Tullius)<sup>185</sup>, mas escrito por um autor romano desconhecido, notamos uma hesitação textual em proferir as lições sobre retórica; afinal, o autor explicava, muito pouco tempo sobrava para a reflexão diante dos afazeres pessoais, e o tempo disponível, preferia usar para o aprendizado da filosofia<sup>186</sup>. Mais adiante, o autor visita a já referida tópica da humildade, muito frequente nas epístolas humanistas, exaltando o fato de que seus ensinamentos a Gaius Herennius não resultavam de vontade de glória, mas, antes, do puro exercício de ensino de uma tarefa nobre [Non enim spe quaestus aut gloria commoti venimus ad scribendum, quemadmodum ceteri, sed ut industria nostra tuae morem geramus voluntati] (*Ad Herennium*, I, 1-2). Voltarei a esses elementos de retórica ao longo da dissertação.

Ao cabo dos últimos ajustes, o texto da *Legatio* saiu na Antuérpia em 1532<sup>187</sup>. Góis aproximara-se do círculo do Colégio Trilíngue de Louvain, onde perseguia mais detidamente os estudos. Hóspede de Rogério Réscio, professor de grego e editor da cidade, tornou-se amigo de humanistas como Conrado Goclénio, ciceroniano com quem

<sup>182</sup> PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Romana*: antologia da Cultura Latina. 6. Ed (aumentada). Lisboa: Guimarães, 2010. P. 61-62

<sup>183</sup> PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Romana*... P. 62.

<sup>184</sup> “[...] in quibus quidem si barbariem quampiam forte deprehendes, ignosce quaeso homini et aulico et in re Litteraria parum exercitato et plurimis negotiis uehementer impedito [...] / “Etsi [in] negotiis familiaribus inpediti vix satis otium studio suppeditare possumus [...]”. Cf. nota 180. Infelizmente, não consegui rastrear conexões fortes entre as cartas de Góis e o *Ad Herennium*, e não tenho notícia concreta de que o português o tenha lido.

<sup>185</sup> O texto provavelmente data de 86-82 a.C, e trata diretamente das cinco partes constitutivas da retórica (invento, dispositio, elocutio, memoria e pronuntiatio). Cf. YATES, Frances. *A arte da memória*... P. 21-35.

<sup>186</sup> “Etsi [in] negotiis familiaribus inpediti vix satis otium studio suppeditare possumus et id ipsum, quod datur otii, libentius in philosophia consumere consuevimus, tamem tua nos, Gai Herenni, voluntas commovit, ut de ratione dicendi conscriberemus, ne aut tua causa noluisse aut fugisse nos laborem putares.” (*Ad Herennium*, I, 1-2)

<sup>187</sup> Uma carta de Grapheus ao irmão em 13-VII-1532 o confirma. Cf. CLG B V. P. 145. Embora não tenha tido acesso a este opúsculo, praticamente todos os seus textos serão retomados por Góis noutra obra, a ser publicada em 1541, obra esta que será analisada no capítulo 3.

terá mantido profícuo contato<sup>188</sup>, e com professores do Trilíngue como o era à época Bonifacius Amerbach<sup>189</sup>, filho do editor Johannes Amerbach e amigo de Erasmo, conforme tive a oportunidade de esclarecer no primeiro capítulo. Entretanto, Góis ainda servia ao feitor Almada e ao rei d. João III nesse momento, de modo que a redação do opúsculo provavelmente atendeu a objetivos de ordem política.

A divulgação em latim da aliança com o Preste João participava de um movimento mais amplo da diplomacia portuguesa. Desde a aurora da expansão, quando ainda se lutava pelo espaço magrebino como um esforço final de reconquista, tendo à luz o antigo domínio visigodo – e não de expansão imperial, interpretação errônea e comum na literatura acerca dos descobrimentos<sup>190</sup> - houve esforços de escrita de textos que dessem a conhecer os feitos alcançados à toda *Respublica Christiana*. É o caso do *Gesta Illustrissimi Regis Ioannis De Bello Septensi*, relativo à conquista de Ceuta em 1415, que, contudo, só apareceu nos prelos a partir do século XVIII<sup>191</sup>. Data de 1481 a segunda demonstração em língua latina do poderio português, e essa, ao contrário do *De Bello Septensi*, gozou de maior circulação nos anos imediatamente posteriores à sua redação; o bispo de Évora d. Garcia de Meneses proferiu, diante do Papa Sisto IV, um discurso de louvor<sup>192</sup> - a que já se referiu - em virtude da participação portuguesa na luta que culminou na derrota turca em Otranto – aquela derrota de Ahmet Pacha que moveria a sede de vingança dos turcos em direção aos mares do sul da península Itálica. Quanto ao Preste João, fora mencionado na importante epístola de d. Manuel ao papa Leão X, em 1513, período no qual Góis teria estado próximo dos embaixadores etíopes então residentes em Lisboa.

Em nome da noção de *Respublica Christiana*, isto é, de uma comunidade espiritual, intelectual e política em torno da crença católica, dever-se-ia reconhecer enorme prestígio ao reino europeu que empreendesse a aquisição de novas forças ao império de Cristo. Na carta ao papa Leão X, descrevia-se a aproximação de emissários do Preste a portugueses que lutavam nas Índias contra os servos da “seita maometana” [maometica secta]. Eles ofereceram aos lusos, “como de cristão a cristão”, “[...] toda a

<sup>188</sup> TORRES, Amadeu (org). *Damião de Góis: correspondência latina*. Trad. Amadeu Torres. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. P. 382-383.

<sup>189</sup> TORRES, Amadeu (org). *Damião de Góis...* P. 383.

<sup>190</sup> THOMAZ, Luís Filipe F. R. *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Difel, 1998. [1994]. P. 21-22.

<sup>191</sup> RAMALHO, Américo da Costa. Os humanistas e a divulgação dos descobrimentos. *Humanitas*. Coimbra: 1991-1992. P. 17.

<sup>192</sup> RAMALHO, Américo da Costa. Os humanistas e a divulgação dos descobrimentos... P. 18.

riqueza e tudo o que fosse necessário para a guerra contra os inimigos da fé católica [...]”. Cogitava-se um encontro das tropas nas cercanias das terras do Preste João, que ficavam junto ao mar vermelho<sup>193</sup>. Fincadas as posições lusas e etíopes no espaço oriental, e contando com o favor divino, o resultado deveria ser “[...] o maior serviço de Deus e a ruína e ignomínia da seita de Maomé [...]”<sup>194</sup>, de modo que, findas as escaramuças, lá novamente far-se-ia ouvir a palavra apostólica de Roma.

As informações apresentadas, portanto, fazem com que não seja lícito relegar o opúsculo goisiano apenas ao estatuto de texto de estudos para o desenvolvimento do latim. Ao que parece, Góis valeu-se da *Legatio* para coadunar seus esforços na aprendizagem do latim e na entrada no mundo dos humanistas ao serviço régio sob o qual ainda se encontrava. O esforço pessoal e a escrita laudatória pátria, cujo conhecimento por parte de outros intelectuais dependia sobejamente do veículo epistolar, começavam a compartilhar uma longa trajetória em sua carreira.

Escrever livros era insuficiente. Sem que fossem conhecidos pelos demais representantes da *República das Letras*, sem que fossem distribuídos ao largo da *Respublica Christiana*, os sucessos humanistas e a exaltação da pátria não fariam sentido. A resolução de tal problema dependia, como dito, em importante medida das engrenagens do mecanismo epistolar. Ainda que não tenhamos cartas que demonstrem a divulgação da *Legatio*, com toda a probabilidade – Góis assim procedeu em quase todas as obras que publicou – esse foi meio que intermediou a chegada do texto a outros prelos europeus. É caso da edição em inglês de 1533, vertida àquele idioma por intermédio de John More, filho de Thomas More, que ainda teria assinado um prólogo ao livro<sup>195</sup>. Trata-se da primeira aparição de uma tradução portuguesa em inglês<sup>196</sup>, fato por si só marcante num cenário no qual o italiano detinha posição privilegiada – somente entre 1550 e 1660 apareceram mais de quatrocentas traduções do italiano na Inglaterra<sup>197</sup>. Mas o latim, principal idioma de propagação, não foi ignorado: duas edições apareceram enquanto Góis ainda vivia – 1544 e 1552 -, ambas saídas na

<sup>193</sup> EPÍSTOLA DO MUITO poderoso e invencível Manuel rei de Portugal e dos Algarves etc... trad. Nair de Nazaré Castro Soares. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1979. [1513] P. 16-19.

<sup>194</sup> EPÍSTOLA DO MUITO poderoso e invencível Manuel rei de Portugal e dos Algarves etc... P. 23

<sup>195</sup> FARIA, Francisco Leite. *Estudos bibliográficos sobre Damião de Góis e sua época...* P. 13.

<sup>196</sup> FARIA, Francisco Leite. *Estudos bibliográficos sobre Damião de Góis e sua época...* P. 14.

<sup>197</sup> BURKE, Peter. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-Chia (orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da época moderna*. São Paulo: UNESP, 2009. P. 30.

Antuérpia<sup>198</sup>. Assim, para além das cartas, a publicação de traduções e de reedições também fez parte do esforço de veiculação das obras e de sua consolidação no patrimônio literário impresso.

Já na carta-posfácio da *Legatio*, Góis alertava ao amigo Gothus que sua estadia na Antuérpia estava perto do fim. Entretanto, não poderia dizer se voltaria ao reino ou se iria à Germânia<sup>199</sup>. Após o ano passado em Louvain, Góis voltou para a Antuérpia, de onde parece ter solidificado a disposição em dedicar-se às letras. As cartas que deixou insinuam que visitara Erasmo de Rotterdam em abril de 1533, quando jantaram juntos<sup>200</sup>. Por volta desse mês, em passagem por Basileia encontrou-se com Sebastien Münster, célebre cosmógrafo cuja fama, no entanto, era-lhe desconhecida<sup>201</sup>.

Em junho de 1533, contactou novamente Erasmo. A carta rememorava o encontro anterior, e dava uma notícia que mudaria os rumos da carreira de Góis. Embora afeito aos *studia humanitatis*, preparava-se para dispensar a tutoria de Grapheus de modo a retornar a Lisboa, onde ocuparia a posição de tesoureiro-mor da Casa da Índia. Consciente de que certamente seria perguntado acerca de sua amizade com Erasmo, solicitou uma resposta aos comentários que corriam em Louvain. Dizia-se que Erasmo havia se posicionado favoravelmente ao “divórcio inglês”, afirmação que Góis sabia ser falsa por ter ouvido coisa diferente de Erasmo. Como sua palavra não bastaria para apaziguar os ânimos, pediu ao humanista que desse permanência e confirmação da opinião sustentada por meio de uma carta<sup>202</sup>.

A atenção de Góis era respaldada por outros humanistas que mantinham contato com d. João III. João Driedo, doutor em Teologia formado em Louvain, escreveu ao monarca no mesmo mês. Propunha compendiar suas considerações sobre a crise religiosa então vigente num único opúsculo, o *De ecclesiasticis Scripturis et Dogmatibus*. Para além de cultuar a “velha prática e costume dos estudiosos” de oferecer textos a um soberano, a fim de “lhes [aos textos] proporcionar autoridade e alguma atenção em face daqueles que porventura pudessem condená-los como desprovidos de interesse”<sup>203</sup>, notara a erudição e liberalidade para os estudos

---

<sup>198</sup> FÁRIA, Francisco Leite. *Estudos bibliográficos sobre Damião de Góis e sua época...* P. 12.

<sup>199</sup> CLG A II. P. 43.

<sup>200</sup> CLG A IV. P. 45-47.

<sup>201</sup> TORRES, Amadeu (org). *Damião de Góis...* P. 383-384. Retomo esse episódio no capítulo 3.

<sup>202</sup> CLG A IV. P. 47.

<sup>203</sup> CLG B VIII. P. 147.

demonstrada por d. João III. Afinal, seu fomento de bolsas para que portugueses estudassem em Louvain, como o próprio Driedo, ou as inúmeras ofertas análogas para alunos que se dispusessem a viver em Paris – menos disponíveis antes do século XVI<sup>204</sup> - atestavam a singularidade do rei nesse particular. “Na verdade, nenhuns monarcas ou muito poucos neste século se mostraram igualmente preocupados com tais estudos”<sup>205</sup>.

Ao referir-se a “muito poucos” monarcas, Driedo certamente fazia menção a d. Manuel I e seus antecessores imediatos, pois eles, em menor grau mas ainda significativamente, estabeleceram o contínuo envio de seus súditos inclinados ao estudo a outras localidades; mais de 50 alunos portugueses, por exemplo, frequentaram os Estudos florentino no decorrer do período de 1473 a 1503<sup>206</sup>, época em que ocuparam o trono d. Afonso V e d. João II. Com efeito, d. João III era um estudioso ele próprio, seguindo os passos deixados por todos esses soberanos, segundo contava o “nobre varão, cultor e fautor das mesmas, o ilustríssimo Damião de Góis”, que agora partia para Portugal a fim de trabalhar sob comando régio em nova missão<sup>207</sup>.

Ainda naquele mês, outra correspondência deu testemunho do círculo de amizades de Góis e da dimensão do fluxo pelo qual passavam as notícias consideradas dignas de menção. Recebeu as felicitações do famoso humanista Juan Luís Vives pela conquista do novo cargo. Vives mostrou-se satisfeito pela liberalidade com que fez mercê a Góis o rei d. João III, que havia se revelado igualmente generoso para um grande amigo seu – e talvez também de Góis -, o bispo de Viseu e embaixador em Roma d. Miguel da Silva<sup>208</sup>. Ignoro haver qualquer correspondência entre Góis e d. Miguel da Silva, desconhecendo igualmente qualquer menção direta de um ao outro em seus textos. Porém, além de amigos em comum como Vives<sup>209</sup>, eles compartilhavam o apreço por Erasmo. O humanista eborense André de Resende notou tal ligação no seu *Erasmí Encomium*, de 1531. Quando tentava convencer o amigo de que os portugueses

<sup>204</sup> MATOS, Luís de. Le milieu universitaire. In: *Les portugais en France au XVIème siècle: études et documents*. Coimbra: Imprensa da universidade, 1952. P. 143-183. Entretanto, o século XV assistiu a um fluxo considerável de estudantes portugueses na Itália. Para alguns exemplos, Cf. DE SÁ, Artur Moreira. *Humanistas portugueses em Itália: subsídios para o estudo de frei Gomes de Lisboa, dos dois Luíses Teixeira, de João de Barros e de Henrique Caiado*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casada Moeda, 1982.

<sup>205</sup> CLG B VIII. P. 149.

<sup>206</sup> RAMALHO, Américo da Costa. Humanismo na corte de d. Manuel: Damião de Góis e o testemunho de Cataldo. In: ACADEMIA PORTUGUESA da História. *Damião de Góis e seu tempo (1502-1574): actas do colóquio*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2002. P. 2

<sup>207</sup> CLG B VIII. P. 149.

<sup>208</sup> CLG B IX. P. 151-153.

<sup>209</sup> Cf, nesse sentido, que Vives pediu a Góis que mandasse seus cumprimentos ao bispo de Viseu em carta de 1533. CLG B IX, P. 150-151.

não eram seus inimigos, pôs-se a mencionar aqueles que eram-lhe especialmente fiéis, referindo-se a d. Miguel da Silva, ínclito doutor na poesia e na filosofia<sup>210</sup>.

De todo modo, as circunstâncias da ascensão de Góis se desdobravam em correspondências não endereçadas a ele. Conrado Goclênio, por exemplo, fez questão de comentar o caso com Erasmo, elogiando o amigo português<sup>211</sup>. A correspondência ativa de Góis voltou a surgir em 1534. Em nove de abril daquele ano, comunicou a Bonifacius Amerbach sua chegada à estalagem da cegonha, ponto de encontro conhecido em Basileia<sup>212</sup>. Daí em diante, finalmente abandonou as funções régias oficiais, atendendo prioritariamente ao propósito de tornar-se um cultor das letras. Após estabelecer contato com Erasmo, recebeu como resposta a aceitação do príncipe dos humanistas para que morasse em Friburgo, ao seu lado<sup>213</sup>. Não há menção direta em seu epistolário – ou em suas obras – de algo que justificasse as razões pelas quais não permaneceu em Portugal no exercício do cargo que fora-lhe oferecido. Como Góis frequentemente usava os textos que escrevia para destacar sua autobiografia, as amizades estabelecidas, os feitos e glórias atingidos ou presenciados, creio ser lícito concluir que ele preferiu – ou foi convencido a – legar ao esquecimento esse episódio em particular<sup>214</sup>. Sendo assim, procuremos vislumbrar algumas respostas para o caso.

Carecemos de dados concretos capazes de explicar o que impediu a ascensão de Góis ao posto de feitor. A opinião que se tem repetido na historiografia portuguesa voltada ao tema geralmente parte de um comentário veiculado no século XVIII por Barbosa Machado, em sua *Biblioteca Lusitana*. Lá, ele afirmou, aparentemente de acordo com os preceitos retóricos (logo se percebe a tópica da *humilitas*) que nortearam a carreira do humanista que descrevia, que Góis “foy sempre inimigo do interesse, como mostrou recusando o Officio de Escrivão da Caza da Índia oferecido em o anno de 1533 por ElRey D. João o III<sup>215</sup>. O mesmo tom podemos encontrar em textos muito posteriores. Álvaro Dória argumentou que o abandono da posição a que fora indicado

---

<sup>210</sup> O texto de Resende data de fevereiro de 1531, editado por Froben, em Basileia, na coletânea *Carmen eruditum et elegans Angeli Andreae Resendii Lusitani, aduersus stolidos politioris literaturae oblatratores*. Consultei a seguinte edição: RESENDE, André. *Elogio de Erasmo (Erasmii Encomium)*. Trad. Walter de Sousa Medeiros e José Pereira da Costa. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1961 [1531]. P. 25.

<sup>211</sup> CLG B XI. P. 163.

<sup>212</sup> CLG A V. P. 51.

<sup>213</sup> CLG B XIX. P. 175.

<sup>214</sup> Tentarei esboçar uma explicação para esse esquecimento ainda nesta seção.

<sup>215</sup> MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana*. 2.ed. v.1 Lisboa: s/ed., 1930 [1741]. P. 617.

devesse ao fato de Góis estar “talvez nostálgico dos países que percorrera, habituado àquela vida de constante vagamundear tão querida ao seu espírito, e, possivelmente, arrependido de ter acedido a vir desempenhar na sua pátria funções tão sedentárias e apagadas...”<sup>216</sup>. Joaquim Veríssimo Serrão, sem maiores reflexões possivelmente por estar satisfeito com a versão corrente, insiste que o humanista iniciou à época uma “nova fase de sua vida, como escolar, desistindo do cargo de tesoureiro da Casa da Índia e cessando também o ofício na feitoria da Flandres”<sup>217</sup>.

Outro ponto sob o qual se ancora a crença da renúncia encontra-se na correspondência de Erasmo. Em epístola a Bembo datada de 16-VIII-1534, Erasmo solicitara ao amigo um manuscrito de Tito Lívio. Aproveita o ensejo para apresentar Góis a Bembo. Reproduzo a seguir passagem comentada no primeiro capítulo, com diferente propósito: “[...] Jovem nobre em seu país, que ocupou a parte mais brilhante da vida a tratar de negócios do seu Rei, mas tendo-se dedicado nos tempos livres, *de passagem como pôde*, aos estudos”<sup>218</sup>. [grifo meu] Argumentou que Góis “preferiu recolher em seu espírito o tesouro mais elevado” [a préféré recueillir dans son esprit un meilleur trésor]<sup>219</sup>, e “[...] por sugestão minha escolheu a Escola de Pádua, a mais ilustre de todas”<sup>220</sup>. Pediu que Bembo o ajudasse com a hospedagem, recomendando-lhe que o colocasse perto de nobres germânicos e franceses. “Está acostumado a vida um tanto lauta, apesar de ser sóbrio”<sup>221</sup>.

O historiador Jean Aubin oferece-nos uma complexificação interessante a essa perspectiva, e ela será adotada no decurso do trabalho. Relembra-nos de que Góis foi colega de infância dos filhos de D. Manuel, quando atuou como moço da câmara, de acordo com seu próprio relato na Crônica de D. Manuel I, de 1566-67. Além disso, era admirado por personagens importantes, destacando-se o conde D. Francisco de Portugal (o conde do Vimioso), então vedor da fazenda real. A ele Góis dedicou a tradução de Cícero que publicou em 1538.

---

<sup>216</sup> DÓRIA, Antônio Álvaro. *Damião de Góis*. Lisboa: Clássica, 1944. P. 6.

<sup>217</sup> SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *A Historiografia portuguesa: doutrina e crítica*. Lisboa: Verbo, 1972. P. 162.

<sup>218</sup> CLG B XXX. P. 191-193.

<sup>219</sup> AUBIN, Jean. Damião de Góis dans une Europe évangélique. *Humanitas*. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, vols. XXXI-XXXII, 1979-1980. P. 204.

<sup>220</sup> AUBIN, Jean. Damião de Góis dans une Europe évangélique... P. 204.

<sup>221</sup> AUBIN, Jean. Damião de Góis dans une Europe évangélique... P. 204.

Teria havido, apesar desse apoio (que, somado ao sucesso do desempenho de Góis, distancia a hipótese de puro e simples abandono em virtude do estudo no auge da carreira), uma ferrenha oposição de cortesãos do reino, talvez incomodados com a ascensão de um português “estrangeirado”. Aubin sustenta sua opinião com base no *De Vita Aulica*, de André de Resende. Naquele poema, Resende felicitava seu companheiro por ter conseguido escapar das intrigas da corte, “da facção que reina sobre o Estado” [de la faction qui règne sur l’Etat]<sup>222</sup>.

Do próprio Góis, temos poucas notícias para decidir o que pensar do caso. A melhor declaração que podemos extrair de sua obra vem da carta-prefácio escrita ao conde do Vimioso na tradução do *De Senectute*. Antes de passar à sua versão do texto, Góis faz menção dos perigos da tradução, perigos que, como havia dito Erasmo quando juntos estiveram, poderiam corromper completamente o pensamento dos antigos. Analogamente, a preocupação com a língua vernácula não podia escapar dos olhos do tradutor. É quando discorre sobre este aspecto que Góis lega-nos uma breve referência ao abandono do serviço régio.

O que ousei cometer, confiando leverem-me em conta sua doutrina e moderação todo erro que na polícia e ornamento de nossa linguagem portuguesa nele cometer. *Visto que, em dezasseis anos (da força e flor de minha idade), quatro meses somente quis minha sorte estar nesses reinos e corte, lugar de minha honra e criação, o que, me enviando a fortuna, logo me de aí rechaçou*<sup>223</sup>. [grifos meus]

Góis, possivelmente procurando evitar ser claro acerca das intrigas da corte, apenas refere que a força da Fortuna o levou de Portugal. Contudo, esse mesmo trecho deixa claro os porquês de Góis ter continuado a manter contato com a nobreza e os assuntos do reino. Seus vínculos com Portugal eram a fonte de sua honra, o local de onde poderia construir fama e ser reconhecido. À identidade humanista que haveria de formar, portanto, não escapava a identidade que o ligava ao reino.

<sup>222</sup> AUBIN, Jean. Damião de Góis dans une Europe évangélique... P. 204; 208-209.

<sup>223</sup> GÓIS, Damião de. Prefácio. In: CÍCERO, Marco Túlio. *Catão Maior ou da Velhice*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003. P. 104.



Como procurei argumentar no fim do primeiro capítulo, o aprendizado de Góis ao “escapar da corte” – ou dela ter sido afastado<sup>224</sup> -, apesar de intenso, possivelmente deu-se de modo apressado. Se já havia estudado latim, segundo a argumentação de Amadeu Torres, também é verdade que esse latim não era demasiadamente apurado<sup>225</sup>. A passagem epistolar na qual desculpa-se pelo mal latim, escrito em meio a atribuições que o impediam de aperfeiçoá-lo, [“...homem cortesão e pouco exercitado nas letras, além disso instantaneamente assoberbado de negócios sem conta...”] passa a pesar não somente pelo filtro dos preceitos retóricos, mas, ainda, como uma constatação a ser levada em conta na interpretação de sua atividade intelectual. Poderia essa marca de um aprendiz vacilante ter entorpecido a qualidade de sua escrita epistolar e opuscular? E, se correta a hipótese, poderá essa escrita ter deslocado seu eixo central para a rememoração das qualidades pessoais, do próprio valor, em suma, do prestígio, antes de concentrar-se prioritariamente na demonstração dos conhecimentos por ela reivindicados? Afinal, o que pretendia Góis com seus textos?

Aparentemente, ao chegar a Friburgo e hospedar-se com Erasmo, Góis poderia ter voltado suas costas ao mar, à epopeia desencadeada no seu reino de origem, epopeia que ajudara a alimentar com os sonhos da *Legatio* e com as mercancias da feitoria. Mas não: entre Góis e seu reino havia ligações profundas que o estudo da história haveria de descortinar; ora, como bem apontara Driedo, a liberalidade dos grandes, sobretudo do soberano, poderia conceder especial valor ao labor intelectual, e não era diferente com os cultores dos *studia humanitatis*. Em sua busca pelo saber humanista, indissolivelmente ligada à busca pelo prestígio, Góis deixou para trás certas memórias, como que banhado pelo Letè, sem contudo menoscabar o império do Tejo, agora através das águas do Reno, eterno Eünoé - que *nos Alpes vê-se projetar* - por cujas correntes

---

<sup>224</sup> Retomo a questão mais adiante, ainda neste capítulo.

<sup>225</sup> Apesar das críticas de historiadores portugueses como Amadeu Torres, os comentários de Marcel Bataillon sobre o latim de Góis têm algum valor. Bataillon, que sustentava ser o latim de Góis versava ser o latim de Góis “[...] médiocre, plein de solécismes et de barbarismes”, “[...] ses lettres sèches, sans le moindre souci de style [...]”, certamente exagerou, deixando de lado também as componentes retóricas porque Góis não teria preocupação com o estilo. Isso esvazia a interpretação de que as cartas latinas goisianas tivessem conteúdo memorial, tese que defendo aqui. Por outro lado, as cartas certamente continham diversas falhas gramaticais e mesmo ortográficas, algo que se pode atribuir, nalguns casos, à escrita apressada. TORRES, Amadeu. *A correspondência latina goisiana entre as motivações do seu humanismo cosmopolita*. In: NASCIMENTO, Aires A. (coord.). *Pedro Nunes e Damião de Góis: dois rostos do humanismo português* (actas do colóquio). Lisboa: Guimarães, 2002. p. 135-136.

passavam, conectadas por livros e cartas, as histórias cristã, germânica e romana<sup>226</sup>. Por onde passava o caminho da imortalidade.

\*\*\*

Já dispomos de elementos para traçar um panorama para o momento inicial de escrita das epístolas latinas goisianas. De acordo com as informações discutidas na seção precedente, Góis adotou a “carreira” humanista após um revés em suas pretensões na corte de d. João III. Diante da possibilidade de assumir, em Lisboa, o posto ocupado por João de Barros (humanista que, ao contrário de Góis, permaneceu próximo do rei), Góis chegou a alertar Erasmo de sua decisão, mudando de ideia posteriormente.

Tudo isso confirma que, a despeito de ter se aproximado de Grapheus anos antes, Góis estava ainda muito ligado à política portuguesa e, por conseguinte, a tópica que relaciona a cultura dos *studia humanitatis* ao serviço público aparece em sua vida com peso significativo, e não apenas protocolar. A trajetória de Góis deu-lhe a excelente oportunidade de, como Cícero, colocar-se afastado dos negócios, envolvendo-se com um período de ócio digno. Poucas passagens no *corpus* de Cícero parecem ter mais ligação com essa tópica e as circunstâncias de Góis – e não surpreende que os lamentos de Góis na carta em que acusa deter um latim quase bárbaro sejam um reflexo ou um desdobramento dessa tradição - do que o início do *De oratore*, quando Cícero lamenta a Quinto as turbulências que dificultaram seu percurso intelectual:

Refletindo inúmeras vezes e rememorando os tempos antigos, Quinto, meu querido irmão, costumam parecer-me extremamente ditosos aqueles que, no apogeu da república, ao se distinguirem tanto pelas honrarias quanto pela glória de seus feitos, puderam conduzir suas vidas de modo a estar fora de perigo em seus negócios ou, no ócio, com dignidade; e houve uma época em que julgava que também a mim seria lícito, e concedido por quase todos, que passasse a ter descanso e voltar novamente minha atenção para aqueles nossos ilustres estudos, caso o infinito trabalho das atividades no fórum, a ocupação com as candidaturas na carreira política e mesmo o declinar da idade o permitissem. [...] No entanto, seja em meio a tais adversidade da situação ou a tal falta de tempo, ocupar-me-ei de nossos estudos, e o quanto a perfídia dos inimigos, as causas dos amigos ou a república concederem-me de ócio, eu o dedicarei sobretudo a escrever<sup>227</sup>. (*De oratore*, I, 1-3)

<sup>226</sup> FEBVRE, Lucien. *O Reno: história, mitos e realidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. P 150-151.

<sup>227</sup> “Cogitanti mihi saepe numero et memoria vetera repetenti perbeati fuisse, Quinte frater, illi videri solent, qui in optima re publica, cum et honoribus et rerum gestarum gloria florent, eum vitae cursum

Veremos ao longo do epistolário de Góis inúmeros contatos com agentes portugueses nas esferas religiosa e política, mas, para comprovar esse vínculo, não precisamos ir longe, já que boa parte da obra goisiana dirige-se à história de Portugal e foi dedicada a portugueses. Conforme salientei na introdução e nos tópicos precedentes, Góis esteve ligado a mais do que uma comunidade imaginada (cristãos, portugueses, humanistas), articulando-se com todas elas na construção de seu prestígio público e vida de estudos.

Ora, ao mesmo tempo em que desenvolvia o aprendizado do latim com Grapheus, Góis teve de entrar em contato com a vasta literatura antiga editada em escala ascendente. Essa literatura, com efeito, além de lhe fornecer o instrumental necessário de língua latina, disciplinava as formas e conceitos da escrita humanista, fossem voltadas ao exercício da erudição, fossem voltadas às interações sociais, ou, como frequentemente era o caso, fossem uma fusão de ambos<sup>228</sup>. É de se esperar que o advento de uma intensa atividade epistolar latina tenha suscitado no humanista português um anseio em compreender as regras do gênero. Embora não tenha admitido a leitura de algum texto em particular, a escassez de obras voltadas à *Ars dictaminis* e as inclinações intelectuais de Góis sugerem uma possibilidade. Antes de passar ao texto em questão, convém discutir em linhas gerais as relações entre cartas e humanistas e a importância dos preceitos antigos em sua formulação.

---

tenere potuerunt, ut vel in negotio sine periculo vel in otio cum dignitate esse possent; ac fuit cum mihi quoque initium requiescendi atque animum ad utriusque nostrum praeclara studia referendi fore iustum et prope ab omnibus concessum arbitrari, si infinitus forensium rerum labor et ambitionis occupatio decursu honorum, etiam aetatis flexu constitisset. Quam spem cogitationum et consiliorum meorum cum graves communium temporum tum varii nostri casus fefellerunt; nam qui locus quietis et tranquillitatis plenissimus fore videbatur, in eo maximae moles molestiarum et turbulentissimae tempestates exstiterunt; neque vero nobis cupientibus atque exoptantibus fructus otii datus est ad eas artis, quibus a pueris dediti fuimus, celebrandas inter nosque recolendas. Nam prima aetate incidimus in ipsam perturbationem disciplinae veteris, et consulatu devenimus in medium rerum omnium certamen atque discrimen, et hoc tempus omne post consulatum obiecimus eis fluctibus, qui per nos a communi peste depulsi in nosmet ipsos redundarent. Sed tamen in his vel asperitatibus rerum vel angustiis temporis obsequar studiis nostris et quantum mihi vel fraus inimicorum vel causae amicorum vel res publica tribuet otii, ad scribendum potissimum conferam; [4] tibi vero, frater, neque hortanti deero neque roganti, nam neque auctoritate quisquam apud me plus valere te potest neque voluntate”. A tradução do excerto em português foi retirada do trabalho de Adriano Scatolin, que produziu a primeira versão completa desse texto em nosso idioma. SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do Orador de Cícero: um estudo à luz de Ad familiares, I, 9, 23*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009 (tese de doutorado). P. 148.

<sup>228</sup> REEVE, Michael D. Classical scholarship. In: KRAYE, Jill. *The Cambridge companion to Renaissance humanism*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010 [1996]. P. 23-24.

Com a carta teria latina começado o movimento humanista. A tese, controversa por ser compreendida como uma interpretação kristelleriana extremada<sup>229</sup>, foi defendida alguns anos atrás por Ronald Witt, discípulo de Kristeller. Todavia, a carta de que falava Witt em *The origins of humanism: from Lovato to Bruni* (2001) reportava-se ao mundo medieval. Para o autor, os primeiros humanistas teriam surgido a partir da atividade dos *dictatores*, peritos na arte epistolar e na escrita de discursos<sup>230</sup>. A diferença entre eles residiria no fato de que os humanistas contavam com os modelos dos textos clássicos e procuravam emulá-los em termos estéticos, enquanto os *dictatores* medievais não dispunham de tais instrumentos, tampouco cultivavam interesse na imitação. Agindo contra a ascensão da língua vulgar em seu ambiente intelectual, o paduano Lovato dei Lovati teria instituído o esforço pioneiro de renovar a poesia latina da Antiguidade. Para Witt, ele teria sido o verdadeiro inaugurador do humanismo, e não Petrarca. Porém, os textos em prosa de Lovati, inclusive aqueles de caráter epistolar, foram escritos totalmente amparados na *Ars dictaminis* medieval<sup>231</sup>. A situação só viria a se alterar no século seguinte, com os textos em prosa escritos por Albertino Mussato em 1315<sup>232</sup>.

De tudo isso Witt conclui que, ao menos até 1400, o humanismo foi um fenômeno gramatical, e não retórico. Pouco a pouco, humanistas como Salutati, que escreviam textos de uso público no latim ligado à *Ars dictaminis*, passaram a valer-se de construções clássicas no diálogo privado. Aqui, novamente, as cartas desempenharam papel crucial.<sup>233</sup>

---

<sup>229</sup> Para uma crítica equilibrada, cf. BLACK, Robert. *The renaissance and humanism: definitions and origins*. In: WOOLFSON, Jonathan (org.). *Renaissance Historiography* (Palgrave advances). New York : Palgrave Macmillan, 2005. P. 103-114.

<sup>230</sup> Lembrando o trabalho de Kristeller, Witt afirma: “[...] He [Kristeller] argued that the humanists usually worked as teachers of rhetoric and grammar or served as notaries and lawyers. The latter two professional groups were charged with writing letters and making speeches on behalf of political powers. They were not philosophers but instead specialized in rhetoric, grammar, history, and ethics, areas of learning reflected in the kinds of issues they wrote about. WITT, Ronald G. “*In the footsteps of the ancients*”: the origins of humanism from Lovato to Bruni. Leiden: Brill, 2001. P. 2

<sup>231</sup> BLACK, Robert. *The renaissance and humanism: definitions and origins*... P. 106-108.

<sup>232</sup> “Written by Lovato dei Lovati in 1267/1268, humanism appears to have been a part of the advanced stage of the grammatical revival. Indeed, a careful reading of the poetic and prose production of northern and central Italians in the decades after the appearance of Lovato’s poems indicates that humanistic classicizing remained restricted to poetry until 1315, when Mussato wrote his first historical work in prose. Given the almost fifty-year lag between poetry and prose, the origins of Italian humanism are to be sought in developments in grammar and not rhetoric. For decades while prose remained captive do medieval forms, humanists found an outlet in poetry for their desire to emulate the ancient Romans”. WITT, Ronald G. “*In the footsteps of the ancients*”... P. 17.

<sup>233</sup> WITT, Ronald G. *Kristeller’s humanists as heirs of medieval dictatores*. In: MAZZOCCO, Angelo. *Interpretations of Renaissance Humanism*. Leiden: Brill, 2006. P. 22-23.

Sem insistir na discussão sobre as origens dos humanistas – assunto curiosíssimo e essencial para qualquer estudioso do Renascimento, mas distante da alçada desta dissertação -, é lícito utilizar os dados trazidos por ela para discutir a redação das cartas humanistas. Elas diferenciavam-se das medievais em alguns aspectos além dos mencionados. Acima de tudo, as cartas medievais escritas pelos supostos predecessores dos humanistas por seu forte conteúdo de autoridade. Uma epístola medieval, contrariamente ao que se prescrevia na retórica antiga, pressupunha uma exortação ao título ou status do remetente e destinatário, deixando de lado o *exordium* clássico, que prescrevia o *topos humilis* e a argumentação como capacidades principais de convencimento<sup>234</sup>. Assim, podemos isolar o componente *retórico-persuasivo* como o primeiro elemento resgatado pelos humanistas nos séculos XV e XVI.

A segunda característica a remarcar diz respeito aos usos das cartas. As cartas humanistas, assim como as demais na época de Góis<sup>235</sup>, tinham grande vocação comunicativa. Prestavam-se, por vezes, a profundos exercícios de retórica e lições de língua latina. Mas, assim como quaisquer outras missivas, tinham, por vezes, o objetivo de dar notícias simples, nas quais dificilmente poderíamos enxergar mais do que uma pura troca de informações. Não obstante ser esse caso incomum na epistolografia latina goisiana ainda disponível, podemos tirar dela um exemplo claro. Na carta enviada a Bonifacius Amerbach em 9-IV-1534, isto é, no momento em que dirigia-se à casa de Erasmo para lá residir, Góis simplesmente escreveu:

Meu ótimo amigo Bonifácio, o teu Damião ei-lo que demora na estalagem da Cegonha<sup>236</sup>. Deseja ir ter contigo, desde que saiba que estás em casa; ou, se te apraz, convida-te para a ceia. Adeus. Teu, Damião de Góis. [Amice optime Bonifati, tuus Damianus en tibi adest

---

<sup>234</sup> Black resume bem a questão: “The Ars dictaminis added a new section to the ciceronian doctrine of the parts of a rhetorical composition: the salutatio (greeting). Classical orations began with an exordium (introduction) whose purpose was to win the audience’s sympathy through various standard arguments (for example, by assuming falsa modesty [topos humilis]), but medieval dictamen predisposed the recipient of a letter by deferring to rank, as spelled out in the salutation. The Ars dictaminis tended to devalue the exordium at the expense of the salutatio, whereas classical rhetorical theory assumed that neither speaker nor audience commanded authority through standing: it was argument that counted.” BLACK, Robert. The renaissance and humanism: definitions and origins... P. 111-112.

<sup>235</sup> O uso informativo das cartas foi exemplificado por mim na introdução, para o qual remeto o leitor.

<sup>236</sup> Interessa notar que a estalagem da Cegonha era uma residência para embaixadores, o que constitui mais uma evidência do permanente trânsito de Góis com os agentes régios mesmo após seu desligamento. TORRES, Amadeu. Noese e crise na epistolografia latina goisiana... P. 255.

in diuersorio Ciconiae. Cupit ad te uenire, modo sciat te domi manere; aut, si libet, te orat ad cenam conuiuiam. Vale.<sup>237]</sup>

A interpretação de verdadeiros bilhetes como o citado não pode ir muito além do seu conteúdo informativo, ainda que informações úteis para a biografia do humanista possam ser identificadas nela<sup>238</sup>.

Há ainda que ressaltar um desdobramento da característica anterior, qual seja, o da carta humanista como ponte de diálogo entre ausentes. A noção de diálogo entre ausentes também surgiu no mundo antigo, aparentemente com Libânio, sendo referida por alguns manuais de retórica no século XVI<sup>239</sup>, e confere à carta uma tarefa nobre: manter os amigos conquistados próximos, ainda que imperasse entre eles o afastamento físico. Não apenas instrumento de criação da amizade, mas mecanismo de estreitamento dos laços e manutenção da memória dos doutos ou familiares diálogos entre remetente e destinatário<sup>240</sup>, essa aplicação da atividade epistolar relaciona-se aos comentários sobre a pintura de retrato por Alberti em *De pictura*:

Contém em si a pintura – tanto quanto se diz da amizade – a força divina de fazer presentes os ausentes, mais ainda, de fazer dos mortos, depois de muitos séculos, seres quase vivos, reconhecidos com grande prazer e admiração para com os artífices<sup>241</sup>. [...] Assim, a fisionomia de quem já está morto vive pela pintura longa vida.<sup>242</sup>

A aquisição de pinturas de retrato – que tanto chamaram a atenção de Góis durante toda sua vida – e a troca epistolar constituíam, assim, duas estruturas basilares da amizade humanista, devendo ambas sua articulação, ao que parece, às prescrições de

<sup>237</sup> CLG A V. P. 50-51.

<sup>238</sup> TORRES, Amadeu. Noese e crise na epistolografia latina goisiana... P. 256-259. Darei mais informações sobre o assunto no capítulo 3, quando discutirei as relações entre Góis e Amerbach.

<sup>239</sup> Luís Vives serve de exemplo: “[...] epistola imago quaedam est quotidiani sermonis, ac colloqui cuiusdem perpetui nec enim in aliud est inventa, quam ut absentium sermones referat ac repraesenter. Itaque, illud debet potissimum efficere, ut quam proxime poterit, colloquia et sermonem familiarem exprimat, prudentum dico et eruditorum, nam optima quae que sunt arti aemulanda, quo mediocria saltem consequatur [...]. Ioanis Lodovici Vivis *Linguae latinae exercitatio* [...] *De conscribendis epistolis libellus vere aureus* (Froben, 1527). P. 404.

<sup>240</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar. Trad. Emerson Tin. In: TIN, Emerson. *A arte de escrever cartas*. Campinas: UNICAMP, 2005. [1521] P. 112.

<sup>241</sup> ALBERTI, Leon Battista. *Da pintura*. Trad. Antônio da Silveira Mendonça. Campinas: UNICAMP, 1992. P. 95

<sup>242</sup> ALBERTI, Leon Battista. *Da pintura*... P. 95-96.

Cícero<sup>243</sup>. Se Alberti preocupava-se com a permanência de um dado personagem possibilitada pela memória viva da pintura, o mesmo viria a fazer Góis com suas cartas que, de instrumentos fugazes, passaram a compor um livro de sua trajetória na República das Letras.

O desenvolvimento da carta humanista fornece-nos notícias adicionais que podem ser úteis na avaliação do problema da sobrevivência por meio das cartas. Ainda que possa vir a perder o “título” de “primeiro humanista” na seara acadêmica, Petrarca continua absolutamente central no tocante à recuperação de textos da antiguidade, e, dentre eles, um vital conjunto epistolar. Ao cabo de numerosas investigações realizadas durante o ano de 1345, ele encontrou as cartas de Cícero a Ático, Quinto e Brutus. O achado de Petrarca teve tamanha importância que, “[...] movido pelas epístolas, ciceronianas, passaria a reescrever suas cartas para posterior publicação”<sup>244</sup>.

Além de escrever cartas de modo a vê-las publicadas, Petrarca viria mesmo a redigir uma carta aos póstumos, um verdadeiro testemunho intelectual de seu desejo de persistir na memória dos humanistas vindouros. Um esforço, como salientou bem Karl Enekel, de *autorrepresentação*<sup>245</sup>. A *epistola posteritati*<sup>246</sup> de Petrarca, assim, constitui-se como um modelo que afetou, direta ou indiretamente, grande parte da escrita epistolar da época goisiana.

Como definir a ideia de autorrepresentação? Em termos bastante gerais, pode-se situar esse conceito a partir da constatação de que, ao labor dos cultores dos *studia humanitatis* no resgate dos valores clássicos vinculados sobretudo à tradição greco-latina, seguiu-se um considerável investimento na modelação de suas carreiras e identidades, conformadas de modo a equiparem-se tanto às de seus semelhantes coevos

---

<sup>243</sup> É relevante ressaltar que tanto a passagem de Erasmo quanto a de Alberti parecem dever em comum ao *De Amicitia* de Cícero (7, 23).

<sup>244</sup> TIM, Emerson. Introdução. In: *A arte de escrever cartas...* P. 43-44.

<sup>245</sup> O conceito vem sendo trabalhado exemplarmente por Karl Enekel, docente da Universidade de Leiden. Cf. ENENKEL, Karl. In search of fame: self-representation in Neo-Latin. In: GERSH, Stephen; ROEST, Bert. *Medieval and Renaissance Humanism: Rhetoric, Representation and Reform*. Leiden/Boston: Brill, 2003. P. 93-114.

<sup>246</sup> A *Epistola Posteritati* de Petrarca é também marcante por nela estarem traços do amor umbilical a fazer Petrarca oscilar entre a nostalgia da antiguidade, a *media aetas* que encheria de trevas e o futuro, aberto ao sonho de reforma de seu humanismo. “[...] Io attesi unicamente, ne’ molti miei studi, alla conoscenza dell’antichità: poiché questa età mia sempre mi dispiacque; così che se l’amor de’ miei piú cari non avesse creato una contraria voglia in me, sempre io avrei anzi tolto d’essere nato in ogni altra età, che in questa [...]”. PETRARCA, Francesco. Lettera ai posteri o autobiografia. In: SOLERTI, Angelo (org.). *L’autobiografia, il secreto e dell’ignoranza sua e d’altrui di messer Francesco Petrarca*. Florença: Sansoni, 1904. P. 12.

quanto às de seus predecessores<sup>247</sup>. O objetivo de tais ações era, com efeito, assegurar aos humanistas a mesma imortalidade que aspiravam aos textos, objetos artísticos e personagens clássicos recuperados, e apenas a soma de ambos os esforços poderia tornar satisfatoriamente explícito o amplo projeto civilizacional a que já referi como o “sonho do humanismo<sup>248</sup>”.

Mas mesmo entre aqueles cujas ambições nem remotamente tocavam a reforma de toda a *Respublica Christiana* firmou-se, de maneira contundente, o interesse pela autorrepresentação. A busca da fama e da glória individuais por vezes voltava-se de forma mais específica à tentativa de inserção na República das Letras, a *Respublica litteraria*, verdadeiro palco no qual os humanistas depositavam a esperança de que seus méritos viessem a ser valorizados.

O célebre historiador do Renascimento Pierre Mesnard se manteve próximo dessa posição. Ele chamou a atenção para a consciência reflexiva dos humanistas, sempre dispostos a incensar uns aos outros com glórias literárias por vezes imerecidas. Críticos desse comportamento opunham o artificialismo da prática elogiosa à natureza criativa dos gênios - Pietro Aretino publicou críticas nesse sentido na “Carta aos pedantes”, mas apresentou comportamento similar em suas epístolas. Nela, ele dizia que não era um humanista, os associando à escrita vã cujo único objetivo era a fria imortalização<sup>249</sup>.

Os esforços de Petrarca perpassaram gerações. Salutati continuou a busca pelos arquivos florentinos, e acabou por descobrir, em 1392, o epistolário de Cícero *Ad familiares*. Ainda que, na altura, as cartas não tivessem modificado sua estrutura completamente rumo à carta humanista ciceroniana, algo que só viria a ser alcançado

---

<sup>247</sup> O delicado equilíbrio entre as tentativas de regeneração da Antiguidade e de sua superação é assunto recorrente nas investigações renascentistas. Alguns comentários a respeito desse problema, em diferentes patamares de aprofundamento e análise crítica, podem ser lidos em DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Lisboa: Edições 70, 2004. [1984] p. 76-77; QUEIROZ, Teresa Aline Pereira de. *O Renascimento*. São Paulo: EDUSP, s/d. p. 14; PIGMAN III, G. W. Versions of the Imitation in the Renaissance. *Renaissance Quarterly*, Vol. 33, Nº 01 (Spring). University of Chicago Press, 1980. P 1-32; MARGOLIN, Jean-Claude. Apologie pour l’Humanisme: de la globalisation à la sectorisation d’un concept socio-historique. *Península – Revista de Estudos Ibéricos*. v. 1. Porto: Faculdade de Letras, 2004. P. 15-36. BYINGTON, Elisa. *O projeto do Renascimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. P. 15-29

<sup>248</sup> Indubitavelmente, deve-se recordar que o abrangente projeto de reestruturação da sociedade e da cultura a que aludi não fez parte da agenda de todos os humanistas, talvez sequer à maior parte deles. Todavia, conforme ressaltou o breve e luminar livro de Francisco Rico acerca do tema, esteve sempre próximo de seus maiores expoentes, personagens que foram determinantes na construção dos debates a que todos, em maior ou em menor grau, tiveram de se reportar. RICO, Francisco. *El sueño del humanismo...*

<sup>249</sup> MESNARD, Pierre. Le commerce épistolaire comme expression sociale de l’individualisme humaniste. In: MESNARD, Pierre et al. *Individu et société à la Renaissance: colloque international – 1965*. Bruxelas: Presses Universitaires de Bruxelles, 1967. P. 17-18; 172-173.



com Pietro Bembo e Lázaro Buonamico<sup>250</sup>, dois cardeais com quem Góis viria a se encontrar, o caminho para tanto ganhava forma a passos largos. Quando Góis frequentou as aulas de Grapheus e quando decidiu mudar-se para Friburgo de Brisgóia, muitos outros nomes já haviam se consolidado no gênero – Leonardo Bruni, Poggio Bracciolini, o papa Piccolomini, Filelfo, Ficino e Poliziano<sup>251</sup>. Epistolários como o de Filelfo iam aos prelos rapidamente, em até um ano após a morte do autor, o que demonstra a relevância desses escritos para outros humanistas e, talvez, expresse a vontade do redator de ver seu trabalho passar às mãos dos séculos<sup>252</sup>.

A explosão da prática epistolar nos moldes humanistas motivou a publicação de tratados modernos sobre o gênero. Tanto Francesco Negro, com seu *Ars epistolandi*, quanto Heinrich Bebel, que publicou o *Commentaria epistolarum confendarum*, desenvolveram regras a partir das premissas discutidas nos últimos parágrafos, isto é, o entendimento da carta como diálogo entre ausentes, a expressão familiar do discurso (o *sermo*), o papel prevalente de Cícero (e textos a ele atribuídos, como o *Ad Herennium*) e Quintiliano na formulação retórica da escrita epistolar, etc. Neste último ponto, revemos, nesses autores, os elementos recorrentes na escrita goisiana: “[...] ao contrário, defende [Bebel] que se deve atentar para a persuasão e a dissuasão, para a declaração da amizade, para a exortação à virtude, para a detenção do vício”<sup>253</sup>. Esses elementos devem ser lidos, portanto, como a aplicação de técnicas retóricas capazes de suscitar a aceitação e a boa convivência entre os membros da República das Letras, garantindo – sigo aqui a ótica de Enenkel - a possibilidade de ascensão e ganho de prestígio.

Isso nos leva a uma brevíssima digressão. Assumir o conteúdo retórico das fórmulas de amizade e gratidão nas cartas humanistas impõe-nos reconsiderar alguns desvios interpretativos para o caso de Góis e outros humanistas portugueses do século

---

<sup>250</sup> “[...] Contudo, apenas os dois célebres secretários e estilistas de Leão X – Pietro Bembo e Jacopo Sadoletto – alcançaram de fato o topo da fama. [...] Pode-se imaginar quão diligentemente as cartas de Cícero, Plínio e outros foram estudadas àquela época. Já no século XV surge toda uma série de instruções e fórmulas para a escrita de cartas em latim (na condição de um ramo secundário dos grandes trabalhos de gramática lexicografia), sendo tamanha a proporção de obras dessa natureza nas bibliotecas [...]. Os especialistas esforçavam-se por apurar-se em seu ofício, de modo que as cartas de Poliziano e, no início do século XVI, as de Pietro Bembo surgiram, então, como obras-primas inigualáveis – não apenas do estilo latino, como também da epistolografia como tal.” BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália...* P. 173-174.

<sup>251</sup> TIM, Emerson. Introdução. In: *A arte de escrever cartas...* P. 44-45.

<sup>252</sup> TIM, Emerson. Introdução. In: *A arte de escrever cartas...* P. 46-47.

<sup>253</sup> TIM, Emerson. Introdução. In: *A arte de escrever cartas...* P. 46-47.

XVI. Afinal, a tradição historiográfica que propõe ser Góis um herói<sup>254</sup> da cultura lusa, devido ao seu encarceramento e boas relações com personagens de toda a Europa, deveu muito à leitura de Diogo Barbosa Machado de que Góis havia sido um “inimigo do interesse e cultivador da amizade”<sup>255</sup>. Esse tipo de leitura aparece em alguns autores contemporâneos, como Sebastião Tavares de Pinho. Em importantíssimo estudo sobre d. Jerônimo Osório, o maior prosador em estilo ciceroniano de Portugal e um verdadeiro seguidor de Damião de Góis, o historiador argumentou que “[...] a análise epistolar revela algumas das principais preocupações que dominavam a vida dos homens do Renascimento, como o amor pelo saber, o culto da amizade, o reconhecimento do mérito alheio e a permuta da gratidão”<sup>256</sup>. A ponderação não está incorreta, mas, sem os devidos alertas, considerações como as de Pinho podem acabar deixando de lado o fato de que “[...] as prescrições [...] são constitutivas dos objetos que produzem. Ou seja, o que as cartas particulares informam está invariavelmente em função do que o gênero prescreve e permite significar”<sup>257</sup>. Devemos sempre estar atentos ao *temperamento datado* das epístolas, avaliando o que normas ocultas – porque evidentes em seu contexto original<sup>258</sup> – podem transmitir sem que percebamos. Daí a necessidade e o interesse em tentar captar ao menos parte<sup>259</sup> da tradição retórico-epistolar de que Góis se serviu.

\*\*\*

Depois dos tratados de Negro e Bebel começam a surgir tratados cuja complexidade é maior. Trata-se do período de aparecimento dos textos de Erasmo acerca da arte epistolar, fase em que ocorre o amadurecimento do gênero. Antes de comentá-los, seria conveniente discorrer brevemente sobre o panorama da arte epistolar

<sup>254</sup> Um bom exemplo desta atitude na historiografia goisiana contemporânea encontra-se em TORRES, Amadeu. Traços prosopográficos de Damião de Góis... Retomarei esse texto no aspecto enfatizado na conclusão do estudo.

<sup>255</sup> Cf. P. 76-77 desta dissertação.

<sup>256</sup> PINHO, Sebastião Tavares de. Epistolografia e Humanismo em d. Jerônimo Osório. In: *Humanismo em Portugal: Estudos II*. Lisboa: INCM, 2006. P. 98.

<sup>257</sup> PÉCORA, Alcir. Velhos textos, crítica viva. In: TIM, Emerson. *A arte de escrever cartas...* P. 12-13.

<sup>258</sup> As formas de lidar com a leitura de documentos em busca da “excepcionalidade normal”, em busca das leituras que nos ajudam a enxergar regras de outro modo invisíveis, são tributo que a micro-história nos legou. Cf., dentre inúmeros exemplos dessa perspectiva, GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. In: *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. [2006] P. 249-279.

<sup>259</sup> Com efeito, “[...] não se trata de descobrir o primeiro sentido das cartas, mas ajustar seus vocabulários a época de sua produção e ponto contemporâneo dos debates sobre a questão.” PÉCORA, Alcir. Velhos textos, crítica viva. In: TIM, Emerson. *A arte de escrever cartas...* P. 14.

nos territórios germânicos, uma vez que o próprio Erasmo era universalmente conhecido como *germanus* naquele momento e de fato interagiu com aquela tradição<sup>260</sup>.

As cartas humanistas nos territórios germânicos privilegiavam, geralmente, o exercício da erudição antes do rigor no estilo, representando as aspirações dos conselheiros imperiais que as escreviam. A semelhança no tom criou, naqueles territórios, mais solidariedades literárias do que nas academias italianas, fazendo com que certo modo de escrever prosperasse em extensas regiões. Ao mesmo tempo, inúmeras rivalidades pela primazia da arte epistolar despontaram nas zonas do Sacro Império e em seu centro.

Um dos expoentes da atividade epistolar germânica foi Konrad Peutinger (1465-1545), que viveu em Ratisbona. Ele inspirou cartas de Celtis, Pirkheimer, Aventinus, Brant, Reuchlin, Hutten e de Erasmo. Willibald Pirkheimer (1470-1530), de Nuremberg, manteve contato com Dürer quando este estava em Veneza (trocaram cerca de 10 cartas). Isso demonstra, sempre segundo Mesnard, a dependência germânica dos modelos italianos. Jean Cuspinien (1473-1529), residente em Viena, foi um humanista de origem francesa que caiu nas graças do imperador Maximiliano I. Escreveu textos sobre a história da Áustria (Basileia, 1553), sobre a ameaça dos turcos; um catálogo dos imperadores germânicos (1540), dentre outros textos. Sua residência em Schwechat (conhecida como *Foelicianum*) foi centro da cultura intelectual da República das Letras por muitos anos. Konrad Celtis (1459-1508), de Nuremberg. Recebeu, nessa cidade, a coroa de louros atribuída aos poetas pelo imperador Frederico III. Manteve sua fértil atividade entre os vales do Reno e do Danúbio, produzindo extensa correspondência. Mesnard pensa ser ele importante para esse panorama por ter sido um dos poucos germânicos do século XVI intensamente preocupados com a forma na escrita de

---

<sup>260</sup> Américo da Costa Ramalho lembra esse fato curioso ao narrar a trajetória do licenciado António Luís, intelectual lisboeta que criticou severamente Erasmo e os “alemães” para manter-se livre da Inquisição, uma vez que havia já sido detido por ela em 1539. Ele tentou provar que o barbarismo de Erasmo era tão grande que ele não chegava a saber grego – acusação completamente infundada, diga-se de passagem. De todo modo, o opúsculo que contém essas críticas, *Annotaciones aliquorum locorum in quibus hallucinatus est Erasmus...* [notas sobre alguns passos em que Erasmo disparatou...], disponível na Biblioteca da Ajuda, deve valer a leitura. RAMALHO, Américo da Costa. Duas opiniões sobre os germani no Portugal Quinhentista. In: *Para a História do Humanismo em Portugal* (III)... P. 132

cartas<sup>261</sup>. Recebeu protestos de admiração e defesa epistolar de seus amigos em duas coletâneas: *Clarorum virorum epistolae* (1515) e *Illustrium virorum epistolae* (1519)<sup>262</sup>.

Quanto a Erasmo, pode-se dizer que o intenso ambiente epistolar não apenas da Germânia, mas de toda a República das Letras, o motivou a escrever tratados sobre o tema. Tendo cabido a ele o papel mais preponderante na escrita epistolar na Europa do século XVI, era de se esperar que ele procurasse orquestrar algum controle do gênero por meio da produção de manuais. Mesnard qualifica suas cartas, editadas brilhantemente por P.S. Allen em 12 volumes<sup>263</sup>, como o documento mais importante para o estudo do humanismo. [c'est le document le plus important pour l'étude de l'humanisme]

As cartas de Erasmo serviam a vários propósitos. Em primeiro grupo atendia às agendas de Erasmo e do erasmismo junto a governantes seculares e religiosos. Eram as cartas voltadas, por exemplo, à defesa da paz<sup>264</sup>, cartas que, caso bem recebidas,

---

<sup>261</sup> “Celtis est un des rares Allemands chez qui prédomine le souci de la forme”. MESNARD, Pierre. Le commerce épistolaire comme expression sociale de l'individualisme humaniste... P. 22.

<sup>262</sup> Retirei as informações acima de MESNARD, Pierre. Le commerce épistolaire comme expression sociale de l'individualisme humaniste... P. 20-22.

<sup>263</sup> Eis a referência para o primeiro volume: ALLEN, P. S. *Opus epistolarum Des. Erasmi Roterodami. Oxonii* [Oxford]: Typographeo Calendoniano [Oxford University Press], 1906.

<sup>264</sup> Charles Moulin, um dos expoentes dos estudos erasmianos no século XX, cita um exemplo significativo desse tipo de carta. “Le problème de la guerre et de la paix est un de ceux qui passionnent notre humaniste. Bien souvent, dans ses traités comme dans ses lettres, il invite les hommes à une meilleure entente et chante les bienfaits de la paix. En 1523 il fait paraître à Bâle, chez Froben, en préface à sa paraphrase de Saint-Marc, une longue lettre à François Ier. Il exhorte ce prince à user de son crédit et de sa puissance en faveur de la paix”. MOULIN, Charles. *Érasme: introduction et choix de lettres* par Charles Moulin. Paris: L'enfant poète, 1948. P. 126. Na realidade, essa carta reproduz pensamentos que ocupavam Erasmo desde muito antes, como o prova o famoso adágio 3001, publicado pela primeira vez em 1508. “A guerra só é doce para aqueles que não a fizeram” parece ser o excerto inicial, a que se seguem estas palavras, cunhadas por Píndaro (c. séc. VI – V a. C): “... Mas quem conhece a guerra sente, logo que dela se aproxima, um horror extremo”. Erasmo sugere que, como criatura de Deus urgida para emulá-lo, o homem seria por excelência o animal mais distante da violência. Ademais, apela para a consciência dos leitores a percepção do fato de que a guerra tornou-se uma doença tão terrível que chega a fazer com que cristãos se massacrem mutuamente em nome de Deus. A partir daí, consegue aduzir um argumento pertinente ao humanismo; crente de que a amizade é o valor mais importante a existir entre os homens, Erasmo procura levar o texto a concluir que a paz não é senão “uma amizade entre muitos homens”. Ademais, dizia que a verdadeira vitória contra os turcos viria da demonstração de que os cristãos tinham “uma vida pura, o desejo de fazer o bem mesmo aos inimigos, o desprezo pelo dinheiro, o esquecimento da glória, o pouco valor dado à vida”. A conclusão do adágio adota a costumeira ironia polêmica de Erasmo: “Prefiro um verdadeiro turco a um falso cristão”. ANSELMO, Artur. Reflexões sobre o adágio erasmista “DVLCE BELLVM INEXPERTIS”. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. Nº 16. Lisboa, Colibri, 2003. P. 281-284. Não cabe esquecer, ainda, que Erasmo não estava sozinho na defesa da paz. O outro personagem arquetípico desta dissertação, Cícero, fizera o mesmo (*Brutus*, 12, 45). “Em Roma, Cícero pensava que a eloquência era a ‘companheira da paz’, incapaz de se desenvolver nos tumultos que acompanhavam o surgimento das cidades ou quando se alastrava a guerra [...]”. HARTOG, François. Oradores e historiadores. In: *Evidência da História...* P. 36.

rapidamente emergiam dos prelos como prefácios de suas obras<sup>265</sup>. Poderíamos isolar, ainda, um segundo grupo de missivas, responsáveis por manter abertos e contínuos os diálogos com a República das Letras. Afinal, como já sugeri, os mecanismos epistolares eram os principais meios de construção e manutenção da amizade<sup>266</sup>.

Nesse ponto, as explicações de Mesnard em torno à arte epistolar erasmiana caminham paralelamente ao que se tem insistido ao longo da dissertação. Mesnard suspeita que a amizade epistolar humanista fosse, acima de qualquer outra explicação, um mecanismo de conquista e distribuição de glória:

Mas podemos nos perguntar, na imensa maioria dos casos, se essa amizade não está viciada desde o princípio pelo individualismo excessivo dos humanistas e pela parte abusiva que os ocupa a preocupação de sua própria glória. Glória de contar com um número considerável de amigos (que deixa-se sempre claro serem mais ou menos seus discípulos). Glória de ligar ao seu carro de triunfo os escritos mais célebres da época de se ver preferido por eles diante de qualquer outro rival<sup>267</sup>.

A fórmula de Mesnard pode ser encarada como síntese do princípio que governa a hipótese central desta dissertação, pois é precisamente a esse quadro que acredito pertencer o epistolário goisiano<sup>268</sup>.

A extensão da vida por meio das letras epistolares era levada a sério por Erasmo. A despeito de a maioria de seu conjunto de missivas ligadas à amizade humanista conhecido estar acolhido nas regras de concórdia prescritas pela retórica, houve fases

---

<sup>265</sup> “Ainsi les épîtres d’Érasme visent-elles un premier but, celui d’imposer aux puissants l’approbation de sa doctrine”. MESNARD, Pierre. *Le commerce épistolaire comme expression sociale de l’individualisme humaniste...* P. 24.

<sup>266</sup> “Ce privilège d’élection donne ainsi plus de prix à l’amitié des humanistes qui devient la valeur fondamentale de leur comportement social. Un humaniste, ce devrait être une amitié offerte à tout homme de mérite, et cultivée avec soin chez tous les partenaires valables. [...] Les relations épistolaires seront le moyen normal d’entretenir cette amitié”. MESNARD, Pierre. *Le commerce épistolaire comme expression sociale de l’individualisme humaniste...* P. 25.

<sup>267</sup> “Mais on peut se demander, dans l’immense majorité des cas, si cette amitié n’est pas viciée dès le principe, par l’individualisme outrancier des humanistes et par la part abusive qu’y occupe le souci de leur propre gloire. Gloire de compter un nombre aussi considérable d’amis (dont on laisse toujours entendre qu’ils sont plus ou moins vos disciples). Gloire d’enchaîner à son char de triomphe les écrivains les plus célèbres de l’époque et de se voir préférer par eux à tout autre rival”. MESNARD, Pierre. *Le commerce épistolaire comme expression sociale de l’individualisme humaniste...* P. 25.

<sup>268</sup> O que, defendo, ocorre na epistolografia goisiana é algo semelhante ao que se passou com Konrad Celtis. Conforme explica Mesnard: “Chez certains humanistes, le souci de se hausser à l’immortalité par ce procédé s’étale avec une candide vanité. C’est ainsi que Conrad Celtis (1459-1508) trie lui même parmi les lettres qui lui ont été adressées, 250 épîtres dont le principal intérêt est de représenter chacune un correspondant différent et d’attester ainsi ‘à l’usage de la postérité’ l’étendue de son influence”. MESNARD, Pierre. *Le commerce épistolaire comme expression sociale de l’individualisme humaniste...* P. 25.

em que a norma foi posta de lado. É o caso da correspondência entre Erasmo e o notável humanista francês Guillaume Budé.

O início das trocas epistolares entre eles seguiu os ritos estabelecidos pela República das Letras. Erasmo escreve a Budé fazendo elogios aos textos dele. Contudo, uma vez engajados na conversação, Budé critica os textos de Erasmo que entende não fazerem jus ao intelecto do *germanus*. Essa fase contraste de modo impactante com o incensar elogioso de parte a parte que fora imaginado por Konrad Celtis como a melhor maneira de trocar cartas, modelo com o qual Erasmo estava familiarizado. Erasmo ficou abalado pelo golpe, e evitou publicar essas cartas, nas quais sua ironia é ultrapassada pela de Budé. Outros momentos de tensão aparecem na correspondência, como quando Erasmo recusa fundar o *Collège de France* com Budé<sup>269</sup>, ou, ainda, quando a querela luterana coloca os dois amigos em lados distintos.

Em carta escrita em Friburgo (5-IX-1530), Erasmo expõe ao germânico Brixius o estado de sua amizade com Budé. O início da carta, verdadeiro protesto dos princípios corretos – para Erasmo - da amizade epistolar, nos dá a receita de que precisamos para passar da historiografia às fontes no que concerne às regras desse jogo:

Esse acontecimento [os ataques de Budé] confirmou outras experiências e me incitou a acolher mais moderadamente as amizades e a cultivá-las com menos zelo para ter, em seguida, menos pena de perdê-las. [...] Para mim, basta agir neste espírito em relação a todos os homens: ser útil a todos, não depreciar ninguém, não rejeitar a amizade das gentes de bem, não dar a ninguém justo motivo para ser-me hostil [...]<sup>270</sup>.

O humanista de Rotterdam dava ao amigo lições para o fomento da justa amizade, mas, ao mesmo tempo, codificava mecanismos centrais da República das Letras, frequentemente não externados por serem, afinal, óbvios para aqueles

---

<sup>269</sup> MESNARD, Pierre. Le commerce épistolaire comme expression sociale de l'individualisme humaniste... P. 26-28.

<sup>270</sup> "Cet événement (les attaques de Budé) a confirmé d'autres expériences et m'a incité à accueillir plus modérément les amitiés et à les cultiver avec moins de zèle pour avoir ensuite moins de peine de leur perdre. [...] Pour moi, il suffit d'agir dans cet esprit à l'égard de tous les hommes: être utile à tout le monde, ne nuire à personne, ne pas rejeter l'amitié des gens de bien, ne fournir à personne un juste motif de m'être hostile [...]." MOULIN, Charles. *Érasme*... P. 98.

personagens. Assistimos, assim, ao hoje conhecido processo em que a quebra da norma revela a própria norma<sup>271</sup>.

A sequência da carta, diretamente voltada a Budé, nos instrui adequadamente do ponto de vista da questão da glória e da imortalidade:

Eu não preciso de seu apoio [de Budé], graças a Deus, e eu não penso em atacá-lo de forma alguma. Certamente, ele pode sustentar minha reputação, eu o admito; mas eu rejeito de bom grado esse fardo da glória, já que tenho pouco desejo de lhe acrescentar algo. Ele pode também denegrir minha reputação: mas eu estou habituado aos insultos, e ninguém há de suportar seu destino; [...] Eu aprendi a fazer concessões necessárias às paixões humanas, a fazer mais concessões à amizade, mais ainda à tranquilidade geral da República das Letras. [...] Seria necessário, contudo, injúrias ainda mais atrozes para que eu quisesse voltar minha pluma contra Budé!

Na verdade, eu penso que Budé é um personagem grande demais para invejar meu destino; eu lhe relego com prazer o principado das belas-letas. Nós aplaudimos todos os triunfos que ele conquista, já que nós temos pouca vontade de arrancar de sua cabeça das coroas muito lisonjeiras.<sup>272</sup>

Erasmus alternou e combinou magistralmente a ironia – a maior expressão do individualismo humanista<sup>273</sup> – que lhe era peculiar e a humildade retórica tão salutar para o sucesso das epístolas para confirmar seu poder diante da República das Letras. Budé, humanista “grande demais para invejar meu destino”, não estava à altura de sua pluma. Seus enormes sucessos, cobertos de louros e glórias, não impressionaram o humanista de Rotterdam, uma vez que ele rejeitou “de bom grado esse fardo da glória, já que tenho pouco desejo de lhe acrescentar algo”. Tinha pouco desejo de lhe acrescentar algo porque já alcançou o principado da República das Letras, claro está.

<sup>271</sup> Cf. nota 256 desta dissertação.

<sup>272</sup> “Je n’ai pas besoin de son appui, grâce à Dieu, et je ne pense à accable en aucune façon. Certes, il peut soutenir ma réputation, je l’avoue; mais je rejette de bon gré ce fardeau de la gloire, tant j’ai peu de désir d’y ajouter quelque chose. Il peut aussi nuire à ma réputation: mais j’ai l’habitude des insultes et chacun doit supporter son destin; [...] j’ai appris à faire les concessions nécessaires aux passions humaines, à en faire davantage à l’amitié, plus encore à la tranquillité générale de la république des lettres. [...] Il faudrait pourtant des injures encore plus atroces pour que je veuille tourner ma plus contre un Budé! [...] En vérité, je pense que Budé est un trop grand personnage pour envier mon destin; je lui abandonne bien volontiers le principat des belles-lettres. Nous applaudissons à tous les triomphes qu’il remporte, tant nous avons peu envie d’arracher de sa tête des couronnes très flatteuses. [...]” MOULIN, Charles. *Érasme...* P. 99.

<sup>273</sup> MESNARD, Pierre. Le commerce épistolaire comme expression sociale de l’individualisme humaniste... P. 29.

Mecanismos complexos de de difícil apreensão, eram mobilizados por Erasmo com maestria. Instado a enfrentar um opositor na República das Letras, ele adotou uma estratégia que não poderia senão ser associada a um jogo, jogo no qual esconder e mostrar os afetos e a autorrepresentação determinava a vitória ou a derrota. Jogo retórico e jogo social, pois, inscrustrados na imaginação que determinava os limites da República das Letras, os humanistas tinham de seguir as regras de um mundo particular sem, com isso, descurar de outros. Afinal, os humanistas viviam em múltiplos mundos, ou melhor dizendo, em múltiplos contextos sociais. A única forma de sobreviver com sucesso aos desafios impostos por esse verdadeiro *multiverse*<sup>274</sup>, era jogar, segundo a definição poliédrica do caráter lúdico da vida engendrada por Huizinga. Para ele, aliás, Erasmo constituía exemplo singular da expressão lúdica em diversos estilos e formas textuais:

Erasmo! Todo o seu ser parece irradiar o espírito lúdico. E não é apenas nos Colóquios e no Elogio da loucura que ele se manifesta, mas também nos Adágios, essa espantosa coleção de aforismos coligidos na literatura grega e latina e comentados com uma levíssima ironia e um humor incomparável. Suas inúmeras cartas, e às vezes seus mais profundos tratados de teologia, estão cheios daquele espírito mordaz sem o qual ele nunca consegue passar inteiramente<sup>275</sup>.

Competição, polêmica e jogo eram inextrincáveis. O “espírito mordaz” de Erasmo sabia bem como e quando deveria se calar ou, melhor dizendo, camuflar-se sob os elogios de um adversário respeitável. Contudo, o instrumento da polêmica poderia se

---

<sup>274</sup> Esse termo, cuja origem remonta às especulações da física contemporânea e da science fiction para referir a possibilidade de existência de múltiplos universos que, unidos, compreendem não somente aquilo que existe, mas também tudo aquilo que não chegou a existir em nosso próprio universo, já foi lembrado para a construção de um importante argumento nas ciências humanas. Ao tentar precisar os caminhos percorridos pelos intelectuais da América Latina que culminaram na formação identitária, Richard Morse o evocou para nomear sua obra, *The multiverse of Latin American identity* (1995). É inegável que algo dessa experiência intelectual participa de minha dissertação, uma vez que pude ler esse texto durante um dos cursos de mestrado com a professora Beatriz Helena Domingues. Para ela, Morse “[...] constrói uma espécie de ‘rede’, remetendo tanto às conjunturas internacionais como às nacionais, bem como às possíveis afinidades ou não entre eles. Ao mesmo tempo, tece várias interessantes comparações entre estes pensadores ou, algumas vezes, também com alguns clássicos do pensamento ocidental.” Situar Damião de Góis na esfera de Erasmo tanto atende aos fatos concretos demonstrados pelas fontes (sua presença em Friburgo), mas, também, ao fato de que, para o português, Erasmo já se estabelecia como um clássico – ou, talvez, como um grande (ou melhor) interlocutor vivo dos clássicos greco-latinos e bíblicos. Ao conviver com ele, Góis de fato experienciou dois “universos” amalgamados num mesmo personagem. Para um apanhado geral desse texto de Morse, cf. DOMINGUES, Beatriz Helena. História e literatura na busca pela identidade na América Latina no século XIX. *História da Historiografia*. Ouro Preto, Nº 07, nov./dez. 2011. P. 173-199. Cit. à P. 179.

<sup>275</sup> HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*... P. 202.



revelar a qualquer momento, sobretudo nas ácidas disputas intelectuais que moviam os humanistas, ou de forma irônica, sem se explicitar a natureza verdadeira da crítica e mesmo seu alvo principal. Com a carta a Bixius, Erasmo pretendia se mostrar acima do jogo, mas, na realidade, havia se inserido nele como poucos. O patrimônio que pretendia defender por meio desse jogo era precisamente o prestígio e glória que havia alcançado e pela qual tentou demonstrar, por meio das tópicas, não se interessar. O que estava em jogo, de fato, era sobrevivência do nome e do prestígio; numa palavra, o individualismo humanista salientado por Mesnard. O quão bem Damião de Góis pôde aprender a respeito é motivo de interrogação.

Deixemos a prática epistolar erasmiana momentaneamente de lado e passemos à prescrição. Do levantamento que vinho expondo a respeito dos tratados a discutir a arte epistolar nos séculos XV e XVI (até o período em que Góis passa a redigir suas cartas latinas), resta falar dos dele.

São três os tratados de Erasmo sobre arte epistolar, e eles foram publicados sequencialmente nos anos de 1520, 1521 e 1522 (na altura, Góis ainda era um funcionário da corte de d. Manuel I – e após a morte deste em dezembro de 1521, de d. João III - em Lisboa). O primeiro, *Breuissima maximeque compendiaria conficiendarum epistolarum formula*, constitui-se como uma breve carta de Erasmo destinada a instruir Robert Fisher, jovem que havia vivido com ele entre 1497 e 1498. Fisher era um jovem atribulado em tarefas e pouco dotado para os estudos, de modo que necessitava de apoio na escrita epistolar. Todavia, ele acabou rompendo com Erasmo, e levou consigo a fórmula, de modo que ela só veio a ser publicada anos depois de sua morte, em 1520 (Matthaeus Maler, Efurt). O editor, então, substituiu o nome de Fisher pelo fictício Pedro Paludano (Petrus Paludanus)<sup>276</sup>.

O segundo tratado, *Libellus de conscribendis epistolis*, saiu em 1521, Cambridge. Trata-se de um texto mais amplo, com cerca de 70 folhas, que talvez tenha sido composto a partir do trabalho anterior, entre 1501 e 1502. Nesse opúsculo, Erasmo avança a ideia de que o estilo epistolar não deve ser grandioso, mas familiar, ligado ao *sermo*. As cartas deveriam primar pela brevidade, despojando-se das longuíssimas e pedantes saudações que enalteciam descomensuradamente os destinatários. Dever-se-ia optar por uma simples saudação entre os nomes do remetente e do destinatário (*vale*,

---

<sup>276</sup> TIM, Emerson. Introdução. In: *A arte de escrever cartas...* P. 49-51.

etc.), seguindo-se, no máximo, uma identificação do título ou ofício do remetente<sup>277</sup> – Damião de Góis, por exemplo, costumava assinar *Damianus a Goes equitis lusitanis*. [figura 15]

Por fim, Froben editou, em Basileia, o *Opus de conscribendis epistolis*, obra que representa a maturidade da reflexão de Erasmo em torno à arte epistolar. Tratado de mais de 400 folhas, dedica-se a mais que sugerir fórmulas e definir os gêneros das cartas, funções que cumprem os dois outros excursos erasmianos na *Ars dictaminis*. Aqui, Erasmo demora-se em provar que o engessamento das cartas em ordenamentos estilísticos pré-programados não resulta senão num absurdo. Muitas, talvez infinitas, são as combinações de estilos, assuntos e tons que se poderiam incluir em uma epístola, de modo que agrupá-las em “estilo não trabalhado”, “breves” e afins é dispensável. “O essencial”, sintetiza Emerson Tim, “[...] é ter em conta a matéria tratada e o destinatário”. Acompanhando as prescrições retóricas de Quintiliano, o humanista avaliou que o rumo que a carta tomará deverá ser avaliado conforme a erudição do leitor, o tema em questão, devendo-se respeitar, acima de tudo, cada circunstância. O que não impede, todavia, recomendações gerais, como o apelo à concisão – diferente da brevidade – e à clareza. Além disso, Erasmo admitia que todas as missivas precisavam obedecer às regras do *decorum*<sup>278</sup>.

Mesmo quando trata das cartas familiares (distintas, por exemplo, das cartas de discurso, redigidas para a leitura de reis e grande dignatários), isto é, endereçadas aos amigos num contexto *inicial* de diálogo privado, não seria possível recomendar um estilo preciso, senão o de estabelecer uma relação cordial que permita antever o diálogo entre ausentes<sup>279</sup>. Ademais, nas palavras de Erasmo, “[...] convém a esse gênero o aticismo, e o estilo humilde (*humilior*), mais próximo do cômico do que do trágico, ou mesmo abaixo, se isso é possível, do tom da comédia, contanto que esse estilo humilde seja de um letrado”<sup>280</sup>. De resto, a carta familiar erasmiana deve se aproximar mais da atitude de franca conversação do que propriamente da oratória, preocupando-se

<sup>277</sup> TIM, Emerson. Introdução. In: *A arte de escrever cartas...* P. 52-53.

<sup>278</sup> TIM, Emerson. Introdução. In: *A arte de escrever cartas...* P. 53-55.

<sup>279</sup> Cf. P. 85 desta dissertação.

<sup>280</sup> ROTTERDAM, Erasmo. *Opus de conscribendis epistolis*. APUD TIM, Emerson. Introdução. In: *A arte de escrever cartas...* P. 57.

principalmente com o destinatário, o assunto e com a criação do *affectus*. O que deve emergir de uma troca de cartas de alguma duração, pondera, é um verdadeiro *diálogo*<sup>281</sup>.

Terá Góis lido algum desses textos? Como antecipei, acredito que sim, mas, ainda que não os tenha lido, é provável que tenha adquirido parte de suas prescrições ao estudar com Grapheus e com o próprio Erasmo. Três cartas da epistolografia latina de Góis nos dão alguns sinais.

A primeira, datada de 11-IV-1534<sup>282</sup>, foi escrita por Erasmo a Góis. Residindo em Friburgo, Erasmo responde a carta anterior do português – esta última se perdeu – atestando que o receberia em sua casa. Na carta, Erasmo discute em que habitações Góis haveria de morar – se na do humanista holandês ou na dos condes de Rennenburg; discute as vestes – talvez Góis julgasse as suas inadequadas para o convívio com os personagens do círculo de Erasmo naquele tempo -, se haveria de adquiri-las em Friburgo ou antes de lá chegar; discute, ainda, o que fazer com os cavalos do português – Erasmo sugere a Góis que se desfaça deles, pois, embora elegante e apetrechada, a estrebaria estava lotada. Finalmente, se diz “preparado para tudo” [*Habebis Erasmus paratum ad omnia*], mas não deixa de lembrar de seu estado de saúde, abalado [*valetudo est afflictata*]<sup>283</sup>.

Noutra carta, redigida por Erasmo a seu amigo Erasmo Schets cerca de dez dias depois (23-IV-1534), Góis já vive com ele, e Erasmo lamenta não poderem jantar juntos: “Vive aqui em minha casa o preclaro jovem Damião de Góis; contudo, devido à minha saúde precária, a mesa nos separa. Uma razão para sobremodo me irritar com esta doença”. [*Agit apud me in aedibus meis egregius iuuenis Damianus a Goes, sed ob infirmam ualentudinem meam diuidimur mensa. Quo nomine praecipue irascor morbo meo.*<sup>284</sup>]

Não apenas a doença poderia ter atrapalhado os estudos de Góis com Erasmo. Na carta a Schets, Erasmo lamenta a escalada do ódio externado por Lutero contra ele, afirmando que a única esperança para a região germânica estava nas armas de Carlos V que, no entanto, estava mais ocupado com a caça nos territórios ibéricos [*Et interim Caesar uenatur in Hispania*]. Erasmo chega a confessar que teme por sua vida, uma vez

<sup>281</sup> TIM, Emerson. Introdução. In: *A arte de escrever cartas...* P. 59-60.

<sup>282</sup> CLG B XIX.

<sup>283</sup> CLG B XIX, P. 174-175.

<sup>284</sup> CLG B XX, P. 176-177.

que um plano para matá-lo poderia estar em andamento. [Sunt istic a quibus putant mihi cauendum. Verum hic plus imminet periculi. Sentio capitaliter in me conspiratum.<sup>285</sup>]

Por fim, uma carta enviada meses depois do contato supracitado ajuda a consolidar a ideia que exponho a seguir. Em agosto de 1534 (16-VIII-1534), Erasmo escreve missiva a seu amigo de longa data, o cardeal Pietro Bembo, para apresentar Góis, prestes a se mudar para Pádua. Após a *laudatio* de costume, na qual salienta a honestidade e nobreza do jovem, pondera que Góis teve brilhante passagem a serviço do rei de Portugal, tendo escolhido por vontade própria perseguir as letras, dedicou-se a elas “nos tempos, livres, de passagem como pôde [...]” [Inter quos est hic Damianus a Goes, iuuenis domi nobilis, qui florentissimam aetatis partem obeundis Regis sui negotiis impendit, obter tamen quod potuit otii studiis suffatus<sup>286</sup>].

Apesar de ter vivido com Erasmo, Góis ainda é apresentado como alguém que cujos estudos humanísticos não parecem ter se aprofundado o suficiente, tendo tido ele tão-somente os instantes de ócio – que não foram longos até 1534 - para aprender. Por outro lado, podemos estar diante da tópica das atribulações públicas, de modo que Góis sugiria como um nobre em busca de ilustração, e não um erudito de carreira.

Os preceitos retóricos e os motivos de ordem prática, porém, parecem levar à mesma conclusão, que antecipei nos pontos anteriores do capítulo: Góis teve de recorrer a manuais e ao ensino com preceptores o quanto possível para colocar-se à altura das tarefas que viria a desempenhar. Tudo isso reforça, evidentemente, a sugestão de Jean Aubin de que Góis teria sido inclinado pelas circunstâncias a dedicar-se integralmente aos *studia humanitatis*. Uma carta mais tardia reforça a interpretação<sup>287</sup>. Escrevendo ao cardeal Jacopo Sadoletto em 1537, Góis lembrou-lhe de que o início de sua dedicação à musa deu-se “consoante sua condição”: “Sem embargo de já antes – desde o início, em idade assaz adulta, dos estudos liberais a que comecei a dedicar-me consoante minha condição e os negócios áulicos o permitiam – eu ter estimado muitíssimo vossos costumes e doutrina [...]”<sup>288</sup>.

Mas uma troca epistolar entre Erasmo de Rotterdam e Erasmo Schets lança uma luz inesperada à questão.

---

<sup>285</sup> CLG B XX, P. 176-177.

<sup>286</sup> CLG B XXX, P. 190-193.

<sup>287</sup> Escrita em Pádua e enviada em I-VII-1537. CLG A XVIII, P. 80-83.

<sup>288</sup> CLG A XVIII, P. 80-81.

Pouco antes de entrar em contato com Bembo (11-VII-1534), Erasmo responde a comunicação anterior de Schets na qual leste parece ter-lhe alertado de novidades sobre as razões que levaram Góis a abandonar Portugal em 1533. “Recebi a carta que enviáreis por causa de Damião. Eu sempre supus que ele tivesse deixado a pátria com boa graça dos seus.” [Litteras quas Damiani causa miseris accepi. Ego semper putavi illum cum bona gratia suorum reliquisse patriam.<sup>289</sup>] Nos comentários a essa epístola, Amadeu Torres anota, laconicamente: “Damião de Góis retorna, após recusar as honrosas funções na corte”<sup>290</sup>. Mas, como vimos, não faria sentido em Schets informar a Erasmo, meses após a chegada do português a Friburgo, que ele havia deixado “honrosamente suas funções na corte”. Ora, é de se presumir que Góis já o fizera na carta perdida em que solicita a Erasmo um lugar na casa de Friburgo. Isso pode nos levar a concluir que Schets, banqueiro de Antuérpia com fortes ligações com a feitoria portuguesa onde Góis trabalhou<sup>291</sup>, veio a ouvir dos representantes de d. João III a “verdadeira” história em torno da dispensa de Góis do posto de tesoureiro-mor da Casa da Índia lisboeta. Além de tudo, Erasmo parece surpreendido pelas novidades. (“Eu sempre achei que ele tivesse deixado a pátria com a boa graça dos seus...”)

Assim, em discordância com a tese de Amadeu Torres e em concordância com Jean Aubin quanto a esse caso, fundamental para melhor compreendermos algumas das escolhas de Góis, creio ser possível afirmar - agora com evidências mais claras extraídas de uma leitura a contrapelo - que ele, de fato, não abraçou as musas senão como segundo plano em sua carreira após o revés em Lisboa. Isso ajuda-nos a concluir que ele teve se apressar, estudar “como pôde” mesmo na casa de Erasmo, doente e atribulado demais para acompanhar cada um de seus passos.

Por outro lado, a carta a Sadoletto prova que o afastamento de Góis dos cargos régios não o livrou completamente de tarefas de assistência ao rei:

Pois, eminentíssimo Prelado, eu, conquanto retirado me tenha, há três anos, da corte do meu Príncipe, advertindo que lá não podia ocupar-me senão do meu ofício, e totalmente abdicado, *na medida do possível*, de tratar de negócios palacianos [...] <sup>292</sup>. [grifos meus]

<sup>289</sup> CLG B XXV, P. 184-185.

<sup>290</sup> TORRES, Amadeu. *Damião de Góis: correspondência latina...* P. 431.

<sup>291</sup> Torres sintetizou bem a trajetória desse interessante personagem: “Quanto a Erasmo Scheto ou Schets [...], ilustrado homem de negócios e banqueiro antuerpiano, casado com Ida van Rechtergem, filha de outro grande mercador que primeiro contactou com a nossa Feitoria [...]. Erasmo caracterizou o seu amigo Erasmo Schets com esta frase expressiva: ‘homo nom optime Latinus, sed tamen optimae fidei’”. TORRES, Amadeu. *Noese e crise na epistolografia latina goisiana...* P. 250-251.

<sup>292</sup> CLG A XVIII, P. 82-83.

É preciso acrescentar, finalmente, que estamos diante do exercício da tópica do *otium*, que nos remete, de imediato, ao período de afastamento de Cícero das atividades políticas. Essa mescla de tópica retórica e circunstâncias práticas não era incomum no Renascimento – pense-se, por exemplo, em Maquiavel, que retirou-se para o campo após os transtornos ocasionados pelo retorno dos Medici ao poder e acabou engendrando ali os *Discorsi, Il Principe* e *Mandragora*<sup>293</sup>. Assim, podemos enxergar na atuação de Góis nesse caso uma perspicaz aplicação dos preceitos retóricos na construção da própria imagem pública (sua imagem-de-si<sup>294</sup>, sua memória pessoal), uma vez que ele usou a ideia de perseguição às letras para diminuir seus insucessos políticos, *redescrivendo* sua trajetória<sup>295</sup> (abalada pela ação da *Fortuna*) diante do príncipe da República das Letras, seguramente um dos mais relevantes detentores – e, por conseguinte, transmissores - de prestígio daquele meio social. Esse processo, todavia, não ocorreu de modo abrupto, e nem tampouco deve ser analisado como uma mudança definitiva e completa. Damião de Góis adaptou-se às circunstâncias concretas com as quais se deparou, forjando para si uma imagem que, como veremos, não deixou de lado seus vínculos precedentes com o reino de Portugal e o mundo da diplomacia.

Diante dessa conclusão, devemos atentar para um fato importante. O discurso empregado por Góis e as ideias retóricas que podem tê-lo motivado não podem ser considerados separadamente. A ação de interferir no relato a Erasmo por meio de uma forma discursiva não se define apenas como um “instrumento” a utilizar quando necessário. A melhor maneira de definir, então, o problema, é pensar em uma simbiose entre escrita decorosa, preceitos retóricos e elementos da vida. Como bem viu Felipe Charbel:

O discurso não é o meio transparente que dá vazão a ideias, e sim o produto de uma complexa operação em que os elementos

---

<sup>293</sup> BATH, Sérgio. Apresentação. In: MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Brasília: UNB, 1999 [1980]. P. 7-8.

<sup>294</sup> No caso de Maquiavel, Felipe Charbel dá as seguintes explicações: “Trata-se, porém, de uma lenta e descontínua metamorfose, do ócio visto como algo indigno à aceitação do papel de litterati, o que, especificamente no caso de Maquiavel, precisou envolver o ‘cancelamento’ de uma imagem-de-si cuidadosamente construída em longo e sólido processo de formação de valores – no sentido proposto por Stephen Greenblatt de uma ambiguidade constitutiva entre self-fashioning e self-cancellation, a modelagem de um papel público e o desejo, no caso de Maquiavel a necessidade, de cancelar essa imagem e forjar outra”. TEXEIRA, Felipe Charbel: *Timoneiros...* P. 120.

<sup>295</sup> Felipe Charbel informa que essa técnica, usada n’O Príncipe, chama-se *paradiástole*, “[...] técnica retórica de redescrição de virtudes e vícios, que atua precisamente na lacuna entre definições gerais e enunciados específicos: a redescrição, como nota Quentin Skinner, consiste no ‘meio de aumentar o que se pode dizer a favor de determinado ato, ou de minimizar o que se pode dizer contra ele’”. A ideia remonta ao *Ad Herennium*. Cf. TEXEIRA, Felipe Charbel: *Timoneiros...* P. 76-77.

convencionais mobilizados na argumentação – a disposição do discurso, o emprego de lugares-comuns (argumentos-padrão, ou “pequenos-discursos” de aplicação “universal”, segundo definição de Joan Marie Leuchner), as técnicas de amplificação, etc. – estruturam a urdidura dos juízos [...]. É o caso, por exemplo, da já mencionada redescritção paradiastólica: ela não é um “instrumento” empregado por Maquiavel para justificar a flexibilização da noção de virtú, mas a própria condição de possibilidade de tal flexibilização, sendo incorreto separar um hipotético “cálculo anterior” de uma técnica supostamente neutra<sup>296</sup>.

Tendo em vista as evidências, sou levado a concluir que, se Góis veio a ler algum dos tratados erasmianos sobre a arte epistolar, deve ter se detido no *Breuiissima maximeque compendiarum conficiendarum epistolarum formula*, compêndio direto e incisivo, de rápida leitura e suficiente para construir ideias iniciais, mas eficientes, sobre a *Ars dictaminis*. Assim, seria conveniente fazer uma descrição dos principais pontos dessa obra<sup>297</sup>.

A carta de Erasmo à *dramatis personae* Petrus Paludanus, interlocutor imaginado no trabalho de edição, mas que, conforme vimos, provavelmente esconde o misterioso Robert Fisher, começa com algumas explicações. Erasmo deixa claro que redigiu aquele texto a pedido do destinatário, e preocupa-se com as possíveis reações de outros membros da República das Letras, que o vinham criticando com cada vez mais vigor. Apesar da dificuldade da tarefa de inventariar fórmulas e conhecimentos epistolares acumulados em mais de um milênio de prática de inúmeros eruditos, Erasmo diz não temer a tarefa: “[...] se dessa matéria alguma coisa escrever, a nenhuma pegada me prenderei”<sup>298</sup>.

A primeira definição de Erasmo baseia no já referido sofista Libânio, que entendia ser o exercício epistolar colóquio entre ausentes. Erasmo acrescentou ser viável relacionar essa afirmação à ideia de que a carta é um instrumento de conversa familiar, no qual assuntos cotidianos são debatidos sem rebuscamentos que, se usados, transmitem uma imagem de grandiloquência inapropriada ao estilo epistolar. Entretanto: “[...] seja aquele estilo com muita arte e engenho e com elegância formado e

<sup>296</sup> TEXEIRA, Felipe Charbel: *Timoneiros...* P. 105.

<sup>297</sup> Não posso ignorar o fato de que minha hipótese, ainda que sustentada pelos argumentos apresentados, beneficia-se do fato de estar à disposição para o público brasileiro a breve carta de Erasmo sobre a arte epistolar. Infelizmente, não pude encontrar os outros dois textos, mais longos e certamente mais instigantes do ponto de vista da prescrição, de modo que essa lacuna não poderá ser contornada ao longo da dissertação.

<sup>298</sup> ROTTERDAM, Erasmo. *Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar...* P. 111.

elaborado, deve ainda parecer não trabalhado e quase improvisado e sem preparação.<sup>299</sup> Curiosamente, a carta-prefácio a Paludano vestiu-se dessa sugestão quando Erasmo disse: “Aceita, assim, esta brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar e a ti somente persuada, não tanto pelas palavras, mas ainda *pela arte de que carece*”<sup>300</sup>. [grifos meus] De fato, a carta-prefácio dentro da carta-prescrição condiz com as tópicas de humildade e de aparente despropósito técnico que virão a ser prescritas adiante, e que aparecem em Cícero.

No *De Oratore*, Cícero prescreve que, ainda que haja valor da disposição de discursos feitos sem preparação longa, a escrita continua “[...] a melhor e mais importante realizadora e mestre do discurso; e não há insulto nisso: se a preparação e reflexão supera o discurso improvisado e fortuito, é evidente que a escrita assídua e cuidadosa será superior a ela” (*De Oratore*, I, 150).

Erasmo prossegue vertendo regras que parecem remeter a conflitos pelos quais está passando no momento de redação do texto:

Observando verdadeiramente isso em primeiro lugar, deve-se então fugir das palavras artificiais, antigas, excessivamente afetadas e repetidas dos aborígenes dos séculos, as quais hoje a maior parte corrompidos e imitadores ridículos utilizam, palavras novas e inusitadas, ansiosamente procuradas, como se se passassem por doutores, nem pensando que as palavras são inventadas em razão dos assuntos, assim escrevendo Horácio na Arte Poética: ‘os escritos socráticos poderão indicar as ideias’.<sup>301</sup>

Ora, Erasmo aqui parece se indispor com a atitude de imitação praticada por alguns humanistas que ele, curiosamente, chama de “aborígenes dos séculos”. Ao mesmo tempo, critica a “inovação” oriunda de termos obscuros e raros, evocados mais para dar um ar culto ao texto do que propriamente para suscitar algum efeito instrutivo.

Continuemos a seguir Erasmo. Pensava ele ser necessário concentrar esforços na disposição dos problemas a discutir na carta, uma vez que a língua latina estaria muito bem fornida de todas as expressões necessárias à explicação das matérias. O estilo deve

---

<sup>299</sup> Essa passagem reflete o que pensavam outros autores, como Castiglione: “Castiglione defende que o cortesão discreto deve evitar todo tipo de afetação, e ‘usar em cada coisa uma certa sprezzatura que oculte a arte e demonstre que o que se faz e diz é feito sem esforço e quase sem pensar’. [...] A dissimulação do artifício é um registro de prudência: um orador gracioso e discreto conquistará facilmente as benesses do seu público.” TEXEIRA, Felipe Charbel: *Timoneiros...* P. 107.

<sup>300</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar... P. 112.

<sup>301</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar... P. 112-113.



tão-somente escapar da mediocridade, buscando, ainda, a constante prática, único meio seguro de dominar a matéria ao lado da lentidão, único exercício capaz de apaziguar a ânsia pela invenção desmedida<sup>302</sup>.

A segunda parte do *Breuiissima epistolarum formula* concentra-se no problema da imitação. Erasmo mostra-se disposto a explicar melhor suas considerações anteriores, e faz questão de salientar que a imitação é positiva em certo sentido. Afinal, ignorar os modelos é atitude de estultos, e ignorar os modelos antigos, que, com justiça, sobreviveram à prova dos séculos, é o absurdo maior. Assim Cícero e Plínio, pelo antigos, e Poliziano, pelo modernos, são citados como exemplos de autores de epístolas de grande valor.

Essa parte encerra-se com o olhar detido em Cícero. Erasmo avalia que o bom escritor de cartas deve ler, além dos modelos que lhe parecem dignos de imitar, outros considerados excelentes. “Com efeito, assim como não são as cartas de um único gênero”, prossegue o humanista, “[...] assim não devem ser de um mesmo gênero os escritores que elegemos. Porque aqueles que, de toda a lista das obras de Marco Túlio Cícero, somente elegem as suas cartas, ou o *De officiis*, como discípulos de Cícero não se devem proclamar”<sup>303</sup>. Cícero seria, por definição, “vário e diverso”, de modo que apenas a leitura conjunta de sua obra renderia o verdadeiro conhecimento de seu estilo. Novamente, a prescrição de Erasmo indica o ataque a certos “seguidores de Cícero” que não teriam compreendido bem essa ideia.

Adiante, Erasmo explora os métodos da imitação persistindo em seu intento, cada vez mais nítido, de se reportar às circunstâncias de seu tempo. As formas de imitação, para ele, deveriam ser definidas mediante o cálculo do juízo. “Assim, pois, o juízo é a base da imitação, exceto se de fato ela se apodera do juízo, sendo não somente inútil, mas também perigosíssimo obstáculo”. Ainda que a eloquência, disposição e gênio de Cícero possam premiar aqueles que o seguirem de perto, Erasmo sugere ser preciso ultrapassar a imitação dos antigos. O argumento a defender sua posição é claríssimo. Se cada autor não se dispusesse a contribuir com algo mais que o reflexo de seus mestres, não haveria qualquer inovação no mundo. “Por isso, corretamente exclama Horácio aos imitadores: ‘Ó imitadores, rebanho servil, que por vezes / a bile,

---

<sup>302</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar... P. 113-114.

<sup>303</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar... P. 114-116, cit. à P. 116.

por vezes o riso vosso tumulto me provoca!’<sup>304</sup>, Por isso, além das prescrições que apenas um manual como o dele poderia oferecer, Erasmo admite a imperiosa necessidade de treino em escrita, criatividade e força de expressão e consciência das variações de cada tempo e de cada leitor. Assim, o bom escritor de cartas deve ser, obrigatoriamente, um homem *prudente*<sup>305</sup>.

Ao fazer menção ao homem prudente, capaz de administrar as mudanças em que é envolvido pela fortuna do tempo e as especificidades dos receptores de suas mensagens, Erasmo acabou aludindo a Cícero, reforçando o fato de que se indispunha com certa leitura desse autor, mas de forma alguma com o conjunto de sua obra<sup>306</sup>.

Após tratar da imitação e do valor do juízo, Erasmo inicia a classificação das cartas. Parte de Cícero e Quintiliano para discutir os gêneros demonstrativo, deliberativo e judicial, e sustenta que toda e qualquer epístola pode ser incluída em uma dessas categorias. Começamos pelo gênero demonstrativo.

O gênero demonstrativo está ligado, de acordo com Erasmo, aos elogios; teve amplo uso civil no mundo romano, quando, por exemplo, se requisitava tal estrutura para discursos fúnebres. Os principais mestres a seguir em sua execução seriam Quintiliano, Aristóteles e Plínio. Partindo de uma carta de Plínio, Erasmo procura demonstrar os passos do gênero. Primeiro, elogios intelectuais (erudição e eloquência) deveriam ser perfilados, ao que se seguiria o louvor às qualidades físicas (aparência, cabelos, barba, altura, etc.). De passagem, também seria usual citar as boas relações do elogiado com figuras importantes, o poder de sua cidade natal, o cargo que ocupa e a pujança dos antepassados. “Ao gênero demonstrativo pertencem não somente as descrições dos homens, mas das cidades, das casas, das montanhas e dos lugares, que

---

<sup>304</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar... P. 116-118, cit. à P. 117.

<sup>305</sup> Esse termo assume aqui valor mais amplo do que implica o adjetivo, já que trata-se de uma categoria retórica central no Renascimento. Nesse sentido, vale a pena ler a recente tese de Felipe Charbel, editada pela UNICAMP. TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros: retórica, prudência e história em Maquiavel e Guicciardini*. Campinas: UNICAMP, 2010.

<sup>306</sup> No *Orator*, Cícero sinaliza a tarefa do orador nestes termos: “[...] O orador deve mirar o conveniente não só nas *ideias*, mas também nas *palavras*. É que as pessoas em diferentes circunstâncias, de classes distintas, com prestígio pessoal diferente, de diferentes idades, e os diferentes lugares, momentos e ouvintes não devem ser tratados com o mesmo tipo de palavras ou ideias. Há que se ter em conta em todas as partes do discurso, da mesma forma que na vida, o que é conveniente: e o conveniente depende do tema que se trate e das pessoas, tanto as que falam como as que escutam”. APUD TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros...* P. 106. O professor Charbel refere o trecho citado como *Orator I*, 71.

ocorrem frequentemente nos discursos e nas cartas, como a descrição da Sicília em Cícero”<sup>307</sup>. E Erasmo prossegue:

Nesses últimos, no entanto, observamos a forma e a utilidade. A forma no aprazível do mar ou da planície; a utilidade na sua salubridade ou fertilidade. Acrescente-se que em nenhum outro gênero se pode fazer uso de mais ornamentos, ou permitir ao orador apresentar mais de si<sup>308</sup>.

Nesse particular, os melhores autores a seguir seriam Lívio, Salústio e sobretudo Plínio; contudo, o alerta das seções precedentes permanece válido: Erasmo mais uma vez insiste que as leituras devem ser variadas, de modo a tornar o escritor de epístolas versátil e preparado para qualquer circunstâncias em que suas habilidades na *Ars dictaminis* sejam exigidas.

O gênero deliberativo epistolar desdobrar-se-ia em cartas “[...] suasórias e dissuasórias, exortatórias e não-exortatórias, petitorias, monitórias, amatórias, das quais depois sucessivamente tratarei”<sup>309</sup>.

O sucesso aqui dependeria da simbiose entre decoro e utilidade. Mas também haveria que considerar o papel primordial exercido pelo deleite (o que nos faz recordar os princípios de Cícero ligados ao *docere, delectare, movere*):

o [...] deleitoso é de tal importância na persuasão que em determinadas disputas a deliberação se centra unicamente em torno dessa noção; mas é especialmente importante quando tem alguma aparência de honra, ou quando é realmente honesto ou louvável”. Em suma, “[...] o honesto deve ser temperado com o deleitoso, e o deleitoso fortificado e suportado pelo honesto<sup>310</sup>.

Assim, Erasmo exemplifica suas considerações aludindo à carta de recomendação. Ela poderia ser acrescentada ao conjunto deliberativo, uma vez que o elogio implicaria a demonstração que determinado indivíduo, lugar ou causa é justo, bom ou glorioso, de modo que o argumento atenderia a uma causa justa a demonstrar.

<sup>307</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar... P. 121.

<sup>308</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar... P. 122.

<sup>309</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar... P. 122-123.

<sup>310</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar... P. 123.

Nesse caso, deve-se começar comedidamente, hesitosamente, até. Depois, seria preciso elogiar as qualidades daquele que se pretende recomendar:

[...] Elogiá-los-emos às vezes pela distinção de sua linhagem e por sua pátria, ou, o que é muito mais eficaz, pelos seus dons intelectuais e de aprender, tal como a modéstia, a confiabilidade, a indústria, a habilidade no falar, ou qualquer outra insigne erudição<sup>311</sup>.

Também em verso pode-se produzir uma carta no gênero, desde que ela, como as demais, demonstre ao destinatário a honra e a grandeza do elogiado. Os autores a seguir seriam Cícero, Plínio e Horácio. “Em todo caso, devemos ser extremamente cuidadosos para não recomendarmos pessoas indignas”. “As cartas de pedido compreendem praticamente os mesmos pontos, mas nesse gênero alguma perspectiva da recompensa deve ser incluída”<sup>312</sup>.

Resta o comentário do gênero judicial. O gênero prescrevia a discussão epistolar entre a acusação e defesa. “Assim, pois, nesse gênero, colocamos a carta acusatória, a objurgatória ou incriminatória, a invectiva ou vituperativa, embora essa última também possa ser incluída no gênero demonstrativo [...]”<sup>313</sup>. A explicação de Erasmo para essa inclusão é compatível com a defesa do ecletismo que ele esgrima nesse opúsculo: “[...] eis que os três generos se misturam com frequência”. Além desses, merecem menção o gênero de mútua acusação (*recriminatio*) e justificatório da culpa. Os instrumentos desse gênero são vários, mas poder-se-ia resumi-los à amplificação na acusação e à redução dos pontos de vista opostos aos do redator da missiva. O gênero também dialoga com a invocação dos deuses, com a expressão do mau agouro, etc.

Nas cartas desse tipo, portanto, devemos utilizar um breve exórdio, introduzimos pouco a pouco a causa com toda a arte e astúcia”. A defesa ou acusação deve estar “[...] distante de toda a arrogância [...]”, daí o porquê de “[...] os mais antigos, por meio da simulação, ocultarem sua eloquência [...]”. Ademais, é preciso “[...] evitar parecer contumeliosos, malignos, soberbos, maldizentes em relação a qualquer homem ou qualquer ordem social [...]”<sup>314</sup>.

<sup>311</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar... P. 124.

<sup>312</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar... P. 124-125.

<sup>313</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar... P. 126-127.

<sup>314</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar... P. 127.

O último ponto a considerar na redação de cartas do gênero judicial seria o da idade. A questão da idade deveria ser levantada no proêmio, “[...] como quando dizemos que somos jovens e nossos adversários, veteranos e vitoriosos que, somente pela sua experiência, podem triunfar ou sobre nossa instrução, ou sobre nossa inocência”. O convencimento do leitor poderia, ainda, tomar outro caminho: “[...] podemos dizer que nossa velhice, que conviria ser quieta e plácida, é perturbada por aqueles que, em respeito à nossa idade, deveriam ser mais circunspectos e mais respeitadores”<sup>315</sup>.

\*\*\*

O quão incisivamente os conselhos de Erasmo no tocante à *Ars dictaminis* puderam nortear as cartas latinas goisianas só poderemos avaliar com a leitura sistemática delas. Contudo, sem esse interlúdio, estaríamos completamente desgovernados quanto às prescrições retóricas do gênero e não seríamos capazes de perceber as nuances da *performance letrada*<sup>316</sup> encampada por Góis em sua vivência na República das Letras. Ademais, a leitura do texto de Erasmo sugere alguns pontos que merecem maior atenção. Em meio aos comentários à escrita epistolar, Erasmo pareceu envolvido com debates que ocorriam em seu tempo. Escorria nas páginas prescritivas um tom crítico à certa imitação dos clássicos que não se acentuou ao longo do texto a ponto de nomear adversários concretos (eles, se existissem, certamente estariam ligados à República das Letras), mas que também, por outro lado, jamais feneceu. Teria Góis consciência desse debate?

Por outro lado, os comentários de Erasmo ao gênero epistolar levam a indagações acerca da forma epistolar goisiana que não é lícito ignorar. Qual seria, por exemplo, o papel da tópica da *humilitas* no discurso goisiano? Em que medida essa tópica poderia tê-lo ajudado a construir seu prestígio público? Por outro lado, o problema do discurso epistolar como *sermo*, ou seja, discurso familiar, se impõe, pois ele aproxima a redação de cartas da redação de diálogos, como notou Cristiane Nascimento:

“[...] Num ponto importante, contudo, o gênero do diálogo e o gênero epistolar se assemelham: ambos imitam o *discurso familiar*, ou

<sup>315</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar... P. 128.

<sup>316</sup> A performance letrada a que aludi partia dos preceitos ético-retóricos e, simultaneamente, alimentava-se do exame cuidadoso dos textos antigos e modernos (estes vinculados, claro está, aos humanistas). Retirei a expressão de TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros...* p. 14.

*sermo*, que é efeito da aplicação de um conjunto mais ou menos previsível de *tópicas epidíticas*, como, por exemplo, a da *amizade civil* e a da *descrição de caracteres*". Tanto diálogo quanto epistolografia pressuporiam uma fala improvisada, sendo isso o que "[...] justifica Demétrio de Falério situá-lo dentro do gênero humilde de discurso, junto com o gênero epistolar, pois nele estão reunidas as virtudes adequadas à persuasão, vale dizer, a *evidência* do que se diz e a *vivacidade* daquele que diz"<sup>317</sup>.

Proponho o estudo da relação entre diálogos e cartas por uma razão ligada à trajetória de Erasmo nos anos em que Góis aproximou-se dele. Enquanto Góis vivia em Friburgo, o ápice da querela ciceroniana despertada por Erasmo anos antes era atingido. Muitos humanistas manifestaram-se a favor de Erasmo, defendendo o ecletismo na escrita, enquanto diversos outros pregavam que apenas a imitação total e plena da prosa de Cícero poderia resultar no sucesso textual e no reconhecimento presente e futuro do erudito. Compreender o papel e as escolhas de Góis nessa querela será fundamental para aquilatar sua inserção na comunidade imaginada a que chamamos República das Letras e, nesse caso, a dimensão epistolar goisiana diante da obra erasmiana será nossa fonte de acesso a tais problemas.

---

<sup>317</sup> NASCIMENTO, Cristiane. Da Pintura Antiga de Francisco de Holanda: o encômio como gênero de prescrição e da arte. In: MARQUES, Luiz César. *A constituição da tradição clássica*. SP: Hedra, 2004. P. 182-183.



## **CAPÍTULO SEGUNDO - Prestígio público e comunidades imaginadas: Damião de Góis na querela do ciceronianismo.**

Durante sua longa estadia fora de Portugal, Damião de Góis mergulhou fundo no uso da língua latina. Ainda que fosse conhecedor de diversos idiomas – fato que despertou o interesse dos inquisidores quando Góis foi enclausurado pelo Santo Ofício<sup>318</sup> -, foi o latim o idioma franco que o vinculou aos demais membros da República das Letras. Já acompanhamos parte do processo de aprendizado no capítulo anterior, mas não insisti no fato de que os estudos de Góis não se interromperam com a saída da casa de Erasmo em 1534.

Góis continuou interessado em polir o latim tanto quanto possível, algo que viria a se refletir em seus opúsculos e cartas. Assim, Góis rumou para Pádua, região onde encontraria uma universidade importante e, acima disso, insígnies membros da República das Letras, como o cardeal Pietro Bembo. Erasmo escrevera uma carta a Bembo enquanto Góis partia para Pádua, apresentando o jovem português e solicitando ao amigo italiano que o ajudasse a obter estadia adequada. Naquela carta, Erasmo admitiu que Pádua foi indicação dele, por ali se localizar a mais ilustre das escolas [“por sugestão minha escolheu a Escola de Pádua, a mais ilustre de todas”]. Quanto à hospedagem, aconselhou Bembo a colocar Damião de Góis “[...] perto de nobres germânicos e franceses. Está acostumado a vida um tanto lauta, apesar de ser sóbrio”<sup>319</sup>.

Diante das escolhas de Góis, temos de ponderar: terá ele adaptado seu estilo em Pádua ou terá continuado a escrever tal como Grapheus e o próprio Erasmo pensavam ser apropriado? O próprio Erasmo havia indicado os estudos de Pádua, mas certamente não ignorava que aquela região era o senhorio de dois expoentes de um uso da língua latina do qual discordava. O próprio Bembo e seu colega, o cardeal Lázaro Buonamico, praticavam um latim teoricamente mais próximo da escrita de Cícero, fato importante naquele momento. Góis chegou a pensar em solicitar aulas particulares de Buonamico,

---

<sup>318</sup> Um dos depoentes no caso, o jesuíta Simão Rodrigues (de fato responsável pelas denúncias), afirmou aos inquisidores que Góis era “[...] homem avisado e sabe, além do latim, alguma coisa de teologia; e sabe a fala francesa e italiana, e lhe parece também que saberá a flamenga e alemã, porque andou muito tempo entre eles”. Mesmo que não tenha dominado plenamente esses idiomas, é plausível que Góis os conhecesse ao menos em nível operacional. RÊGO, Raul. *O processo de Damião de Góis na Inquisição*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2007. [1971] P. 40-41.

<sup>319</sup> CLG B XXX, P. 191-193.



que, como Bembo, havia servido de secretário e redator de epístolas do papa Leão X<sup>320</sup>. Em 11-I-1535, Erasmo respondeu dizendo não ser prudente onerar “[...] Lázaro, longevo e de grande reputação, com lições particulares”. Erasmo recomendou ainda que Góis estudasse em casa com algum jovem que pudesse corrigir seus textos, enquanto acompanharia cursos públicos de um mestre de vulto<sup>321</sup>. Desconheço dados que nos indiquem com precisão quem foi o tutor de Góis, mas a frequência do epistolário trocado com Bembo indica alguma proximidade entre eles, de modo que este pode ter indicado um professor ao humanista português.

Pesar todas essas considerações é pertinente porque, com elas, acumularemos dados para responder a uma das questões centrais da dissertação: qual era a dimensão do prestígio goisiano na República das Letras. Para além de todo o aparato retórico mobilizado pelos humanistas na construção de suas trajetórias na República das Letras, não podemos esquecer que, para eles, ao conteúdo retórico e informacional das epístolas e livros, deveria se somar o dado do estilo, elemento capaz de, por si só, identificar alianças e constrangimentos internos à República das Letras.

Os anos de aprendizado de língua latina de Góis junto aos humanistas coincidiram com o ápice da disputa de tendências do ponto de vista da escrita em latim, e a historiografia reconhece, acertadamente, que a disputa ciceroniana e a arte epistolar são momentos capitais da afirmação da retórica humanista e da consolidação da República das Letras<sup>322</sup>. Essas disputas, por sua vez, ficaram marcadas por uma querela, cujo episódio mais ressonante, no século XVI<sup>323</sup>, ocorreu com a intervenção de Erasmo e de Bembo. Portanto, neste capítulo proponho uma avaliação da querela a partir da publicação do *Ciceronianus*, seu impacto na República das Letras e a importância de Erasmo no contexto, procurando enxergar como Góis, por meio de seu epistolário<sup>324</sup>,

---

<sup>320</sup> Cf. nota 34 desta dissertação.

<sup>321</sup> CLG B XXXVII, P. 207.

<sup>322</sup> Para o caso de Góis, cf. REBELO, Luís de Sousa. Damião de Góis e o humanismo português. In: NASCIMENTO, Aires A. (coord.). *Pedro Nunes e Damião de Góis*: P. 127-128.

<sup>323</sup> Há que salientar o fato de que a polêmica é anterior a Erasmo. Embora não seja possível estudar os episódios anteriores aqui, noto que eles remontam, no século XVI a trocas epistolares entre Gianfrancesco Pico, sobrinho do mais famoso dos Mirandola, e Pietro Bembo. Esse diálogo epistolar, no qual o primeiro defendia a versatilidade na imitação contra os argumentos do segundo, ocorreu entre 1512 e 1513. DELLANEVA, Joann (ed.). *Ciceronian controversies*. Cambridge: Harvard University Press, 2007. P. 16-125.

<sup>324</sup> A importância de considerar a atividade epistolar humanista e a querela ciceroniana (com a preponderância daquela) para a compreensão da retórica humanista foi enxergada, dentre outros, por Marc Fumaroli: “En dépit du culte rendu par l'humanisme à Cicerón et Démosthène, ce n'est pas sur l'*oratio* à l'antique, qu'eut lieu le grand débat humaniste sur la prose, la Querelle du ciceronianisme, mais

manifestou-se diante da cisão entre os humanistas do norte, atraídos pela postura de Erasmo, e os humanistas italianos, cujo príncipe era Bembo.

## 2.1 Erasmo e a publicação do *Ciceronianus*

Francisco Florido [Franciscus Floridus Sabinus] certa vez comentou que a publicação do *Ciceronianus*, ao lado de *Moriae Encomium*, constituía o ponto mais elevado da carreira de Erasmo<sup>325</sup>. Ele certamente tinha razão, ao menos no que diz respeito à sua carreira como polemista.

O texto apareceu nos prelos de Froben no ano de 1528, a que se seguiu uma ruidosa série de protestos de apoio e de ácidas invectivas direcionadas ao que se lia em suas páginas. O enredo central é conhecido. Por meio de um diálogo entre três doutos amigos, Nosópono, Buléforo e Hipólogo, Erasmo lançou luz sobre o que pensava ser o “fetichismo tuliano”, a imitação extremada das obras de Cícero defendida por numerosos humanistas europeus como única ou privilegiada maneira de alcançar a perfeição na prosa em língua latina. De acordo com Erasmo, aos escritores da península Itálica cabeu o papel majoritário no movimento: eles teriam se dedicado com demasiada atenção aos modelos estilísticos do paganismo, tendo olhos tão-somente para temas

---

sur la lettre et le style épistolaire, seuls rivaux laïcs, en dernière analyse, de l'éloquence sacrée. FUMAROLI, Marc. Genèse de l'épistolographie classique: rhétorique humaniste de la lettre, de Pétrarque à Juste Lipse. *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, Vol. 78, N° 6, 1978.

<sup>325</sup> ASENSIO, Eugenio. Ciceronianos contra Erasmistas en España. Dos momentos (1528-1560). In: ASENSIO, Eugenio. *De fray Luis de León a Quevedo y otros estudios sobre retórica, poética y humanismo*. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 2005. P. 238-239

clássicos. Teriam preferido falar de *Jupiter optimus maximus* a falar de Deus<sup>326</sup>, e mais temeriam não serem considerados ciceronianos adequados que maus cristãos<sup>327</sup>.

Nosópono foi retratado no *Ciceronianus* com traços parecidos aos que descrevi acima, embora os tons tenham sido mais carregados. Trata-se de um personagem doentio na sua afetação, atormentado pela busca pelo modelo de Cícero em cada palavra e, ao mesmo tempo, pela consciência implícita de que manter o etéreo arpinate insepulto exigia cuidados permanentemente desgastantes. Apesar disso, encarou a tarefa com um misto de prazer e resolução, o que fez de sua imagem fonte de ardilosa piedade para outros personagens e motivo de escárnio para diversos leitores coevos.

Por que, então, a publicação do opúsculo ganhou tantos leitores e teve como consequência tamanha cizânia entre os eruditos quinhentistas? Inicialmente devemos dizer que, analogamente ao *Elogio da Loucura*, *Ciceronianus* foi arquitetado como uma diatribe na qual a matéria era tratada segundo princípios estilísticos de forte apelo, encarnados na forma dialogal, forma capaz de cativar mesmo os leitores não significativamente envolvidos com os temas abordados mediante um jogo contínuo de alusões e referências satíricas. A adoção desse gênero não surpreende; ele foi idolatrado pelos humanistas dos séculos XV e XVI, por entenderem que o diálogo era “[...] quase a declaração aberta de uma diferença de opiniões irreconciliáveis, o direito de qualquer voz a fazer-se ouvir, a ideia de investigação como colóquio e debate não harmonizado”<sup>328</sup>. O diálogo tornava possível colocar frente a frente os contenciosos, por

---

<sup>326</sup> Muito embora as críticas de Erasmo nesse sentido sejam coerentes diante do quadro de aspirações ciceronianas, não é lícito deixar de notar que trata-se de um lugar-comum. Na verdade, o uso de expressões pagãs em substituição a termos cristãos estava bastante presente no ocidente desde a Idade Média. Cf. GARIN, Eugenio. As fábulas antigas. In: *Idade Média e Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1994. P. 64. Ainda é preciso acrescentar que o termo *Jupiter* em particular era usado como substituto de *Deus* com frequência: “Decir “Júpiter” por “Dios” era tan frecuente en el Renacimiento que ni siquiera el odio de Sante Pagnini por las alusiones clásicas impidió que el nombre “Júpiter” apareciera en su epitafio”. WIND, Edgar. Aenigma Termini. El emblema de Erasmo de Rotterdam. In: *La elocuencia de los símbolos*. Madrid: Alianza Forma, 1993. P. 128. Para um exemplo de uso anterior à época de Erasmo, basta averiguar a abertura do elogio do humanista Porcellio a Bounconte da Montefeltro, filho do célebre Federico da Montefeltro e discípulo do cardeal Bessarion: “Vera Iovis soboles forma facieque decora / Et mira ingenii nobilitate puer, / Romano eloquio indulget pariterque Pelasgo ...” [grifo meu] Cf. GINZBURG, Carlo. Ainda a flagelação. In: *Indagações sobre Piero*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989 [1981]. P. 120.

<sup>327</sup> TORRES, Amadeu. *Damião de Góis e o pensamento renascentista: do ciceronianismo ao ecletismo*. Arquivos do centro cultural português – XVII - Separata. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982. P. 13-15.

<sup>328</sup> GARIN, Eugenio. A história no pensamento renascentista. In: *Idade Média e Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1994. P. 169.

vezes de forma aberta, deixando às claras não somente os argumentos em voga, mas também seus autores. Foi este o caso no *Ciceronianus*.

Dentre as várias alusões cunhadas por Erasmo no *Ciceronianus* para as quais temos de nos debruçar, está aquela que parte do princípio de que a construção do protagonista, Nosópono, não era fortuita; ela se reportava de maneira central - embora não exclusivamente - a Christophe de Longueil.

A ascensão de Longueil [*Longolius*, c. 1488 – 1522] a um lugar respeitável entre os humanistas europeus contrasta com sua morte prematura. As notícias disponíveis sobre sua atuação cruzaram as fronteiras de diversos reinos a partir dos inúmeros comentários de humanistas impressionados com o vigor intelectual daquele jovem cultor das letras. No âmbito italiano, onde sua obra repercutira de modo mais vigoroso, seu proeminente protetor, o secretário papal Pietro Bembo, cuidou de o introduzir a eruditos tão renomados quanto Buonamico, Giberti, Gianpietro Carafa (o futuro Paulo IV), Madruzzo, Sadoletto, Flaminio, Navagero, todos esses representantes dos círculos intelectuais de Roma e de Pádua, cidades cosmopolitas que ofereciam, além de tudo, amplo comércio com estudiosos de regiões longínquas. As passagens de Longueil por Bologna e Valência, onde estudou Direito, e na França, onde atuou como militar e foi agraciado com uma cadeira no parlamento de Paris, por sua vez, ajudaram a consolidar seu renome no restante do continente<sup>329</sup>.

Em Pádua, Longueil acabou entrando em contato com outro jovem promissor, o *Monsignor d’Inghilterra* Reginald Pole, cuja linhagem remontava ao rei Eduardo IV e ao próprio Henrique VIII, de quem era primo em segundo grau. A amizade a uni-los foi possivelmente forjada por intermédio do professor Leonico Tomeo<sup>330</sup>, que morava na casa de Pole e se tornou um destacado conselheiro e tutor de Longueil<sup>331</sup>; essa proximidade deve ter culminado, com o suporte de Bembo, na publicação das *Orationes* de Longueil em 1524, expressão do que entendiam ser a aplicação máxima do

---

<sup>329</sup> NAUERT, Charles G. *Historical Dictionary of the Renaissance*. Oxford: Scarecrow Press, 2004. P. 242-243.

<sup>330</sup> Segundo Schlosser, referindo-se a uma notícia do humanista Pomponio Gaurico da Napoli, Leonico Tomeo foi “[...] il primo che a Padova spiegò Aristotele nel testo originale”, o que fez dele certamente um personagem prestigiado naquela cidade. SCHLOSSER, Julius von. I teorici dell’Italia settentrionale. In: *La letteratura artistica*. Milão: La Nuova Italia, 2000 [1924]. P. 236.

<sup>331</sup> Para as considerações acima, cf. PARKS, George B. Did Pole Write the “Vita Longolii”? *Renaissance Quarterly*, Vol. 26, nº 3 (Autumn), 1973. P. 275-276.

ciceronianismo na prosa, bem como um vital instrumento de divulgação da proposta intelectual que viria a ser criticada por Erasmo<sup>332</sup>.

A ideia de que a entrada no panteão dos antigos seria franqueada àqueles que melhor ostentassem o retrato de Cícero, ou seja, a língua latina estilisticamente mais elevada, não era patrimônio exclusivo de Longueil nem dos humanistas que se lhe acercavam. Pelo contrário, tratou-se de um fenômeno mais abrangente, cujos ecos difundiram-se por meio do intenso trânsito de estudiosos e de obras consagradas à defesa do ciceronianismo. Como exemplo disso, o português Estevão Cavaleiro, citado certa vez pelo próprio Erasmo em virtude de suas qualidades de prosador<sup>333</sup>, argumentou em 1516: “Já nos apossamos da cidade de Roma; já o nosso colóquio é com cidadãos romanos; Já há muito que praticamos a língua romana. É que, onde domina a língua latina, aí se encontra o império romano”<sup>334</sup>. Para além da evocação ao retorno do império, comum entre diversos humanistas, Estevão Cavaleiro referia-se na passagem a um passo das *Elegantiae linguae latinae* de Valla (1440), que aqui reproduzo: “o império romano está onde quer que domine a língua romana” [ibi namque romanum imperium est ubicumque romana lingua dominatur]<sup>335</sup>.

Diversos autores do século XVI supunham que a noção de proximidade com os tempos áureos que se pretendia regenerar estivesse primordialmente fixada ao idioma, e de maneira bastante circunscrita. Não bastava escrever em bom latim, atitude há tempos difundida nos meios intelectuais dos *studia humanitatis*; havia que adotar um gênero específico de latim, que permitiria àqueles que o praticassem carregar o farol que

<sup>332</sup> A questão da autoria no que diz respeito à edição póstuma das orações de Longueil ainda não foi plenamente clarificada pela historiografia contemporânea. Tentativas nesse sentido podem ser averiguadas no já citado PARKS, George B. Did Pole Write the “Vita Longolii”? e em VOS, Alvin. The Vita Longolii: additional considerations about Reginald Pole’s Authorship. *Renaissance Quarterly*, vol. 30, n° 3 (Autumn), 1977.

<sup>333</sup> A referência está no próprio *Ciceronianus*. Em dado momento, Buléforo afirma: “Eu também conheço alguns eruditos portugueses que deram prova pública de seu gênio. Mas eu não tenho conhecimento direto de nenhum deles exceto certo *Hemricus* [grifo meu], que é bem-sucedido no [gênero] epigrama...” [Also I know some learned Portuguese who have given public proof of their genius. But I have direct knowledge of none of them except a certain Hemricus, who is successful at epigram...] ROTTERDAM, Erasmo, *Ciceronianus sive de optimo genere dicendi* – Ciceronianus: a dialogue on the best style of speaking. Trad. Izora Scott. Toronto: University of Toronto, 2002 [1908]. P. 107.

<sup>334</sup> RAMALHO, Américo da Costa. *Estudos sobre o século XVI*. Lisboa: INCM, 1983. P. 128.

<sup>335</sup> SANTOS, Leonel Ribeiro dos. *Linguagem, retórica e filosofia no Renascimento*. Lisboa: Colibri, 2004. P. 158. Leonel Ribeiro considera que a passagem de Valla – acrescentaria a de Cavaleiro, seu corolário – não exprime um desejo real de contemplar o retorno do império romano, reencarnado em algum dos reinos europeus; objetiva, concretamente, a intenção de se apossar de sua herança mais cara, o idioma. Uma apreciação geral da questão da língua do império e do debate entre a escolha do vernáculo ou a do latim pode ser lida em PÉREZ, Pedro Ruiz. Sobre el debate de la lengua vulgar en el Renacimiento. *Criticón*. N°38, 1987. P. 15-44.

iluminaria os novos tempos, guiando os homens rumo a uma educação virtuosa. A retomada de autores como Valla indica a busca por respaldo em humanistas icônicos da geração anterior, na qual teve primazia tanto a proposta de ampla renovação civilizacional a que se conjugou a noção de renascimento do mundo antigo quanto a coleta e crítica de textos que visavam a reparar as incongruências surgidas na Idade Média e apresentar os clássicos em sua maior pureza, livres dos escombros que os séculos volvidos lançaram sobre suas mensagens. A intenção de polir a escrita de modo semelhante lançou as bases para a disputa em questão, capítulo fundamental na história dos personagens da *República das Letras* na época de Erasmo<sup>336</sup>. Contudo, o mesmo Erasmo traçara o nome de Valla nos fios de sua genealogia intelectual, tentando provar como houve quem, no século XV, se dispusesse com os primeiros rasgos de um ciceronianismo sedutor<sup>337</sup>.

Às vésperas do ataque frontal veiculado pelo *Ciceronianus*, muitos depositaram o sentimento de devoção aos escritos de Cícero exaltados por Longueil no mesmo altar onde acolheram a firme crença de que Erasmo havia alcançado o ápice do conhecimento ansiado pelos humanistas acerca do mundo clássico. O humanista de Burgos Juan de Maldonado, cuja obra comentei brevemente no primeiro capítulo, ilustrou tal atitude.

Maldonado relembrou em diversas ocasiões o encontro com Longueil na ocasião em que este veio à Salamanca à caça de um cargo na corte, por volta do ano de 1505<sup>338</sup>. Enquanto residia na casa de Lúcio Flaminio Sículo, com quem compartilhava singular admiração por Cícero, Longueil aconselhou Maldonado a memorizar os clássicos, sobretudo Ovídio e Plínio. Incutiu-lhe a perspectiva de que o recurso à imitação da prosa ciceroniana era o único caminho daqueles que almejavam a excelência no estilo. Mais de vinte anos depois, um nostálgico Maldonado refletia o resultado desses diálogos, dizendo: “todo aquele que em seu latim se afasta de Cícero, se afasta da

---

<sup>336</sup> *Les gladiateurs de la République des Lettres* (1860), escrito por Charles Nisard, foi provavelmente o primeiro livro a discutir como a criação de querelas intelectuais que frequentemente terminavam – ou começavam – com a agressão pessoal dos envolvidos fazia parte do exercício intelectual humanista, além de ser um instrumento de ganho de prestígio e de luta pela primazia na definição da agenda a seguir. O mesmo Nisard lembrou que o termo *digladiari* significava para os romanos uma disputa acalorada, onde argumentos e a depreciação do rival mesclavam-se no processo de defesa de determinada ideia. NISARD, Charles. *Les gladiateurs de la République des Lettres*. II vols. Paris: Michael Lévy Frères, 1860. P. V-VIII.

<sup>337</sup> Na realidade, os enfrentamentos em torno do ciceronianismo são anteriores a Valla. Cf. WITT, Ronald G. The first ciceronianism. In: “*In the footsteps of the ancients...*”

<sup>338</sup> A biografia de Longueil, a *Vita Longolii* (1524), não faz mais que uma breve menção à estadia na península Ibérica. ASENSIO, Eugenio. Ciceronianos contra Erasmistas en España. Dos momentos (1528-1560)... P. 232.

verdade” [Quicquid in lingua latina deviat a Cicerone, a vero deviat]<sup>339</sup>. Por outro lado, Maldonado procurou salientar no mesmo texto, o *Paraenesis* (1529) – que, notemos, defendia a aprendizagem do latim mediante o contato direto com os autores greco-latinos em detrimento da proposta de profundo estudo gramatical veiculada por Nebrija -, o papel vital desempenhado por Erasmo, “o milagre do século”, nos estudos humanísticos em seu tempo<sup>340</sup>.

Mas mesmo Erasmo nutria uma manifesta afeição por Cícero até ser tomado de um conservadorismo cada vez mais impactante em suas obras após os confrontos com Lutero e com os admiradores do arpinate<sup>341</sup>. Com efeito, essa afeição não diminuiu, mas teve de se camuflar, sob pena de que Erasmo fosse incluído no rol de seus oponentes – afinal, ele devia ter plena consciência de que seu passado poderia ser usado contra o ácido comportamento apresentado no *Ciceronianus*. Muitas páginas de seu *Convivium religiosum* (1522), ou de sua *Breuissima maximeque compendiarum conficiendarum epistolarum formula* (1521)<sup>342</sup>, deixavam claro o entendimento de que a leitura dos clássicos de caráter moral, Cícero acima de todos, resultava indispensável para uma boa formação cristã<sup>343</sup>. Havia mesmo humanistas que, na tentativa de elogiar Erasmo, comparavam-no diretamente ao arpinate. Era o caso do português André de Resende, que, em seu *Erasmi Encomium*, exclamava: “Salve, três vezes salve, ó Cícero supremo do nosso tempo” [Salve, salve tre maxime nostri nunc aeui Cicero]<sup>344</sup>.

Devemos estar atentos, ademais, ao fato de que a participação de Erasmo na organização e publicação de parte do *corpus* ciceroniano não correspondia a uma ação inovadora. O contato cristão com textos de Cícero, sobretudo os tratados *De Senectute*,

<sup>339</sup> ASENSIO, Eugenio. Ciceronianos contra Erasmistas en España. Dos momentos (1528-1560)... P. 236-237.

<sup>340</sup> ASENSIO, Eugenio. Juan de Maldonado (c. 1485-1554) y su Paraenesis o el humanismo en la época de Carlos V... P. 252 e *passim*.

<sup>341</sup> Algo que Huizinga percebeu com sensibilidade. “No se daba cuenta Erasmo de que con esto [a crítica mordaz aos ciceronianos] atacaba su propio pasado? Bien mirado, no era lo mismo que él había hecho con indignación de sus contradictores, cuando traducía *Logos* por *Sermo* en lugar de *Verbum*? Y no se clasificaba así como ciceroniano? También con ello atentaba a un concepto Cristiano actual y lo suplantaba por un vocablo clásico. No había manifestado el deseo de que en los himnos de la Iglesia se corrigiese el metro, para no mencionar sus propias odas clásicas y peanes a María y a los santos? Y su advertência contra la parcialidad en favor de los proverbios y giros clásicos, no era aplicable más que a otra cosa a los *Adagia*?” HUIZINGA, Johan. *Erasmo*. Barcelona: Ediciones del Zodíaco, 1946. [1924] P. 241.

<sup>342</sup> Disponibilizei várias informações sobre o texto no capítulo 1.

<sup>343</sup> OSÓRIO, Jorge A. Cícero traduzido para português no século XVI - Damião de Góis e o Livro da Velhice. *Humanitas*, 37-38. Coimbra: Faculdade de Letras, 1985-1986. P. 207.

<sup>344</sup> RESENDE, André. *Elogio de Erasmo (Erasmi Encomium)*. Trad. Walter de Sousa Medeiros e José Pereira da Costa. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1961 [1531]. P. 14-15 – v. 42-43.

*De Amicitia*, *De Officiis* e as *Tusculanae Disputationes* contava muito tempo, e esses livros em particular faziam parte do patrimônio intelectual do Ocidente pelo menos desde a Patrística – Santo Ambrósio e o *De officiis ministrorum* que redigiu constituem um caso exemplar e evidência da asserção. Ainda que tenham lidado com certo ostracismo, inclusive sofrendo alterações significativas em tempos medievais, é seguro dizer que não desapareceram por completo - tampouco perderam todo o essencial de seu conteúdo - até sua redescoberta por Petrarca e outros<sup>345</sup>.

Não é fácil determinar quando Erasmo entrou em contato com o pensamento de Longueil e dos demais ciceronianos, revelando-se igualmente tortuoso o caminho para precisar quando sua relação com eles deteriorou em definitivo. Uma notícia crucial que recebeu sobre o belga chegou à sua casa no ano de 1525, em epístola que Thomas Lupset escreveu-lhe de Pádua. Comentava a fama cada vez maior de Longueil, anexando sua obra impressa em dezembro de 1524 à missiva. Admitindo-se seguidor de Longueil, Lupset dava a notícia ressaltando a recepção positiva dos italianos aos textos<sup>346</sup>. Pode ter sido esta a ocasião em que Erasmo dedicou um olhar mais atento à obra de Longueil, momento em que o conservadorismo do humanista holandês acentuava-se diante das disputas com Lutero.

Também a estadia de Erasmo na cidade de Roma em 1509 pode ser sido o elemento catalisador da questão. Lá – conta-nos no *Ciceronianus*<sup>347</sup> -, assistiu a um sermão pronunciado por ciceronianos convictos, que acabaram transformando o sofrimento de Cristo em uma oportunidade singular para a exposição de *topoi* da história romana desprovidos de sentimento e de virtude: só teria havido espaço para a demonstração vazia do talento do orador na imitação do que um romano letrado poderia ter dito em tão solene momento – donde sua acusação do excessivo paganismo que estaria cercando os eruditos daquelas terras<sup>348</sup>. A reclamação de Erasmo ia ao encontro da perplexidade externada pelas plateias que testemunhavam os discursos humanistas na região desde épocas já tão afastadas quanto o início do século XIV. Quando as pretensões classisistas de Albertino Mussato, inspirado por Lovato Lovati,

---

<sup>345</sup> OSÓRIO, Jorge A. Cícero traduzido para português no século XVI - Damião de Góis e o Livro da Velhice... P. 211

<sup>346</sup> PARKS, George B. Did Pole Write the “Vita Longolii”? P. 277.

<sup>347</sup> ROTTERDAM, Erasmo. *Ciceronianus*... P. 62.

<sup>348</sup> É Buléforo quem faz referência ao episódio em *Ciceronianus*, deixando propositadamente de mencionar quem teria sido o responsável pelo discurso. ROTTERDAM, Erasmo, *Ciceronianus*... P. 64-65.



manifestavam-se em sua rebuscada *latinitas*, poucos dentre os que se espantavam com a gravidade expressiva do orador eram genuinamente capazes de assimilar o conteúdo de sua mensagem<sup>349</sup>. A diferença entre os dois momentos ancora-se, entretanto, no fato de que os ciceronianos não faziam valer suas competências estilísticas apenas em temas de história romana, panegíricos e outros assuntos mundanos, como fizera Mussato; tratavam do Cristianismo e da própria vida de Cristo, temas elevados demais para exercícios vãos e aos quais dever-se-ia reservar respeitoso decoro.

A validade da visita de Erasmo para explicar seu envolvimento com os ciceronianos – e suas estreitas ligações com a busca pela *eloquência*<sup>350</sup> encaminhada pelos primeiros humanistas italianos - parece bastante sólida, mas não nos dá notícias quanto a Longueil, que estava em Poitiers em 1509 e não contava naquele período com o prestígio que veio a adquirir em Roma<sup>351</sup>. A trajetória epistolar de Erasmo, porém, nos faz partícipes de outro contato revelador, agora entre Erasmo e Reginald Pole, circunstância na qual o humanista holandês se demonstrou em parte incomodado com a obra do humanista belga. Ao responder à missiva de Pole em 1526, da qual tinha ouvido falar sem tê-la de fato recebido, “ele sugere que Pole publique as anotações de Longueil, aparentemente sobre Cícero, sem dúvida mais importantes para a erudição que as orações de Longueil”. [he suggests that Pole publish Longueil’s annotations, apparently on Cicero, as doubtless more important for scholarship than Longueil’s orations]<sup>352</sup>. O comentário nos impede de ignorar o fato de que Erasmo reconhecia o trabalho de Longueil na disposição de anotações dos textos clássicos – afinal, Longueil de fato era um especialista em Plínio, além de conhecer a fundo diversos escritores greco-latinos. Simultaneamente, ressaltava o tom ácido contra as orações de Longueil que lera graças a Thomas Lupset<sup>353</sup>.

De todo modo, a atuação do Longueil acabou sendo beneficiada pelo distanciamento inicialmente mantido por Erasmo, de modo que ficou facilitada sua ascensão ao que - consideravam seus amigos mais avizinados - o posto de maior prosador latino da República das Letras.

<sup>349</sup> RICO, Francisco. *El sueño del humanismo: de Petrarca a Erasmo*. Barcelona: Ediciones Destino, 2002. [1993]. P. 30.

<sup>350</sup> O conceito será discutido adiante.

<sup>351</sup> NAUERT, Charles G. *Historical Dictionary of the Renaissance...* P. 242

<sup>352</sup> PARKS, George B. Did Pole Write the “Vita Longolii”? P. 277.

<sup>353</sup> Outros contatos epistolares de Erasmo significativos nesse sentido encontram-se em PIGMAN III, G. W. Imitation and Renaissance sense of the past: the reception of Erasmo’s Ciceronianus. *Humanities working paper* 30. Pasadena, California Institute of Technology, 1979. P. 1-10.

Longueil jactou-se do modelo ciceroniano a ponto de sustentar que um dos discípulos que lhe eram mais caros, o humanista Simon de Villeneuve (c. 1495 -1530), superara Erasmo nas qualidades da escrita. “Ele precisa de alguns anos de ócio, não para rivalizar com nossos Erasmos e Budés, quem ele já ultrapassou em elegância estilística e precisão, mas para se aquilatar aos próprios antigos” [Ocium illi ad aliquot annos est opus, non quo vel cum Budaeis vel cum Erasmi nostris, quos iam elegancia dicendi et subtilitate vicit, sed cum veteribus illis aliquando contendat]<sup>354</sup>.

Antes de concluir esta seção, deve-se salientar que o *Ciceronianus* não se dirigia a tudo o que Longueil havia escrito, nem às qualidades intelectuais dele e de seus aliados. Direccionava-se aos fundamentos de seu estilo e à produção de obras com o sobrecarregado propósito de nuançar as virtudes da escrita supostamente perfeita que ostentava. Para mais, insinuava, perigosamente, que os textos ciceronianos recendiam a paganismo.

## **2.2 A comunidade cindida: Damião de Góis e os círculos eruditos transalpinos e italianos**

Os enfrentamentos de Erasmo contra os ciceronianos começaram na década de vinte do século XVI, mas tornaram-se conhecidos em toda a República das Letras a partir da década seguinte. Situemos a posição de Damião de Góis em torno às constelações de humanistas que se vincularam a Erasmo e a Longueil/Bembo, procurando discernir se Góis chegou a aproximar-se mais de um dos grupos. Para tanto, avalio o conjunto epistolar goisiano entre o momento em que deixou a casa de Erasmo e partiu para Pádua e o fim de sua estadia fora de Portugal, em 1545, momento em que vida humanista de Góis mudou sensivelmente com a tomada do posto de Guarda-mor do Tombo em Lisboa e com a progressiva pressão do Santo Ofício no reino português, que o levou a ser preso.

Chegaram até nosso tempo 39 cartas escritas por Góis, a ele endereçadas ou que dele falavam dentro das limitações cronológicas elencadas. Dentre elas, 25 dizem respeito a conversas com Erasmo de Rotterdam ou amigos seus, como Bonifacius Amerbach e Beato Renano; 5 cartas forjaram contatos com os cardeais italianos Pietro Bembo e Jacopo Sadoletto, enquanto outras 9 reportavam-se a contatos com outros personagens que julgo não terem relação direta com esse tópico. Analisemos as

---

<sup>354</sup> VOS, Alvin. *The Vita Longolii...* P. 327.

missivas em conjunto, começando com as cartas ligadas ao círculo erudito de Erasmo. Com isso, espero, como dito, conseguir traçar um panorama das afinidades goisianas com personagens envolvidos com a polêmica ciceroniana, não obstante ser necessário ressaltar que o dado quantitativo não pode ter peso definitivo nessa análise. Com efeito, as cartas latinas goisianas recuperadas<sup>355</sup> certamente não chegam a somar metade do total outrora existente – para provar isso, apenas devemos pensar que parte significativa das epístolas disponíveis constituem respostas a missivas anteriores que hoje desconhecemos (os humanistas, como expliquei no capítulo anterior, engajavam-se em longas trocas epistolares que se tornavam verdadeiros *diálogos* a aproximar os ausentes). Portanto, esboço a seguir uma ponderação sobretudo qualitativa das cartas em perspectiva de conjunto (o universo de 30 epístolas escolhido), tentando captar os esforços de Góis em manter-se próximo dos dois círculos eruditos.

Começemos pelo círculo erasmiano. A primeira das cartas (11-IX-1534<sup>356</sup>) a avaliar corresponde a um contato feito por Gilberto Cognatus a Bonifacius Amerbach, no qual revelava detalhes de conturbadas questões ligadas aos protestantes (comenta, por exemplo, que alguns amigos de Erasmo e de Luís Vives haviam sido presos) e dava notícia do andamento de algumas publicações ligadas à Erasmo (*De praeparatione ad mortem*<sup>357</sup>, *Declarationes* e outros). De passagem, alertava a Amerbach que Damião de Góis mantivera contato com Melanchton. [Melanchton nuper scripsit, sed nihil noui, tantum de Damiano] Interessante notar aqui que Góis já se encontrava na região de Pádua quando a carta foi remetida a Amerbach.

As conversas entre Góis e Melanchton não nos surpreendem, uma vez que o humanista português chegou a visitar Lutero e Melanchton durante uma de suas viagens diplomáticas<sup>358</sup>. Em depoimento aos inquisidores em 1571, Góis disse ter começado essa viagem indo à Lübeck, “[...] onde estava um luterano pregador que se chamava Joane Pomerano”. Recebido por um dos governadores da cidade, Góis foi – sempre segundo seu depoimento - convidado a jantar com Pomerano. Como aceitou, estiveram

<sup>355</sup> Um breve elenco de todas elas encontra-se em TORRES, Amadeu. *A correspondência latina goisiana entre as motivações do seu humanismo cosmopolita...* P. 136-137.

<sup>356</sup> CLG B XXXIII, P. 196-197.

<sup>357</sup> O *De praeparatione ad mortem* foi, aliás, um dos maiores sucessos editoriais de Erasmo, conforme explica Roger Chartier: “Mas o grande sucesso de livreria desses anos 1530-1560 é fornecido pelo *De praeparationem ad mortem* de Erasmo, 59 edições em latim ou em língua vernáculas, se contarmos juntas as publicações do texto sozinho e aquelas em que ele segue o *Enchiridion*”. CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004 [1987]. P. 144

<sup>358</sup> O itinerário detalhado dessa viagem de Góis pode ser lido em MARQUES, A. H. de Oliveira. *Damião de Góis e os mercadores de Danzig*. In: MARQUES, A. H. de Oliveira. *Portugal Quinhentista* (ensaios). Lisboa: Quetzal, 1987. p. 46-48.

juntos, e ouviu no jantar que Pomerano “[...] tinha feito um livro, em língua alemã, do governo da cidade, assim do secular como do mais, acerca de seus costumes e de como haviam de viver. O qual livro ele confessante [Góis] não viu nem leu”. No ano de 1531, quando foi enviado por D. João III em missão à Dinamarca, teve finalmente a chance de chegar-se aos protestantes: tendo concluído os negócios junto a Frederico da Dinamarca, Góis prosseguiu, lembrando que a seguir esteve na Polônia, na cidade de Pósnia. Tratou com negociantes, e rumou a seguir, por “seu direto caminho”, a Witemberg, onde viviam Lutero e Melanchton. Segundo Góis, o estalajadeiro sugeriu que se reunissem aos dois protestantes, o que aconteceu (também estava no jantar o chefe da fortaleza). Góis afirma que não se lembra do que disse a Lutero, mas que pareceu-lhe que o discurso do germânico não era justo<sup>359</sup>. Melanchton dizia – olhando para Góis - que Lutero tinha razão, que aquela era a verdade, e por isso o seguia, ensinando quantos pudesse. Góis dissera aos inquisidores que nada respondeu, dando a entender, contudo, que não estava satisfeito em os ouvir. Dias depois, sem mais falar com ambos, voltou a Flandres<sup>360</sup>.

A breve digressão acima aponta a relevância do contato mencionado por Erasmo. De fato, na altura, Erasmo não havia interrompido suas conversas com Melanchton e outros personagens ligados aos movimentos protestantes, e Góis logo viria a atuar na intermediação de contatos entre o próprio Melanchton e católicos ligados aos mais altos círculos do papado. Antes de passarmos a esse ponto, é necessário considerar o papel de Grapheus. Sua simpatia por Lutero já o havia levado à prisão em 1522, da qual fora libertado um ano depois. Contudo, até aquele momento, não havia conseguido recuperar seu posto de secretário da cidade em Antuérpia, algo que só veio a ocorrer em 1540<sup>361</sup>. Assim, afastado – como Góis – do exercício da vida pública, Grapheus tomou para si o caminho das letras, o que o aproximou sobremaneira de Erasmo.

Vemos o grau dessa proximidade em uma das cartas enviadas por Erasmo ao amigo Schets. Em 21-II-1535<sup>362</sup>, Erasmo discutia com Schets o falecimento de Clauthus, um de seus servidores mais próximos. Erasmo estava insatisfeito com ele, que havia se revelado um grande “intriguista” disposto a tudo, menos a servi-lo. [erat merus fucus, nec quicquam minus habebat in animo quam mihi inseruire] Com a péssima

<sup>359</sup> Claramente, devemos levar em conta a situação em que Góis pronunciou essas palavras.

<sup>360</sup> RÊGO, Raul. *O processo de Damião de Goes na Inquisição...* P. 71-72.

<sup>361</sup> NAUERT, Charles G. *Historical Dictionary of the Renaissance...* P. 176.

<sup>362</sup> CLG B XXXVIII, P. 208-211.

atuação do criado, Erasmo lamentou o fato de ele não ter atendido aos requisitos mínimos que havia estabelecido com aquele que o indicou, Cornelius Grapheus.

A Grapheus sobre três pormenores já tinha chamado a atenção: que me mandasse quem não fizesse reparo em servir uma pessoa doente; quem estivesse gozando de boa saúde; quem não andasse ligado a seitas. Ele mesmo não negava estas advertências de Grapheus<sup>363</sup>.

A situação em torno desse criado, que Góis conheceu quando vivia com Erasmo<sup>364</sup>, era crítica, pois ele ficara responsável pelo envio das cartas de Erasmo. Contudo, a crer em Erasmo, nenhuma carta cujo conteúdo era sigiloso ou perigoso caso viesse a público (as comunicações com Melanchton, por exemplo, poderiam colocar Erasmo em posição difícil diante dos amigos católicos, como Bembo, e ele fez questão de dizer a Schets que havia pedido a Grapheus um criado apartado de “seitas”) passou pelas mãos de Clauthus. “Nada escrevi nem a Moro nem ao Rofense”, precisou Erasmo, tranquilizando Schets, “[...] após saber que estavam presos, conquanto de resto nada costume escrever aos amigos ingleses que não possa ser lido por todos. Por isso, fica descansado.<sup>365</sup>” [Nec Moro nec Rofensi quicquam scripsi, posteaquam rescui illos esse in custodia. Quanquam nec alias soleo ad amicos Anglos scribere quod non posset ab omnibus legi. Quare pone istam sollicitudinem.]

Góis, portanto, desde os contatos com Grapheus, passando pela visita a Lutero e Melanchton e sua estadia com Erasmo, estava envolvido com os problemas religiosos. Problemas que viriam a ganhar estatuto privilegiado em sua correspondência na altura em que a querela ciceroniana dividia os humanistas. Como veremos a seguir, essa divisão, antes de verdadeiramente anular as amizades retóricas estabelecidas, fazia-se

---

<sup>363</sup> CLG B XXXVIII, P. 208-209.

<sup>364</sup> “Veio aqui [Clauthus] tocado da viagem. Eu próprio achava-me também enfermo. Por isso, durante vários dias o coloquei na mesa de Damião de Góis. Viria, naturalmente, sob o mesmo tecto, mas não se sentava à mesa senão quando eu ordenava. Logo que Clautho convalesceu, chamei-o para uma conversa e muito amavelmente comecei por dizer-lhe que falasse abertamente comigo a fim de que a nossa amizade lograsse ser mais firme. Chegamos assim à terceira cláusula: se era estranho a seitas. Desta sorte, mantive-o ainda alguns dias junto a Damião, chamando-o depois para a minha mesa. No convívio nem sequer Damião falava, a não ser interrogado. Então respondia em duas palavras, tão baixo que não o entendia”. [Venit huc male affectus ex itinere. Aegrotabam et ipse. Itaque collocaui eum in mensa Damiani a Goes dies complures. Is enim sub eodem tecto uiuebat, at non utebatur eadem mensa, nisi iussissem. Vbi iam conualuisset Clauthus, uocaui ad colloquium et humanissime praefatus sum ut mecum aperte loqueretur, quo nostra amicitia posset esse firmior. Venimus igitur ad tertium articulum, na esset purus a sectis. Affirmabat. Ita dimisi illum adhuc aliquot dies apud Damianum. Post uocaui illum ad mensam meam. In conuiuio nec apud Damianum loquebatur nisi interrogatus: tum respondebat duobus uerbis, ita pipiens ut eum non intellerem.] CLG B XXXVIII, P. 208-209.

<sup>365</sup> CLG B XXXVIII, P. 210-211.

tão-somente do ponto de vista da questão literária, já que noutras óticas, como a da questão protestante, não impediu o fluxo de comunicação epistolar de que Góis veio a ser vital intermediário. Ao contrário de Clauthus, Góis merecia a plena confiança de Erasmo, de modo que podia agir discretamente e sem denunciar os diálogos. A confiança em Góis era, ademais, fundamental em um contexto de crescente desconfiança não somente quanto à posição de Erasmo em particular, mas aos próprios textos humanistas. Um ano depois de publicado, isto é, em 1535, o aparentemente inocente *De preparatione ad mortem*, ligado à consolidada tradição das preparações para a morte e das *Artes moriendi*<sup>366</sup>, era motivo de suspeita de fé para quem o possuísse<sup>367</sup>.

Neste ponto, faz-se vital levar em conta as teses do historiador português Borges de Macedo sobre a estadia de Góis nas terras italianas. Macedo foi por causa das pretensões de Bembo em retomar o diálogo com Melanchton (em prol da reunião das igrejas) que Góis deixou Friburgo em direção a Pádua. Provariam essa hipótese a carta de Bembo a Erasmo anunciando a chegada de Góis e as recomendações de Erasmo a este no sentido de preservar sua segurança em terras italianas. “Torna-se também mais compreensível que sua estadia nessa vila não tenha deixado vestígios na Universidade”<sup>368</sup>. Não sendo um humanista proeminente, Góis poderia intermediar as negociações discretamente, evitando os problemas ocorridos, por exemplo, com Jacob Sturm, apoiado abertamente pelo cardeal Du Bellay. Ademais, já tinha mantido contato com Melanchton, além de ter consolidado uma carreira de diplomata. Essas qualidades podem ter atraído os religiosos italianos<sup>369</sup>.

Embora devamos dar crédito à hipótese de Macedo e investigá-la a partir da correspondência de Góis com os dois círculos – algo que farei enquanto procuro notícias da querela ciceroniana nas referidas epístolas -, devemos discutir os argumentos que ele apresentou. Ao referir que não há notícias de Góis na universidade, ele deixou de lado ao menos um dado. Ele se refere ao envio de uma carta por Luís Ber a Jerônimo Aleandro.

---

<sup>366</sup> É de salientar que o sucesso do livro de Erasmo deu-se na entressafra das vendas desse tipo de obra. “A estatística bibliográfica autoriza, portanto, a repor em perspectiva os dados da tradição: as preparações para morrer conhecem dois apogeus, no século XV e ano XVII, mas é nos tempos pós-tridentinos que o gênero invade mais a literatura religiosa”. CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime...* P. 155.

<sup>367</sup> CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime...* P. 145.

<sup>368</sup> MACEDO, Jorge Borges de. Damião de Góis et l’historiographie portugaise. In: MARTINS, José Vitorino de (org.). *Damião de Góis: humaniste européen*. Braga: Barbosa e Xavier, 1982. P. 70.

<sup>369</sup> MACEDO, Jorge Borges de. Damião de Góis et l’historiographie portugaise... P. 71.

Luís Ber, teólogo da Universidade de Friburgo, enviou missiva ao cardeal (e ex bibliotecário do Vaticano) Jerônimo Aleandro para discutir as controvérsias religiosas no mundo transalpino. Após uma série de elogios – naturalmente presentes em uma conversação com um superior – Ber comunicou que Góis estaria a caminho de levar uma carta de Erasmo ao cardeal. Como que para legitimar o transportador da missiva, Ber chega a afirmar que Góis era “tesoureiro do Rei de Portugal” [Lusitaniae regis thesaurario]; mas vai além, e informa que Góis era “afeiçoadíssimo de Erasmo” [Erasmii Rot. Studiosissimo], e que estava se estabelecendo em Pádua para estudar Direito Civil<sup>370</sup>. Aqui, provavelmente informado por Erasmo, Ber lembrou dos estudos de Góis, que, no entanto, havia de fato escolhido estudar no curso de *Ars*. Amadeu Torres relembra bem que essa escolha deve ter sido de fato tomada, pois Erasmo havia insistido que Góis fosse para Pádua precisamente por ali haver a universidade “mais ilustre de todas”<sup>371</sup>. É possível interpretar que Góis foi de fato estudar em Pádua, e acabou se tornando ponto de contato para os diálogos entre católicos italianos, o círculo erasmiano e os protestantes, particularmente Melanchton, de modo que a proposta de Macedo satisfaz apenas de modo parcial a questão. Retomemos Melanchton.

Melanchton enviou carta a certo Stratius (21-III-1535), personagem sobre o qual não se sabe muito – Torres suspeita que ele fosse Johan van den Straeten, um humanista flamengo formado em direito (também teria atuado como soldado) que fez parte do conselho imperial<sup>372</sup> - para comentar a ida à Itália de Jerônimo de Pavia, pseudônimo empregado por frei Roque de Almeida, cunhado de João de Barros<sup>373</sup> (um dos melhores amigos de Góis em Portugal<sup>374</sup>) ligado aos protestantes. Melanchton aproveitou a oportunidade, então, para pedir auxílio a Jerônimo de Pavia:

Escreveu-me o vosso Jerónimo de Pavia acerca da viagem a Itália. Que o recebais como companheiro, rogo-vos com grande empenho. Conheceis aquela passagem de Xenofonte: *a navegação é mais segura com bons pilotos*. É que ele não só vos anseia como colega, senão também como guia de fausto augúrio, do mesmo modo que vós esperais a camaradagem de tal varão, dotado de exímia probidade, lealdade, prudência e cultura. Tem em Pádua o amigo

<sup>370</sup> CLG B XXXI, P. 192-195.

<sup>371</sup> TORRES, Amadeu. Traços prosopográficos de Damião de Góis. In: RODRIGUES, Sónia Maria Correia (org.). *Damião de Góis e o seu tempo* (1502-1574). Actas do Colóquio. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 2002. P. 205. CLG B XXX, P. 191-193. AUBIN, Jean. Damião de Góis dans une Europe évangélique... P. 204.

<sup>372</sup> TORRES, Amadeu. *Correspondência latina goisiana*... P. 433.

<sup>373</sup> TORRES, Amadeu. *Correspondência latina goisiana*... P. 433.

<sup>374</sup> RÊGO, Raul. *O processo de Damião de Góis na Inquisição*... P. 175-177.

Damião, para junto de quem resolveu partir. Ficai sabendo que este senhor é dos que jamais ireis preferir alguém a ele. E Jerónimo não vos será penoso. [Scripsit ad me tuus Hieronymus Papiensis de itinere Italico. Hunc ut comitem adiungas, etiam atque etiam rogo. Scis illud Cyri apud Xenophontem: *cum bonis uiris tutiorem esse nauigationem*. Ita et ille te expedit comitem, et fausti ominis ducem; tu quoque talis uiri eximia probitate, fide, prudentia et doctrina praediti consuetudinem expetas. Habet Patauii amicum Damianum, ad quem proficisci decreuit. Hunc talem uirum esse scito, ut neminem unquam ei paelaturus sis. Nec tibi Hieronymus oneri erit.<sup>375</sup>]

Até agora havíamos acompanhado indícios de que Góis estava empregando sua rede epistolar para fazer correr a comunicação entre os círculos. Contudo, a carta de Melanchton indica que, de fato, Góis pode ter se aprofundado nos debates religiosos, chegando a hospedar um protestante na Itália. É o que sugere o termo acusatório de seu processo inquisitorial. Lá, lemos que Simão Rodrigues, o jesuíta que acusou Góis, contactou frei Roque de Almeida, cuja irmã, como vimos, era esposa de João de Barros, em conversas em Veneza e Pádua nas quais estava por vezes presente Góis (Rodrigues, porém, admite que em Veneza não se lembrava de ter discutido com Góis tais assuntos, embora tivessem se encontrado), e que frei Roque mostrava-se firme na defesa de Lutero, inclusive argumentando em prol da predestinação<sup>376</sup>. Ademais, Rodrigues mencionou que Góis dissera ter recebido uma carta de um cardeal cujo nome não se lembra (trata-se de Sadoletto, como veremos), pedindo-lhe que abrisse diálogo com os luteranos, afinal, gozava de grande autoridade entre eles<sup>377</sup>. Sem procurar aqui definir o “que de fato ocorreu”, cabe apenas a conclusão de que frei Roque estivera próximo de Góis e de outros portugueses, como o próprio jesuíta.

Em 23 de julho de 1572, Góis prestou depoimento sobre o assunto. Após confessar o anterior desprezo pela confissão auricular, tendo se livrado dela nos estudos de Pádua, onde esteve “nos anos de 1534, 35, 36, 37, 38”, bem como o mal entendimento das indulgências, quando ainda vivia em Flandres, passou a falar de frei Roque. Argumentou que foi persuadido a ajudar, enviando carta a Melanchton, “[...] homem que não conhecia mais que de amizade de um dia e meio. E que o fiz também por o dito frei Roque ser cunhado de João de Barros, feitor que foi da Casa da Índia, um

<sup>375</sup> CLG B XXXIX, P. 210-213.

<sup>376</sup> RÊGO, Raul. *O processo de Damião de Góis na Inquisição...* P. 43.

<sup>377</sup> RÊGO, Raul. *O processo de Damião de Góis na Inquisição...* P. 41-43.



dos mores amigos que eu tive nestes Reinos [...]” Assim, apela para a leitura de seus textos, de seus repositórios de memória, para contra-atacar o juízo dos inquisidores:

Item, além do que aqui tenho dito, que é o sumo e mais substancial de todo este meu negócio, peço a Vossas Mercês que se veja o que tenho escrito, assim em latim como em português, para que se saiba se há nisso alguma coisa que cheire a heresia, porque os homens em nenhuma coisa amostram mais o intrínseco de seus pensamentos que no que escrevem<sup>378</sup>.

Como último recurso de defesa, Góis chega a insinuar que suas inúmeras viagens teriam por consequência o contato com heréticos mesmo que fosse outro a fazê-las. “[...] E tal pessoa poderá frequentar as províncias que eu andei e ter comunicado tão diversos engenhos de homens, como eu comuniquei, que porventura e sem ela não pudera escapar de cair em mores erros do que eu fiz”<sup>379</sup>.

Embora as circunstâncias apontem para o apoio de Góis a frei Roque, não há carta que demonstre que Erasmo estivera a par da situação. É possível que, nesse caso, a comunicação tenha se estabelecido diretamente com Melancton, ou, ainda, apenas entre Góis e frei Roque, que, por sua vez, teria comunicado a Melancton suas intenções de morar em Pádua.

Nossas dúvidas podem ser solucionadas com a leitura de uma carta enviada por Melancton a Góis em dezembro de 1535, na qual recomendava Jerónimo de Pavia aos cuidados de Góis. Melancton iniciou seu texto dizendo que graças “[...] à vossa recomendação, comecei de bom grado com um abraço ao nosso Jerónimo [...] almejava ao proteger um vosso amigo, comprovar a minha vontade e dedicação para convosco<sup>380</sup>”. Jogador importante no tabuleiro epistolar que se desenhava na medida da progressão das alterações religiosas, Góis recebeu grandes elogios de Melancton, que confiava na articulação retórico-persuasiva para convencer Góis a colaborar, o que de fato aconteceu.

Uma coisa, porém, vos peço, que de acordo com o meu testemunho acrescenteis algum devotamento à dedicação que por ele tendes. Pareceu até agora tão amavelmente me considerar, que fiquei convencido ter a minha carta um grande peso para vós. Se acaso estivesse em foco alguma prova da minha amizade para convosco, ser-

<sup>378</sup> RÊGO, Raul. *O processo de Damião de Góis na Inquisição...* P. 177.

<sup>379</sup> RÊGO, Raul. *O processo de Damião de Góis na Inquisição...* P. 177.

<sup>380</sup> CLG B XLVII, P. 232-235.

me-ia permitido, com certa audácia, reclamar, por assim dizer, vossos bons ofícios. Mas entretanto Jerónimo é testemunha de como vos considero [...]”<sup>381</sup>.

A cláusula de despedida reforça meu argumento. Vemos que, acima de tudo, o que está em jogo na solicitação de Melanchton é o seu prestígio diante de Góis na República das Letras: “Portanto, rogo vos digneis abraçar e proteger a Jerónimo por vossa bondade e pelos seus méritos; *mais, por força da minha recomendação*”.<sup>382</sup> [Itaque te oro et Hieronymum et propter humanitatem tuam et propter ipsius uirtutem, adde, et propter *meam commendationem* complecti et tueri uelis] [grifos meus]

Meses antes, em meados de 1535, Erasmo confessa a Góis que a situação dos luteranos está à beira do insustentável. “Lutero já nada edita que não ataque Erasmo papista e inimigo de Cristo. O homem anda simplesmente doido, e concebe-me um ódio parricida.”<sup>383</sup> [Lutherus iam nihil edit, in quo non perstringit. Erasmus papistam et Christi aduersarium. Homo simpliciter furit, concepitque parricidiale odium.] Mas a carta não se fecha com essa informação.

Erasmo iniciou a epístola com a fórmula de leveza e despreensão que tanto defendeu no *Breuissima*, aludindo à dificuldade de fazer com que suas cartas chegassem aonde era seu justo destino. A seguir, fala de si mesmo, reclamando da saúde, que “ia de mal a pior” [mea ualetudo sempre uergit in peius]. Relembra os diversos amigos que faleceram recentemente, e pressupõe que sua própria morte estava próxima<sup>384</sup>. A partir daí, passa ao elogio do destinatário, sem antes deixar de o admoestar quanto à saúde. “É preciso absterde-vos da leitura”, Erasmo dizia a Góis, “muito se aprende em conversas eruditas”<sup>385</sup> [multum discitur litteratis confabulationibus].

A menção elogiosa ao amigo Góis, que, se vale de categorias do gênero demonstrativo sem que a carta integralmente a ele pertença (se o gênero fosse muito evidente, para mais, haveria uma contradição em relação ao ecletismo estilístico pregado por Erasmo), não concentra-se na descrição do corpo ou mesmo da cidade de

<sup>381</sup> CLG B XLVII, P. 234-235.

<sup>382</sup> CLG B XLVII, P. 234-235.

<sup>383</sup> CLG B XL, P. 216-217.

<sup>384</sup> O ato de anunciar aos amigos a proximidade da morte aproxima-se da dinâmica muito particular que os primórdios da Idade Moderna conferia à passagem do vivo ao mundo dos mortos. Ao contrário de nossa época, que privilegia a morte solitária, a morte naquele momento convidava a presença de amigos, familiares e clérigos que ajudariam o quase-defunto a enfrentar as últimas tentações do demônio e se redimir dos pecados. O próprio Erasmo veio a falecer assim, na companhia de Froben e outros, como o último capítulo da monografia de Huizinga brilhantemente descreve. Cf. HUIZINGA, Johan. *Erasmus*.

<sup>385</sup> CLG B XL, P. 214-215.

origem – eis exemplos elencados por Erasmo em seu opúsculo<sup>386</sup> -, mas foca no fato de Segismundo Gelênio [Gelensky] ter-lhe dedicado um livro. Contudo, esse elogio imediatamente se converte em crítica a Gelênio, que teria havido editado um “novo Plínio” [nouum Plinium nobis dedit], isto é, uma edição mal cuidada, em vez daquela autorizada pelas fontes antigas. “Admoestei-o que não se fiasse naquele exemplar, mas fui desatendido”<sup>387</sup>. De certo modo, Erasmo exerce aqui sua erudição para desqualificar o elogio a Góis produzido pelo fracassado opúsculo de Gelênio. Contudo, ao que parece, essa carta restringiu-se a Góis e Erasmo, não tendo sido publicada, de modo que o prestígio do português não saiu ferido da questão.

A seguir, Erasmo finalmente tratou da querela ciceroniana e do ódio que lhe dirigiam alguns italianos:

Os italianos a cada passo se arreganham contra mim, em opúsculos maléficis. Em Roma foi impressa a Defesa da Itália contra Erasmo, dedicada a Paulo III. A rixa nasceu de duas palavras minhas não entendidas e que estão nesta máxima: *Micónio calvo, é como dizer cita erudito ou italiano belicoso*, - as quais eles interpretam como tendo eu censurado os italianos por serem pacíficos, quando a verdade é que nesta expressão a Itália foi louvada e não vituperada<sup>388</sup>.

[...] Saiu ainda um opúsculo com o título – *Cícero banido e Cícero repatriado*, o qual todavia não investe muito contra mim; nele é Cícero odiosissimamente lacerado, friamente defendido. Outro se aprestou, denominado *Guerra civil entre Ciceronianos e Erasmianos*, qual se eu fora hostil a Cícero. Diz que igualmente certo Dolet escreve em meu desfavor. Alveja-me não sei com que ameaças também Júlio Escalígero. Enfim, uns quantos jovens ociosos, que conspiraram contra a Itália e contra o adversário de Cícero. Nem maquinadores faltam que os instiguem, em parte por aversão a mim, em parte para gozarem da alheia insânia. Divulgaram em Roma uma epístola como sendo escrita por mim, cheia de motejos facetos<sup>389</sup>. [Itali passim in me debacchantur maledicis libellis. Romae excusa est Defensio Italiae adversus Erasmus, dicata Paulo III. Rixa nata e duobus uerbis meis non intellectis. Ea sunt in proverbio *Myconius calvus, Veluti si quis Scytham dicat eruditum, Italum bellacem*. Hoc interpretantur, quase notarim Italos quod sint imbelles, quum his uerbis Italia laudata sit, non uituperata. [...] Prodiit et alius libellus, cui titulus *Cicero relegatus et Cicero ab exilio reuocatus*, qui tamen me non magnopere petit. In eo Cicero odiosissime laceratur, frigide defenditur. Et alius paratus, cui titulus *Bellum civile inter Ciceronianus et Erasmicos*, quase ego sim hostis Ciceronis. Aiunt et Doletum quendam in me scribere. Minitatur nescio quid et Iulius Scaliger. Sunt aliquot iuuenes male feriat, qui conspiratunt in Italiam et Ciceronis hostem. Nec

<sup>386</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar... P. 120-122.

<sup>387</sup> CLG B XL, P. 214-215.

<sup>388</sup> Erasmo provavelmente está com a razão, já que o adjetivo “belicoso” dificilmente sairia de sua pena em tom de aprovação. Cf. nota 263 desta dissertação

<sup>389</sup> CLG B XL, P. 214-216.

desunt artifices, qui instigant partim odio mei, partim ut aliena fruantur insania. Romae sparserunt epistolam quase a me scriptam, plenam iocis scurrilibus.]

Finalmente referindo-se às hostes ciceronianas que o atacavam, a carta de Erasmo comprova que Góis ou estava sendo informado naquele instante (21-V-1535) da querela ou, antes, já a conhecia, sem que Erasmo estivesse a par disso. A lista dos inimigos fora diligentemente esboçada (embora diversos dentre eles não apareçam na carta), e uma defesa, esboçada. Ela nada mais fez do que refletir um dos principais argumentos do *Ciceronianus* – e também na *Breuissima* -, argumento que mencionei na seção precedente: para Erasmo, Cícero não era o inimigo, mas tão-somente aqueles que o distorciam a ponto de transformá-lo em algo diferente do que era (como o Plínio de Gelênio) – ironicamente, essa distorção ocorreu pelo excesso das tentativas em aproximar o neolatim renascentista numa cópia perfeita da prosa tuliana.

Mas Erasmo seria ainda mais incisivo pouco tempo depois. Em 18-VII-1535, ele remeteu carta a Góis na qual lamentava que o português tivesse trocado a vida intelectual germânica pela italiana e Erasmo por Bembo e Buonamico. Sigamos as palavras de Erasmo:

Apesar de afastado de Friburgo, não vos assiste a razão de grande mágoa, - a vós que trocastes a Alemanha pela Itália, e Erasmo por Bembo e Buonamico, com mais felicidade do que Diomedes<sup>390</sup> ao permutar cobre por ouro<sup>391</sup>. [A Friburgo depulsus, non est quod magnopere doleas, qui Italia Germaniam, et Erasmum Bembo ac Bonamico felicius permutasti quam Diomedes aerea commutavit aureis]

Ora, além de se colocar como má escolha do ponto de vista da erudição, felicitando ironicamente Góis pela escolha, retoma a tópica da *humilitas* ao dizer que “[...] de fama não me interessa, e quem lhe dera não sentisse o peso” [de fama nihil laboro, qua utinam non essem oneratus]. Aparentemente, a resposta de Erasmo a uma

<sup>390</sup> Como bem nota Torres, a menção a Diomedes remonta à *Ilíada*, VI, 234:

“Nisto, apeiam-se os dois, as destras cerram,

Penhor de fé. Na troca dos arneses

Ofusca Jove a Glauco: pois demente

Com Diomedes cambéia ouro por cobre,

A valia de cem por nove touros.” A edição utilizada foi HOMERO. *Ilíada*. Trad. Manoel Odorico Mendes. EbooksBrasil, 2009 [1874]

TORRES, Amadeu. *Correspondência latina...* P. 434.

<sup>391</sup> CLG B XLIII, P. 220-221.

longa carta de Góis (“assaz longa epístola vossa”<sup>392</sup>) voltava-se a uma possível associação de Góis aos ciceronianos. Observamos que, à partida, a estratégia textual de Erasmo, a retórica que mobilizou, nos faz pensar na correspondência trocada com Bixius sobre Guillaume Budé<sup>393</sup>.

Erasmo volta a insistir que Góis leia menos e detenha-se mais nas conversas eruditas – é o segundo apelo ao diálogo em poucos meses de intervalo -, além de recomendar a medicina dos italianos. Ao responder a uma possível reclamação de Góis quanto ao inverno em Pádua, Erasmo mostra-se amigável, e chega a oferecer-lhe sua casa de Friburgo de presente<sup>394</sup>. A seguir, surge um parágrafo fundamental, no qual, depreendo pela leitura, Erasmo reage a uma crítica de Góis quanto à linguagem latina descuidada do *germanus*:

Pelo o que respeita ao limiar das minhas elucubrações, o advertirdes-me, com ser realmente de amigo, nem por isso é infrustâneo, pois que, mesmo sem admonição vossa, o procuro já. Sou extemporâneo por natureza e mirificamente preguiçoso quanto a revisões; e sabeis como é difícil pugnar contra a natura, sobretudo a um velho<sup>395</sup>. [Quod de perpoliendis lucubrationibus meis admones, ut facis tu quidem amice, ita frustra facis, etiamsi non admoneres fero. Natura sum extemporalis, et ad recognitionem mire piger.]

Dando sequência à explicação dos porquês não se dedicar a revisões, tema a que ele especificamente faz menção no *Ciceronianus*<sup>396</sup>, Erasmo vale-se novamente da combinação retórica de ironia e humildade. “Ademais não escrevemos aquelas coisas aos ítalos, senão aos crassos holandeses e rudes germanos [...]”. Por trás as possíveis alianças entre Erasmo e os círculos italianos ligados a Bembo do ponto de vista religioso, percebemos a crescente desavença literária. A própria escrita de textos religiosos é perfilada por Erasmo em sua defesa do ecletismo. “Depois, alguns assuntos não suportam o cuidadoso esmero formal; nem essas maravilhas de M. Túlio convêm àquilo que foi preparado para o ensino ou trata de assuntos de religião”. Ao invés de se preocupar com as “louçainhas das palavras”, os ciceronianos – talvez Góis entre eles, ao menos em atitude naqueles meses -, pensa Erasmo, deveriam procurar a “força do espírito”, pois a sabedoria divina encarregaria o escritor de uma eloquência particular a

<sup>392</sup> CLG B XLIII, P. 220-221.

<sup>393</sup> Cf. P. 97-98 desta dissertação.

<sup>394</sup> CLG B XLIII, P. 222-223

<sup>395</sup> CLG B XLIII, P. 222-223.

<sup>396</sup> Cf. o comentário na próxima seção, P.

atingir. Em suma, “as coisas místicas exigem um género particular de expressão”<sup>397</sup>. Ignorar esse fato, conforme veremos na próxima seção, consistia para Erasmo num verdadeiro pecado. Assim, logo começamos a perceber que a querela literária ciceroniana não estava tão apartada assim dos problemas religiosos, e que Góis transitou entre esses dois aspectos em debate na República das Letras mediante certos percalços, como um momento de indisposição diante de Erasmo.

Talvez a ironia e leveza de Erasmo no trato do tema fosse de difícil aceitação para Góis. Conforme a lucidez de Huizinga – externada em oração pública na catedral de Basileia - permitiu esclarecer, “[...] é difícil para nós aceitar a piedade com uma tão forte coloração estética como sendo séria.” Ademais, a expressão dos sentimentos religiosos, em Erasmo, “[...] é mais frequentemente movida em uma esfera mediana de aprendizado poético do que emergida do abismo em direção ao paraíso. A voz de Erasmo quase nunca soa como se viesse *de profundis*”<sup>398</sup>.

Até mesmo Melanchton é conclamado na defesa contra os ciceronianos. “O próprio Melanchton, nos comentários em que expõe a Epístola aos Romanos, de indústria descuroou a forma, já que ambiciona ali parecer teólogo sobretudo”. Todavia, mesmo Erasmo precisa admitir que é possível conceber uma obra religiosa cujos ornatos estilísticos não corrompam as verdades esgrimidas no texto. É o caso de Sadoleto que escrevera, “[...] com admirável elegância de fraseado e perfeita riqueza ciceroniana; nem lhe mingando sentimento digno de um bispo cristão. Uma tal obra, vinda de um homem assim, não pode desmerecer o aplauso de todos os bons [...]”.

Fica patente a tentativa de Erasmo de separar o joio do trigo no que diz respeito aos italianos. Apesar de suas ácidas críticas aos seguidores servís de Cícero, Erasmo poupa aqueles com quem manteve profícuo contato religioso, como Bembo, com quem jamais parou de trocar cartas, e Sadoleto. Amadeu Torres sugere que Erasmo os poupou porque seu ciceronianismo era moderado. Afirma isso baseando-se na polêmica de Bembo contra Mirandola. Bembo se defendeu à época dizendo que uma amálgama de estilos não resultaria n’algo novo e criativo, pois todos os estilos já estariam totalmente praticados, restando a imitação como única solução possível na tentativa de alcançar

---

<sup>397</sup> CLG B XLIII, P. 222-223.

<sup>398</sup> “It is hard for us to accept piety with such a strong aesthetic tinge as serious. It is neither Luther’s accent, nor Calvin’s, nor saint Theresa’s. Erasmus’s religious sentiments, it seems to us, more often moved in a middling sphere of poetic learning than cried toward heaven out of the deep. Erasmus’s voice hardly ever has the sound of coming *de profundis*.” HUIZINGA, Johan. In commemoration of Erasmus. In: *Men and Ideas: essays by Johan Huizinga – History, The middle Ages, The Renaissance*. Nova Iorque: Meridian Books, 1959 [1936]. ... P. 314

uma prosa digna dos clássicos. Superação só se atingiria com a imitação perfeita do melhor modelo, devendo-se imitar “sempre o melhor, e na prosa não há ninguém superior a Marco Túlio”<sup>399</sup>. Além disso, penso que a aproximação religiosa desses personagens foi fundamental para que Erasmo evitasse maiores ataques, afinal, Longueil era um protegido precisamente de Bembo, de modo que faria sentido atacar o italiano.

Erasmo não poupou Longueil em sua epístola a Góis, entretanto.

Para quê memorar aqui Longólio, que tanto se aplicou a imitar Cícero? Não se houve mal na empresa, mas, apesar disso, quanto mais frio é do que ele mesmo, naquilo em que pugna contra os dogmas de Lutero! Que imaginais vós lhe aconteceria, se não combatesse e sim explanasse os mistérios da Divina Escritura? A esse varão, assim como a morte prematura o subtraiu a todos os estudiosos, de igual jeito muitos parecem recusar à Holanda a glória do seu nome. Efectivamente, acontece-lhe pouco mais ou menos o que outrora a Homero, cuja naturalidade reza ter sido disputada por sete cidades. Tal com Longueil, que ora as Gálias reclamam para si, ora seu o afirma Malines – quando em verdade ele não é senão um holandês de pura gema, nascido de pai batavo no célebre ópido da Holanda ao qual a beleza das enseadas deu o nome de Shoonhoven<sup>400</sup>.

Alicerçando Longueil ao compará-lo a Homero e à disputa em torno de sua naturalidade - para em seguida diminuí-lo diante da humildade da Holanda, Erasmo avança. Mas a própria Holanda deveria ser defendida, pois o elogio da terra natal era parte essencial das prescrições retóricas demonstrativas – Góis enxergará vasto campo nesse princípio. “Achei bem não dever consentir que este ornamento da Holanda fosse arrebatado: e ilustra a memória do próprio Longólio o facto de, oriundo dessa região, se haver tornado tão grande”<sup>401</sup>.

“Julgai, meu Damião, se coisa razoável se propõem os que nos exigem que digamos melhor do que podemos”. Eis uma boa síntese do discurso erasmiano, uma resposta clara à longa carta de Góis, uma afirmação contundente a um discípulo apreciado pelo humanista holandês que poderia estar prestes a penetrar as perigosas florestas do ciceronianismo. Como que determinado a afirmar que Cícero não era nem nunca fora seu alvo, Erasmo faz um elogio do arpinate e à correção de sua pena, e

<sup>399</sup> TORRES, Amadeu. Damião de Góis e o pensamento renascentista: do ciceronianismo ao ecletismo. *Arquivos do centro cultural português – XVII - Separata*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982. P. 6-7.

<sup>400</sup> CLG B LXIII, P. 222-225.

<sup>401</sup> CLG B LXIII, P. 224-225.

encerra o assunto ligando a força de seu argumento e seu prestígio diante da República das Letras à fé:

Sempre que algum erro depreendo nos meus livros, sobretudo com respeito aos bons costumes ou à religião, corrijo diligentemente; *da fama a espalhar pelo orbe e do juízo da posteridade, isso é com o Senhor*. Mas, como quer que isso seja, foi-me gratíssima a advertência vossa, que conheço dimanada de um coração amicíssimo. Espero que com o convívio desses sapientíssimos varões, haveis de felizmente alcançar a elegância a que me exortais<sup>402</sup>. [grifos meus]

As últimas sentenças tiram qualquer dúvida quanto à inclinação de Góis naquele momento:

A tal honra se vos não percebesse de livre vontade correndo, me não cansaria de incitar-vos, isto é, a que esta glória, qual gema egrégia, às vossas grinaldas e retratos acrescentásseis, e esta palma, se não como primeiro, ao menos entre os primeiros, oferecêsseis a vosso Portugal, de dia em dia mais e mais florescente<sup>403</sup>.

Na fórmula de despedida, além de enviar saudações a Bembo e Buonamico, Erasmo pediu a Góis que não se esquecesse de cumprimentar Celio Calcagnini, “[...] velho amigo [...]”<sup>404</sup>.

A referência a Celio Calcagnini é de grande importância, pois o velho amigo de Erasmo também participou da querela ciceroniana, envolvendo-se no debate sobre a imitação precisamente entre os anos de 1532 a 1537<sup>405</sup>, isto é, no contexto de nossa discussão. Farei comentários sobre as posições de Calcagnini na última seção deste capítulo.

A resposta de Góis – 26-I-1536<sup>406</sup> – dá conta dos recados enviados pelo português a pedido de Erasmo. Bembo e Buonamico haviam sido avisados da doença de Erasmo, e Celio viria a ser. Mais do que isso, Góis tratou de informar ao amigo que havia iniciado a circulação do novo opúsculo do *germanus*, o *Eclesiastes*. Nessa epístola, temos uma boa visão de conjunto do papel de Góis em torno dos dois círculos eruditos. Além de informar aos italianos do estado físico e das novidades editoriais de Erasmo, Góis também abriu linhas comunicação com episódios significativos ocorridos

<sup>402</sup> CLG B LXIII, P. 224-225.

<sup>403</sup> CLG B LXIII, P. 224-225.

<sup>404</sup> CLG B LXIII, P. 226-227.

<sup>405</sup> DELLANEVA, Joann (ed.). *Ciceronian controversies...* P. 126-181.

<sup>406</sup> CLG A XIII, P. 63-67.



fora das terras italianas. Assim, agradece a Erasmo pelo relato da morte de Thomas Morus – episódio que Góis certamente terá usado para cativar os amigos italianos nos diálogos com eles travados -, e o exorta a escrever sobre o assunto. Para convencê-lo, Góis, novamente, mobiliza a tópica da amizade: “Vossos amigos, que aqui haveis muitos e eruditos, e com os quais mantenho boas relações [note-se a “imagem-de-si” de intermediador sendo colocada em evidência], admiram-se de que em escritos vossos não celebres o desaparecimento de tão caro e íntimo amigo”<sup>407</sup>. Apesar da exortação, Góis fez questão de mostrar sua posição de inferioridade em relação a Erasmo, com o alerta: “Vós sabeis o que heis-de fazer; eu apenas aviso, como amigo que sou”<sup>408</sup>.

Instalado em Pádua, Góis manteve a comunicação epistolar aberta não somente com Erasmo, mas, igualmente, com amigos seus de Friburgo e Basileia, como Bonifacius Amerbach. Em duas ocasiões – outubro de 1534<sup>409</sup> e junho de 1535<sup>410</sup> -, Góis escreveu breves mensagens dando conta sua saúde e oferecendo seus préstimos ao amigo. Na última carta, Góis valeu-se dos préstimos do humanista Segismundo Gelênio [Gelensky], que provavelmente conheceu na casa de Erasmo<sup>411</sup>, para enviar a correspondência. Dessa forma, percebemos que a estadia de Góis em Pádua não fez arrefecer, ao menos em um primeiro momento, as amizades consolidadas nos anos anteriores entre Flandres e Friburgo. Pelo contrário, as cartas mostram que os humanistas transalpinos valeram-se, como tenho insistido, da presença de Góis entre os italianos para dar notícias de seus sucessos. O próprio Gelênio é exemplo disso, pois dedicou uma obra sua a Góis a partir desta justificativa: [dedico este meu esforço para que] “[...] por vosso intermédio, *devenha conhecido também dos italianos* entre os quais agora viveis, cujas exactas apreciações considero e cuja franqueza estimo”<sup>412</sup> [grifos meus]. Com efeito, a posição de Góis na República das Letras naquele momento era privilegiada, pois ele se tornou um verdadeiro canal de comunicação para os humanistas desejosos de ascensão, ecoando suas obras<sup>413</sup>. Passemos às cartas trocadas com os italianos.

---

<sup>407</sup> CLG A XIII, P. 64-65.

<sup>408</sup> CLG A XIII, P. 64-65.

<sup>409</sup> CLG A IX, P. 56-57

<sup>410</sup> CLG A X, P. 56-59.

<sup>411</sup> TORRES, Amadeu. *Noese e crise na epistolografia latina goisiana...* P. 271.

<sup>412</sup> CLG B XXXVI, P. 202-205.

<sup>413</sup> Analisarei a questão do prestígio goisiano a partir desse tipo de contato epistolar no próximo capítulo.

A primeira delas a discutir aqui é a já citada epístola a Jacopo Sadoleto de julho de 1537<sup>414</sup>. Depois dos votos de elogio às qualidades humanas do cardeal - verdadeiro inspirador de Góis em seu caminho até as musas – incensa Sadoleto por meio de sua semelhança com Cristo. A característica enfatizada aqui é, novamente, a humildade. O elogio de Góis concentra-se no fato de que a maioria dos prelados jamais daria audiência a inferiores hierarquicamente, “[...] senão a preço de bastas rogativas ou na mira do lucro da demanda”<sup>415</sup>. Assim, Sadoleto seria como que um espelho de Cristo em sua bondade e vontade de compartilhar, representando, desse modo, uma fonte de esperança de redenção para a *Respublica Christiana*. É igualmente válido, creio, ler essa passagem como uma forma de agradecimento de Góis a Sadoleto por este ter agido como um fiador da credibilidade do português em Pádua e adjacências.

Curiosamente, Góis parece se aperceber que a intensidade de sua apologia ao cardeal, a comparação com Cristo em particular, poderia representar um “exagero” do ponto de vista do elogio retórico. Ele contrabalançou essa percepção com estas palavras:

Mas, interrompido a meio o exórdio de uma conversa mais longa, torno à vossa carta, *não suceda porventura cair-me em cima o apodo de adulator*, o que *de meu natural* sempre detestei em toda a linha<sup>416</sup>. [grifos meus]

A rejeição goisiana à adulação enquadra-se nas prescrições da amizade. Afinal, como colocou Cícero em seu tratado sobre o tema:

Pois que é próprio da verdadeira amizade dar e receber conselhos, dá-los com franqueza e sem azedume, recebê-los com paciência e sem repugnância, persuadamo-nos bem de que não ha defeito maior na amizade que a lisonja, a adulação, as baixas emplacências. Com efeito, não se poderia dar bastantes nomes ao vício desses homens frívolos e enganadores, que falam sempre para agradar, e jamais paradizer a verdade. A dissimulação é funesta em todas as coisas (pois corrompe e altera em nós o sentimento da verdade) mas é, sobretudo, contrária à amizade. Destrói a sinceridade, sem a qual não subsiste mesmo o próprio nome da amizade.<sup>417</sup>

Mas os alertas de Cícero não são tudo. No instante em que poderíamos suspeitar que Góis estivesse preso apenas à fórmula de prescrição na dinâmica de sua inserção na

---

<sup>414</sup> Cf. P. 100 desta dissertação.

<sup>415</sup> CLG A XVIII, P. 80-81.

<sup>416</sup> CLG A XVIII, P. 80-81.

<sup>417</sup> *De Amicitia*, 25.

República das Letras, vemo-lo interagir com ela, agindo de modo efetivamente *prudencial*. O sentido aqui, longe de simples precaução, está imbrincado também pela retórica do *Breuissima*, que, recordemos, instigava os redatores de cartas a alternar as fórmulas e modos de escrever conforme “[...] o caso, os tempos, a necessidade, a ocasião.” “Assim, principalmente nas cartas, eis que tratam de assuntos diferentes, em horas diferentes, em lugares diferentes. Certamente a prudência é necessária, que é companheira ou mãe da própria arte”<sup>418</sup>. O controle da escrita vinculado à prescrição assume, portanto, um papel fundamental na comunicação epistolar, naquilo que *convém* dizer, sobretudo quando a comunicação se dá com um superior social – aqui há que levar em conta o peso do título eclesiástico, mas também a posição na República das Letras -, caso do cardeal Sadoletto. Fazer a crítica da adulação diante de um superior, portanto, equivalia a sincronizar retórica e a situação concreta na qual se via – a adulação devia, ora, ser comum nas cartas enviadas a Sadoletto. Góis quer ressaltar que, diferentemente do vulgo, não se presta a tais banalidades. Por outro lado, quer elogiar o cardeal, uma vez que, como salientava o arpinate, “[...] entretanto, com atenção, pode-se distinguir o verdadeiro amigo do lisonjeador, tão facilmente quanto se distinguem as coisas fantasiadas e artificiais das que são naturais e verdadeiras”<sup>419</sup>.

Feita a ressalva, Góis passa ao ponto central da carta, demonstrar, sua capacidade de intervir nos assuntos religiosos do cardeal.

A menos que em ilusão labore, poderei decerto, dentro da minha escassez de engenho, alguma coisa entre os que se confessam Evangélicos, com os quais, ao tratar de interesses de meu Rei, através de toda a Alemanha e Bélgica, pelo espaço de quatorze anos, contraí não medíocre amizade<sup>420</sup>.

Góis apresenta suas credenciais a Sadoletto, invocando suas boas relações com Lutero e Melanchton, além de simpatizantes do movimento, como Grapheus. Mesmo assim, porém, deixa clara sua estratégia de defesa para justificar esses contatos, partindo do princípio de que os fizera no momento em que se achava sob ordens de d. João III. A razão de tudo isso é explicada logo a seguir. Góis ofereceu-se para ser o intermediador das conversas epistolares entre Melanchton e Sadoletto, e a carta que agora analiso representa a notícia de que a primeira epístola do cardeal já estava a caminho de

---

<sup>418</sup> ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar... P. 119.

<sup>419</sup> *De Amicitia*, 25.

<sup>420</sup> CLG A XVIII, P. 82-83.

Wittemberg. Como Sadoleto residia em Veneza, Góis sugere que qualquer carta que deva ser enviada a Melanchton passe por certo Pedro Caroldo, cônsul português na cidade. Podemos notar, com isso, que de fato Góis continuava tendo acesso aos postos diplomáticos portugueses, e que sua ruptura com as atividades régias jamais chegou a ser plena<sup>421</sup>, não obstante gozasse, à altura, do “[...] presente ócio literário [...]”<sup>422</sup>.

Ao ponderar que em Sadoleto residiam as chances de salvação da Cristandade – “Restar-me-á, excelentíssimo Prelado, rogar-vos que, assim como principiastes, não renunciéis a estimular o Sumo Pontífice e o colégio dos Cardeais à concórdia da Igreja, a qual fora de dúvida está nas vossas mãos<sup>423</sup>” – Góis estabeleceu para si o posto estratégico de efetivador das discussões. A despeito dos impactos da querela ciceroniana, Góis articulava seus contatos para manter unidos os círculos transalpinos e italianos, esperando recolher os louros dessa ação. O meio epistolar, está claro, era o mecanismo primordial do *mouere* intencionado.

O prestígio de Góis estaria assegurado, para mais, pela transmissão de notícias que se instalaria a partir de um possível concílio organizado para concluir a querela. Reginald Pole havia preparado, em 1537, um texto (*Concilium ad Emendanda Ecclesia*) sugerindo as bases dessa reunião, para a qual deveriam ser convocados os protestantes. Dentre os religiosos que assinaram o documento, diversos eram figuras recorrentes do epistolário goisiano - Bembo, Sadoleto, Madruzzi, Olaus Magnus, etc<sup>424</sup>.

Os planos de Góis foram frustrados com o malogro do diálogo entre Sadoleto e Melanchton<sup>425</sup>. No fim do ano de 1537, Sadoleto comunicou a Góis que sua situação tornara-se difícil com as reações ao diálogo aberto com o luterano. Divulgada entre os germânicos, a carta causou “[...] infâmia não pequena e suspeita concitou contra mim,

<sup>421</sup> Cf., sobre isso, a P. 101 desta dissertação.

<sup>422</sup> CLG A XVIII, P. 82-83.

<sup>423</sup> CLG A XVIII, P. 82-83.

<sup>424</sup> MACEDO, Jorge Borges de. Damião de Góis et l’historiographie portugaise... P. 69-70.

<sup>425</sup> Com a divulgação entre os germânicos da tentativa de supressão do protestantismo por meio de um acordo com o cardeal, diversos depoimentos em contrário se apresentaram. Dentre os mais conhecidos está a resposta engendrada por Calvino em 1539, que reconhece, em Sadoleto, o valor de homem de letras, antes de passar à crítica teológica. “Puesto que por tu excelente doctrina y maravillosa gracia en el hablar has merecido (y con toda justicia) ser tenido en gran admiración y estima entre los sábios de nuestro tiempo, y principalmente entre los verdaderos aficionados a las buenas letras.” Diante de todo o calor dos debates, Calvino preserva o respeito à reputação do adversário, aduzindo demonstrando uma curiosa relação de forças entre a *Respublica literarum* e a *Respublica Christiana*: “[...] me disgustaría sobremanera verme obligado por esta mi réplica y queja (que ahora podrás escuchar) a tocar públicamente, sin helirlo, este tu buen nombre y reputación. Lo cual en verdad jamás hubiera emprendido, de no haber sido apremiado y obligado a este combate por una gran necesidad”. CALVINO, João. *Respuesta al cardenal Sadoleto*. Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1990 [1539] P. 15.

qual se eu quisera abandonar a antiga causa e conluiar-me com os luteranos [...]”<sup>426</sup>. Sadoleto, talvez ainda diante do reflexo de Cristo, coloca-se na posição de suportar “[...] sofridamente [...] as calúnias de homens desta estofa”. Sadoleto lança dúvidas sobre o caráter de Melanchton – certamente a divulgação da carta impactou nessa observação -, sem conseguir concluir, a partir dos informes de que dispunha, se ele era “fraudulento e falaz” ou “probo e modesto”. Apenas Góis, próximo o suficiente do germânico, tendo com ele estado, poderia resolver o problema. “Suplico-vos, portanto, me queirais sem rebuços indicar em vossas letras o que pensais de tudo isto e que esperança tendes à mão”<sup>427</sup>.

Indisponível a resposta de Góis, ao menos podemos contar com outra carta de Sadoleto, postada dois anos depois<sup>428</sup>. Já em Louvain, Góis remetera seu novo texto sobre os costumes e religião dos etíopes ao cardeal, e recebeu elogios. Sadoleto exalta o amigo, lamentando que jamais tenham se encontrado pessoalmente. Isso, porém, “[...] nem sempre a amizade sói requerer”. Aqui, mais do que nunca, notamos como se efetivavam ações importantíssimas do ponto de vista da República das Letras e da República Cristão exclusivamente por meio do diálogo entre ausentes.

Mas o ponto central da carta de Sadoleto é o alerta que Góis faz ao cardeal se afaste imediatamente de Melanchton e outros protestantes. “É de varão afecto a advertência vossa para que não mais escreva àqueles homens que conheceis, e protesto-vos o meu reconhecimento pelo óptimo conselho dado [...]”. A “loucura e temeridade pertinaz” dos seguidores de Lutero havia feito soçobrar as esperanças de pacificação, e Sadoleto confessa ter-se iludido ao imaginar que a história teria outro fim. O medo diante de possíveis reações dos católicos restringe, na fala de Sadoleto, a própria menção ao nome de Melanchton. “Foi pelo móbil levado de que algo acaso se conseguiria lucrar, que eu escrevi, *primeiramente àquele que sabeis*, - tendo sido vós quem cuidou de a carta lhe transmitir [...]”.

Terem estado juntos diante de caso tão grave motiva o cardeal a mover as rédeas retóricas de seu exercício epistolar rumo à protestos de amizade, sinalizados pela leitura atenta que viria a fazer dos opúsculos de Góis – resultado do nobre ócio em que se colocou – e pela continuação das trocas epistolares.

---

<sup>426</sup> CLG B LX, P. 260-261.

<sup>427</sup> CLG B LX, P. 262-263.

<sup>428</sup> 24-XII-1539. CLG B LXXI, P. 284-287.

\*\*\*

As fontes mostram que a querela ciceroniana não fez parte, diretamente, dos debates epistolares de Góis senão em conversas com Erasmo. Muito embora estejamos diante de um epistolário incompleto, de modo que o acaso possa ter-nos subtraído precisamente as cartas “italianas” concernentes ao problema, essa não pode ser a hipótese primeira a adotar. Prefiro sugerir que, de fato, o problema ciceroniano não cindiu efetivamente os dois círculos eruditos dentro da comunidade imaginada das letras. Apesar da importância dada por Erasmo ao caso – veremos a seguir que o *Ciceronianus* levanta consequências religiosas graves para uma polêmica literária –, Pietro Bembo e Jacopo Sadoleto não parecem ter se valido de Góis para discutir o assunto com o humanista holandês. Antes, usufruíram das habilidades diplomáticas de Góis para manter as portas abertas com Erasmo e seus amigos mais próximos, de um lado; e com os protestantes, encimados por Melanchton – possivelmente por ser um membro respeitadíssimo na República das Letras além de interventor na disputa religiosa –, de outro. Para Leonel Ribeiro dos Santos, Melanchton “[...] é o pensador que melhor exhibe um equilíbrio, não isento de tensão, entre o Humanismo e a Reforma, o que só por si bastaria para desmentir a tese frequentemente repetida de que aqueles dois movimentos são inconciliáveis”<sup>429</sup>. As cartas goisianas dão suporte incontestável às palavras do professor.

A questão que gostaria de responder neste capítulo, contudo, continua inalcançada. Que postura teria adotado Góis diante da querela ciceroniana? Tal como no enfrentamento religioso, terá mantido uma postura conciliadora e diplomática, articulando suas alianças e espaços de sociabilidade para não se indispor com nenhum dos grandes humanistas que o cercavam? Ou, como parecia ser o caso em uma das epístolas, terá se convertido aos hábitos de escrita italianos a ponto de propor, *modestamente*, correções a Erasmo?

Se cremos em Borges de Macedo, teremos de admitir que Góis de fato não se interessou pela querela, tampouco pelas amplas discussões sobre o estatuto da escrita de história que tinham lugar nas cidades italianas de então<sup>430</sup>. Todavia, o olhar do

---

<sup>429</sup> SANTOS, Leonel Ribeiro dos. *Linguagem, retórica e filosofia no Renascimento*. Lisboa: Colibri, 2004. P. 256.

<sup>430</sup> “Não há nenhuma prova disso” [On n’en a aucune preuve] (de que Góis tivesse se envolvido nos debates sobre a escrita da história). Macedo afirma ainda que “o mais provável é que essas questões não o

historiador pode ter se embebido no anacronismo que seria considerar o papel de Góis como cronista anos depois na raiz da indagação de seu desligamento dos debates sobre a escrita da história. “Curiosa indiferença da parte de um futuro cronista<sup>431</sup>” [Curieuse indifférence de la parte d’un futur chroniqueur], argumentava Macedo. Para tirar uma conclusão mais enfática, penso ser necessário estudar mais detidamente o opúsculo de Erasmo, cujas raízes intelectuais parece dialogar intensamente com os princípios esgrimidos no *Breuisssima* acerca da imitação.

Já que estamos cientes do fato de que Góis chegou a ler<sup>432</sup> o *Ciceronianus*, exploremos, portanto, de agora em diante algumas passagens daquele opúsculo, a partir das quais ficará mais claro que conexões havia entre os os fundamentos de escrita epistolar e as características dialogais de discurso, e o quanto tudo isso ajudou a formular estilo epistolográfico goisiano.

### 2.3 Tópicos dialogais: elementos de persuasão erasmiana no *Ciceronianus*

Buléforo e Hipólogo conversavam quando apareceu Nosópono, que caminhava distraído. Sua pele, logo notaram, estava pálida, e aquele outrora sábio estudante parecia muito doente. Tendo discutido se o problema poderia estar no coração, se nos rins ou no pulmão, concluem tratar-se de algo mais profundo; julgam-se convencidos de que a doença a afligir o pobre Nosópono há sete anos é nova. Sua mente era a cada dia mergulhada num estado febril que avançava fundo em seu espírito, que no entanto não alimentava suspeitas disso<sup>433</sup>. Nosópono percebe a presença dos dois amigos, e se aproxima. Antes de travar contato, Buléforo pede a ajuda de Hipólogo para tentar libertar o aluno da terrível moléstia.

Um tanto surpreso, Hipólogo não se esquivava de questionar: “Mas como? És versado em Medicina?” Buléforo então explica-lhe como certas doenças afetam apenas uma parte da mente - donde haver salvação para o enfermo – embora os danos sejam por vezes tão fortes que a vítima sequer compreende o que se lhe está passando. Para

---

interessassem nem um pouco” [Le plus probable est que ces questions ne l’intéressaient nullement]. MACEDO, Jorge Borges de. *Damião de Góis et l’historiographie portugaise...* P. 65.

<sup>431</sup> MACEDO, Jorge Borges de. *Damião de Góis et l’historiographie portugaise...* P. 73

<sup>432</sup> TORRES, Amadeu. *Damião de Góis e o erasmismo – abordagem nova de uma velha questão*. Revista Portuguesa de Filosofia, Tomo 37, Fascículo 1/2 (Jan-Jun 1981). P. 86-92.

<sup>433</sup> ROTTERDAM, Erasmo, *Ciceronianus...* P. 19.

esse tipo de doente, o melhor é fingir-se na mesma condição, tomar sua confiança e somente então mostrar-lhe a verdade sobre o mal que o atormenta<sup>434</sup>.

Assim, os dois amigos fazem com que Nosópono sinta-se à vontade, convencendo-o de que eram admiradores de Cícero tão fervorosos quanto ele próprio, de modo que pouco a pouco Buléforo logra extrair-lhe o minucioso relato dos métodos para se obter o domínio do estilo divino. A página reproduzida a seguir<sup>435</sup> é o resultado dessa astúcia, e tipifica bem o modelo defendido pelo personagem arquitetado por Erasmo, além de nos dar as pistas que faltam para verticalizar o estudo sobre seu opúsculo.

**Nosópono** – [...] Agora eu devo revelar os mistérios àqueles consagrados, digamos, ao mesmo deus. Por sete anos inteiros não peguei em nenhum livro a não ser de Cícero, abstando-me de todos os outros com o mesmo escrúpulo religioso dos Cátaros, que se abstinham de carne.

**Buléforo** – E por quê?

**Nosópono** – Para que nenhum elemento de outro estilo, saído de sabe-se lá onde, venha misturar-se com o estilo ciceroniano e contamine a sua pureza. Assim, para não correr o risco de pecar por imprudência, quaisquer que sejam as obras dos outros autores, afastei-as da minha vista e fechei-as num cofre: enfim, há apenas lugar na minha Livraria para o único Cícero.

**Buléforo** – Oh! Eu fui tão descuidado por não ter venerado Cícero com um zelo tão escrupuloso!

**Nosópono** – Não apenas na capela da minha casa e na minha Livraria, mas também por cima de todas as portas mandei colocar um belo retrato do meu mestre, e eu mesmo uso um engravado em uma gema para que ele não esteja ausente da minha vista. Assim nenhuma outra imagem me atravessa o espírito durante o sono, a não ser a de Cícero.

**Buléforo** – Isso não me admira.

**Hipólogo** – Eu o coloquei no meu calendário, entre os apóstolos.

**Buléforo** – Isso não me choca. Não chegam tantas vezes a denominá-lo deus da eloquência?

**Nosópono** – De tanto folhear e folhear os seus escritos, com tanta assiduidade, poderia citar-vo-lo quase por inteiro.

**Buléforo** – Quanto engenho!

**Nosópono** – Agora estou cingido pela imitação.

**Buléforo** – Quanto tempo levaste para te preparar?

**Nosópono** – Tanto tempo quanto a leitura.

**Buléforo** – É pouco para uma coisa tão difícil. Queira o céu que a honra de um título tão brilhante me seja concedido, mesmo com setenta anos!

<sup>434</sup> ROTTERDAM, Erasmo, *Ciceronianus*... P. 20.

<sup>435</sup> A sugestão desta página em particular devo a MATOS, Manuel Cadafaz de. *Leitura e leitores de Cícero em Lisboa e Coimbra ao tempo de D. João III (1534-1543)*. *Humanitas*, v. LXVII, 1995. P. 769-770.



**Nosópono** – Mas ouve o resto. Não me restringi apenas a todo este trabalho, em todos os livros deste homem divino não há palavra que não tenha inscrito num léxico alfabético.

**Buléforo** – Deve ser um volume enorme.

**Nosópono** – Dois carregadores bem albardados mal poderiam levá-lo em suas costas.

**Buléforo** – Oh! Vi em Paris alguns deles que poderiam carregar um elefante!

**Nosópono** – Mas também redigi um segundo volume, mais importante que o primeiro, no qual anotei, em ordem alfabética, todas as frases peculiares de Marcus Tullius.

**Buléforo** – Agora, sinto-me envergonhado da minha anterior ociosidade.

**Nosópono** – Enfim, juntei-lhe uma terceira obra.

**Buléforo** – O quê? Há ainda uma terceira?

**Nosópono** – Não se podia fazer por menos. Nesta última juntei todas as cadências com que Cícero começa ou acaba suas tríades, as suas discussões, os seus períodos, a seguir as cadências métricas pelas quais ele rege o seu estilo, e os diferentes preceitos que utiliza para exprimir o seu ritmo. Assim, o mínimo pormenor não me podia escapar<sup>436</sup>.

<sup>436</sup> **Nosópono** – [...] Now I shall reveal the mysteries to those consecrated, as it were, to the same god. For seven whole years I have touched nothing except Ciceronian books, refraining from others as religiously as the Carthusians refrain from flesh.

**Buléforo** – Why so?

**Nosópono** – Lest somewhere some foreign phrase should creep in and, as it were, dull the splendor of Ciceronian speech. Also I have enclosed in their cases and removed from sight all other books lest I should sin inadvertently; and hereafter there is no place in my library for any one except Cicero.

**Buléforo** – How neglectful I have been! Never with such care have I cherished Cicero.

**Nosópono** – Not only in the chapel and library but also in every doorway have I a picture of him beautifully painted, and I wear one engraved on a gem so that he may ever be in my thoughts. No other vision comes to me in sleep except that of Cicero.

**Buléforo** – I do not wonder.

**Hipólogo** – Among the apostles in my calendar I have given a place to Cicero.

**Buléforo** – Quite right. For they used to call him the god of eloquence.

**Nosópono** – I have been so diligent too in reading and rereading his writings that I have learned by heart almost all of them.

**Buléforo** – What industry!

**Nosópono** – Now I am girded for imitation.

**Buléforo** – How much time have you allotted for this?

**Nosópono** – As much as for the reading.

**Buléforo** – It is too little for such an arduous task. Would that there might fall to my lot, even at the age of seventy, the glory of so illustrious a name!

**Nosópono** – But hold, I am not content with this. There is not a word in all the books of that divine man which I have not set in order in an alphabetical lexicon.

**Buléforo** – A huge volume it must be.

**Nosópono** – Two strong carriers well saddled could scarcely carry it on their backs.

**Buléforo** – Whew! I have seen them at Paris who could carry an elephant.

**Nosópono** – And there is a second volume even bigger than this in which I have arranged alphabetically the phrases peculiar to Cicero.

**Buléforo** – Now, at last, I am ashamed of my laziness.

**Nosópono** – There is a third.

**Buléforo** – Whew! A third too?

**Nosópono** – It had to be. In this I have gathered all the metrical feet with which Cicero ever begins or ends his periods and their subdivisions, the rhythms which he uses in between and the cadences which he chooses for each kind of sentence, so that no little point could escape. ROTTERDAM, Erasmo, *Ciceronianus*... P. 23-24.

As primeiras linhas trazem uma associação dos adoradores de Cícero à heresia albigena, associação que surge de modo casual, mas que deverá ter atacado fortemente os ciceronianos, por à partida apartá-los da comunidade católica. Dada sua posição de verdadeiro ídolo de um culto, Cícero aparece em pinturas espalhadas pela casa; o retrato perfeito de suas palavras teria sido guardado num dicionário e, esperava-se, na memória de seus adoradores; a onipresença do arpinate chegava a impor sonhos àqueles que o seguiam.

Detenhamo-nos inicialmente no “léxico alfabético” mencionado. Em 1535, imprimiu-se em Bréscia o *Nizolius, sive Thesavrvs Ciceronianvs, omnia Ciceronis verba*<sup>437</sup>..., livro que curiosamente parece atender às prescrições programáticas de Nosópono. O autor, Mario Nizzoli [Marius Nizolius, 1498-1566], admirou profundamente Longueil e a escrita ciceroniana, razão pela qual decidiu publicar dois grossos volumes que apresentavam o léxico ciceroniano em 1300 colunas. A fortuna da obra foi duradoura, mas Nizzoli não viveu o suficiente para testemunhar a publicação da edição completa, saída da oficina de Paulo Manuzio. Além dessa edição, de 1570, houve cerca de 70 entre a *princeps* de 1535 e a de Paris, 1622, tendo sido lançadas nas cidades de Basileia, Veneza, Lyon, Genebra, Aachen e Frankfurt<sup>438</sup>.

Nizzoli defendia a divisão dos estudiosos do léxico em duas categorias. De um lado, chamava *lexicógrafos* aqueles responsáveis por recolher o maior número de palavras e informações sobre a língua latina, enquanto os *observatores*, como ele próprio, concentravam-se em buscar aquilo que de maior requinte estilístico poder-se-ia encontrar no espólio do mundo antigo. Outra diferença estava no fato de que os *lexicógrafos* obtinham suas informações a partir de antigos dicionários; os *observatores* gabavam-se de que a formulação seus léxicos dava-se exclusivamente mediante a leitura atenta da obra do autor escrutinado. Como não raro acontece nas pesquisas sobre os humanistas, percebe-se aqui certo exagero do erudito: o investigador Quirinus Breen sustenta persuasivamente que Nizzoli fez constante uso de dicionários, além de ter se apoiado de maneira sistemática nas *Elegantiae* de Valla<sup>439</sup>.

---

<sup>437</sup> NIZOLIUS, Marius. *Nizolius, sive Thesavrvs Ciceronianvs, omnia Ciceronis verba, omnemq; loquendi at que eloquendi varietatem complexus, nunc iterum, eruditi hominis herculeo labore atque industria, quarta parte auctior...* Veneza: Ex Officina Aldina, 1570.

<sup>438</sup> BREEN, Quirinus. *The Observations in M. T. Ciceronem of Marius Nizolius. Studies in the Renaissance*. Vol. 1. University of Chicago Press, 1954. P. 56-58.

<sup>439</sup> BREEN, Quirinus. *The Observations in M. T. Ciceronem of Marius Nizolius...* P. 51-52.

Ao vocabulário extraído dos livros de Cícero seguia-se uma série de comentários esclarecendo os diversos sentidos comunicados por cada expressão tuliana. Os termos eram a seguir aplicados em diversos contextos para patentear sua correta exemplificação, e resultou disso que a obra de Nizzoli acabou se tornando um repertório de citações de Cícero. Findo o léxico, Nizzoli inicia uma seção intitulada *Index utilissimus, in quo verba innumera fere barbara vel latina quidem, sed non ciceroniana, indicantur...*, na qual introduz aos leitores uma lista de expressões latinas consideradas deselegantes, que eram substituídas por expressões adequadas retiradas do *corpus* ciceroniano<sup>440</sup>. Nizzoli considerava o termo *episcopus* inapropriado; por conseguinte, propunha o uso de *pontifex*; descartar-se-ia *ecclesia* em nome de *aedes sacra* ou *templum*; à rudeza de *liberum arbitrium* opunha-se a beleza de *libera voluntas*; *diluuium*, termo rasteiro, deveria cair em desuso em prol de *eluuio terrarum*; finalmente, o vulgaríssimo *infernus* cederia lugar ao imponente *sceleratorum sedes*<sup>441</sup>.

Não nos custa esforço algum perceber as correspondências com as declarações de Nosópono e o programa estilístico encimado por Longueil, programa que, de acordo com Erasmo, representava soberbamente aqueles que modificariam o nome do Senhor por *Jupiter optimus maximus*.

Nesta altura, todavia, o leitor terá se interrogado diante do evidente problema cronológico: o *Thesaurus* de Nizzoli teve sua primeira edição em 1535, sete anos depois do *Ciceronianus* de Erasmo. Fora Nizzoli um admirador fervoroso o suficiente para ignorar o penetrante tom crítico do diálogo e dedicar-se à realização daquilo que Erasmo imaginou ser prova cabal de um doentio extremismo? Parece-me viável supor que sim, uma vez que em 1535 já circulavam as duras respostas de Etienne Dolet<sup>442</sup> e de Joseph Scaliger<sup>443</sup> à obra de Erasmo, ataques que podem ter incentivado Nizzoli, que, de todo modo, tratou o humanista de Rotterdam com ironia no *Thesaurus* – a correção de Nizzoli ao termo *liberum arbitrium*, título de famoso texto de Erasmo na polêmica com Lutero, pode indicá-lo. Caso correta, esta hipótese implicaria um surpreendente

<sup>440</sup> NIZOLIUS, Marius. *Nizolius, sive Thesavrvs Ciceronianvs...* Fl. 423 e ss.

<sup>441</sup> NIZOLIUS, Marius. *Nizolius, sive Thesavrvs Ciceronianvs...* Fls. 425-427.

<sup>442</sup> Stephani Doleti, *Dialogos de imitatione ciceroniana, aduersus Des. Erasmum Roterodamum, pro Christophoro Longolio*. Lyon, Seb. Greyff, 1535. O texto reabilita Longueil a partir de um diálogo entre Simon de Neufville e Morus.

<sup>443</sup> Julii Caesaris Scaligeri, *Oratio pro M. Tulio Cicerone contra Des. Erasmum Roterodamum*. Paris, Pierre Vidoue, 1531; Julii Caesaris Scaligeri, *Aduersus Des. Erasmi Roterodami Dialogum Ciceronianum Oratio Secunda*. Paris, Pierre Vidoue, 1537 [publicada após a morte de Erasmo, que também não chegou a conhecer a tentativa de reconciliação posteriormente veiculada por Scaliger];

desdobramento: o pesadelo de Erasmo teria se convertido no sonho de Nizzoli e em sua maior realização graças à crítica veiculada no *Ciceronianus*.

Antes de tomar uma decisão apressada a respeito, devemos ter consciência de que Erasmo pode ter estado a par do desenvolvimento do *Thesaurus*. O livro foi preparado na Itália entre os anos de 1526 e 1535, quando Nizzoli se encontrava no castelo do conde de Gambara, ambiente propício à tarefa por lá haver equipamentos de impressão<sup>444</sup>. Informações sobre um projeto tão grandioso poderiam ter escapado dos muros da propriedade pela própria vontade de Nizzoli ou via notícias de humanistas que o conheciam.

Fosse reação a Erasmo, fosse fonte de sua crítica, o que mais nos importa considerar neste problema é o conjunto de indícios que nos permite apontar que Nizzoli atuou sob efeito das ações ciceronianas, mormente após a publicação das *Orationes* de Longueil que, recordemos, surgiram em 1524.

Buléforo faz menção a Cícero como *deus da eloqüência*. A referência, embora seja um claríssimo *coup de théâtre*, ajuda-nos a identificar uma crítica a Etienne Dolet, autor da expressão e detrator de Erasmo no seu *De imitatione Ciceroniana adversus Desiderium Erasmus Roterodamum pro Christophoro Longolio* (1535). Segundo o humanista de Alcalá García Matamoros<sup>445</sup>, Dolet foi um extremado defensor da fortuna da obra de Longueil, depreciando os seus opositores com tanto vigor que chegava a imputar-lhes o epíteto “esterco” [stercus]. Erasmo, em particular, recebeu de Dolet os adjetivos “insolente”, “velho desdentado”, “criança velha”, “estulto”, entre outros<sup>446</sup>.

Havia nos círculos próximos a Dolet quem sustentasse a opinião de que o latim de Erasmo era pobre, baixo, rasteiro, contaminado pelo uso de diversos autores menores que Cícero - lembremo-nos de como Longueil insinuou que um discípulo ainda pouco conhecido nos ambientes intelectuais humanistas havia superado Erasmo na escrita -, enquanto humanistas que lhe eram favoráveis se indispunham com o que consideravam um imenso absurdo. As palavras de Nicolau Clenardo em carta a Joaquim Polites dão testemunho dessa atitude.

<sup>444</sup> BREEN, Quirinus. *The Observations in M. T. Ciceronem* of Marius Nizolius... P. 49.

<sup>445</sup> Presente no Alphonsi Garciae Matamori... *De tribus dicendi generibus sive de recta informandi styli ratione...* Alcalá: Andrés de Angulo, 1570. APUD ASENSIO, Eugenio. *Ciceronianos contra Erasmistas en España. Dos momentos (1528-1560)*... P. 230-231.

<sup>446</sup> TORRES, Amadeu. *Damião de Góis e o pensamento renascentista*... P. 20.

[...] E segundo estou vendo, a vós próprios amputais a liberdade, à maneira dos nossos Doletos e Ciceronianos, que não ousam empregar o termo *versiculari*, por o não encontrarem em Cícero.

De sorte que nos tornam inútil a lição de Lívio, dos dois Plínios e de quantos escritores houve que tenham falado de modo diferente de Cícero, e julgam-se mais sabedores de quantos vieram depois dele, sem advertir que muitos dos escritos de Cícero se perderam. Que se hoje aparecessem, talvez não acusariam o batávio de entender pouco de latim. [...]<sup>447</sup>

Clenardo ecoa opiniões apresentadas por Erasmo no *Ciceronianus*, e ressalta que a prova do tempo obriga os homens a mudar continuamente. Uma vez mais, concedamo-lhe a palavra.

[...] Com o tempo, todos os artistas modificam seus trabalhos e cada reino tem sua maneira peculiar. Como aqui há uns anos fosse eu de longada à Paris, diziam lá, levava na cabeça um ninho de cegonha, tamanha era a carapuça que usava à moda de minha terra. Depois usei uma menor, a parisiense. Regressando a Louvain, perguntava-me Goclênio se acaso não tinha perdido a cabeça lá pelas terras por onde andei. Tu, Joaquim, conheces umas cantilenas populares, e com elas te divertes mais o amigo Damião<sup>448</sup>; acaso cantais o mesmo que dantes? [...]<sup>449</sup>

As opiniões de Clenardo mostram que o debate entre ciceronianos e erásmicos, ao demarcar as qualidades da escrita como campo de batalha, acabou por não se circunscrever a ele. De fato, a qualidade e função da escrita, que, no uso humanista, passava pela ideia de *eloquência*, dava azo a discussões sobre o próprio estatuto epistemológico da percepção do passado<sup>450</sup> [“Com o tempo, todos os artistas modificam seus trabalhos e cada reino tem sua maneira peculiar...”]. Antes de passar adiante, seria conveniente estabelecer o que Erasmo e seus adversários entendiam por *eloquentia*.

Na *Oratio pro Archia poeta*, Cícero convida-nos a conhecer a história de Aulo Licínio Árquias, poeta acusado de não ter direito gozar de cidadania romana, o que poderia acarretar na sua expulsão da cidade. O texto consiste na defesa desse poeta, realizada diante de um tribunal no ano de 62 a.C.

<sup>447</sup> CLENARDO, Nicolau. Carta a Joaquim Polites (Évora, 27-XII-1536). In: CEREJEIRA, Gonçalves. *O Renascimento em Portugal: Clenardo e a sociedade portuguesa*. Vol I. Coimbra: Coimbra Editora, 1974 [1926]. P. 275-293, citação à página 283.

<sup>448</sup> O “Damião” aqui mencionado é, claro está, Damião de Góis.

<sup>449</sup> CLENARDO, Nicolau. Carta a Joaquim Polites (Évora, 27-XII-1536)... P. 283.

<sup>450</sup> Tema cuja amplitude obriga-me a deixar sua análise para outro texto.

Cícero abriu a exposição afirmando que faria uso da oratória que aprendeu com Árquias, “quem mais concorreu, não apenas para eu empreender, senão também para eu me iniciar neste gênero de estudos”<sup>451</sup> (*Pro Archia*, I, 1). Prevendo a estranheza que os doutos juízes poderiam suspeitar no uso de artes liberais tão incomuns no meio árido do processo legal, o arpinate antecipou-se, alertando-lhes de que “todos os ramos do saber, atinentes à cultura humana, têm como que um vínculo comum e estão ligados, digamos assim, por um certo grau de parentesco” (*Pro Archia*, I, 2).

Elucidados os motivos jurídicos pelos quais o amigo não deveria ser condenado, Cícero ainda sustentou em sua *oratio* que perder Árquias seria além de tudo um golpe duríssimo para Roma; a cidade deixaria de contar com um dos baluartes da *laudatio imperii*, da escrita laudatória que deveria firmar no tempo eterno as glórias romanas. Segundo Cícero, “[...] Quantos retratos perfeitos de varões tão denodados nos não deixaram os escritores, tanto gregos como latinos, não apenas para contemplar, senão também para imitar! [...]” Desprovidos de homens como Árquias, “[...] todos eles jazeriam nas trevas sem o concurso das letras como luz [...]” (*Pro Archia*, VI, 14).

*Pro Archia* figurou como um verdadeiro atestado do ofício humanista<sup>452</sup>. Sua evocação do homem versado nas artes liberais, nos *studia humanitatis*, encaixava-se adequadamente no discurso humanista de defesa da erudição como meio de transformação do mundo. A responsabilidade de firmar no tempo a glória daqueles que a merecessem, e, por conseguinte, a do próprio autor do elogio, era baseada tanto no olhar cuidadoso dos feitos passados quanto no esmerado retrato que deles se fizesse. Assim, a união harmoniosa da sabedoria e a da virtude do estilo – a nomeada *eloquentia* - surgiu como engrenagem basilar da atitude humanista diante do mundo<sup>453</sup>. Desprovidas dessa engrenagem, por salutarens que tivessem sido as épocas, a elas não restaria mais que o ostracismo. Se aos tempos medievais coube a obscuridade – argumentavam os humanistas -, não fora por falta de sabedoria e de personagens virtuosos; a culpa estava na ignorância do papel da *eloquentia* na preservação de tudo o que era digno de memória.

<sup>451</sup> A edição consultada foi esta: CÍCERO, Marco Túlio. Defesa de Árquias. Trad. Carlos Alberto Louro Fonseca. In: RAMALHO, Américo da Costa (org.). *Cícero*. Lisboa: Verbo, 1974.

<sup>452</sup> RAMALHO, Américo da Costa. *Cícero nas orações universitárias do Renascimento*. Separata da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas. V. I Porto: FLUP, 1985. P. 34-36.

<sup>453</sup> GRAY, Hanna H. Renaissance Humanism: the pursuit of Eloquence. *Journal of the History of Ideas*. Vol. 24, Nº 4 (Oct-Dec.). University of Pennsylvania Press, 1963. P. 497-498.

Ilustrada por um julgamento, a proposição de Cícero presente no *Pro Archia* vincula a correção metódica da linguagem também à justiça. Como Plutarco bem observou, Cícero conseguiu demonstrar fartamente que “a eloquência torna o bem atraente e a justiça é invencível se for expressa de forma correcta”. Ademais, essa interação traz à tona o importante conceito de harmonia, somente praticada se “nas acções”, se “pôr sempre o bem à frente do agradável e, nas palavras, dar revelado ao que é proveitoso, afastando o que nele haja de desagradável”<sup>454</sup> (*Vidas Paralelas, Cícero*, 13. 1).

À luz das concepções aludidas erigiu-se o estudo da *eloquentia* como método de pesquisa intimamente próximo da filologia humanista, de modo que o poder inerente das palavras, sua capacidade de satisfazer o sonho de imortalidade humana pela mensagem perene que poderiam transmitir, tornou-se alvo de extremo cuidado pelos praticantes dos *studia humanitatis* desde seus primórdios.

O exemplo de Árquias<sup>455</sup> também acabou se revelando instrumento útil na consolidação da fama de Longueil. Afinal, Longueil, após anos de estudo ininterrupto do latim ciceroniano junto a Pietro Bembo, obteve o direito à cidadania romana que, todavia, fora logo questionado por opositores. Segundo suas *Orationes*, teve de fugir da cidade, pois acusavam-no de privilegiar os gálicos em detrimento dos romanos, constituindo-se o crime de *lesa maestà*; ademais, ironicamente, dizia-se dele que havia sido enviado a Roma pelos bárbaros Erasmo e Budé para levar quantos bons livros pudesse para os Alpes. Este Cícero redivivo e injustiçado caiu nas graças dos demais ciceronianos, mas com ares trágicos, afinal, menos de três anos depois, seu brilho se extinguiu, e pareceu-lhes que a esperança de perpetuar o estilo divino se esvaía, talvez

<sup>454</sup> Optou-se por esta edição, traduzida do grego: PLUTARCO. *Vidas paralelas*: Demóstenes e Cícero. Trad. Marta Várzeas. Coimbra: Centro de estudos clássicos e humanísticos, 2010.

<sup>455</sup> Não deixemos de lado outras referências à eloquência na obra de Cícero. Uma fonte importante a sugerir, nesse sentido, é o *Brutus* (6.25), no qual podemos ler: “Tornei então: Fazer o elogio da eloquência, exaltar seu poder e o prestígio dos que a alcançam, não é propósito nosso nesta altura, nem é necessário. Mas uma coisa há que eu quereria afirmar fora de toda a dúvida, é que, quer ela seja o produto de uma arte, quer da prática, quer de qualidades naturais, é, de tudo quanto há, o mais difícil. Efectivamente, das cinco partes de que se diz ser composta, cada uma delas já é, de per si, uma grande arte. Motivo por que se pode avaliar o poder e a dificuldade que tem a reunião de cinco artes de tal magnitude. PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Romana*... P. 64. Poderíamos evocar, ainda, o *De Officiis* (II. 19.66), que notava: “De facto, o que há de mais válido que a eloquência, ou pela admiração dos ouvintes, ou pela esperança dos necessitados, ou pela gratidão dos que ela defende? Foi à eloquência que os nossos maiores atribuíram o primado da honra entre os que vestem a toga. É que os benefícios e patrocínio de um homem eloquente e prestável, que, dentro dos costumes ancestrais, defende as causas de muita gente sem remuneração e de graça, erguem-se bem alto.” PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Romana*... P. 77.

de modo irreversível, restando-lhes apenas detratar tanto quanto possível Erasmo e seus sequazes<sup>456</sup>.

Espero ter reforçado, nessa breve digressão, o conteúdo das ponderações de Clenardo em seu apoio a Erasmo. A discussão em torno da perfeição que a *eloquência* ciceroniana traria aos que ela dominassem também tratava de como dever-se-ia encarar o estatuto do passado. E era precisamente este um dos pontos centrais do argumento construído no *Ciceronianus*. A *elegantia dicendi* de Longueil escondia repercussões mais profundas, repercussões que não passaram despercebidas por Erasmo, mas que poderiam ter sido ignoradas por muitos leitores das *Orationes* e do *Thesaurus*.

Voltemos à página do *Ciceronianus* reproduzida acima. Um orgulhoso Nosópono relatava a seus amigos que Cícero havia logrado um generoso espaço mesmo em sua capela. Hipólogo respondeu dizendo que colocara Cícero em seu calendário, “entre os apóstolos”. Não era a primeira vez que Cícero era posicionado ao lado de figuras fundamentais da Igreja.

Se observarmos a *Patrologia Latina* de Migne, notaremos que seu volume XXII, no qual consta uma das mais célebres epístolas de São Jerônimo, *Ad Eustochium, Paulae Filiam*, nos remete à forte presença de Cícero no pensamento deste doutor da Igreja.

São Jerônimo propõe-se a narrar a difícil passagem de sua leitura assídua dos clássicos latinos à disciplina de leitura da Bíblia. Tendo deixado sua vida de pecados para trás e se dirigido a Jerusalém para pregar a boa nova, Jerônimo lamentava não ter sido capaz de carregar consigo a biblioteca que formara em Roma. Ao cabo dos dias de pregação, chorava tanto pela falta que Cícero e Plauto lhe faziam, como por ter de admitir que o pecado de lê-los persistia em sua mente. A razão era clara: “Sempre que eu retornava a meu bom juízo e começava a ler os profetas, sua linguagem parecia dura e bárbara”<sup>457</sup>.

---

<sup>456</sup> SABBADINI, Remigio. *Storia del Ciceronianismo e di altre questioni letterarie nell'età della Rinascenza*. Torino: Ermanno Loescher, 1885. P. 54-56.

<sup>457</sup> Além da *Patrologia* de Migne, consulte esta edição para a leitura da carta de Jerônimo: HENDERSON, Jeffrey. *Jerome: select letters*. Translated by F. A. Wright. Cambridge: Harvard University Press, 1933. “Cum ante annos plurimos domo, parentibus, sorore, cognatis, quod his difficilior est, consuetudine lautioris cibi propter caelorum me regna castrassem et Hierosolymam militaturus pergerem, bybliothea, quam mihi Romae summo studio ac labore confeceram, carere non poteram. Itaque miser ego lecturus Tullium ieiunabam; post noctium crebas vigalias, post lacrimas, quas mihi



São Jerônimo prossegue citando diretamente a II epístola aos Coríntios, que reza:

Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos; pois que comércio tem a justiça com a injustiça? *Ou que comunhão tem a luz com as trevas? Que harmonia há entre Cristo e Belial?*<sup>458</sup>.

E que consenso tem o santuário de Deus com ídolos? Pois nós somos santuário de Deus vivo, como Deus disse: Neles habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo<sup>459</sup>.

A seguir, ele arremata: “O que tem a ver Horácio com o Evangelho? Virgílio com os evangelhos? Cícero com o apóstolo [Paulo]?”<sup>460</sup>

O que Cícero teria a ver com os apóstolos e, particularmente, com Jerônimo? Nesta mesma página da carta, São Jerônimo reforça a explicação, avaliando que a comunhão entre os autores romanos, cuja elegância em língua latina trazia consigo a perfídia do pecado, e a Palavra dura e bárbara, mas detidora da fé, era proibida. Em seguida, ele passa a relatar seu famoso sonho, quando, na quaresma do ano de 375, acometido de uma febre maligna, foi levado às portas da morte e interrogado por um tribunal divino acerca de sua condição religiosa. Como resposta, teria ouvido do juiz que presidia seu julgamento: “mentes, disse, és ciceroniano, e não cristão, porque onde estiver teu tesouro, ali estará teu coração” [mentiris, ait, Ciceronianus es, non Christianus; ubi enim thesaurus tuus, ibi et cortuum]<sup>461</sup>. Portanto, a argumentação de Jerônimo alertava para a excessiva aproximação aos clássicos, Cícero em especial. A proximidade com o arpinate consistia em matéria de ameaça à fé cristã – São Jerônimo chegou a prometer um afastamento da obra ciceroniana, cômico dos riscos após o alerta divino<sup>462</sup>.

visceribus eruebat, Plautus sumebatur in manibus. Si quando in memet reversus prophetam legere coepissem, sermo horrebat incultus, et quia lumen caecis oculis non videbam, non oculorum putabam culpam esse, sed solis”. HENDERSON, Jeffrey. *Jerome*... P. 124-125.

<sup>458</sup> *Coríntios*, II, 6, 14-15. Sublinhei a citação precisa de São Jerônimo em itálico; embora ela termine aqui, convinha seguir um pouco mais a passagem bíblica, dada sua menção à idolatria.

<sup>459</sup> *Coríntios*, II, 6, 16.

<sup>460</sup> “Quid facit cum Psalterio Horatio? Cum Evangeliiis Maro? Cum Apostolo Cicero?” MIGNE. *Patrologia Latina*. Vol. XXII, Epístola XXII. P. 415-416.

<sup>461</sup> MIGNE. *Patrologia Latina*... P. 416. O trecho *ubi enim thesaurus tuus, ibi et cortuum* remete, como o próprio São Jerônimo indica, a *Mateus*, 6, 21.

<sup>462</sup> Para referências à vida de São Jerônimo, cf. SUTCLIFFE, E. F. Jerome. In: LAMPE, G. W. H. (org.). *The Cambridge History of the Bible*. Vol. II. Cambridge: Cambridge University Press, 2008 [1969]. P. 80 e ss.

Outro laço ata São Jerônimo e o *Ciceronianus* de Erasmo. Em 1516, ao lançar sua *Vida de Jerônimo*, Erasmo esboçou aquele viria a ser um argumento central do opúsculo polêmico contra os seguidores de Cícero. Alertava Erasmo para o fato de que Jerônimo expressava-se por meio de um latim estilisticamente apartado daquele de Cícero, algo que, todavia, não era razão para críticas. Se os problemas sociais, os deuses e as autoridades políticas e intelectuais haviam mudado, também deveriam mudar os modos de expressão<sup>463</sup>.

Ambas as referências aos Pais da Igreja permitem reconstituir os fios condutores de uma polêmica travada por eles em torno do estilo da Bíblia, e que, afirmaria a título de hipótese, foi repercutida - intencionalmente ou não - no *Ciceronianus* como mecanismo de defesa do programa de *philosophia christi* erasmiano.

*Sermo humilis*. Muitos séculos antes de Erasmo, a expressão “baixa”, geralmente vinculada à negligência estilística, foi intimamente ligada às Sagradas Escrituras. Os leitores cultos do mundo tardo-antigo tinham plena consciência disso, e faziam escárnio dos textos bíblicos pela sua linguagem pobre, o que motivou os Pais da Igreja a estabelecer respostas às suas críticas. Assim sucedeu que Santo Agostinho e outros definiram o papel da escrita de fácil entendimento como a forma mediante a qual a Palavra poderia se tornar acessível a todos. O discurso ágil e simples seria o único capaz de absorver a atenção mesmo daqueles que estivessem muito longe de entender as sutilezas eruditas da Bíblia, justificando-se com isso a necessidade de seu emprego e seu valor.

Além disso, o estilo “baixo” descrito por Cícero, do qual parte Santo Agostinho, não era simplório. Deveria ser praticado por um escritor que detivesse verdadeiro domínio da linguagem, sendo capaz de expor o assunto em termos claros e do alcance de todos. Também a Bíblia, de expressão “baixa”, não tratava de temas igualmente rasteiros. Na verdade, e em tudo o que aqui se diz sigo de perto o entendimento de Auerbach<sup>464</sup>, os assuntos tratados pela Bíblia, sem exceção, eram elevados, mesmo que não parecesse. Mistérios ocultavam-se em suas páginas, mistérios que não careciam de uma escrita “culto e soberba” para sua decifração, mas, sim, de uma disposição de

---

<sup>463</sup> PIGMAN III, G. W. Imitation and Renaissance sense of the past: the reception of Erasmus's *Ciceronianus*... P. 5.

<sup>464</sup> AUERBACH, Erich. *Sermo humilis*. In: *Ensaio de Literatura ocidental*. São Paulo: Duas cidades; editora 34, 2007. [1952] P. 29-77.

espírito humilde para apreendê-los. Apenas desse modo seria possível chegar às revelações profundas da verdade bíblica, decorrência do verdadeiro sentido da expressão paulina *noli altum sapere*: não “não ousa conhecer”, interpretação que tantos aventaram erroneamente no século XVI, mas, “sê sábio” (“não seja soberbo”), no sentido moral, como Erasmo percebeu<sup>465</sup>.

Para provar a tese de que a escrita baixa deveria prevalecer no texto sagrado, os Pais da Igreja usaram muitas passagens bíblicas e sermões. Auerbach acredita não haver texto melhor para exprimir o poder retórico<sup>466</sup> desse *sermo humilis* que uma passagem de Santo Agostinho nas *Enarrationes in Psalmos* (96, 4):

“Aquele que esteve diante do juiz, aquele que levou tapas, aquele que foi flagelado, aquele que levou cuspidas, aquele que foi coroadado de espinhos, aquele que foi coberto de golpes, aquele que foi pendurado numa árvore, aquele que, pendurado numa árvore, foi insultado, aquele que morreu na cruz, aquele que foi ferido com a lança, aquele que foi sepultado: este mesmo ressuscitou. Cometam os reinos quantas crueldades possam; o que farão contra o Rei dos reinos, contra o Senhor de todos os reis, contra o Criador de todos os séculos?”<sup>467</sup>

Mas a prosa agostiniana iluminou a questão pelo menos noutra texto. No famoso sermão sobre a destruição de Roma após o ataque dos visigodos de Alarico em 410, Agostinho valia-se de Cristo como exemplo maior de humildade e sofrimento a ser seguido pelos homens:

Não nos perturbe, pois, o sofrimento dos justos; trata-se de uma provação. A não ser que, porventura, nos horrorizemos quando vemos algum justo suportar nesta terra pesados e indignos sofrimentos, e esquecemos o que suportou o justo dos justos, o santo dos santos. O que sofreu aquela cidade inteira, sofreu-o um só. E vede quem era ele: O Rei dos reis, o Senhor dos senhores, que foi preso, amarrado, flagelado, ofendido com todo o género de ultrajes, que foi suspenso do madeiro e crucificado, que foi morto. Compara Roma a Cristo,

<sup>465</sup> GINZBURG, Carlo. O Alto e o Baixo... P. 95-96.

<sup>466</sup> Àqueles a quem parecer incoerente a resposta retórica dos Pais da Igreja e de Erasmo, reflita-se a partir deste comentário de Auerbach: “O próprio Santo Agostinho manifestou-se a respeito. Em *De doctrina christiana* (IV, 12 ss.), ele fala da utilização da retórica acadêmica na pregação cristã. Não tinha dúvidas sobre a necessidade de o fazer: não haveria sentido algum, diz ele, em abandonar as armas da eloquência aos representantes da mentira e proibi-las aos representantes da verdade”. AUERBACH, Erich. *Sermo humilis*... p. 36.

<sup>467</sup> “Ille qui stetit iudicem, ille qui alapas accepit, ille qui flagellatus est, qui consputus est, ille qui spinis coranatus est, ille qui colaphis caesus est, ille qui in ligno suspensus est, ille cui pendenti in ligno insultatum est, ille qui in cruce mortuus est, ille qui lancea percussus est, ille qui sepultus est: ipse resurrexit. Saeviant quantum possum regna; quid sunt factura Regi regnorum, Dominum omnium regum, Creatori omnium saeculorum?” A tradução coube a João Ângelo Oliva Neto. AUERBACH, Erich. *Sermo humilis*... P. 47-48.

compara a terra inteira a Cristo, compara o céu e a terra a Cristo; nada do que foi criado se pode comparar com o seu Criador; nenhuma obra se pode comparar ao seu artífice. Ele criou todas as coisas e sem Ele nada foi criado; e todavia foi traído pelos que o perseguiram<sup>468</sup>. (*De excidio vrbis*, 8.9)

A ideia de um Cristo flagelado, humilhado e destruído, mas que retorna poderoso e invencível a despeito dos males que lhe foram infligidos, seguramente teve grande peso no entendimento da interação entre linguagem baixa e tema elevado. Essa interação contínua da *humilitas* da palavra e da *sublimitas* da matéria tinha o objetivo de permitir a qualquer homem penetrar nos segredos cristãos, desde que não fosse leviano. Erasmo, ao propor um diálogo de fácil entendimento, risonho e – acrescentaria – *humilis*, mas que, ao mesmo tempo, tratava de assuntos seríssimos, não estaria retomando as ponderações agostinianas para criticar os ciceronianos?

Nosópono, por detrás de quem também está Erasmo, insinua um aceno positivo à hipótese. Buléforo, passando em revista diversos autores vitais para a história ocidental cujo latim não era idêntico ao de Cícero, pergunta a Nosópono, curiosa e ironicamente, o que ele acha de Erasmo. Eis a resposta:

**Nosópono** – Ele degrada e apressa tudo; ele não dá nascimento natural às suas criações; às vezes ele escreve um volume inteiro de uma vez só; nem pode ele ter nunca paciência para ler ao menos uma vez o que escrevera; e ele não faz nada além de escrever, ignorando o fato de que apenas somente depois de um longo período de leituras alguém deveria começar a escrever. O que dizer então do fato de que ele sequer tenta usar o estilo ciceroniano, mas usa palavras teológicas e às vezes mesmo vulgarismos?<sup>469</sup>

Essa interpretação do pensamento de Erasmo ainda ganha respaldo ao explorarmos outras passagens do *Ciceronianus*. Nosópono explica aos ouvintes seus métodos de pesquisa e aquisição da maestria ciceroniana. Além de escolher as noites mais apropriadas para a meditação por meio da astrologia, seria preciso conservar uma atitude de distanciamento do mundo. Se o ciceroniano tiver vida pública, será obrigado a falar latim, o que acarretará na corrupção da beleza das palavras de Cícero.

Antes que Hipólogo e Buléforo fossem tentados a acreditar que Nosópono havia escolhido não falar com ninguém para preservar seu latim, este se explica: “Em conversas comuns e profanas eu não contamina a língua sagrada. Mas se eu for

<sup>468</sup> A edição utilizada foi HIPONA, Agostinho. *O De Excidio Vrbis e outros sermões sobre a queda de Roma*. Tradução, introdução e notas por Carlota Miranda Urbano. Coimbra: CECH, 2010.

<sup>469</sup> ROTTERDAM, Erasmo, *Ciceronianus*...P. 105.

constrangido a falar em latim, falo breve e cuidadosamente.” A seguir, arremata, orgulhoso: “E, para este propósito, tenho algumas frases prontas”<sup>470</sup>.

“Então segue a questão das palavras”, dizia Nosópono. O personagem relata ter lido o máximo de epístolas ciceronianas possível, ordenando suas sentenças mais bonitas, palavras elegantes e demais ornamentos com a ajuda de seus dicionários. Depois, “eu examino que expressões eu posso usar e onde posso usá-las”. “Então eu retorno à questão das frases. Por isso agora é um trabalho de arte encontrar sentido para esses embelezamentos verbais”<sup>471</sup>.

Hipólogo resume os argumentos de Nosópono e, sem dúvida, a grande crítica de Erasmo:

Hipólogo - [o proceder de Nosópono é] exatamente como o de um ilustre artífice que prepara um vestido, um colar, anéis e jóias requintados; e depois disso talha uma imagem de cera sobre a qual ele possa encaixar esses ornamentos, ou, melhor, a qual possa se moldar aos ornamentos<sup>472</sup>.

De acordo com Erasmo, Longueil e seus seguidores, todos os ciceronianos, ao escolher a soberba da palavra exclusivamente talhada pelos moldes de Cícero antes dos sentidos que se queria comunicar, menoscabaram a verdadeira busca: a busca da verdade contida nas palavras, seu significado mais profundo, sua capacidade prática (que estava na raiz da *eloquentia* humanista) de motivar os homens, de impelir-lhes em direção aos seus objetivos e de abrir-lhes as portas do reino dos céus. Ao olhar para o alto e tentar tocá-lo, Longueil e os seus teriam tão-somente cortejado nuvens rubras de que o pecado era o relâmpago. Erasmo, do chão de sua *humilitas*, de seu diálogo de simples compreensão, expunha na ferida profunda de seus adversários a fonte aberta de suas culpas. Para Erasmo, o ciceronianismo poderia figurar de fato como um anti-humanismo cristão, um desafio ao poder divino, uma descida inexorável rumo ao inferno.

---

<sup>470</sup> [In common and profane conversations I do not contaminate the sacred tongue. But, If I am compelled to speak in Latin, I speak briefly and carefully]; [And for this purpose I have some set phrases]. ROTTERDAM, Erasmo, *Ciceronianus*... P. 32-33

<sup>471</sup> [For this now is a work of art to find meanings for these verbal embellishments] ROTTERDAM, Erasmo, *Ciceronianus*... P. 31.

<sup>472</sup> “Just as an illustrious workman prepares an exquisite dress, neckless, rings and gems: and afterwards fashions a waxen image upon which he may fit these adornments, or rather, which he may mould to the adornments”. ROTTERDAM, Erasmo, *Ciceronianus*... P. 31.

O *sermo humilis* não se restringiu ao mundo tardo-antigo até chegar à época de Erasmo. Na *Commedia*, em passagem notada por Benvenuto Rambaldi da Imola<sup>473</sup> (*Inferno*, II, 55-57<sup>474</sup>), lemos a narrativa do encontro de Virgílio com Beatriz, cujo afeto por Dante a fez descer dos céus para pedir ao antigo poeta que guiasse o amado para longe de uma morte então certa:

Luzia o seu olhar mais do que estrela [Lucevan li occhi suoi piú che la stella;]  
 e começou a dizer, suave e lhana, [e cominciommi a dir soave e piana,]  
 com angélica voz, no idioma dela: [con agelica voce, in sua favella:]  
 [grifos meus]

Rambaldi acreditava que esta passagem fora muito bem colocada, pois permitia entender que a fala divina, encarnada por Beatriz, era suave e simples, humilde, ao contrário da prosa de Virgílio e dos demais poetas, soberba e elevada<sup>475</sup>.

O próprio Dante, explicando a Cangiande della Scala por que batizara o texto de *Commedia*<sup>476</sup>, citou duas razões: “o poema é uma comédia em primeiro lugar porque seu final é feliz, e em segundo lugar porque seu estilo é baixo e humilde”<sup>477</sup>. Obviamente, Dante tinha plena consciência de que o texto que escreveu era na verdade sublime. Por duas vezes<sup>478</sup> (*Paraíso*, XXIII, 62 e *Paraíso*, XXV, 1) chama a própria obra de *sacro poema*, além de demonstrar fartamente que o tema da *Commedia* era dos mais elevados, para não mencionar a clara tentativa de se equiparar ao mestre mantuano. Com efeito, ele entendia por *humilis* o uso de um linguajar baixo e o “pronunciado realismo de várias passagens do poema – duas coisas que lhe pareciam

<sup>473</sup> AUERBACH, Erich. *Sacrae scripturae sermo humilis*. In: *Ensaaios de Literatura ocidental*. São Paulo: Duas cidades; editora 34, 2007. [1941] P. 15-28.

<sup>474</sup> As citações do texto de Dante, inclusive as traduções, foram extraídas da seguinte edição: ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Inferno*. Edição Bilingue. Trad. Italo Eugenio Mauro. São Paulo: 34, 2010 [1998].

<sup>475</sup> AUERBACH, Erich *Sacrae scripturae sermo humilis*... P. 15.

<sup>476</sup> A denominação *Divina* deve-se creditar a Ludovico Dolce, que em 1555 editou o texto, saído dos prelos de Gabriel Giolito da Ferrari e irmãos. O termo veio a ganhar renome em edição posterior, de 1595, aos cuidados de Domenico Manzani (Florença). MARTINS, José V. de Pina. *A Commedia*. In: *Cultura italiana*. Lisboa: Verbo, 1971. P. 36

<sup>477</sup> AUERBACH, Erich. *Sacrae scripturae sermo humilis*... P. 16-17.

<sup>478</sup> “E cosí, figurando il paradiso,  
 Conven saltar lo *sacrato poema*,  
 Come chi trova suo cammin riciso.” (XXIII, 61-63)  
 “Se mai continga che ‘l *poema sacro*  
 al quale ha posto mano e cielo e terra,  
 sí che m’ha fatto per molti anni macro,” (XXV, 1-3) [grifos meus]

incompatíveis com o gênero sublime e trágico, tal como o entendia a partir do estudo das teorias da Antiguidade<sup>479</sup>.

As razões levantadas por Dante para qualificar seu texto de *humilis* mesmo sendo de fato sublime coloca-nos uma questão que ainda está por resolver: se o estilo adotado por Erasmo poderia ter se ligado concretamente ao *sermo humilis* de modo a evidenciar a arrogância de seus adversários, restava explicar o fato de que o próprio Erasmo, bem como Pietro Bembo<sup>480</sup> e diversos humanistas, insistiam na utilização de um discurso religioso de tom clássico, próximo dos critérios de *eloquentia*. Bembo<sup>481</sup>, por exemplo, propunha o uso de *divinae mentis aura* no lugar de *spiritus sanctus*, o que parece, ao menos a distância, um aceno aos esforços de Nizzoli no *Thesaurus Ciceronianus*. A solução para este problema residia naquilo que Erasmo considerava uma consequência grave da proposta de Longueil, inextricavelmente vinculada ao paganismo dos ciceronianos, qual seja, sua incoerência diante do presente e seu olhar distorcido em relação às fontes antigas.

Terminada a exposição de Nosópono, Buléforo, socraticamente, tenta convencê-lo do absurdo a que havia chegado seu discurso:

**Buléforo** – [...] Eu estava chegando exatamente a este ponto, isto é, nossa concordância em pensar que Cícero fala melhor que todos.

**Nosópono** – Concordamos.

**Buléforo** – E que o mais nobre nome de ciceroniano é imerecido a não ser que alguém fale como Cícero.

**Nosópono** – Precisamente.

**Buléforo** – E que não fala sequer bem aquele cuja linguagem é inapropriada.

**Nosópono** – Concordamos nisso também.

**Buléforo** – Ademais, que nós falamos adequadamente apenas quando nosso discurso é consistente com as pessoas e condições da vida presente.

**Nosópono** – Claro.

**Buléforo** – Muito bem. As presentes condições estão de acordo com aquelas de quando Cícero viveu e falou, considerando-se nossas absolutamente diferentes religião, governo, leis, costumes, ocupações, a aparência concreta dos homens?

**Nosópono** – Não, de forma alguma<sup>482</sup>.

<sup>479</sup> AUERBACH, Erich. *Sacrae scripturae sermo humilis...* P. 17.

<sup>480</sup> Embora fosse um ciceroniano convicto, famoso pela redação de brilhantes cartas latinas na corte papal e pela proximidade de Longueil, Bembo foi poupado de maiores ataques por Erasmo em virtude de sua inclinação cristã. Seu ciceronianismo, vinculado ao serviço da fé, foi considerado moderado. TORRES, Amadeu. *Damião de Góis e o pensamento renascentista...* P. 8.

<sup>481</sup> AUERBACH, Erich. *Sermo humilis...* P. 52.

<sup>482</sup> **Buléforo** - I was plainly coming to this point, namely, that we agreed in thinking that Cicero speaks best of all.

Buléforo, cujo o tom é cada vez mais o de Erasmo e cuja voz é progressivamente mais solitária no diálogo, prossegue, deixando Nosópono desconcertado:

**Buléforo** – Você diz que ninguém pode falar com propriedade a menos que copie Cícero; mas este fato mesmo nos convence de que ninguém pode falar bem a menos que se sabiamente beba do exemplo de Cícero. Para qualquer lugar para onde me viro, eu vejo coisas mudadas, eu estou em outro palco, eu vejo outro teatro, sim, outro mundo<sup>483</sup>.

As conclusões são avassaladoras, e a partir daí Nosópono já não opõe resistência. Se o desejo de imitar o modelo ciceroniano era tão forte, dever-se-ia, para se dele aproximar, admitir que tal tarefa era impossível. Por um lado, a distância temporal em relação à época romana trazia à tona paradoxos insolúveis; Cícero jamais pronunciara palavras como “Cristo”, “trindade”, “evangelho”, “arcebispo”, “pagão” e “outras inumeráveis coisas nas quais se baseia a vida cristã”<sup>484</sup>. Usar para questões de nosso tempo – Erasmo prossegue – termos como *templum* no lugar de “igreja”, ou o de “Apolo” em substituição a Cristo, consistiria numa violação dos tempos tão incoerente quanto a anterior.

Por outro lado, qualquer esforço em absorver a prosa de Cícero integralmente resultaria em estrondoso fracasso, pois, além das palavras, também os homens estão submetidos ao devir instalado no mundo por Deus. Desse ponto de vista, os ciceronianos estavam, por ignorância, novamente atentando contra Sua vontade. “De fato, a culpa não era de De Longueil, mas dos tempos”<sup>485</sup>. Mesmo que o treino

**Nosópono** - We do.

**Buléforo** - And that this most noble name of Ciceronian is not deserved unless one can speak as Cicero does.

**Nosópono** - Precisely.

**Buléforo** - And that he does not even speak well whose language is inappropriate.

**Nosópono** - We agree in that too.

**Buléforo** - Further, that we speak fittingly only when our speech is consistent with the persons and conditions of present day life.

**Nosópono** - Of course.

**Buléforo** - Well then, do the present conditions agree with those of the time when Cicero lived and spoke, considering our absolutely different religion, government, laws, customs, occupations, the very face of the men?

**Nosópono** - No, not at all.

ROTTERDAM, Erasmo, *Ciceronianus*.... P. 61.

<sup>483</sup> **Buléforo** - You say that no one can speak with propriety unless he copy Cicero; but the fact itself convinces us that no one can speak well unless he wisely withdraw from the example of Cicero. Wherever I turn I see things changed, I stand on another stage, I see another theater, yes, another world. ROTTERDAM, Erasmo, *Ciceronianus sive de optimo genere dicendi*... P. 62.

<sup>484</sup> ROTTERDAM, Erasmo, *Ciceronianus*... P. 66-67.

<sup>485</sup> ROTTERDAM, Erasmo, *Ciceronianus*... P. 112.



ciceroniano lograsse sucesso, as requisições da época poderiam torná-lo em parte dispensável – e é preciso aduzir a esse argumento outro, qual seja, o de que qualquer aproximação à prosa tuliana que não fosse idêntica forçosamente ser-lhe-ia inferior, o que ressalta ainda mais o absurdo da proposta.

Também cumpre dizer que a indisposição à impossibilidade - e à incoerência - de se imitar estritamente o latim de Cícero participou de uma corrente intelectual que ultrapassava o próprio Erasmo, incluindo personagens como Castiglione e Maquiavel. Para eles, a imitação verdadeira seria aquela decorrente da mudança dos tempos. Recorrendo a uma célebre carta de Sêneca a Lucílio, poder-se-ia dizer que a boa imitação de um autor de que se gosta deveria despertar a semelhança que há entre pai e filho, mas jamais aquela de uma estátua, porque “a estátua é um objeto morto” (*Epistulae morales*, 84, 8).

Quando Maquiavel alertou sobre os cuidados prudenciais que se deveria tomar para mitigar os poderosos efeitos da fortuna, deixou claro o quão destrutivo poderia ser o comportamento que ignorasse as mudanças que a passagem do tempo provoca. “[...] Creio ainda que é feliz quem emparelha seu modo de proceder com a qualidade dos tempos e, analogamente, que seja infeliz quem age em desacordo com os tempos”<sup>486</sup>. Ao contrário da ordem lunar, aparentemente estática e certamente regular, a ordem sublunar, onde se joga o destino dos homens, estava sempre e sujeita a alterações, por sua vez conduzidas nalguma medida pela regularidade dos astros. Aos homens, todavia, restava alcançar o equilíbrio entre as ações da *Fortuna* e certo olhar dirigido ao passado, aos homens de outrora, pois o controle e estabilidade das revoluções celestes imprimiriam às sociedades e seus componentes certo ritmo que, se seguido, levaria à prosperidade futura. Apenas essa “espécie de adaptação às ‘condições do tempo’” seria “capaz de tornar possível a regeneração e fortalecimento dos corpos políticos”<sup>487</sup>. Portanto, tirar inspiração no passado era parte da ação prudencial, mas aliado a isso era imprescindível ter em mente os muitos cadafalsos armados pela imperfeição humana e pela própria constituição do universo.

---

<sup>486</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Penguin-Companhia, 2010. P. 132.

<sup>487</sup> CHARBEL, Felipe. *Timoneiros: Retórica, prudência e história em Maquiavel e Guicciardini*. Rio de Janeiro: PUC, 2008 (tese de doutorado). *Maxime* p. 21-25, cit. à p. 23.

*O cortesão* - publicado em 1528, mas redigido dez anos antes - alude à multiplicidade de estilos que poderiam conviver num mesmo momento<sup>488</sup>, mostrando a outra face da proposta crítica de Erasmo; ignorar que determinado período poderia ter alcançado a excelência em dada arte ou técnica de variadas e igualmente válidas maneiras seria tão negativo quanto supor que o melhor estilo da antiguidade poderia ser ressuscitado à perfeição e com proveito noutra época.

Em 1521, na citada *Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar*, Erasmo antecipava tais conclusões, demarcando o quão pouco astutos eram aqueles que dependiam servilmente de uma estrutura paralisada para a escrita: Nem sempre é necessário usá-las todas [as fórmulas textuais] juntamente, nem com frequência inteiramente e, como nos discursos, muitos mudam, conforme o caso, os tempos, a necessidade, a ocasião<sup>489</sup>.

O clímax do argumento exposto no *Ciceronianus* parte de uma definição individualizada de estilo demarcada pela conexão intransponível entre autor, palavra e contexto que, se soçobrada, acarretaria na fratura da *ratio temporum* e na consequente desobediência da ordem divina. O instrumento da *ratio temporum* estava vivo na mente de Erasmo sobretudo em razão de seu uso por Valla na famosa polêmica da doação de Constantino. Como é sabido, a farsa só foi descoberta porque a aplicação de determinadas palavras e o estilo do autor eram incompatíveis com a época à qual se reportava o documento; assim, os seus segredos teriam ruído sob os métodos da filologia humanista<sup>490</sup>.

Uma síntese dos desafios em torno da *ratio temporum* também aparece na carta nuncupatória de *De ratione dicendi*, compêndio de retórica escrito por Juan Luis Vives em 1532. O amigo de Erasmo lembrava ao seu destinatário – tendo como horizonte a polêmica do ciceronianismo<sup>491</sup> –, o reitor da Universidade de Salamanca, bispo d.

<sup>488</sup> GINZBURG, Carlo. Estilo: inclusão e exclusão. In: *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. [1998] P. 142-143.

<sup>489</sup> ROTTERDAM, Erasmo. *Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar...* P. 119.

<sup>490</sup> RICO, Francisco. *El sueño del humanismo...* P. 124.

<sup>491</sup> Vives, admirado por Longueil e Erasmo, ficou do lado deste na querela, como se lê em carta que escreveu em 1 de agosto de 1528: “Tu *Ciceronianus* más bien le gusté que le leí. Has de saber que poco ha recibí una carta de cierto sujeto, amigo y aun algo pariente mío, residente en Italia, el cual me exhortaba a que por espacio de dos años enteros no leyese otro autor que Cicerón y procurase imitarle en las sentencias, palabras y giros, asegurándome que de esa suerte pronto dejaría atrás a Longolio y a otros muchos. Con esto tuve nueva ocasión de reirme de la pueril manía de imitar que se ha apoderado de los ingenios”. [grifos meus] Cf. ASENSIO, Eugenio. *Ciceronianos contra Erasmistas en España*. Dos

Francisco de Bovadilla, que, se a linguagem organizada e bela era atributo dos melhores homens, nada pior poderia haver que a linguagem desconcertada do tempo e do ambiente onde foi empregada:

En verdad, yo no veo nada más ventajoso en las reuniones de los hombres que el lenguaje bien enseñado y formado; por el contrario, es perjudicial si no es apropiado a los lugares, al tiempo y a las personas. Y no es casual que el Apóstol San Pablo, entre los documentos divinos a los Colosenses, añadiese aquello de que su lenguaje fuese sazonado con sal, es decir, que no fuese desabrido por una observación impropia de los tiempos y de los lugares y, por consiguiente, resultase desagradable. Pues no hay cosa más propia del hombre prudente que usar de forma adecuada y hábil el lenguaje, según sea preciso, con muchos, con pocos, con eruditos, con rudos, con un igual, con un inferior, con un menor, observando el tiempo y lugar, así se hable y se trate de cualquier cosa<sup>492</sup>.

Revelada a farsa ao cabo da longa explanação, Nosópono rende-se, admitindo reconsiderar todas as opiniões que sustentara até aquele momento. Buléforo, em gesto triunfal, encerra seu discurso – e é também o fim do opúsculo – com estas palavras: “Tudo isso [os tormentos da doença] não tardará a desaparecer progressivamente, e, se for necessário, nós não hesitaremos em recorrer uma vez mais ao nosso médico, o *Logos*<sup>493</sup>. A insistência na ideia de que Nosópono estava doente – e a indicação do *Logos* como médico -, a forma dialogal do discurso e o processo maiêutico de convencimento obrigam-nos a um último esforço de reconstituição do modelo literário apresentado no *Ciceronianus*, um modelo que, aliado ao suporte cristão fundamentado pelo *sermo humilis*, dá-nos uma visão de conjunto da estrutura arregimentada por Erasmo em seu embate contra os ciceronianos e uma clara noção das forças intelectuais colocadas em movimento na querela.

---

momentos (1528-1560)... P. 242. BONILLA, Adolfo. *Luis Vives y la filosofía del Renacimiento*. Madrid: Imprenta del Asilo de Huérfanos del Sagrado Corazón e Jesús, 1903. P. 201-202

<sup>492</sup> [Ego vero nihil video conducibilis hominum coetibus, quam sit sermo bene institutus, atque educatus; nee aliud perinde damnosum aut importunum, neque locis, neque temporibus, neque personis accommodatum. Nec temere est, quod Paulus Apostolus inter divina documenta illud ad Colossenses admiscuit, ut eorum sermo sale esset conditus, videlicet ne incustodita obervatione temporum et locorum insipidus, ac proinde molestus fieret. Non enim est aliud tantopere hominis prudentis, ac sermone apte uti, et dextre, ut quemadmodum oporteat, cum multis, cum paucis, com eruditis, com rudibus, cum pari, cum inferiori, cum minori quoque tempore ac loco, de re quaque ita loquatur, et dicat.] VIVES, Juan Luís. *El arte retórica / De ratione dicendi*: edición bilingüe. Trad. Ana Isabel Camacho. Barcelona: Anthropos, 1998. [1532] P. 4-5 [*Epistola Nuncupatoria*, l. 14-24]

<sup>493</sup> [Tout cela ne tardera pas à disparaître progressivement, et, si c'était nécessaire, nous n'hésiterons pas à recourir à notre médecin, le *Logos*] Para este período em particular, optei pela edição de Pierre Mesnard, que privilegia a manutenção do termo *Logos*, fundamental para o argumento a seguir, em vez de traduzi-lo por *Reason*, como fez a professora Izora Scott. ROTTERDAM, Erasme. *Le Ciceronien*. In: MESNARD, Pierra. *Erasme - La philosophie Chrétienne*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1970. P. 358.

As pernas enregeladas e o torpor adensado perto do coração prenunciavam o fim, mas ainda havia tempo para um gesto nobre. Antes de libertar-se do corpo, em vez de lágrimas ou saudosos lamentos, Sócrates pediu a Criton que saldasse uma dívida com Asclépio. Comovidos, os amigos do filósofo esperavam que se seguisse um último conselho, um último sábio suspiro que servisse como ápice do amplo e generoso diálogo travado naquele dia. “Mas a esse pedido ele não respondeu nunca mais”<sup>494</sup> (*Fédon*, 118 A).

Poucas passagens sintetizam tão bem o nascimento de uma tradição – aqui fala-se de uma tradição ético-filosófica -, e poucos gêneros textuais podem ter suas origens traçadas com tamanha precisão quanto o gênero dialogal. Ele certamente foi principiado como uma representação dos debates socráticos. Não obstante haver alguma dúvida sobre o surgimento oral dos diálogos (como método de ensino) antes do nascimento de Sócrates, sua produção escrita apareceu, com toda a probabilidade, durante sua vida ou logo após sua morte. Há evidências nas *Memorabilia* de Xenofonte capazes de sugerir que, além de Platão e do próprio Xenofonte, cujos textos sobreviveram, ao menos metade dos amigos de Sócrates presentes nas discussões realizadas em seu último dia de vida redigiram diálogos, hoje perdidos<sup>495</sup>. Contudo, é preciso relativizar tal ideia, pois a sugestão de que os discípulos de Sócrates imediatamente passaram a disseminar sua filosofia por meio da redação de diálogos poderia levar a supor a preexistência<sup>496</sup> – e sobretudo certo prestígio – do gênero, afirmação que é difícil atestar documentalmente<sup>497</sup>.

Platão e Xenofonte não chegaram a elaborar uma definição clara do que fossem os diálogos, deixando apenas a menção a uma conversa aberta e instrutiva. Uma tentativa mais específica ocorreu com Albinus, platônico que viveu no século II. a.C. Ele entendia que um diálogo era um discurso (*logos*) baseado em um sistema de

<sup>494</sup> [E a questa domanda egli non response più nulla] Para as citações de obras platônicas, quase sempre optei por REALE, Giovanni (org.). *Platone: tutti gli scritti*. Milão: Bompiani, 2000. As demais aparecem com a origem citada nas notas de rodapé.

<sup>495</sup> FORD, Andrew. The beginnings of dialogue: Socratic discourses and fourth-century prose. In: GOLDHILL, Simon (org.). *The end of dialogue in Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. P. 29-31.

<sup>496</sup> É muito importante reforçar que trata-se aqui da busca pela forma *escrita* do gênero dialogal. Os diálogos do ponto de vista da oralidade e definidos simplesmente como uma conversação – cujo fim não necessariamente será a chegada a alguma verdade, como no âmbito socrático – é inerente ao próprio mecanismo da fala humana, que se estabelece a partir da interação entre emissor e receptor. Nesse sentido, obviamente os diálogos estão na raiz da própria história da expansão da linguagem. Cf. D'ANGELO, Frank J. The dialogue. *Rhetoric Review*, vol. 1, nº 01 (set. 1982). P. 72-73.

<sup>497</sup> FORD, Andrew. The beginnings of dialogue... P. 29-32.

perguntas e respostas nos quais os personagens agiam conforme os indivíduos que se desejasse representar, e por meio do qual se perfilasse um tema de grande dignidade. Ademais, o diálogo deveria ser escrito nos moldes de um estilo artisticamente sofisticado<sup>498</sup>. Conhecida e referida por Aristóteles, essa definição acabou por não representar o gênero dialogal, que, por um lado, não deu tanta atenção à qualidade da escrita e, por outro, teve seu sistema de perguntas e respostas supervalorizado.

Essa supervalorização dos mecanismos internos dos *Sôkratikoí logoi* – nome conferido por Aristóteles aos diálogos socráticos<sup>499</sup> – ajuda-nos a compreender seu ambiente de criação. Os diálogos surgiram em um contexto de explosão dos gêneros prosódicos na Grécia antiga, ao lado, dentre outros, da sofística. Para demarcar território e proclamar alguma especificidade, muitos defensores dos diálogos socráticos insinuavam que os sofistas lutavam por um modelo de ensino que privilegiava a *passividade*, enquanto os diálogos, concebidos como demonstrações francas e abertas da troca de conhecimentos, seriam caracterizados por seu estímulo à *atividade*. Os sofistas, ademais, se indisporiam com o que acreditavam ser uma conversa vã, preferindo os discursos longos de tom professoral. Na realidade, a distinção entre sofistas e socráticos dava-se com maior clareza no âmbito da recepção, e não no do estilo. As discussões sofistas norteavam-se na noção de apresentação pública (*demagógica*); os diálogos socráticos, na ideia de discussão privada, cuja distinção era garantida não pela qualidade da oratória no discurso, mas pela nobreza do tema<sup>500</sup>.

O aspecto da gravidade do tema também era crucial para afastar a comparação levantada por Isócrates, rival de Platão, entre o diálogo socrático e a retórica erística. A retórica erística, ponderava Isócrates, adotava tão profundamente a estrutura de perguntas e respostas que podia receber a alcunha de “diálogos erísticos”. Platão rebateu

<sup>498</sup> “What then is a dialogue? It is a discourse [*logos*] composed of questions and answers on a philosophical or political topic, with the characters of the individuals taking part delineated appropriately, and in an artistically finished style” [τί ποτ’ ἔστιν ὁ διάλογος ἔστι τοίνυν οὐδὲν ἄλλο τι ἢ λόγος ἐξ ἐρωτήσεως καὶ ἀποκρίσεως συκκείμενος περὶ τινος τῶν πολιτικῶν καὶ φιλοσόφων πραγμάτων, μετὰ τῆς πρεπούσης ἠθοποιίας τῶν παραλαμβανομένων προσώπων καὶ τῆς κατὰ τὴν λέξιν παρασκευῆς] FORD, Andrew. *The beginnings of dialogue...* P. 34.

<sup>499</sup> Todavía, o nome dado por Aristóteles não contava com grande força conceitual. Ele foi utilizado a partir da constatação de que não havia sido escolhida qualquer denominação especificamente orientada ao gênero, como vemos na *Poética* (1447b): “Todavía, a [arte] que imita apenas com palavras em prosa ou em verso, podendo misturar-se diferentes metros ou usar um único, chegou até hoje sem nome. Realmente não temos nenhum termo comum para designar os mimos de Sófon e de Xenarco e os diálogos socráticos, ou a imitação que alguém faça em trímetros, em versos elegíacos ou alguns outros metros similares”. A edição consultada para a *Poética* foi ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Ana Maria Valente. 4. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2011.

<sup>500</sup> FORD, Andrew. *The beginnings of dialogue...* P. 34-41.

essa afirmação, procurando diferenciar os *dialegesthai* (conversaço) dos *erizein* (disputa), esclarecendo que o gênero erístico era praticado pelos jovens. Platão ainda acrescentou que o gênero erístico versava sobre temas de pouca relevância. Isso se devia ao fato de que privilegiava-se a demonstração da capacidade de convencimento do locutor muito antes de sua sabedoria. Assim, o gênero erístico esgrimiria suas armas por meio de paradoxos relativos a um passado distante, como na discussão dos atributos de Helena, ou integralmente mitológico como nos comentários relativos a Hércules<sup>501</sup>, ou ainda a partir de propostas de reflexão notadamente triviais, como na tentativa de provar as virtudes de um rato<sup>502</sup>. Apesar de em princípio estimular a discussão dos problemas de forma leve – afinal, tratava-se de tentar atrair os jovens àquela tradição filosófica –, também áridas questões fizeram parte do sistema erístico, fato que motivou a inserção nesse *corpus* de paradoxos como os de Zenão em torno da ideia de movimento – entre eles, o mais famoso certamente é o de Aquiles<sup>503</sup>. O antídoto dos partidários platônicos do diálogo foi escrever textos sobre Sócrates ou nos quais se representasse sua fala (caso para o qual Platão é o modelo exemplar), já que, mesmo morto, Sócrates era um personagem concretamente identificável e de grande prestígio<sup>504</sup>.

<sup>501</sup> Platão o menciona no *Simpósio*, quando Eríssímaco lamenta que se não haja escrito um texto encomial a Eros. No intuito de reforçar o tom crítico, refere a uma intensa descrição das qualidades do sal preparada por um sofista; pretendia demonstrar que os sofistas preocupavam-se com questões desse tipo antes de dedicarem-se a temas propriamente fundamentais. “[...] E se, poi, vuoi prendere in considerazione i buoni sofisti, ti accorgi che essi scrivono in prosa encomi di Eracle e di altri eroi, come ad esempio il bravissimo Prodicò. E questo non è molto stupefacente; ma io mi sono imbattuto in un libro di un sapiente in cui addirittura il sale era oggetto di un mirabile elogio per la sua utilità. E potreste vedere altre cose di questo genere fatte oggetto di encomio. Dunque, si è messo tanto ingegno in cose come queste, e nessuno ha avuto l’ardire di celebrare con inni degnamente Eros!” (*Simpósio*, 177 B-C)

<sup>502</sup> FORD, Andrew. *The beginnings of dialogue...* P. 41-43.

<sup>503</sup> Platão menciona Zenão no *Parmênides* (127D – 128 A), reproduzindo um diálogo que teria ocorrido entre este e Sócrates. Quanto ao paradoxo de Aquiles especificamente, ele de fato colocou problemas que ainda não foram de todo esclarecidos. Segundo Aristóteles (*Fís. Z 9*, 239 b 14), são estes os seus termos: “O segundo argumento é o chamado ‘Aquiles’ e consiste no seguinte: numa corrida, o corredor mais rápido jamais consegue ultrapassar o mais lento, visto o perseguidor ter de primeiro atingir o ponto de onde partiu o perseguido, de tal forma que o mais lento deve manter sempre a dianteira. Este argumento é, em princípio, o mesmo que o que depende da bissecção, se bem que difira dele no facto de as grandezas adicionadas não serem divididas em metades”. Cf. KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M; *Os filósofos pré-socráticos*. 7. Ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2010 [1983]. P. 284. Segundo os autores, esse problema possivelmente destinava-se a demonstrar que “[...] se há muitas coisas, cada uma delas deve ser simultaneamente mais rápida e mais lenta que as outras”. Não obstante, pretende-se insistir aqui que as reflexões desse gênero, talvez consideradas demasiado enigmáticas e desprovidas de utilidade intelectual imediata pelos platônicos, foram incluídas na concepção erística. Cf. FORD, Andrew. *The beginnings of dialogue...* P. 41. KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M; *Os filósofos pré-socráticos...* P. 275-279.

<sup>504</sup> O conhecido trecho do *Parmênides* que trata de Zenão, reproduzido a seguir segundo a tradução de Kirk, Raven e Schofield, é uma boa maneira de esclarecer como Platão usava a figura de Sócrates para rebater os defensores da perspectiva erística. Com a ironia que lhe era peculiar, exhibe a estupefação de Sócrates diante do livro de Zenão, e, ainda, aproveita para insistir em como tais aforismos flertavam com o impossível: “Assim que Sócrates isto ouviu [*sc.* A leitura que Zenão fizera do seu livro], pediu-lhe que

A querela entre retórica erística e diálogos socráticos viria a reaparecer no âmbito renascentista, e esse ressurgimento dos debates deveu muito a Christophe de Longueil. O anátema de Erasmo havia proposto uma discussão na qual se concluíra que a melhor escrita seria fomentada por uma relação conflituosa entre texto e modelo, relação plenamente atendida mediante dois princípios: (i) a demonstração clara do modelo que originou o discurso; (ii) a competição como mecanismo privilegiado na tentativa de superação do modelo<sup>505</sup>. Os princípios dessa retórica despertaram reações diversas. Partidários de Longueil adotaram-nos fielmente, defendendo a ideia de vitória diante do mestre; críticos que compartilhavam os pontos de vista de Erasmo tendiam a associá-los a características negativas (soberba, inveja, subserviência, desrespeito à *ratio temporum*) - afinal, demonstrar as virtudes de um rato não teria outro propósito senão o de evidenciar o estéril brilhantismo intelectual do orgulhoso retórico. A obsessão de Nosópono, que espalhava pela casa retratos de Cícero, lia tão-somente os escritos do arpinate, pronunciava não mais que suas palavras e agarrava-se a seus dicionários de expressões tulianas como escudos diante da corrupção do mundo mostram bem a tentativa de Erasmo em nuançar o fato de que a busca pelo modelo ciceroniano exalava ares nefandos. Mas também podem sugerir que Erasmo, ao armar-se com as vestes do diálogo (diálogos *socráticos*, que enalteciam, recorde-se, a elevação da matéria antes da qualidade oratória), relegava aos ciceronianos o papel de sofistas.

Há mais a dizer. No *Ciceronianus*, Erasmo parece inferir diretamente que Longueil de fato adequara seus estudos à retórica erística, e tenta demonstrá-lo mencionando a metáfora do corredor. A metáfora erística do corredor prescrevia três passos para o estudo dos autores antigos. Inicialmente, dever-se-ia segui-los de perto (*sequi*); a seguir, igualá-los na qualidade da escrita, no uso das frases, no ritmo (*imitatio*); se a devota observância desses princípios fosse correspondida, chegar-se-ia à

---

lesse de novo a primeira hipótese do primeiro argumento. Após a leitura, disse: ‘que pretendes dizer com isto, Zenão? Se as coisas que existem são muitas, nesse caso força é que sejam semelhantes e dissemelhantes, o que é impossível – pois nem o que é dissemelhante pode ser semelhante, nem o que é semelhante, dissemelhante. Não é isto o que dizes?’ – ‘Assim é’, respondeu Zenão. – ‘Logo, se é impossível que o que é dissemelhante possa ser semelhante e o que é semelhante, dissemelhante, é também impossível que haja muitas coisas? Pois, se houvesse muitas coisas, estariam sujeitas a impossibilidades. É esta a finalidade dos teus argumentos – rebater precisamente tudo o que comumente se diz, que não há muitas coisas? E consideras tu cada um dos teus argumentos como prova desta mesma conclusão, que não há muitas coisas, como os argumentos que escreveste? É isto o que dizes, ou não te estou eu a compreender correctamente?’ – ‘Não’, respondeu Zenão, ‘compreendeste lindamente a intenção de todo o tratado’.” [*Parmênides*, 127 D – 128 A]

<sup>505</sup> PIGMAN III, G. W. Versions of the Imitation in the Renaissance. *Renaissance Quarterly*, Vol. 33, Nº 01 (Spring). University of Chicago Press, 1980. P. 3-4; 17-20.

*aemulatio*, passo no qual os autores seriam superados<sup>506</sup>. Está claro que, na época em que Buléforo se aproxima de Nosópono para ajudá-lo, a corrida ainda não atingira o estágio final, isto é, o da superação, mas prendia-se, com tons doentios, a uma eterna e inútil *imitatio*. Não obstante, a emulação como mecanismo da vitória diante de um autor aparece nas palavras de Buléforo:

**Buléforo:** [...] tu sabes que há algumas pessoas sagazes que distinguem imitação e emulação. Elas dizem que a imitação visa à semelhança, mas a emulação visa à superioridade. E então, se colocas diante de ti Cícero, pleno e solitário, com o objetivo de não apenas copiá-lo, mas de ser melhor que ele, não podes meramente superá-lo, mas precisa derrotá-lo completamente [...] <sup>507</sup>.

Ora, de todo o exposto emerge a conclusão de que a escolha de um diálogo para a crítica aos ciceronianos pode ter atendido não somente a um hábito da prosa de Erasmo e a um estilo bem ao gosto dos humanistas dos quinhentos, mas ainda ao resgate da antiga polêmica entre socráticos e sofistas. Analogamente, a gravidade do tema e o uso da linguagem que relacionei ao *sermo humilis* podem ter reforçado a pretensão de arquitetar um diálogo que, no mínimo, refletia direta ou indiretamente os *Sôkratikoí logoi*, uma vez que os princípios acima expostos adequavam-se aos seus parâmetros.

O orador cristão não deveria furtar-se às artes da retórica. Nos termos de Agostinho, não havia razão para negar aos defensores da verdade as armas dos propagadores das mentiras. As alusões brincalhonas e a incorporação de Longueil e seus seguidores na carcaça doente de Nosópono fazem parte desse esforço empreendido por Erasmo. O que ele pretendia era, com efeito, construir um discurso religioso na medida de todos os homens para enfrentar o obscurantismo escolástico e a associação humanista ao paganismo. Ao fazê-lo, encampou a proposta máxima do humanismo cristão, na medida em que este associa-se à cultura viva e útil capaz de instigar os homens à verdade trazida pela Palavra.

Mas ainda aqui, na relação magnética a aproximar palavra retórica e palavra cristã, Erasmo ancorava-se no bispo de Hipona, especificamente na parte IV da

<sup>506</sup> PIGMAN III, G. W. Versions of the Imitation in the Renaissance... P. 18.

<sup>507</sup> **Buléforo:** You know there are some clever people that distinguish between imitation and emulation. They say that imitation looks toward likeness, but emulation looks toward superiority. And so if you put before you Cicero, entire and alone, with the view not only of copying him but of excelling him, you must not merely over take him but you must outstrip him. ROTTERDAM, Erasmo. *Ciceronianus*... P. 58; PIGMAN III, G. W. Versions of the Imitation in the Renaissance... P. 25.



*Doctrina Christiana*. Tanto na segunda edição do *Novo Testamento* (1519) quanto no último livro publicado em vida (*Ecclesiastes*, 1535), Erasmo esclarecera as razões teológicas de suas preocupações com os abusos que sofria a linguagem tendo em mente o texto agostiniano. Sabemo-lo porque, conforme salienta Leonel Ribeiro, “[...] para Erasmo, a palavra não é só o instrumento privilegiado e essencial da acção de Deus, através do qual Ele exerce a sua criação e salvação, mas exprime a própria natureza divina”<sup>508</sup>. Se Cristo veio à Terra anunciar a esperança de redenção dos pecados, fê-lo por meio da palavra, assumindo, ele próprio, o discurso de Deus. Qualquer pregador que aceitasse a tarefa de continuar tal mensagem deveria respeitar – argumenta Erasmo no *Ecclesiastes* – o decoro e a dignidade que um dia envergaram os primeiros apóstolos. E vai mais longe: “o homem não tinha outro modo de aceder mais proximamente à natureza do nume eterno a não ser pela razão e pelo discurso [mente et oratione]. [...] A mente é a fonte, a palavra é a imagem que promana da fonte” [Mens fons est, sermo imago a fonte promanans]<sup>509</sup>.

Logo fica claro o porquê de Erasmo ter levado às últimas consequências retóricas sua disputa com os ciceronianos. Antes de ser um mero exercício de polêmica literária<sup>510</sup>, o diálogo *Ciceronianus* valia de alerta aos pecados e, simultaneamente, de demonstração do perigoso poder da palavra que reverte-se contra seus conjuradores. “A linguagem”, lemos em Erasmo, “promanando do coração que é a fonte do discurso, expõe a força e o afeto daquele coração com vigor admirável, de tal modo que o homem não possui outra parte de si que seja mais útil ou mais pernicioso [...]”<sup>511</sup>.

Eis as bases e as fontes da teologia humanista de Erasmo. O fomento da razão e do discurso, de origem grega<sup>512</sup>, aliava-se à sabedoria dos antigos filósofos cristãos em sua cruzada contra os hereges da *Respublica Christiana*. O controle dos vícios e da heresia residia na modulação da correta linguagem, razão pela qual as primeiras edições do *Ciceronianus* vieram sempre acompanhadas dos diálogos erasmianos que

<sup>508</sup> SANTOS, Leonel Ribeiro dos. *Linguagem, retórica e filosofia no Renascimento...* P. 85.

<sup>509</sup> ROTTERDAM, Erasmo. *Ecclesiastae, sive de ratione concionandi libri IV*. Basileia, 1544. APUD, SANTOS, Leonel Ribeiro dos. *Linguagem, retórica e filosofia no Renascimento...* P. 86-87.

<sup>510</sup> Gostaria de ir mais adiante, e sugerir que a polêmica literária provocada pelo *Ciceronianus* era, com efeito, parte da estratégia de persuasão de Erasmo. Sabiamente, Erasmo terá aprendido essa estratégia com um de seus mais elevados praticantes, isto é, Cícero. Não havendo lugar para a questão neste artigo, ao menos remeto ao leitor para a perspicaz tese de doutorado de Adriano Scatolin, na qual se antevê um novo horizonte para o estudo das polêmicas na antiguidade. O mesmo problema, creio, deveria ser discutido no Renascimento. SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do Orador de Cícero...*

<sup>511</sup> ROTTERDAM, Erasmo. *Ecclesiastae, sive de ratione concionandi libri IV...* P. 86-87

<sup>512</sup> “[...] a que os gregos chamam *nou kai logou* [...]”.

compendiavam o modelo de restituição das pronúncias antigas do grego e do latim<sup>513</sup> [Figura 15].

Não por acaso, o referido *Novo Testamento* de Erasmo inovou na tradução do período inicial do Quarto Evangelho. Ao interpretar o termo *logos*, presente na versão dos *Setenta*, emendou: *In principio erat sermo*<sup>514</sup>.

## 2.4 Ecletismo, ciceronianismo: as escolhas epistolográficas de Damião de Góis

O *sermo humilis* que identifiquei no *Ciceronianus* permite-nos estabelecer uma ponte entre a escrita dialogal e a escrita epistolar<sup>515</sup>. Ambas consistiam em *amicorum mutuus sermo*, uma forma de discussão privada, familiar, escrita “sem pretensão” (era o que os humanistas queriam que se pensasse, seguindo suas fórmulas de decoro) -, que, contudo, extrapolavam as fronteiras da privacidade tal como a conhecemos hoje<sup>516</sup>; estavam ambas vinculadas às tradições medieval e clássica, havendo que considerar que aquela, tanto quanto esta, desempenhou papel fundamental no fortalecimento da República das Letras<sup>517</sup>. No entanto, os humanistas transformaram a carta, fazendo dela um instrumento retórico que poderia ser qualificado de novo, verdadeira simbiose entre o antigo e o moderno<sup>518</sup>. Ao deixar de se concentrar apenas nas mãos dos secretários e da rotina chancelar, a escrita em língua latina e a carta em particular ganhou novos rumos e possibilidades, e, na altura em que Góis passou a fazer uso delas, dois modelos se colocavam em enfrentamento.

De um lado, a imitação rigorosa – por vezes extremada – da prosa de Cícero, considerada como única em patamar de perfeição a seguir, representava uma continuidade da escrita medieval<sup>519</sup>, por mais que a essa última pudesse ser relegado o

<sup>513</sup> HENDERSON, Judith. Language, race and Church Reform: Erasmu's *De recta pronuntiatione* and Ciceronianus. *Renaissance and Reformation*, Vol. 30, Nº 2 (Spring 2006) P. 4

<sup>514</sup> RICO, Francisco. *El sueño del humanismo...* P. 115-124, cit à p. 124.

<sup>515</sup> TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros...* P. 121-147, *maxime* P. 121-125.

<sup>516</sup> Para um panorama do problema da privacidade do ponto de vista da cultura escrita, Cf. GOULEMOT, Jean Marie. As práticas literárias ou a publicidade do privado. ARIES, Philippe; DUBY, Georges (orgs.). *História da Vida Privada*. Vol 3, da Renascença ao século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 [1986]. P. 371-405.

<sup>517</sup> Discuti o assunto na página 84 e ss. desta dissertação.

<sup>518</sup> FUMAROLI, Marc. *Genèse de l'épistolographie classique...* P. 887, 900.

<sup>519</sup> Muito embora seja indispensável salientar que, do ponto de vista da escrita epistolar medieval e dos manuais então disponíveis, pouco se recorreu à retórica clássica. “Unsurprisingly, in view of the considerations above, we find that the early textbooks of the *Ars dictaminis* made only a very limited use of classical rhetorical doctrine and terminology. Classical rhetoric is brought into play only in relation to

depreciativo título de “bárbara”<sup>520</sup>. Por outro, o ecletismo erasmiano, cujo cerne residia na atenção às variações do tempo e audiência e na busca pelo melhor que cada autor poderia oferecer – ecletismo esse que dependia, como argumentei, da própria retórica de Cícero<sup>521</sup>. Mas não somente. Também Quintiliano colocava acento grave na percepção das condições do tempo no exercício da oratória. Apesar de reconhecer em Cícero a primazia, recomendando inclusive que se imitassem aqueles mais parecidos com ele – “[...] em seguida, conforme preceituou Lívio, aqueles que forem mais parecidos com Cícero [...]” -, salienta que as mudanças nos tempos alteram as relações de imitação.

Em meu entender, há duas espécies de que é preciso acautelar sobretudo as crianças: uma, é que um admirador excessivo da antiguidade queira endurecê-las na [sic] leituras dos Gracos, de Catão e de outros que tais; é que se tornarão ásperos e áridos, porquanto não alcançam ainda, com a inteligência, o seu vigor, e, satisfazendo-se com o seu estilo, que então era sem dúvida ótimo, *mas é estranho ao nosso tempo*, julgarão – o que é péssimo – que igualam aqueles grandes homens (*Institutio Oratoria*, I.5 19-24)<sup>522</sup>. [grifos meus]

O juízo de Quintiliano, por fim, insistia nas leituras combinadas de antigos e modernos, sem deixar de advertir: “Será lícito escolher muitas obras, mas haverá que ter cuidado em não deixar contaminar os bons com os maus que andam misturados com eles”<sup>523</sup>.

O ecletismo erasmiano, armado com as vestes da humildade (*humilitas*, *simplicitas*) e da aparente ausência de controle textual<sup>524</sup>, reportava-se (para além das fontes que sugeri na última seção) a Petrarca e sua carta privada baseada nas *Familiares* de Cícero, que, apesar de poder vir a ser publicada – como no caso da *epistola posteritatis*<sup>525</sup> - e apesar de levar em conta a dimensão pública do diálogo, estava longe de representar uma *persona* oficial, buscando, antes, representar uma *persona* pessoal,

---

those parts of the letter that coincide with the parts of the classical oration”. ALESSIO, Gian Carlo. The Rhetorical Juvenilia of Cicero and the *artes dictaminis*. In: COX, Virginia; WARD, John O (orgs.) *The rhetoric of Cicero and its medieval and early Renaissance commentary tradition*. Leiden/Boston: Brill, 2006. P. 341.

<sup>520</sup> FUMAROLI, Marc. Genèse de l’epistolographie classique... P. 887-888.

<sup>521</sup> Cf. nota 299 desta dissertação.

<sup>522</sup> PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Romana*... P. 261.

<sup>523</sup> PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Romana*... P. 262.

<sup>524</sup> Marc Fumaroli percebe bem a conexão entre o sermo humilis e os diálogos brincalhões e cartas familiares. “Dans ce traité [o *Conscribendis Epistolis*], Erasme, rapprochant ce sermo humilis de la conversation entre amis ou du dialogue comique, en faisait le reflet de la libre improvisation d’un interlocuteur disert et cultivé”. FUMAROLI, Marc. Genèse de l’epistolographie classique... P. 896.

<sup>525</sup> Cf. as páginas 87-88 desta dissertação e o capítulo terceiro.

desencadeando no leitor a constatação de que se estava a observar e a conhecer um pouco da própria alma do humanista<sup>526</sup>. “Como afirma Richard Trexler”, contudo, “[...] não havia na Florença renascentista [nem noutras partes da República das Letras, penso] ‘sinceridade sem forma e forma sem sinceridade’, uma vez que as convenções marcavam a condição de possibilidades da conversa civil e urbana entre homens públicos”<sup>527</sup>.

Que caminho epistolar terá, afinal, tomado Damião de Góis quando confrontado com o ciceronianismo e com o ecletismo? A última barreira a nos separar da resposta passa pela avaliação do último modelo de imitação com o qual Góis pode ter entrado durante sua estadia em Pádua. Trata-se do modelo defendido por Celio Calcagnini, talvez conhecido por Góis por ter ele estado em Ferrara e buscado Calcagnini para endereçar os cumprimentos de Erasmo. Recordemos que em carta escrita a Erasmo em 26-I-1536, ele salientou: “Estive em Ferrara, como sabeis”<sup>528</sup>.

Os interesses<sup>529</sup> de Celio Calcagnini (1479-1541) foram quase tão vastos quanto sua imensa erudição. Tido por muitos como um dos maiores intelectuais da Itália de seu

---

<sup>526</sup> Essa dimensão retórica levou mais do que um historiador a encarar as cartas humanistas sem a plena consciência do cadafalso a armar-se sob seus pés. O grande historiador português Jorge Osório, por exemplo, denotou esse comportamento ao explicar como exploraria as cartas de Erasmo para tecer considerações em torno da relação desse humanista com as cidades renascentistas. “Mais do que em qualquer outra zona da sua extensíssima produção escrita, é na enorme correspondência epistolar que podemos colher os dados pertinentes para o assunto em causa. E podemos fazê-lo tendo presente o que escrevia Eça de Queirós na apresentação da Correspondência de Fradique Mendes, a propósito da utilidade de uma correspondência epistolar: a respeito do seu autor, ela permite revelar ‘com mais saliência a sua ‘personalidade’ – o conjunto de ideias, de gostos, modos, em que tangivelmente sesente e se palpa o homem”’. O que Osório capta ao longo de seu texto é, presumivelmente, a “personalidade” de Erasmo, revelada pela cartas trocadas com amigos. Temos de estar sempre alertas às hierarquias textuais e às dimensões retóricas de leitura que essa linguagem humanista aparentemente simplória pode conter. OSÓRIO, Jorge A. Na correspondência de Erasmo: o humanista, as letras e a cidade. In: SOARES, Nair Castro; MIRANDA, Margarida; URBANO, Carlota Miranda. *Homo eloqvns homo politicus: A retórica e a construção da cidade na Idade Média e no Renascimento*. Coimbra: CECH, 2011. P. 153-182, cit. à P. 157

<sup>527</sup> TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros...* P. 123.

<sup>528</sup> CLG A XIII, P. 62-63

<sup>529</sup> Quirinus Breen sintetizou a instigante carreira de Calcagnini assim: “Celio Calcagnini's' active career falls in a period marked by many men of note and by a number of significant events. He touched some of these directly or indirectly. He was involved in an imperial and in a papal war, in an imperial election, in the controversy stirred up by Luther, in the divorce question precipitated by Henry VIII. He fanned into flame the conflict over the imitation of Cicero. He took an interest in Egyptian hieroglyphics. Independently of Copernicus, Calcagnini made a curious and not altogether ridiculous contribution toward creating an attitude of mind favorable to the new conception of the solar system for which Copernicus was to become famous. He was personally acquainted with the painter Raphael, with Jovius, with Manardi the physician, with Ziegler, the poet Ariosto, the humanist Erasmus. In his home-town of Ferrara he enjoyed a place of honor as university professor, as apostolic prothonotary, as an excellent dinner host. He was considered to be one of the most learned men of Italy”. BREEN, Quirinus. Celio Calcagnini (1479-1541). *Church History*. Vol. 21, No. 3 (Sep., 1952), P. 225.

tempo, Calcagnini disputou com Lutero, ficando a favor de Erasmo na querela luterana, e também opinou sobre a ciceroniana. O resultado de seus esclarecimentos foi o opúsculo *De imitatione*, escrita em forma epistolar como resposta ao amigo Giraldo Cinzio, associado, como ele, às musas.

A resposta de Calcagnini é bivertebrada. Ele tanto quer esboçar um método para a imitação dos antigos quando cunhar uma definição para o problema de ser a imitação método correto de estudo e produção textual<sup>530</sup>. A solução desses pontos parte do seguinte princípio: a imitação surge em seu pensamento como uma necessidade recorrente a todos os tempos. [In confesso est imitationem omni aetate fuisse pernecessariam<sup>531</sup>] A oratória jamais poderia ter avançado sem dispor dos recursos imitativos, de modo que jogar fora os benefícios dos argumentos já escritos e dos estilos já formulados seria como forçar os homens à uma infância intelectual. [... sed, quase tum primum oratoria in lucem prodeat, nunquam ultra infantiam promovebit<sup>532</sup>] A eloquência e os *exempla*, ademais, estariam fragilizados nos tempos de Calcagnini, substituídos que foram pelos motivos bárbaros na escrita – que faziam sucesso a partir de teorias de escrita -, mais uma razão para a leitura e cópia cuidadosa dos modelos aprovados pelos séculos. O fardo do barbarismo travestido de cultura clássica teria impregnado até mesmo os líderes dos estados italianos. “Enganados pela proximidade e semelhança se suas vozes às dos antigos nós incorremos em óbvios solecismos e barbarismos”. [Decepti enim vicinitate et quasi vocum imagine, manifestos etiam soloecismos barbarismosque incurrimus<sup>533</sup>] Com uma nota de decepção, Calcagnini lamenta que os maiores elogios sejam prestados àqueles que distorcem e corrompem a língua latina<sup>534</sup>.

As prescrições retóricas de Cícero seriam importantes, acrescenta Calcagnini, porque a única forma de inventar expressões apropriadas a cada indivíduo e cada

---

<sup>530</sup> “Illud vero mihi iure admirari subit, unde tibi in mentem venerit requirere a me imatationis rationem, et quid illud sit quod nos potissimum imitari oporteat, cum tu ipse iam tantum dicendo profeceris, ut non modo tu te ipsum imitari possis, sed aliis quoque imitationis exemplum praescribere.” CALCAGNINI, Celio. *Super imitatione commentario*. In: DELLANEVA, Joann (ed.). *Ciceronian controversies*... P. 144.

<sup>531</sup> CALCAGNINI, Celio. *Super imitatione commentario*... P. 146.

<sup>532</sup> CALCAGNINI, Celio. *Super imitatione commentario*... P. 146.

<sup>533</sup> CALCAGNINI, Celio. *Super imitatione commentario*... P. 148

<sup>534</sup> “Resque mira dictu evenit, ut quanto quisque corruptius dixerit, eo inter suos populares maiore lauda provehatur, idemque ampliore quaestu dignus existimetur”. CALCAGNINI, Celio. *Super imitatione commentario*... P. 150.

discussão é a imitação<sup>535</sup>. Confiar na própria natureza<sup>536</sup> de nada adiantaria, tampouco garantir que o próprio esforço em assíduos estudos faria alguma diferença sem o suporte dos clássicos<sup>537</sup>.

É neste passo que Calcagnini adota postura a favor da causa de Erasmo. A imitação, fundamental que era, não podia depender apenas de um autor, embora Cícero de fato tivesse a primazia [Quod si nemo dubitat quin ad imitandum optimus quisque diligendus sit, neque id dubitabit Ciceronem sine controversia longe omnibus esse praeferendum<sup>538</sup>]. Todos os melhores autores deveriam ser imitados [... imitationem optimi cuiusque esse necessariam – grifo meu], pois muitos outros além do inigualável Cícero detinham honra e ornato dignos de imitar. Calcagnini insiste na relevância de não furtar a esses autores seu devido espaço e utilidade<sup>539</sup>. Como se esquecer de César, que escreveu “tão magninamente quanto lutou<sup>540</sup>? [An ego Caesarem non suspiciam, qui ea scripsit animi magnitudine qua depugnativ?] Se a matéria pertencesse aos domínios de César, como trocá-lo por Cícero servilmente? Como ignorar Lívio e Salústio? Como não se valer de Celso na medicina? Ou Columela nas questões agrárias? Ou Plínio, para a história natural?<sup>541</sup>

Se quisermos chegar a equiparmo-nos ao que de melhor se escreveu, conclui Calcagnini, deveremos enfrentar os textos modernos. Deveremos encontrar antagonistas [Antagonisten] a superar. Mas não apenas eles, nem eles sobretudo. Deveríamos

---

<sup>535</sup> Revemos aqui a tópica esboçada no *Ciceronianus* e nas análises prudenciais de prevalência das “condições dos tempos”.

<sup>536</sup> O único suporte da natureza, para ele, seria o da memória, menos dependente do desenvolvimento das habilidades intelectuais ao longo da vida. “Sola est memoria quae ita in nobis tota delitescit, ut a naturae beneficio magis quam ab ingenii facultate pendeat”. CALCAGNINI, Celio. *Super imitatione commentario...* P. 156. Contudo, algumas páginas a frente, vemos que ele ameniza sua posição, lembrando que algumas características da escrita – como o ritmo e a organização das palavras – deveriam, sim, algo ao “gênio”. “In collocatione autem verborum et numerosa oratione, illud non dissimulabo, non nullam quoque parte naturae deberi, quae acutis et gravibus omnem pronuntiationem modulata est [...]” CALCAGNINI, Celio. *Super imitatione commentario...* P. 162.

<sup>537</sup> “Hoc illud est quod nemo per se suisque viribus confisus vel diuturnitate temporis vel assiduitate studii vel ingenii felicitate umquam assequetur [...]” CALCAGNINI, Celio. *Super imitatione commentario...* P. 156.

<sup>538</sup> CALCAGNINI, Celio. *Super imitatione commentario...* P. 164-166.

<sup>539</sup> “Nec a me quisquam putet haec ideo dicta esse quod ceteros scriptores in ordinem redigam aut suo honore fraudatos velim [...]” CALCAGNINI, Celio. *Super imitatione commentario...* P. 166.

<sup>540</sup> Esse exemplo em particular foi salientado por BREEN, Quirinus. *Celio Calcagnini (1479-1541)...* P. 228.

<sup>541</sup> “Certe ego, si mihi argumentum offeratur in quo ille versatus est, Caesarem quam Ciceronem imitari malim. Quid Livium, quid Salustium, utrunque diversa virtute eminentem? Quid Celsus in re medica? Quid Columellam in re agresti? Certe in historia naturae C. Plinium facile omnibus praetulerim, in cuius descriptione, nemo mirificas illa opes felicioris penicillo expressit [...]” CALCAGNINI, Celio. *Super imitatione commentario...* P. 166.

enfrentar aqueles que escreveram “[...] muito tempo atrás, aqueles que chamamos de nossos ‘mestres mudos’. De outra forma, nós seremos sempre crianças”<sup>542</sup>.

A medida da proximidade das ideias de Calcagnini e as de Erasmo pode ser facilmente medida pelas reações ao seu opúsculo. Os ciceronianos logo reagiram, e mesmo após a morte de Calcagnini em 1541, continuou-se a detratá-lo – o mesmo ocorreu com Erasmo. O desejo de enfrentamento pregado por Calcagnini impregnou essas respostas, que o teriam muito atingido, caso ele ainda as pudesse ler<sup>543</sup>.

Góis poderá ter ouvido os comentários de Calcagnini em Ferrara – e essa é uma hipótese que não havia sido considerada ainda, que eu saiba<sup>544</sup>. Porém, como vimos, ainda que não tenha tido chance de ouvi-lo a respeito, as opiniões de Calcagnini não divergem gravemente daqueles propostas por Erasmo no *Ciceronianus*.

Do ponto de vista do estilo, sabemos que Góis foi um eclético<sup>545</sup>. Os autores enumerados por Calcagnini – César, Lívio, Salústio – foram empregados por Góis proficuamente. Outros, como Terêncio, que tanto leu quando era aluno de Grapheus, também figuram em seu estilo. Porém, a imitação exclusiva de Cícero – observada do ângulo dos críticos - era muito mais um ideal a idolatrar – ridicularizado em tons nítidos por Erasmo a partir de um Nosópono que não usa senão palavras contidas no *corpus* ciceroniano – do que a prática efetiva de uma prosa restritiva *in extremo*<sup>546</sup>. Assim, só nos restaria considerar as relações de Góis no seio da República das Letras para tentar identificar sua filiação. A leitura das cartas trocadas no período agudo da querela erasmiana, todavia, nos demonstrou que Góis manteve-se altamente ligado ao eruditos italianos e erasmianos, optando por não se engajar em enfrentamentos contra nenhum dos lados. Pelo contrário, atuou como elo de ligação desses grupos, beneficiando-se do prestígio adquirido pelo exercício desse papel. Ainda que não tenha conseguido extrair o maior sucesso possível dessas vinculações, que certamente seria associar o seu nome à pacificação entre católicos e protestantes, ganhou nos cardeais Bembo e Sadoletto aliados importantes.

<sup>542</sup> “Neque solum oportet ut cum aequalibus viventibusque contendamus, sed cum iis etiam qui olim scripserunt, quos ‘mutos magistros’ appellamus. Aliqui futuri sempre infantes”. CALCAGNINI, Celio. *Super imitatione commentario...* P. 180.

<sup>543</sup> BREEN, Quirinus. *Celio Calcagnini (1479-1541)...* P. 228.

<sup>544</sup> Em texto escrito especificamente para discutir o ciceronianismo em relação a Góis, Torres concentra-se em Bembo, e não chega a considerar a possibilidade. TORRES, Amadeu. *Damião de Góis e o pensamento renascentista: do ciceronianismo ao ecleitismo...* P. 3-39.

<sup>545</sup> Cf. nota 69 desta dissertação.

<sup>546</sup> Não devemos duvidar, porém, das tentativas, como pudemos perceber com a leitura do dicionário de Nizzoli.

Contudo, duas epístolas que se encontram fora do escopo estabelecido fornecem as últimas pistas disponíveis no que diz respeito às relações de Góis com Cícero e os ciceronianos. A primeira, datada de 19-VIII-1537<sup>547</sup>, foi enviada a Nicolau Clenardo, que, como vimos atrás, posicionava-se a favor de Erasmo na querela. Góis esclarecia a Clenardo algumas dúvidas que este teve quanto às datas dos cônsules romanos. O que motivou essa interrogação foi o fato de que Góis estava preparando sua tradução do *De Senectute* de Cícero para o português. “Olhai que exemplares degenerados induziram em erro muita gente!”, salientava o português. Além disso, Góis discutiu com o amigo flamengo outros pormenores da tradução, demonstrando interesse na obra tuliana. A seguir, todavia, admitiu suas limitações, explicando que seus estudos estavam longe do ideal por conta das vertigens, e seu latim epistolar, portanto, não era dos melhores, já que não dispunha de disposição para corrigi-lo. Tendo sempre em mente o território da *humilitas* percorrido por Góis em suas cartas, vejamos o que disse:

A vossa advertência foi-me não só imensamente grata, mas também agradabilíssima. Doravante escreverei com mor reflexão. “Pôs-me a ínvada natura apertados limites,/e exíguas forças deu ao meu engenho”. Além disso sou, por fragilidade de meu próprio ser, de tais repentes que as mais das vezes fecho uma carta sem a corrigir e até lhe passar rápida leitura sequer, em especial as que envio aos amigos que têm conhecimento das origens e processos da minha instrução. E depois, embora seja forçoso lutar contra a nossa natureza, não registrarei melhoria naquilo em cuja comparação nada há mais difícil e duro na vida<sup>548</sup>.

Novamente nos deparamos com o cruzamento de retórica e circunstâncias de vida. Temos um Damião de Góis que se reporta a um humanista de maior estirpe – na mesma carta, Góis lamenta-se muito porque o boato de que Clenardo estava prestes a receber o cardinalato não havia se efetivado<sup>549</sup> –, de modo que os comentários às suas dificuldades de escrita devem ser lidos à luz das grandes habilidades do interlocutor. Temos, ainda, um Damião de Góis que de fato não pôde se dedicar às letras o quanto preciso para dispor de um latim mais próximo da perfeição almejada por alguns naquele momento. Concorreu para isso sua doença – a vertigem que por anos recorda em cartas – e a vida política agitada.

---

<sup>547</sup> CLG A XIX, P. 84-87.

<sup>548</sup> CLG A XIX, P. 86-87.

<sup>549</sup> CLG A XIX, P. 84-85.



Ainda em Pádua, Góis aduziu outras notícias sobre sua relação com o ciceronianismo. Escrevia a “certo amigo seu” [amico ciudam suo] em 27-VIII-1537, respondendo a carta anterior. Góis dá uma opinião sobre os versos do personagem em questão, que Amadeu Torres pensa ser o latinista português Jorge Coelho<sup>550551</sup>. Em meio aos elogios e críticas que sugere (leremos a carta novamente no último capítulo), Góis lembra a Coelho que “ao douto Cícero é evidente que compete a precedência entre os latinos como prosador [...]”, de modo que é compreensível que Coelho, ainda não tendo encontrado seu bom estilo [“(...) pois nem sequer consigo mesmo estava assaz contente (...)”], imitasse o arpinate. “Tens com certeza um estilo verdadeiramente áureo e tuliano na prosa, e semelhante à Vénus alquimística na poesia. [...] Rogo-te, pois, obedeças a este meu parecer, isto é, permitas que um lugar muito honroso te seja concedido entre os Ciceronianos”<sup>552</sup>.

Ao falar com um humanista hierarquicamente inferior, Góis passa a salientar os problemas dos versos e mesmo da prosa de Coelho, sem, contudo, perder a gentileza e trato concernentes ao diálogo entre amigos. Ademais, ressalta que, a bem seguir seus conselhos, Coelho garantiria um bom lugar entre os ciceronianos. Lugar a que Góis talvez tenha almejado ele mesmo, sem sucesso.

O que nos leva ao outro ponto fundamental deste capítulo. Não tendo sido um ciceroniano convicto, ou não tendo sido capaz de se tornar um deles, ainda que tenha se animado com a possibilidade de enriquecer sua prosa enveredando por esses caminhos – é o que depreendo pela leitura da carta a Erasmo e das duas outras analisadas -, Góis acabou por se concentrar nos textos de Erasmo e em suas perspectivas sobre a imitação. Além disso, poderá ter vislumbrado no *Ciceronianus* e em toda a polêmica vinculações entre formas de escrita, posturas religiosas e enquadramento na comunidade imaginada literária. Se ficar ao lado de Longueil poderia representar para alguns um flerte perigoso com o paganismo, deixar de lado os luteranos ou Erasmo seria ainda mais imprudente em um período de indecisão. Assim, é lícito perceber em Góis o impacto significativo do cálculo político e dos usos da retórica na construção de seu prestígio na República das Letras.

---

<sup>550</sup> CLG A XX, P. 88-91.

<sup>551</sup> TORRES, Amadeu. *Noese e crise na epistolografia latina goisiana...* P. 314.

<sup>552</sup> CLG A XX, P. 90-91.

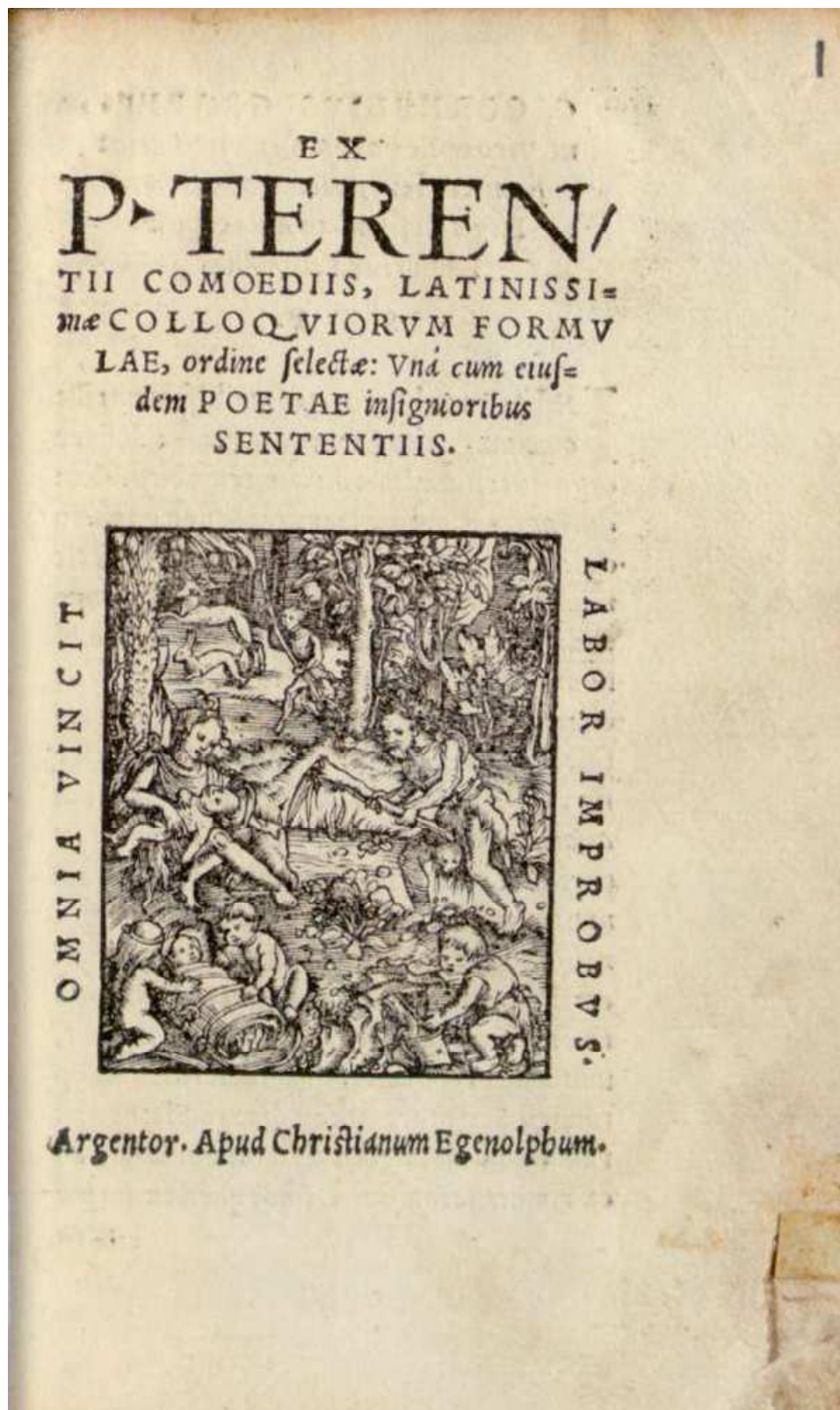
Com a abertura do Concílio de Trento e as conseqüências que lhe são inerentes, o panorama mudará de forma sensível, tanto em Portugal (cujo Santo Ofício, instalado em maio de 1536 com a bula *Cum ad nihil magis*<sup>553</sup>, viria a causar diversos problemas a Góis antes mesmo de sua prisão<sup>554</sup>) quanto nos reinos e cidades por onde Góis passou. Mergulhado no ostracismo, Erasmo não proverá mais a sombra confortável sob a qual Góis se instalara, tornando-se, antes, uma amizade no mínimo suspeita<sup>555</sup>. Ainda assim, Góis manter-se-á ligado ao aprendizado acumulado desde que deixou a feitoria de Antuérpia. Fomentará polêmicas ao estilo do *Ciceronianus*; buscará a amizade e apoio dos poderosos; defenderá seu reino de origem como uma forma de reforçar sua imagem-de-si; divulgará suas obras e fez esforços de divulgação de outras. Tudo isso por meio do gênero epistolar, como veremos no último capítulo.

---

<sup>553</sup> BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. [1995] P. 24

<sup>554</sup> A publicação do opúsculo *Fides, religio moresque Aethiopum* foi descontinuada em Portugal por pressão do cardeal d. Henrique, conforme nota-se no processo inquisitorial. RÉGO, Raul. *O processo de Damião de Goes na Inquisição...* P. 87-89.

<sup>555</sup> Bataillon considera que o fim do erasmismo (fala-se do caso espanhol) acontece de fato a partir dos anos 1550. Contudo, ele próprio admite que a ascensão do Santo Ofício na península e noutras paragens, somada à intensificação das lutas contra os protestantes, levou à crescente crítica e perseguição dos erasmistas. O processo foi, de fato, gradual, e, curiosamente, não se voltava especificamente contra os escritos de Erasmo num primeiro momento, mas à relação entre erasmismo e luteranismo. BATAILLON, Marcel. *Erasmo y España...* P. 432-493; 699-737. Para comentário sobre as desconfianças lançadas sobre Erasmo antes mesmo de sua morte, cf. a P. 126 desta dissertação.



**Figura 10.** Folha de Rosto de Ex P. Terentii Comoediis [...] colloquendi formulae (Antuérpia, 1530). Bayerische Staatsbibliothek.

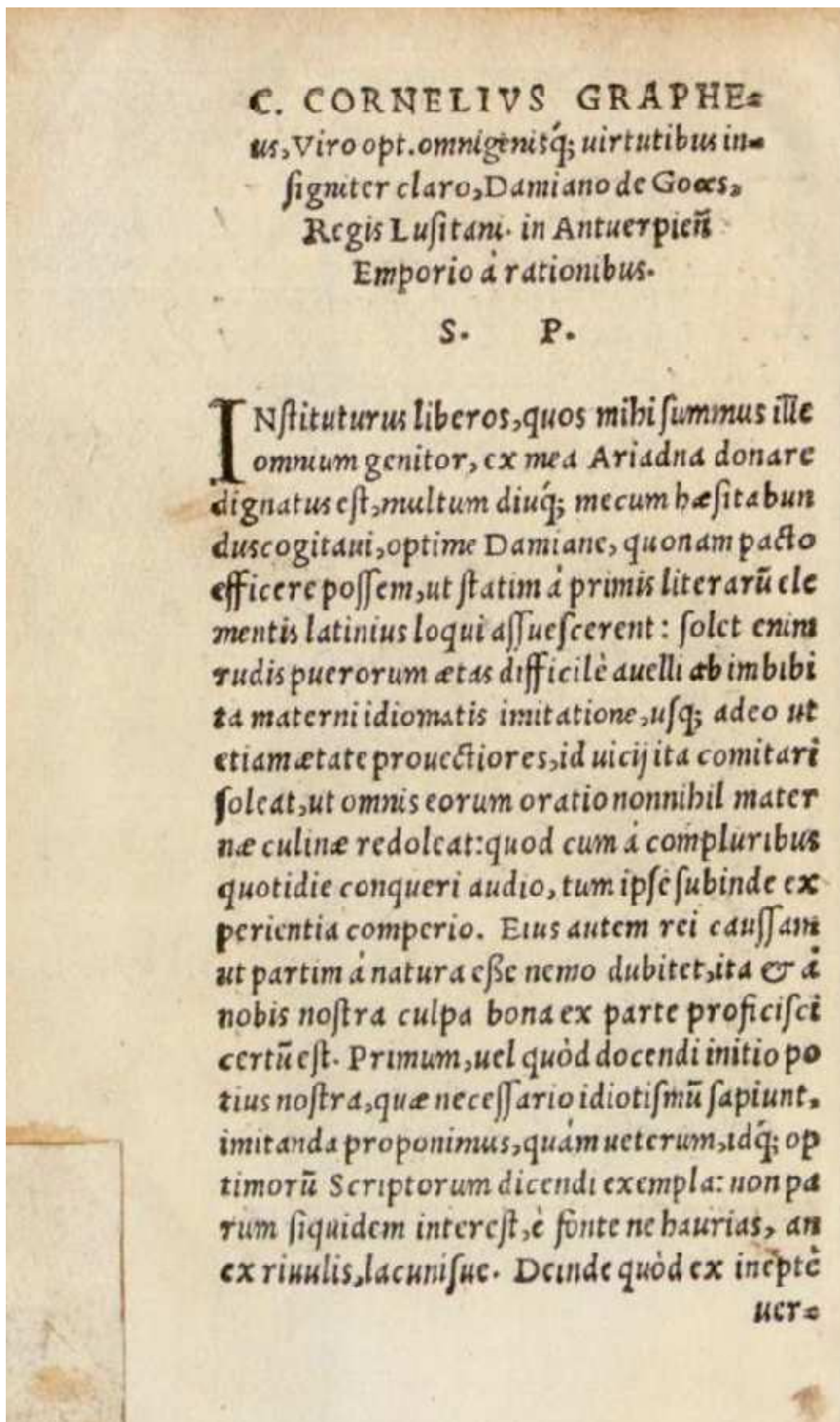
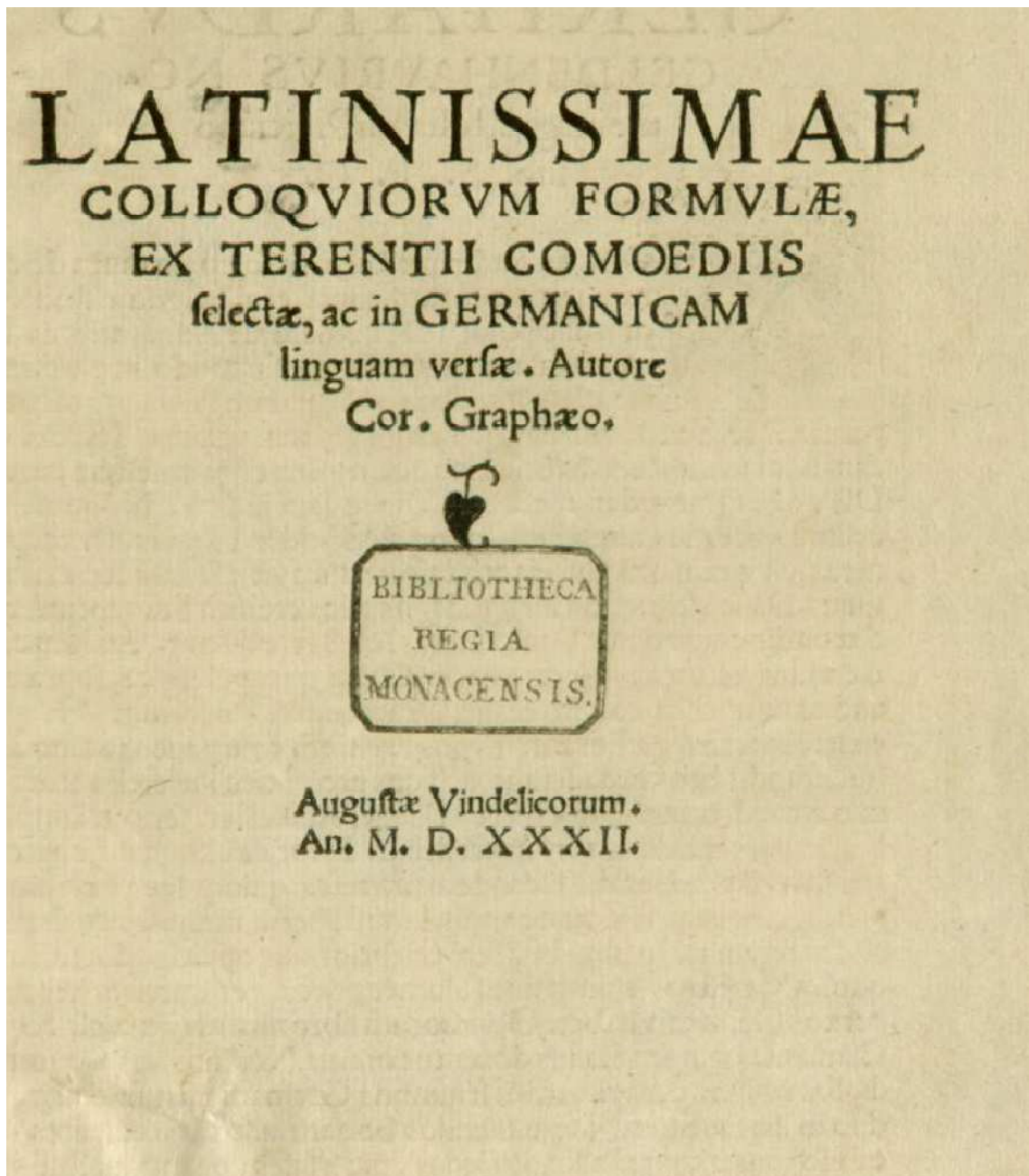


Figura 11. Primeira página da carta-dedicatória de *Ex P. Terentii Comoediis [...] colloquendi formulae* (Antuérpia, 1530). A carta é datada de 1529. Bayerische Staatsbibliothek.





**Figura 12.** Folha de rosto de *Latinissimae colloquiorum formulae ex Terentii comoediis* [...]. (Augsburgo, 1532). Bayerische Staatsbibliothek.

# GERHARDVS

GELDENHAVRIVS NO-

uiomagus, Iohanni Piniciano

ſuo. S. P. D.



ON raro admirari mecum soleo, in tanta docto-  
rum præceptorum copia, tam exiguum studioſo-  
rum diſcipulorū eſſe numerum: Admirationis, ſiue  
mauiſ calamitatis huius cauſa, modo in parentum  
incuriam, modo in quorundam Pædagogorum im-  
peritiam, reiicienda videbatur. Verum vbi rem penitus diſpicio, cœ-  
cam hâc iuuentutis inſœlicitatem, ſoli noſtræ erga cæleſtem patrem  
DEVM ingratiſtudini, merito adſcribendam iudico. Nondum tri-  
ceſimus oſtauus annus eſt, quod Alexander Hegias, Præceptor  
meus, vir quum omnimoda eruditione, tum vitæ ſanctitate ornatif-  
ſimus, Dauentriæ: quod eſt haud ignobile veterum Francorum atq̃  
Saxonum emporium: bonas literas ſolus fere docuit. Ad hunc au-  
diendum, ex utraq̃ Germania, ex Gallia quoq̃ Belgica, ſupra duo  
auditorum millia confluxerant. Oratorum & Poetarum libri quos  
enarrabat, ſcribendi erant, Typographi em̃ tum paucos admodum  
huiuſmodi libros excuderant, & ſi qui excuſi circumferrebantur, ni-  
mio emendierant. Qui Græce vel legere didiciſſet, ſerio triumphab-  
bat, ſeq̃ inter cælitres verſari credebat. Hebraica linguæ ne apicem  
quidem vllus nouerat. Diſcendum præterea, quinq̃, ſex, plus minus,  
pro ingeniorum diuerſitate annis. Iam: ſi libet: hanc noſtram ætatem  
illi conferamus. In omnibus fere celebrioribus oppidis, doctiſſimos  
quoſq̃ Magiſtros, non latine ſolum & græce, verumetiam hebraice  
peritos Germania habet. Optimorum librorum maxima eſt copia.  
Clarius ac compendioſius docentur omnia. Nihilominus ſi quis ſtu-  
dioſos omnes, per primam & ſequendâ Germaniam numeratit, vix  
duo millia inueniet. Neq̃ enim illos bonarum artium cultores vo-  
candos ſpatam, qui in ſcholis, qui ſ vniverſales vocant: aut ſolos in-  
anes titulos, aut ſacerdotiorum queſtum ſectantur. Horum nãq̃ bo-  
na pars (vera dicēti ſubſcribet, ſcio, Louanium meū, ac docti omes)  
artiū Magiſtri ſalutantur, artifices vero, ſunt pauci. In quos, vetus ſo-

Figura 13. Primeira página da carta-dedicatória de *Latinissimae colloquiorum formulae ex Terentii comoediis* [...]. (Augsburgo, 1532). Bayerische Staatsbibliothek.

**BREVISSIMA**  
**MAXIMEQUE COMPENDIARIA**  
 conficiendarum epistolarum for  
 mula, per ERASMVM  
 ROTERODA,  
 MVM.



**Venum habes in vico sancti Iacobi sub signo diui  
 Martini.**

*xi p. 2349*

**Figura 14.** Folha de rosto do *Breuiissima maximeque compendiaria conficiendarum epistolarum formula* (Paris, Nicolau de Pratis, 1521). Paris, BNF.



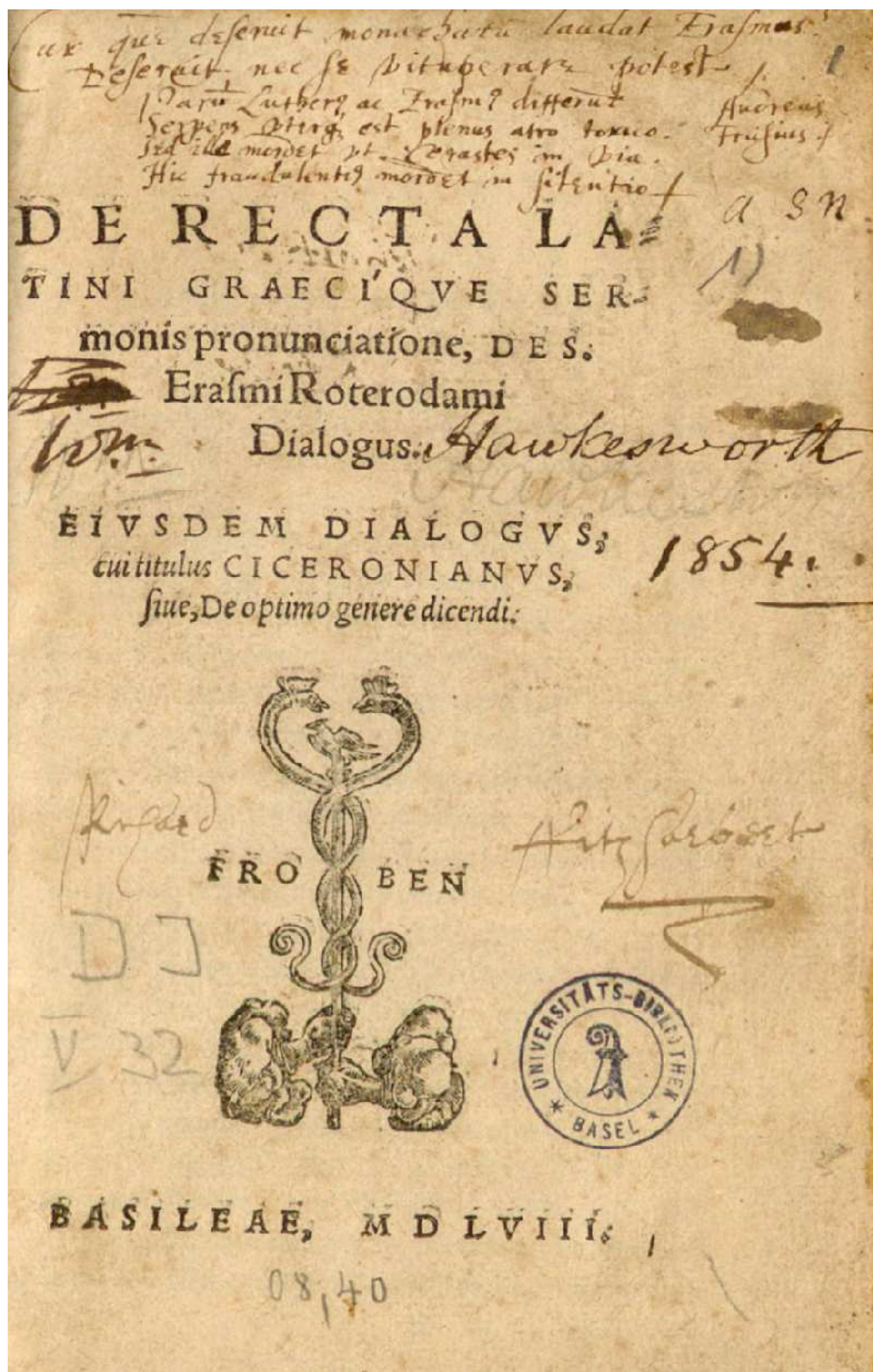


Figura 15. Folha de rosto do *Ciceronianus* (Froben, 1528). Basileia, UniversitätsBibliothek.



# D A M I A N I

A G O E S E Q V I T I S L V .  
S I T A N I A L I Q V O T O P V S C V L A .

- ✠ Fides, Religio, moresq; Aethiopum.
- ✠ Epistolæ aliquot Preciosi Ioannis, Paulo Iouio & ipso Damiano interpretibus.
- ✠ Deploratio Lappianæ gentis.
- ✠ Lappiæ descriptio.
- ✠ Bellum Cambaicum.
- ✠ De rebus & imperio Lusitanorum ad Paulum Iouium disceptatiuncula.
- ✠ Hispaniæ ubertas & potentia.
- ✠ Pro Hispania aduersus Munsterum defensio.  
Omnia ab ipso autore recognita.
- ✠ Item aliquot Epistolæ Sadoleti, Bembi, & aliorum clarissimorum uirorum, cum Farragine carminū ad ipsum Damianū.

L O V A N I I

¶ Ex Officina Rutgeri Rescij, Anno 1544.  
Mens. Decemb.

Figura 16. Folha de rosto de *Aliquot Opuscula* (Louvain, 1544). Tours, Centre d'Études Supérieures de la Renaissance.

### **CAPÍTULO TERCEIRO - Uma memória de papel: Difusão das obras, comércio de cartas e obra epistolar como recursos de autorrepresentação.**

Nos capítulos anteriores, procurei definir as bases retóricas e sociais da atividade epistolar goisiana. De fato, o suporte da República das Letras, conquistado por meio do manejo correto das tópicos do gênero e por meio da evolução do prestígio de Góis com suas progressivas relações com humanistas de renome, levou-o da casa de Erasmo à Pádua de Bembo e Buonamico. Dali até o seu retorno a Portugal, em 1545, e mesmo além desse período, Góis continuou a investir em sua autorrepresentação. Em vez de construir seu prestígio público a partir de um texto autobiográfico – como a *Epistola Posteritati* de Petrarca -, optou por investir no reconhecimento de seus pares e dos vindouros a partir da elaboração de textos laudatórios a uma cidade, reino, nobre, etc. Nesse, que é o caso de Damião de Góis, existe um caminho retórico a traçar, afinal, essa busca de fama não parte apenas da vinculação entre memória, identidade e futuro que pude esboçar na introdução. Ela também se alimentava dos exemplos antigos, inclusive dos epistolares. Novamente, é Cícero quem prescreve:

[...] E não temo parecer buscar teu favor com uma pequena lisonja, ao mostrar que é particularmente por teu intermédio que quero tornar-me ilustre e celebrado. Pois nem és tu, alguém que ignore seu próprio valor, considerando invejosos os que não te admiram, mais que adutores os que te louvam, nem eu, com efeito, sou tão louco para querer ser conduzido à glória eterna por alguém que também não obtenha ele mesmo, conduzindo-me, a glória devida a seu próprio talento. De fato, não era para agradar que o famoso Alexandre queria ser particularmente pintado por Apeles e esculpido por Lisipo, mas porque julgava que a sua arte traria, com a glória deles, *glória sobretudo para si*. [... Ac non uereor ne adsentatiuncula quadam aucupari tuam gratiam uidear cum hoc demonstrum, me a te potissimum ornari celebrarique uelle. Neque enim tu is es qui quis sis nescias et qui non eos magis qui te non admirentur inuidos quam eos qui laudent adsentatores arbitrere; neque autem ego sum ita demens ut me simpiternae gloriae per eum commendari uelim qui non ipse quoque in me commendando propriam ingeni gloriam consequatur. Neque enim Alexander ille gratiae causa ab Apelle potissimum pingi et a Lysippo fingi uolebat, sed quod illorum artem cum ipsis tum etiam sibi gloriae fore putabat...<sup>556</sup>] [*Ad familiares*, 5, 12] [grifos meus]

Ora, cartas como essa justificavam plenamente a obtenção da imortalidade pelas letras não apenas aos homens ilustres que executavam ações dignas de lembrança, mas,

<sup>556</sup> CÍCERO, Marco Túlio. *Ad familiares*. In: HARTOG, François. A História de Homero a Santo Agostinho. Trad. Jacynto Lins Brandão Belo Horizonte: UFMG, 2001. P. 156-159.

também, ao escrever dessas histórias. Damião de Góis bem o sabia, fincar bandeiras de seu nome nas memórias de papel de outrem garantir-lhe-ia a imortalidade, pois, conforme afirmara no fim de sua carreira, ao escrever a Crônica do príncipe d. João (1567), não era de se ignorar o papel da “scriptura, mãe da eterna memória<sup>557</sup>”. Sobre a primazia do texto acima de formas variadas de representação dos grandes feitos, Cícero dizia, na mesma carta:

[...] Mas, dirás, esses famosos artistas davam a conhecer, a quem as ignorava, imagens do corpo que, se não existissem, nem por isso tornariam mais obscuros os homens ilustres. Não menos se deve citar o famoso espartano Agesilau, que não admitiu que se fizesse seu retrato, nem pintado nem esculpido, da mesma maneira que os que labutaram em tal modo de vida: pois um único opúsculo de Xenofonte, louvando esse rei, superou facilmente todos os retratos e todas as estátuas do mundo. [...Atque illi artifices corporis simulacra ignotis nota faciebant, quae uel si nulla sint, nihilo sint tamen obscuriores clari uiri. Nec minus est Spartiates Agesilaus ille perhibendus, qui neque pictam necque fictam [tam] imaginem suam passus est esse, quam qui in eo genere laborarunt. Unus enim Xeophontis libellus in eo rege laudando facile omnis imagines omnium statuasque superauit...<sup>558</sup>] [*Ad familiares*, 5, 12.]

Parece-me claro que Góis, se não leu essa carta em particular, absorveu seu conteúdo ao longo de sua aprendizagem humanista e, partindo desses princípios, deu marcha às suas ambições na República das Letras no cânone dos vindouros. Antes de passar aos casos concretos que tornarão claro o que aqui se afirma, é necessário estabelecer o que entendo por *cânone*.

A ideia de cânone em que penso aqui tem origens literárias. Trata-se do conjunto de obras e autores que conseguiu superar as fronteiras de seu espaço original de atuação, traduzindo inquietações e desejos literários e sendo traduzidos como modelo de sucesso intelectual através de múltiplas gerações. No centro do cânone, segundo um dos maiores defensores do conceito, o polêmico crítico literário Harold Bloom, estaria Shakespeare, mas também gozariam de lugares proeminentes Dante e Milton, e haveria espaço para humanistas como o próprio Erasmo.

Harold Bloom sustenta que o cânone é arquitetado não pela crítica ou circunstâncias sociais, mas pela disputa entre autores pela absorção dos textos canônicos do passado:

<sup>557</sup> Cf. P. 24 desta dissertação.

<sup>558</sup> CÍCERO, Marco Túlio. *Ad familiares*... P. 158-159.

Um poema, peça, ou romance é necessariamente obrigado a nascer através de obras precursoras, por mais ávido que esteja para tratar diretamente das preocupações sociais. A contingência governa a literatura, como faz com toda empresa cognitiva, e a contingência constituída pelo Cânone literário ocidental manifesta-se basicamente como a ansiedade da influência que forma e deforma cada novo texto que aspira à permanência. [...] o desejo de escrever grandiosamente é o desejo de estar em outra parte, num tempo e lugar nossos, numa originalidade que deve combinar-se com a herança, com a ansiedade da influência<sup>559</sup>.

A interpretação de Bloom tem alguns limites. O maior deles reside no fato de que Bloom procura deixar de lado o impacto das questões sociais na formação do cânone. Insistir que a questão se resume a “autores fortes” que buscam outros “autores fortes” do passado, num esforço de transformar o esforço presente em capítulo da tradição, é estabelecer a causa única dos valores poéticos e agônicos. De fato, só se entra no cânone, diz Bloom, “[...] pela força poética, que se constitui basicamente de um amálgama: domínio da linguagem figurativa, originalidade, poder cognitivo, conhecimento, dicção exuberante [...]”<sup>560</sup>. “Os grandes estilos são suficientes para a canonicidade porque possuem o poder de contágio, e o contágio é o teste pragmático para a formação de um cânone<sup>561</sup>”. Contudo, mesmo em sua apaixonada defesa, muito motivada por seu interesse em, dentre outros, criticar a noção de *capital cultural*<sup>562</sup> de Bourdieu, ele teve de fazer concessões:

Eu próprio insisto que o eu individual é o único método e todo o padrão para a apreensão do valor estético. Mas ‘o eu individual’, pesa-me admitir, só se define contra a sociedade, e parte de seu agôn com o comunal faz inevitavelmente parte do conflito entre classes sociais e econômicas<sup>563</sup>.

As lanças erguidas por Bloom contra as dinâmicas sociais não podem ser amparadas por esta dissertação. Afinal, o que pretendo demonstrar nas páginas seguintes é precisamente a trajetória social de um humanista em busca de um lugar no

---

<sup>559</sup> BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. P. 24. As considerações adiante perseguem de perto, em acordo e em desacordo, esse texto.

<sup>560</sup> BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*... P. 44.

<sup>561</sup> BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*... P. 674.

<sup>562</sup> Bloom explica-se no fim da obra: “‘Capital cultural’ é ou uma metáfora ou um literalismo desinteressante. Se o último, simplesmente se relaciona com o atual bazar de editores, agentes e clubes de livros. Como figura de retórica, continua sendo um grito de dor, em parte da culpa por ser um dos intelectuais gerados pela alta classe média francesa, ou da culpa daqueles nossos acadêmicos que se identificaram com tais teóricos franceses e pragmaticamente esqueceram em que país na verdade vivem e ensinam.” BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*... P. 668.

<sup>563</sup> BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*... P. 37.

cânone, um cânone mais particular que o literário de Bloom, mas igualmente imaginado pela relação com a tradição e com o futuro. O cânone da República das Letras, cujos mestres eram aqueles mais capazes de interpretar a força agônica que fez emergir de um passado distante os textos clássicos greco-latinos, tencionava sobreviver por meio de sua imitação e emulação – de onde a importância de entender o impacto da querela ciceroniana no pensamento desses personagens, esforço que empreendi no capítulo precedente. Todavia, além disso, imperavam as regras sociais e retóricas, e apenas a força de boa parte da *Respublica literarum* combinada poderia alçar determinado autor ao reconhecimento futuro.

Um dos mecanismos mais contundentes dessa força residia, claro está, na obra epistolar. O exemplo de Erasmo, mais uma vez, é fundamental. O seu epistolário de milhares de cartas<sup>564</sup> certamente exerceu enorme impacto na construção de seu prestígio, e ele certamente impulsionou o erasmismo, movimento intelectual que propagou o seu nome por toda a parte. Outro esforço de entrada no cânone amparava-se na transmissão dos cânônicos da antiguidade, esforço que, para alguma literatura contemporânea, seria propriamente definidor da atividade humanista<sup>565</sup>. Podemos imaginar a força dessa atividade para a inserção de um autor no cânone por sua repetição em diversas trajetórias de humanistas bem sucedidos do século XVI. Marcel Bataillon não nos permite esquecer que o referido erasmismo não teria sido tão penetrante sem a proliferação em língua vulgar dos textos de Erasmo, que consiste, evidentemente, numa forma de transmissão em vida da obra que se vai tornando potencialmente canônica<sup>566</sup>.

---

<sup>564</sup> Pierre Mesnard define o epistolário de Erasmo como o mais importante documento para o estudo do humanismo [“C’est le document le plus important pour l’étude de l’humanisme”. MESNARD, Pierre. Le commerce épistolaire comme expression sociale de l’individualisme humaniste... P. 24.

<sup>565</sup> Para alguns autores, o caráter de *transmissão* do conhecimento clássico e bíblico – de que Góis participou com dois livros - seria a melhor maneira de definir um humanista. Como se lê numa importantíssima coletânea dos autores do Renascimento que se ocuparam com a transmissão, “[...] point d’humanisme, en effet, sans l’intention de transmettre. On trouve dès l’origine cette intention dans le terme grec d’*hermeneia*, explication et traduction, elle-même proche parente étymologique de tradition. Supposant l’existence de textes à transmettre, l’humanisme est une civilisation du livre, de même que sa religion du Livre. À cet égard, l’humanisme de la Renaissance se situe dans la lignée de Pisistrate qui avait fait rédiger pour les fixer et les transmettre les épopées homériques ou de la tradition judéo-chrétienne, fondée sur la transmission, au double sens philologique et herméneutique, du texte biblique“. MAILLARD, J. F.; KECSKEMÉTI, J.; PORTALIER, M. *L’Europe des Humanistes* (XIVe – XVIIe siècles). Paris: CNRS-Brepols, 1995. P. 5.

<sup>566</sup> Nesse ponto, é preciso ler o excelente capítulo de Bataillon sobre a difusão da obra erasmiana na Espanha por meio das traduções. BATAILLON, Marcel. *Erasmo y España: estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1966 [1937]. P. 279-315.

Damião de Góis esteve longe de atingir o cânone ocidental. Nenhuma de suas obras escapou das amarras de seu próprio tempo a ponto de prosperar como a *Vtopia* moreana ou o *Moriae Encomium* erasmiano. Mas é indevido dizer que ele não tentou. O leitor acompanhará neste capítulo a trajetória dessa tentativa.

### 3.1 Os usos da amizade: A divulgação das obras de Damião de Góis

Dos muitos palácios da memória sustentados por folhas de papel, havia aqueles que nasciam desfigurados pela mão do compositor, incapaz de concertar as fontes do passado de modo a fomentar a verdadeira criação. Antes, nada faziam senão recortar os ditos de muitos doutores, de modo a “[...] de nouo<sup>567</sup> compor alguma cousa da quellas, que iaa per tantos, e tão diuinos Authores sam em totalas partes da philosophia escriptas [...].<sup>568</sup>” Sem honrar os princípios retóricos e dialéticos, sem tratar com meticuloso respeito os textos legados de outrora, “[...] a memoria das quaes obras iuntamente pereçe com a vida de seus escriptores [...].<sup>569</sup>”. O conhecimento abrangente dos autores antigos deixava pouco espaço para novos textos sobre os problemas discutidos por eles. Contudo, havia muito o que fazer no que dizia respeito aos eventos recentes, e Góis soube dedicar-se aos temas ainda não tratados que cativavam particularmente os leitores da *Respublica Christiana*.

Após publicar as duas traduções em louvor aos antigos que tanto admirou, aproveitou-se de seus contatos em Veneza e Pádua para relatar num opúsculo as batalhas portuguesas no cerco de Diu. Dedicou as vitórias que se lhe seguiram e os exemplos de heroísmo e sagacidade nela vividos e contados por testemunhas oculares ao cardeal Pietro Bembo. Bembo estava envolvido com a preparação de sua *Istoria*

---

<sup>567</sup> A expressão “de novo” aqui tem valor distinto do atual. Quer dizer “de maneira nova”, originalmente. Assim, Góis aludia ao fato de que a carência de temas ainda não discutidos a fundo, ou talvez a ausência de sabedoria para encontrá-los fazia com que muitos autores repetissem mecanicamente conhecimentos amplamente conhecidos, apenas vestindo-os com roupagem dessemelhante. O termo “novidade” estava em plena mudança em meados do século XVI, sendo possível encontrar seu emprego tanto no sentido referido quanto naquele que hoje permanece o nosso. “Ora, se vários círculos sociais-culturais permanecem, ainda no século XVI e depois, apegados à recusa da mudança, conferindo ao adjectivo *novo* ou ao substantivo *novidade* sentido pejorativo, outro, que referimos acima e a que voltaremos, lançam-se na aventura do mudar de viver e da busca dessas *novas novidades*, em que o adjectivo, pleonástico, reforça vigorosamente o substantivo.” [grifos meus] GODINHO, Vitorino de Magalhães. *Mito e mercadoria. Utopia e prática de navegar*. Séculos XIII-XVIII. Lisboa: Difel, 1990. p. 60.

<sup>568</sup> GÓIS, Damião de. Ao muyto illustre senhor dom Francisco de Sousa, conde do Vimioso, Damiam de Goes manda saude. In: CÍCERO, Marco Túlio. *Catão Maior ou da velhice*. Trad. Damião de Góis. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003. [1538]. Fl. 2

<sup>569</sup> GÓIS, Damião de. Ao muyto illustre senhor dom Francisco de Sousa, conde do Vimioso, Damiam de Goes manda saude... Fl. 2.

*Viniziana*, e os feitos do reino de Portugal haviam de aparecer em muitas páginas dessa obra, de modo que a contribuição de Góis “[...] a qual para vossa mui grande glória futura tendes entre mãos, sei que vai ser agradável e talvez até não inoportuna”<sup>570</sup>. Razões diplomáticas também foram mencionadas. Para Góis, a aliança entre Veneza e Portugal, afora a luta em nome da fé, deveriam ser objeto de lembrança por parte dos súditos de ambos potentados<sup>571</sup>.

A divulgação dessa obra, os *Commentarii rerum gestarum*, teve início entre os religiosos próximos de Bembo. Lazaro Buonamico, que também tornou-se correspondente de Góis, ressaltou, em carta de outubro de 1539, as grandes qualidades do autor. Admirador do gênero literário [genere litterarum] histórico, igualmente encantou-se com a grandeza da conquista portuguesa e com a importância de seu relator. Instigou Góis a continuar publicando trabalhos sobre as histórias transcorridas no espaço ultramarino, e citou duas razões para tanto. Em primeiro lugar, a grandeza do historiador; em segundo, sua posição privilegiada diante dos maiores acontecimentos daquela época: o aparecimento do “o sistema de imprimissão e o descobrimento do novo mundo”, “[...] dois sucessos que invariavelmente entendo não só rivalizáveis com a antiguidade, senão até com a própria imortalidade”<sup>572</sup>.

Os elogios de Buonamico surtiram efeito. Góis passou a buscar o ócio, componente indispensável para o exercício da reflexão, e um lugar onde pudesse viver com certa estabilidade com a mulher e o primeiro filho, que logo viria a nascer. Chegou a contar a Bembo que buscava ajudar para conseguir uma dispensa eclesiástica das horas em que precisava rezar de modo a dedicar-se à escrita<sup>573</sup>.

Outros contatos epistolares continuavam a elogiar as virtudes do opúsculo, demarcando as qualidades do labor goisiano. Cristóvão Madruzzi, bispo de Trento, glorificou Góis pelo prazer que tirou da leitura dos *Commentarii*, e assinalou seu valor. Esperava que tal grandeza surgisse em todos os futuros livros do amigo, aos quais seria concedida, se assim fosse, a imortalidade: “[...] para glória tua, jamais às produções concebidas em tua mente lhes aconteça virem à luz entre as coisas precedouras”<sup>574</sup>. Ao

---

<sup>570</sup> CLG A XXI. P. 91.

<sup>571</sup> CLG A XXI. P. 91.

<sup>572</sup> CLG B LXVII. P. 273.

<sup>573</sup> CLG A XXII. P. 93.

<sup>574</sup> CLG B LXVIII. P. 277.

que parece, tamanho incentivo chegou a fazer com que Góis planejasse<sup>575</sup> uma verdadeira *Historia rerum Indicarum*, um conjunto completo e coerente de todos eventos passados nas Índias, texto que, caso viesse à tona, faria de Góis o mais importante historiador do mais importante período da história humana, como acreditava o cardeal Buonamico.

É a voz de Tidemano Giese, primo de Copérnico que Góis conheceu na Polônia, que nos ajuda a justificar tal asserção. Após agradecer a Góis pela remessa dos *Commentarii*, admitiu estar ansioso para ver outros volumes prometidos pelo amigo sobre a história dos descobrimentos daquele novo mundo, “[...] volumes que aliás não tardarão e recheados, atento que, no conjunto das Musas, como reparo, é Clio aquela a quem distinguis com particular homenagem”<sup>576</sup>. Giese mencionou a conexão entre a fortuna da escrita – e da memória - goisiana às glórias alcançadas pelo reino de Portugal. “Neste género de literatura, vossos compatriotas supeditam-vos matéria riquíssima e de tal forma rival da ancianidade, que pode bem imortalizar vosso nome de escritor [...]”. Giese ainda aconselhou que, em prol da imortalidade do texto, seria importante adicionar detalhes topográficos sobre as regiões tratadas, que em geral eram exóticas para os leitores<sup>577</sup>. Promessa semelhante fez a Bembo; no último dia do ano de 1539 este respondeu dizendo que, escrita uma história das Índias, da “[...] suave e aprazível das façanhas de nossos homens [...]”<sup>578</sup>, toda a *Respublica Christiana* estaria grata. Ademais, “[...] sem dúvida vos notabilizareis a vós mesmos e a eles, a um tempo que de vossos estudos uma recompensa colheireis que pode ser magnífica: o louvor e a benevolência de quantos às letras se devotam”<sup>579</sup>.

Dos *Commentarii* também chegaram cumprimentos portugueses. O humanista Jorge Coelho, próximo dos círculos cortesãos, remeteu a Góis uma carta repleta de elogios, a qual acompanhava ainda o seu *De Patientia Christiana*, que o amigo manifestara vontade de ler. “A respeito da tua história acerca das acções dos portugueses, a verdade é que a percorri toda, com a maior satisfação. E não é a amizade,

---

<sup>575</sup> LOPES, Maria José Ferreira. *Damião de Góis e os clássicos: vestígios culturais e literários latinos nos Commentarii de Góis*. P. 1-3. Texto ainda não publicado, foi-me cedido gentilmente pela autora, a quem agradeço.

<sup>576</sup> CLG B LXX. P. 283.

<sup>577</sup> CLG B LXX. P. 283.

<sup>578</sup> CLG B LXXII. P. 287-289.

<sup>579</sup> CLG B LXXII. P. 287.



Damião caríssimo, que isto me dita<sup>580</sup>, – evidentemente estamos diante da prescrição, que impelia Jorge Coelho a “cancelar” o fator da amizade no elogio para que ficasse ressaltado o valor do gênio de Góis. Esse tipo de contorção estilística estava prescrito por Erasmo, que partia da ideia de *aptum* de Quintiliano somada à liberdade do cristão<sup>581</sup>. Mais do que a amizade, Coelho dizia estar satisfeito com os serviços prestados à pátria. O próprio rei ouvira esse testemunho de Coelho, a quem fora pedido que opinasse acerca do opúsculo em Lisboa. Em momentos de escassa produção sobre as gestas portuguesas no reino, “[...] ainda assim no estrangeiro não faltava quem, com toda a seriedade e riqueza de linguagem, as consagrasse para a posteridade”<sup>582</sup>.

Podemos perceber, a partir da carta de Jorge Coelho, uma clara tendência no comércio epistolar goisiano. O acúmulo de elogios auferidos com a divulgação dos *Commentarii* consolidou sua posição enquanto homem de letras da *Respublica Christiana*. Por conseguinte, humanistas passaram a procurá-lo para exercer o papel de protetor de suas obras, de agente legitimador da qualidade e erudição de seus opúsculos. Antes de se despedir, Jorge Coelho salientou a crença de que a autoridade de Góis seria capaz de cumprir tais objetivos em uma de suas obras<sup>583</sup>:

[...] sob a tua autoridade, porém, que em toda a parte é grande como ser deve, confio que não só há-de facilmente achar-se protegida e defendida contra quaisquer detractores a minha obra, mas também contribuir *para fama e algum louvor de meu nome*<sup>584</sup>. [grifos meus]

Justo Velsius, perito em línguas antigas e medicina que viveu por anos entre a Antuérpia e Louvain, pensava como Jorge Coelho. Quando concluiu o *Hippocratis Coi De insomniis liber* (Antuérpia, 1541), fez questão de dedicá-lo a Góis. Eis os motivos:

[...] víamos esta temática precisar perante o público de alguém já de autoridade capaz de opor-se às minudências dos odientos e de certos supersticiosos que nem duvido irem incriminar esta abordagem a respeito dos sonhos em parte como vã, em parte como piedosa<sup>585</sup>.

<sup>580</sup> CLG B LXXV. P. 295.

<sup>581</sup> O *aptum*, todavia, não sugere que o uso de infinitos estilos deva prescindir de correção e preparação. Como argumenta Fumaroli, “La liberté épistolaire n'est pas licence, mais récompense de la parfaite maîtrise d'une culture, et des possibilités du langage. La rhétorique, que liberté et simplicité chrétiennes sembleraient rendre inutile, retrouve sa fonction comme pédagogie d'une culture, d'un goût, d'une liberté de la parole.” FUMAROLI, Marc. *Genèse de l'épistolographie classique...* P. 889-890.

<sup>582</sup> CLG B LXXV. P. 295.

<sup>583</sup> Não se tratava do aludido *De Patientia Christiana*, mas, sim, do *Serenissimi et Illustrissimi Principis D. Alphonsi S. R. E. Cardinalis ac Portugalliae infantis consecratio* (Coimbra, mosteiro de Santa Cruz, 1536). Coelho esperava que Góis divulgasse e defendesse a obra na Universidade de Louvain. TORRES, Amadeu (org). *Damião de Góis: correspondência latina...* P. 439.

<sup>584</sup> CLG B LXXV. P. 297.

<sup>585</sup> CLG B LXXVIII. P. 303.

E complementa:

“É que sobe a tal grau a vossa autoridade em qualquer parte, que quanto de vós é aprovado ninguém ousará levemente condenar, enfim uma liberalidade de engenho a ponto de não só acolher, mas outrossim acompanhar com a maior simpatia e procurar com todo o empenho promover o que correctamente foi adquirido pelos antigos”<sup>586</sup>.

Remédio contra as vozes dissonantes, verdadeiro escudo de autoridade, Góis passava a figurar no rol dos autores modernos que eram dotados das qualidades usualmente atribuídas aos antigos<sup>587</sup>. Assim como o prestígio inerente ao conhecimento erudito de modo geral foi o instrumento propulsor do humanismo para todo o espaço da *Respublica Christiana*<sup>588</sup>, esse prestígio foi redefinido em bases mais restritivas dentro da comunidade voltada diretamente aos *studia humanitatis*.

O grande historiador e filólogo espanhol Francisco Rico interpretou bem esses movimentos. Segundo Rico, desde meados do século XV, muitos humanistas passaram a se afirmar profissionalmente, recebendo salários cada vez mais significativos. Além disso, mais e mais personagens de relevância política e religiosa abraçaram os valores dos *studia humanitatis*, que passaram a contar ao seu lado com famílias como a Médici e com papas como Enea Silvío, o célebre Pio II. Humanistas de menor renome, mas que haviam internalizado as linhas de força mais significativas do estudo das letras deixaram a região itálica, espalhando-se pelo norte e pela França, chegando até mesmo à península Ibérica. Com efeito, a historiografia portuguesa, sobretudo por meio dos estudos de Américo da Costa Ramalho, demonstrou persuasivamente que o humanismo começou de fato no reino graças a um desses viajantes, Cataldo Parísio Sículo<sup>589</sup>. Analogamente, humanistas como Lucio Marineo Sículo, que trabalhou na corte de

---

<sup>586</sup> CLG B LXXVIII. P. 305.

<sup>587</sup> Não deseja-se evocar neste momento o debate entre antigos e modernos, tão importante nos séculos XVII e XVIII, e nada negligenciável no século XVI, mas tão-somente destacar que a construção do prestígio humanista dava-se, entre outras características, pela sua aproximação ao modelo de *auctoritates* vigente em sua interpretação do mundo antigo. Cabe lembrar, todavia, que a obtenção de tal renome não impedia o debate e os ataques por vezes muito ofensivos contra os humanistas. O próprio Góis envolveu-se em polémicas desse tipo, como veremos no próximo capítulo. Para uma introdução do debate entre antigos e modernos no mundo português quinhentista, cf. DIAS, J. S. da Silva. O conflito dos antigos e dos modernos. In: *Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*. Lisboa: Presença, 1982. P. 128-137.

<sup>588</sup> Afirmação que se sustenta pelo entendimento de Francisco Rico, com o qual estou plenamente de acordo. Cf. RICO, Francisco. *El sueño del humanismo...* P. 80-81.

<sup>589</sup> RAMALHO, Américo da Costa. Origem e início do Humanismo em Portugal. In: *Para a História do Humanismo em Portugal* (III). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998. [1995] P. 15-18.

Fernando e Isabel, e depois como historiógrafo real de Carlos V<sup>590</sup>, desempenharam um fundamental papel na instituição dos valores e conhecimentos clássicos.

Decorrente da difusão dos humanistas pela Europa e pela cada vez maior presença de estrangeiros na Itália, as correntes intelectuais ligadas ao movimento ganharam enorme espaço civil. Os estudos clássicos serviram à formação de médicos, juristas e outros profissionais ligados à vida cidadina ou à corte<sup>591</sup>. Todavia – argumenta Rico – a expansão dos conhecimentos humanistas levou à sua banalização, de modo que os humanistas de maior estatura intelectual encararam com indisposição os inúmeros *umaniste*, ou seja, professores de cultura clássica, a quem culpavam pela perda do rigor filológico e erudito do estudo dos antigos<sup>592</sup>.

Assistimos à propagação de conhecimentos clássicos, derivados das descobertas humanistas dos séculos XIII, XIV e XV, decalcadas em ensinamentos superficiais norteados para funções profissionais práticas. Tais instrumentos associaram-se a outros já existentes na cultura cortesã. Sem a anuência de reis e príncipes, que pouco a pouco colocavam ao lado das crônicas e espelhos de príncipes textos que os comparavam aos maiores do mundo antigo, não teria sido possível a proeminência do saber greco-romano. Prova disso é que os *studia humanitatis* tiveram de se irmanar com outros interesses que desde a Idade Média acompanhavam as elites cortesãs, como o gosto pela disciplina militar. O mecenato está, logo, na base do sucesso do humanismo<sup>593</sup>.

Essa simbiose, não obstante ter sido rejeitada no plano conceitual por diversos humanistas, gerou uma nova onda de especialização. Em fins do século XV, começou a prosperar uma maior inclinação ao estudo do grego, que relativizou a posição solitária do latim enquanto língua de proa do humanismo. O grego, embora presente na Itália desde o século XIII, quando ainda era falado em certas partes da Sicília e ainda era traduzido na corte angevina de Nápoles, não mantinha relação direta com a análise crítica de textos antigos. Apenas em 1360 teve início o ensino sistemático de grego em uma cidade italiana. Leonzio Pilato, discípulo de um dos tradutores da corte angevina de Nápoles, Barlaam, assumiu essa tarefa a partir da solicitação de Boccaccio.

---

<sup>590</sup> RUMMEL, Erika. Marineo Sículo: a protagonist of Humanism in Spain. *Renaissance Quarterly*. Vol. 50, nº 3 (Autumn 1997). P. 701-722.

<sup>591</sup> KRISTELLER, Paul Oskar. The European diffusion of Italian humanism. *Italica*. Vol. 39, nº 01 (março de 1962) P. 1-5.

<sup>592</sup> RICO, Francisco. *El sueño del humanismo...* P. 76-78.

<sup>593</sup> RICO, Francisco. *El sueño del humanismo...* P. 82-83.

Aparentemente, os primeiros trabalhos de tradução voltaram-se às *Vidas Paralelas* de Plutarco<sup>594</sup>.

As traduções de Pilato, consideradas falhas por seus descendentes intelectuais (muito literais por seguir a metodologia de tradução palavra-por-palavra), foram superadas trinta e sete anos depois de sua partida (por volta de 1364), quando o cada vez mais constante comércio com Constantinopla e a ameaça turca trouxeram à Florença o diplomata Manuel Chrysolaras<sup>595</sup> (1397). Chrysolaras acabou se estabelecendo na cidade, e, além de ensinar por anos, preparou os *Erotemata*, espécie de gramática do grego que teve lugar central na formação de Erasmo<sup>596</sup>.

Tudo isso fez parte do plano de ação dos humanistas mais refinados, que igualmente voltaram-se ao comentário minucioso - e por vezes hermético - de textos fundamentais para a erudição europeia. Ao corrigir erros graves de interpretação, afastaram-se dos “gramáticos de província” e robusteceram seu próprio soldo. O maior exemplo é o guia intelectual de Erasmo, Poliziano, e a prática filológica que apresenta na *Miscellanea* (1489). Por outro lado, Rico afirma que essa opção levou em boa medida ao abandono da proposta original de humanismo cívico, já que o movimento confinava-se progressivamente a indivíduos isolados e a grupos universitários restritos<sup>597</sup>.

Apesar da correção da proposta geral, cumpre precisar algumas das conclusões de Rico quando se trata de esboçar um quadro do humanismo no início do século XVI, quadro indispensável para a compreensão do protagonista e demais personagens desse estudo.

Faz-se necessário sobretudo levar em conta o papel preponderante das universidades na formação de praticamente todos os humanistas de primeiro escalão. Ainda que humanistas como Erasmo não tenham se dedicado a atividades letivas institucionais, beneficiaram-se dos cursos de doutorado oferecidos pelo mundo acadêmico, que sem dúvida ajudaram a constituir seus objetivos intelectuais. Ademais, diversos humanistas de renome lecionaram – Nebrija em Salamanca, Diogo de Teive e

---

<sup>594</sup> MANN, Nicholas. The origins of humanism. In: KRAYE, Jill. *The Cambridge companion to Renaissance humanism*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010. [1996]. P. 15-16.

<sup>595</sup> Cf. P. 59 desta dissertação.

<sup>596</sup> MANN, Nicholas. The origins of humanism... 16-17

<sup>597</sup> RICO, Francisco. *El sueño del humanismo...* P. 86-87.

Jerônimo Osório em Coimbra, Bonifacius Amerbach em Louvain, Alciato em Bologna e Melanchton em Wittenberg, para ficar em poucos exemplos marcantes. Ter uma sólida posição docente ainda permitiria ao humanista atrair novos discípulos, que poderiam ser treinados adequadamente nas universidades, além de, uma vez prontos, poderem reforçar as fileiras intelectuais de dado professor. A carreira de Damião de Góis pode ser considerada um exemplo dessa interação entre humanistas e universidades; homem de negócios em busca das letras, ouviu do próprio Erasmo que, se quisesse de fato alcançar algum sucesso nos estudos, deveria mudar-se para uma cidade universitária como Pádua<sup>598</sup>. Quanto ao *umanista*, apesar de frequentemente desprezado, também teve participação na ascensão do humanismo no mundo universitário quinhentista. Os inúmeros professores de tradição clássica conseguiram penetrar em quase todos os campos de docência e transformaram os novos saberes filológicos nos maiores “agentes de mudança na pesquisa universitária”<sup>599</sup>.

Para mais, acrescentaria que, ao meio universitário tradicional<sup>600</sup> – isto é, existente desde o período medievo -, somaram-se numerosas iniciativas ligadas aos chamados humanistas de primeira grandeza que não podemos esquecer. A fundação de colégios que norteavam seus programas de ensino na cultura clássica teve forte impulso no século XVI. Além da criação de novas universidades, como no caso de Alcalá, o aparecimento do já mencionado *Colégio Trilingue*, do *Collegium poetarum*, instituição criada a partir da ação de Conrad Celtis<sup>601</sup> (1459-1508), o *Colégio das Artes* de

---

<sup>598</sup> Não obstante, Erasmo recomendou a Góis que estudasse em casa com alguém que pudesse corrigir-lhe as lições, de modo a suplantar eventuais falhas em seu latim e nos conhecimentos clássicos. CLG B XXXVII. P. 207. A carta que nos revela que Erasmo recomendou os Estudos de Pádua a Góis data de 16-VIII-1534, e foi enviada a Pietro Bembo. [...] “por sugestão minha escolheu a Escola de Pádua, a mais ilustre de todas”. Cumpre lembrar que o pedido feito a Bembo que ajudasse Góis com a hospedagem, recomendando-lhe colocar o português perto de jovens estudantes da nobreza germânica e francesa. “Está acostumado a vida um tanto lauta, apesar de ser sóbrio”. CLG B XXX. P. 193.

<sup>599</sup> GRENDLER, Paul F. The Universities of the Renaissance and Reformation. *Renaissance Quarterly*, Vol. 57, nº01 (Spring 2004). P. 1-28. Cit. à P. 12

<sup>600</sup> Também faz-se necessário salientar que mesmo universidades muito antigas experimentaram mudanças consideráveis com a ascensão dos humanistas. A Universidade de Pádua, por exemplo, recebeu inúmeros humanistas, e teve seu programa, de cariz averroísta, muito modificado em função disso. MATTOSO, José. Os antecedentes. In: COXITO, Amândio; RAMALHO, Américo da Costa; CASTRO, Aníbal Pinto de et al. *História da Universidade em Portugal*. Vol. I. Tomo II. Coimbra: Universidade de Coimbra, Calouste Gulbenkian, 1997. P. 22-23

<sup>601</sup> German humanist and Latin poet. Born near Wurzburg to a peasant family, he acquired a university education despite his poverty, receiving a B.A. degree at Cologne (1479) and an M.A. at Heidelberg (1485), where he was attracted by the presence of Rudolf Agricola. He then taught poetry for brief periods at Erfurt, Rostock, and Leipzig, publishing his first work, *Ars versificandi/ The Art of Versification*, at Leipzig in 1486. Celtis spent the years 1487–1497 travelling, the first two years in Italy, where he met important scholars such as Marsilio Ficino at Florence and Pomponio Leto at Rome [...]

Coimbra, onde se agruparam humanistas de imenso renome, como Pedro Nunes<sup>602</sup>, e do *Collège de France*, fundado pelo rei Francisco I, mas em torno do qual de aproximaram vários personagens célebres, como Guillaume Budé<sup>603</sup>, mostram-nos o quão imbricados estavam os humanistas com os aparatos institucionais de ensino, e como essas instituições eram-lhes vitais na constituição de seu prestígio e, por vezes, daquele da pátria.

Assim, a passagem pela Universidade de Pádua e a atuação na Universidade de Louvain, cidade onde Góis fixou residência após deixar Pádua – local onde estava, ademais, quando recebeu a carta de Jorge Coelho –, ajudam a explicar como o outrora vacilante aluno de Grapheus tornara-se o amigo e de Erasmo e protetor dos escritos de outros humanistas. Ainda em 1541, uma carta escrita por João Rodrigues de Sá de Meneses<sup>604</sup> confirma os atributos goisianos, e alude às características que acompanharão toda a carreira epistolar do humanista português. O texto, elegante segundo Rod, teria trazido à tona fatos “[...] na verdade dignos de jamais ficar em silêncio, de sempre se eximirem ao olvido, de nunca perecerem na memória [...]”, fatos úteis no afã de “[...] ilustrar e engrandecer a pátria, a que antes de tudo estamos ligados”<sup>605</sup>. O trabalho de Góis também ajudaria a diminuir a apreensão pelo fato de não haver nessa época Lívios, Salústios e Tácitos em número suficiente para imortalizar os grandes feitos. “Mas ora tu – a quem, por assim dizer, Deus isto outorgou – abalançaste-te a um serviço que te honra, quais as grandiosas empresas de teus compatriotas, vingadoras do espaço e do tempo, e esses altos feitos, inumados até hoje em ciméria obscuridade”<sup>606</sup>.

Pietro Bembo seguiu o mesmo caminho nos elogios às obras de Góis. Ao valorizar seus textos sobre as os costumes e fé etíopes, Bembo aduziu que em “[...] coisa alguma vos é possível maior e mais abundante fruto recolher, uma vez que nada

---

Celtis’ greatest importance is his association of the past and future greatness of Germany with his enthusiasm for the study of classical languages and literature. In pursuit of this goal, he promoted the founding of humanist sodalities at several places in southern and southwestern Germany. These sodalities did much to promote the study of humanistic subjects in German schools and universities, and their positive early response to the teachings of Martin Luther was one reason for the rapid diffusion of the German reformer’s ideas among educated Germans.” NAUERT, Charles G. *Historical Dictionary of the Renaissance...* P. 69-70.

<sup>602</sup> MARTINS, José Vitorino de Pina. O Humanismo (1487-1537)... P. 231.

<sup>603</sup> Discuti brevemente este personagem na P. 94-95 desta dissertação. Para mais, cf. NAUERT, Charles G. *Historical Dictionary of the Renaissance...* P. 53-55.

<sup>604</sup> “João Rodrigues de Sá de Meneses (1465-1576), aluno de Policiano, notável poeta do Cancioneiro Geral, cultivou o latim e o grego, tendo sido tradutor de Homero, Píndaro, Anacreonte e Ovídio”. TORRES, Amadeu (org). *Damião de Góis: correspondência latina...* P. 439-440.

<sup>605</sup> CLG B LXXX. P. 307.

<sup>606</sup> CLG B LXXX. P. 307.

ordinariamente há mais seguro para a memória de um nome, nem mais apto para o reconhecimento dos vindouros [...] do que a História<sup>607</sup>”. Algo mais seguro para a memória de um nome. As palavras de Bembo cristalizam a relação – certamente antevista por Góis ao menos desde os tempos de estudo dos clássicos – entre prestígio pessoal, preservação de sua memória e os sucessos de sua pátria.

A invocação da pátria como recurso retórico para a inserção no cânone pode ser historicamente associada a Cícero. Em *De legibus* (I.2 5-6), comprovamo-no ao acompanhar as palavras de Ático, que salientava a importância de não apenas proteger, mas *ilustrar* a pátria. “E, se querer ouvir minha opinião, não só me parece que deves este serviço àqueles que se comprazem nas letras, como também à pátria, a fim de que ela, que foi salva por ti, por ti seja também ilustrada”<sup>608</sup>. A história, ademais, seria concretamente um gênero próprio ao orador – a quem os humanistas se associavam quando referiam-se à sua devoção aos *studia humanitatis*.

O *De Officiis* (I.7.22) coloca outros dados:

“Mas uma vez, conforme escreveu muito bem Platão, [Góis estava a par da admiração de Cícero por Platão, conforme podemos ver no *De Senectute* por ele traduzido], não nascemos só para nós, e a pátria reclama uma parte de nossa existência, outra parte os amigos, e, [...] o nosso dever é seguir o caminho indicado pela natureza, servir o interesse geral, prestando mutuamente serviços, dando e recebendo, e, ora por meio de nossa habilidade, ou da nossa actividade ou nosso engenho, estreitar os laços sociais.”<sup>609</sup>

Ora, o que Góis propugnava não apenas com os escritos sobre as vitórias lusas, mas também com o *Fides religio moresque Aethiopum*, era demonstrar as amplas capacidades diplomáticas e guerreiras de seu povo; seu comprometimento com um irenismo alargado, disposto a receber em seu seio a diferença não herética representada pela fé etíope; e a preocupação do rei de Portugal com o destino de toda a *Respublica Christiana*, assumindo, assim, a disposição em tomar rédeas da árdua tarefa de liderança a que os difusores da palavra de Cristo pelo ultramar mereciam. Evidentemente, a cada um desses elogios pode-se associar Góis. Penso ser possível enxergar, aqui, um *sentido autobiográfico* contido na narração histórica. Explico a hipótese. Não se trata

<sup>607</sup> CLG B LXXIX, P. 304-307.

<sup>608</sup> PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Romana...* P. 61

<sup>609</sup> PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Romana...* P. 69.

meramente de um esforço claro e direto de vincular temas de sua própria vida aos relatos epistolares de sua produção sobre a história de Portugal. Trata-se, antes, de perseguir *analogias* fortes<sup>610</sup> – afinal, a postura aberta de Portugal ao receber os embaixadores do mítico Preste João poderia ser equiparada ao esforço ecumênico de Góis junto a Sadoletto para restaurar em Melancton a fé no papa. Ao mesmo tempo, a disposição de Góis em contar das desgraças do Turco diante dos católicos soma-se aos seus próprios esforços em ressaltar a força lusa contra os gentios. O papel de liderança de Portugal aparece, portanto, como necessário à vitória de Cristo, como lemos em carta que Góis escreveu a Bembo:

Oxalá os restantes homens cristãos fossem de vosso parecer e de coração favorecessem e auxiliassem mais as nossas coisas do que fazem. Vá lá, e omitindo o auxílio, pelo menos não levantassem obstáculos; antes, qual o Rei e os nossos desejam, se portassem apenas como espectadores neutros, enquanto os nossos estreneamente batalham com mouros e turcos<sup>611</sup>.

Se bem exercido, o papel de liderança renderia ao escritor, que tão nobremente descrevera essas vitórias – a crer nos depoimentos amistosos que recebera em chave retórica dos amigos epistolares – imagem de sucessor semelhante àquela do reino. E Góis não estava sozinho, nem tampouco foi pioneiro nesse esforço. As tentativas de projetar um passado mítico e um presente glorioso para os portugueses aparece nas obras de outros humanistas e intelectuais como André de Resende, Nicolau Coelho do Amaral, Francisco de Monzón, Diogo Pires, Luís de Camões e Francisco de Holanda<sup>612</sup>.

Enquanto Góis refletia sobre acontecimentos recentes, outros investiam no estudo das origens do reino, o associando, por exemplo, à viagem de Ulisses, que teria fundado a Ulisseia onde se localizava Lisboa – André de Resende teria estado no centro desses esforços<sup>613</sup>. Francisco de Holanda, por seu turno, propusera uma aplicação da ideia de mudança dos tempos para sugerir que os movimentos da *translatio imperii*

---

<sup>610</sup> TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros...* P. 50-56. Faço um levantamento dos argumentos do professor logo adiante.

<sup>611</sup> Trata-se da carta-prefácio do *Commentarii rerum gestarum*, datada de 1539. CLG A XXI, P. 91.

<sup>612</sup> DESWARTE-ROSA, Sylvie. Le Portugal et la Méditerranée. Histoires mythiques et images cartographiques. In: BETHENCOURT, Francisco (dir). *Arquivos do centro cultural Calouste Gulbenkian: Le Portugal et la Méditerranée*. V. XLIII. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002. P. 105.

<sup>613</sup> “Le véritable but de Resende fut de créer un cadre historique cohérent et plausible, jalonné de figures mythiques, historiques et religieuses frappantes. D’un côté, il voulait mettre en évidence les liens de la Lusitanie avec une culture méditerranéenne millénaire, en exhumant les indices dans les sources les plus anciennes”. DESWARTE-ROSA, Sylvie. *Le Portugal et la Méditerranée...* P. 115.



estariam cada vez mais dirigidos a oeste, isto é, cada vez mais perto de Portugal, sucesso dos povos babilônicos, egípcios, gregos e romanos no controle do mundo<sup>614</sup>.

Mas Góis também percebeu os benefícios de mergulhar num passado mais distante, e adotou para si essa tarefa em parte do opúsculo de descrição da cidade de Lisboa, a *Vrbis Olisiponis Descriptio*, de 1554. Na epístola que antecedeu e previu a preparação desse texto em particular, Góis recobriu de tons de verdade a história mítica de seu povo que viria a redigir nestes termos:

O que a mim na realidade vejo acontecer-me é que, quanto mais a velhice se aproxima, mais coisas se me oferecem que em escritos devam sinalar-se para a eternidade, quais com certeza esses actos preclaros da nossa gente, essa magnitude e variedade de empresas, essa descoberta de ilhas e de climas, a ponto que, se acaso de novo algum Homero surgira, sem esforço alcançara nas gestas lusitanas encontrar argumentos *de não fabulosas, antes reais*, *Ilíada* e *Odisseia*<sup>615</sup>. [grifos meus]

Trabalhar para o reino significava também trabalhar para si – para a imagem-de-si, e a expectativa de reconhecimento não era negligenciada por Góis. Na carta-prefácio da *Vrbis*, remetida ao cardeal Infante d. Henrique, Góis prescreveu aquilo que era necessário ao gênero histórico. Inicialmente, dizia, “[...] deve conceder-se tempo livre e vago; em seguida, quietude de espírito e isenção de todos os cargos; logo em pós, o favor dos grandes Príncipes, com cujas recompensas se estimulem o empenho e labor dos estudos”<sup>616</sup>.

As recompensas almejadas não se limitavam, penso, à glória e honra adquiridas em vida, mas compreendiam nalgum grau a expectativa de rememoração por parte dos vindouros. No texto de Cícero sobre os ofícios (*De Officiis*, II.9.31), ele anotou que “[...] a glória suprema e perfeita consta destas três coisas: ser amado pela multidão [Gloria], ter a sua confiança [Fides], ser admirado e julgado digno de honrarias [honor]<sup>617</sup>”. Essas características somadas à immortalização pelas letras sobre a qual

<sup>614</sup> DESWARTE-ROSA, Sylvie. Le Portugal et la Méditerranée... P. 119-125. Cf., também, DE SÁ JÚNIOR, Luiz César de. *O humanismo português entre o latim e o astrolábio: notas sobre a translatio imperii e os itinerários de Damião de Góis (1523-1567)*. Disponível em: <http://www.ilb.ufop.br/IIIsimposio/06.pdf> acesso em 20-II-2012. P. 1-10.

<sup>615</sup> A carta é de 1548, enviada ao infante d. Luís. CLG A XXXIII, P. 122-125.

<sup>616</sup> CLG A XXXIV, P. 124-127, cit. à P. 124-125.

<sup>617</sup> PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Romana...* P. 76.

insistiram tanto Góis quanto outros humanistas portugueses<sup>618</sup>, consiste no pano de fundo das correspondências que tenho analisado nessa seção. Daí a necessidade de reavaliar a posição de Damião de Góis como um patriota exclusivamente em defesa de seu reino. Não é meu objetivo aqui discutir as origens do nacionalismo e do patriotismo na Idade Moderna<sup>619</sup>, mas é preciso fazer ao menos uma consideração.

O filólogo português Miguel Rosado Fernandes situou o humanista André de Resende – portanto, a época de Góis – no centro de um debate sobre as origens do nacionalismo em Portugal. Fernandes sustenta que Resende havia efetivamente dedicado sua carreira à pátria “[...] e é à sua especificidade que vai dedicar o seu afinado sentido histórico e político”. De fato, desde Afonso Henriques estariam instalados no reino os germes do nacionalismo – provados, por exemplo, pelas tentativas de Cataldo Sículo de distinguir Portugal do restante da península Ibérica<sup>620</sup>. Contudo, apenas Resende ou Cataldo não garantiriam o surgimento de uma sociedade nacionalista rural. Haveria que haver uma verdadeira *vanguarda* intelectual<sup>621</sup>, uma comunidade capaz de acumular fatos reais e imaginar mitologias que concorressem a essa finalidade. Dessa forma, propõe Fernandes:

Parece ser inegável que no século XVI já haveria uma consciência colectiva ligada a uma ideia e sentimento de pátria, mesmo que estes só existissem por contraposição à patente ameaça de perda de soberania que as ligações dinásticas e, portanto, políticas, efectivamente constituíam<sup>622</sup>.

A resistência a tais ameaças teria se difundido com a produção de opúsculos laudatórios ao reino Português noutras regiões da *Respublica Christiana*, como a Flandres por onde Resende e tantos outros passaram. “Misturadas com referências elogiosas ao seu país nas obras publicadas na Flandres começava Resende deste jeito a colocar a primeira pedra de um edifício nacional e português [...]”<sup>623</sup>. Retomando a famosa oração de d. Garcia de Meneses em 1481<sup>624</sup>, Resende partirá da busca pela ideia

---

<sup>618</sup> Cf. a Introdução desta dissertação.

<sup>619</sup> Uma contribuição no campo foi construída por HUIZINGA, Johan. Patriotism and Nationalism in European history. In: *Men and Ideas...* P. 97-155

<sup>620</sup> FERNANDES, Miguel Rosado. Raízes do Nacionalismo Português. In: *Em busca das raízes do Ocidente*. Vol. 1. Lisboa: Alcala/Calouste Gulbenkian, 2006. P. 299.

<sup>621</sup> FERNANDES, Miguel Rosado. Raízes do Nacionalismo Português... P. 302.

<sup>622</sup> FERNANDES, Miguel Rosado. Raízes do Nacionalismo Português... P. 304.

<sup>623</sup> FERNANDES, Miguel Rosado. Raízes do Nacionalismo Português... P. 305.

<sup>624</sup> Comentei o assunto na P. 40 desta dissertação.

de Lusitânia para solidificar a defesa da pátria. Ideia mítica apoiada por evidências históricas que remontavam a Luso – também Viriado será trazido à tona<sup>625</sup>, Resende acrescentará ao elogio de um fundador o elogio da Ulisseia<sup>626</sup>. A própria cidade guardaria segredos de suas origens fabulosas, como a ocorrência de fecundação de éguas pelo vento. Curiosamente, aqui as trajetórias de Resende e Góis se encontram, uma vez que a *Vrbis* de Góis recorreu ao mesmo procedimento mitológico-laudatório.

A obra goisiana não foi única no esforço de relatar as maravilhas e feitos de cidades para ilustrar a história do reino. É preciso situá-la na corrente de descrições de cidades de seu tempo, na qual figuram títulos como *Summario em que brevemente se contem algumas cousas, (assim eclesiasticas como seculares) que há na cidade de Lisboa*, por Cristovão Rodrigues de Oliveira – editado no mesmo ano da *Vrbis* (1554); o *Tratado da magestade e grandeza e abastança da cidade de Lisboa*, por João Brandão de Buarcos (1552); a *História da Antigüidade da cidade de Évora*, do aqui discutido André de Resende (1555)<sup>627</sup>. No percurso da *laudes urbium*, ainda pode-se contar o poema *Vlysbonaë regiae Lusitaniæ urbis Carmen*, de 1546; acrescente-se, por fim, o *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa*, por Francisco de Holanda (1571)<sup>628</sup>. Contudo, vejamos suas particularidades.

Góis estuda os principais pontos da localidade no opúsculo, descrevendo as ruas movimentadas, o porto, as praças de abastecimento e circulação de produtos, a vida lisboeta em seu ritmo frenético; dedica – o que interessa-nos aqui - a parte inicial do texto aos esclarecimentos necessários sobre a história e as origens da capital do reino. Desenvolve a hipótese de a região ter sido descoberta por Ulisses, no regresso à Ítaca. Alerta que tal juízo pode ser incorreto, sem, todavia, abandoná-lo. Sua preferência pelos testemunhos clássicos sobressai em comparação aos entendimentos que outros, “sem qualquer argumento, intentam criar suspeitas sobre ele”<sup>629</sup>.

Dotada de um passado tão glorioso, fundada pelos gregos, herdeira dos romanos, Lisboa conta com resquícios vivos da era clássica que a viu nascer. A prodigalidade de suas terras fertiliza a vida, com o apoio dos ventos fortes que cercam a

<sup>625</sup> FERNANDES, Miguel Rosado. Raízes do Nacionalismo Português... P. 307.

<sup>626</sup> FERNANDES, Miguel Rosado. Raízes do Nacionalismo Português... P. 306.

<sup>627</sup> GARCIA, João Carlos. *As descrições de Portugal no século XVI*. In: LEÃO, Duarte Nunes do. *Descrição do Reino de Portugal*. Lisboa: Centro de História, 2002.

<sup>628</sup> NASCIMENTO, Aires A. *Damião de Góis e o Elogio da cidade de Lisboa*: in: GÓIS, Damião de. *Elogio da cidade de Lisboa... maxime* P. 57-63.

<sup>629</sup> GÓIS, Damião de. *Elogio da cidade de Lisboa... P. 103.*

região. Além de soprarem as naus e caravelas rumo ao oriente, estes fecundam as águas<sup>630</sup>. Góis coloca o argumento precedente em disputa com a avaliação dos físicos, retomando a carga com o apoio do arcebispo de Toledo, na sua *História*, que admite o fato com grande respeito.

As éguas prenhes pelo vento corriam ao redor do monte Tagro. Localização antiga de Lisboa, no tempo de Góis era preenchida pelas paragens de Sintra e Colares. Abençoado pelo mundo clássico, o local ainda teria abrigado os ecos (ouvidos pelo choque das águas nas rochas) de um tritão, segundo o “povo julga”<sup>631</sup>. O redator parece confiante em sua demonstração de conhecimento, pois deixa claro que todos aqueles que o lêem são capazes de visitar a região e contemplar o espetáculo. Apenas insiste que, nos tempos de Tibério César, uma expedição teria dado conta empírica da existência do ser. O tritão, embora não se saiba muito bem se ainda deambula pelo local, é já histórico.

Por outro lado, “nos nossos dias, em muitos lugares próximos daquela praia, damos com um tipo de pessoas que os habitantes do local começaram a tratar pelo nome de homens marinhos” [*nomine Marini*]<sup>632</sup>. Aqueles homens teriam escamas “por quase todo o corpo”, que ostentavam sob signo da honra de outrora, originados como eram dos tritões. Tudo isso ocorrera porque alguns dos tritões vinham à praia, para comer e recrearem-se, tendo sido capturados por marinheiros habilidosos, e, finalmente, “amansados e habituados a um gênero de vida doméstico”<sup>633</sup>. Góis, para mais, menciona o vívido relato de um pescador contemporâneo seu, que disse ter visto um tritão – “barba desalinhada, cabelos compridos, peito escamoso” -, aparecer no mar. Ao ser avistado, fugiu, com medo. Preocupado em convencer os leitores, o redator não hesita: invoca os arquivos históricos do reino, “à frente dos quais me encontro”, dando conta de que o imposto da pesca de tritões e sereias teria de ser pago ao rei, não ao mestre da Ordem de São Tiago. “Daí deduz-se facilmente que, se foi constituída uma disposição legal sobre elas, as sereias teriam sido freqüentes em nossas águas”<sup>634</sup>. Memória,

<sup>630</sup> GÓIS, Damião de. *Elogio da cidade de Lisboa...* P. 105.

<sup>631</sup> GÓIS, Damião de. *Elogio da cidade de Lisboa...* P. 111.

<sup>632</sup> GÓIS, Damião de. *Elogio da cidade de Lisboa...* P. 113.

<sup>633</sup> GÓIS, Damião de. *Elogio da cidade de Lisboa...* P. 113.

<sup>634</sup> GÓIS, Damião de. *Elogio da cidade de Lisboa...* P. 119.

presente, história unidas para o elogio de Portugal, com fins “profundamente nacionais”, no dizer de Fernandes<sup>635</sup>.

Não tenciono confrontar os argumentos de Fernandes aqui. Mesmo que os aceitássemos plenamente, teríamos de fazer uma distinção. Se, de um lado, os opúsculos dos humanistas como Góis e Resende de fato atendiam à construção de uma fusão mitológica-histórica em defesa do povo português, ainda assim o panorama epistolar – fonte do individualismo humanista, como Mesnard insistia – mostra-nos algo diverso.

À defesa da terra natal não deve se somar um desejo secreto de imortalização. Ao invés disso, ocorre que a escrita em defesa da pátria é um mecanismo de imortalização que remete às prescrições antigas *independentemente* dos anseios ou vontades ou intenções primeiras do redator dessas histórias e cartas (aquelas que não podemos acessar por meio da documentação senão de modo inferencial), muito embora o desejo de imortalização estivesse amplamente presente nas leituras e escritos de Góis. Mais uma vez, insisto que essa relação se dava por meio de um sistema de analogias entre o humanista e sua terra natal e, ainda, entre o humanista e os *exempla* antigos.

É válido explicar melhor esse princípio. O princípio da analogia no Renascimento – que remonta à retórica de Cícero<sup>636</sup> - parte, de modo geral, de um princípio não apenas retórico-argumentativo, mas, também, inferencial, tornando-se um instrumento de medida das coisas do mundo. Instrumento que, a bem dizer, procura relações substanciais a comparar, e não apenas acidentais<sup>637</sup> - daí minha menção a analogias fortes carregar até mesmo certa redundância diante da aplicação renascentista do termo. A analogia procura concertar as mudanças nos tempos e nas pessoas, as naturais implicações da Fortuna, com a aparência de novidade que marca certa reincidência daquilo que já ocorreu. O homem prudente saberá discernir e perceber que eventos aparentemente desconexos apresentam vinculações profundas, não aparentes devido à influência da ordem lunar, dotada de certa regularidade, sobre a sublunar, mais propícia à variância. É possível que Góis estivesse a par dessas discussões, tanto por ter vivido na Itália de Maquiavel e Guicciardini, quanto por ter se dedicado com afinco à

---

<sup>635</sup> FERNANDES, Miguel Rosado. Raízes do Nacionalismo Português... P. 308.

<sup>636</sup> TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros*... P. 51.

<sup>637</sup> TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros*... P. 50-53.

tradução do *Eclesiastes*<sup>638</sup>, cuja nota mais célebre certamente é o *nihil sub sole nouuum* (I, 10), ou, na tradução goisiana, “Nenhua cousa he nova debaixo do sol, nem pôde ninguém dizer: Oulhai que isto he novo? Jaa foi nos tempos que foram ante nos”<sup>639</sup>.

Que tipo de analogias Góis terá estabelecido? Vejamos mais um exemplo da divulgação das obras do humanista. Escrevendo ao cardeal Bembo, Góis procurar reafirmar sua amizade diante de certa ausência epistolar, devida à escrita do opúsculo *Fides, religio moresque Aethiopum*. “[...] Encontrava-me eu então de parto e não parecia bem a vossos eloquentíssimos escritos responder senão dado à luz este que por companheiro queria associar à minha carta [...]”. Em primeiro lugar, notemos que Góis enfatiza a demora em escrever por não ter tempo de preparar uma epístola à altura das expectativas retóricas do amigo – o que prova que a suposta leveza com que por vezes descreveu suas correspondências representava de fato a leitura ou conhecimento das prescrições de Erasmo. Além disso, oferece o opúsculo como escudo para a carta, como justificativa para seu atraso. A partir daí, passa a considerar outros projetos.

Quanto a admonirdes-me a relatar os feitos dos nossos portugueses, não o fazeis embalde, pois desde há muito me anda isso no ânimo. Se Deus servido for nos conceder vida um pouco longa, tentaremos mostrar que as gestas dos nossos não são inferiores às façanhas dos gregos nem romanos, e que mais diferença existe entre os talentos dos seus redactores do que grandeza nos próprios factos sucedidos<sup>640</sup>.

A diferença entre o talento dos antigos e dos modernos pressupõe a tópica da *humilitas*, mas, indiretamente, também significa um convite à analogia. Góis deixa os louros da comparação ao seu povo, que teria agido com tanto valor que poderia se colocado ao lado dos greco-romanos – temos aqui evidência concreta da defesa da *translatio imperii* -, como que camuflando sua própria imagem por detrás. Ao leitor – e aos correspondentes epistolares – caberia substituir o uso da humildade do emissor pela exaltação laudatória do receptor. Basta lembrar aqui o depoimento de João Rodrigues de Sá de Meneses a Góis<sup>641</sup>. “Mas ora tu – a quem, por assim dizer, Deus isto outorgou –

---

<sup>638</sup> Onde se fala, inclusive, do acúmulo da prudência: “E dei meu coração a saber prudência, e doutrina, erros, e doudiçe: e conheçi *tambem* nisto aver trabalho, e affliçam do espiritu, porque na//muita sabedoria ha nojo, e fadigua, e quem acresçenta scientia acresçenta dor.” (*Eclesiastes*, I, 17, 18). *LIVRO DE ECLESIASTES*. Trad. Damião de Góis. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002 [1538]. P. 70.

<sup>639</sup> *LIVRO DE ECLESIASTES*... P. 70.

<sup>640</sup> CLG A XXVI, P. 108-109.

<sup>641</sup> Cf. P. 197 desta dissertação.

abalançaste-te a um serviço que te honra, quais as grandiosas empresas de teus compatriícios, vingadoras do espaço e do tempo, e esses altos feitos, inumados até hoje em ciméria obscuridade”<sup>642</sup>. A operação epistolográfica goisiana, assim, amparada pelo princípio analógico, pela reflexão dos autores antigos em sua diversidade (Góis ora retoma Cícero, ora figura como Lívio de seu tempo) - seguindo assim a postura erasmiana – dá ao leitor a nobreza de espírito dos justos e comedidos, a sinceridade em chave retórica, e esperava receber, com isso, a glória e honra legada aos escritores predestinados a perdurar. Góis estava, certamente, consciente do verdadeiro jogo a regular as práticas epistolares da República das Letras, e não hesitava em usar as armas de que dispunha para obter o que almejava. Pouco a pouco vemos emergir sua tentativa de entrada no cânone humanista, pouco a pouco vemo-lo construir uma memória de papel.

Todavia, há pesquisadores portugueses que pretendem ver em Góis um personagem apenas profundamente político e comprometido com os negócios do reino. O supracitado Miguel Rosado Fernandes pensa a questão assim:

Damião de Góis é uma personagem importante no meio desta grande revolução mundial que preparou a Idade Moderna e a nossa Idade Pós-Moderna, como para aí se diz. Nunca conheceremos verdadeiramente o que pensava: se pensava o que dizia ao serviço de Portugal, ou se dizia o que verdadeiramente não pensava para defender o prestígio e o poder de seu país. Tendo em linha de conta o seu pensamento altamente objectivo e pragmático e lembrando a queixa de que o “Rei não lhe dava orelhas”, inclinamo-nos mais para o seu papel de político que tem de esconder o que sente para levar a cabo o que interessa<sup>643</sup>.

Se temos de dar razão a algo no argumento de Fernandes, já o sabemos. Como argumentei, não há contradição entre defesa do reino e autorrepresentação. O que falta ao seu argumento, por outro lado, também está claro: ao lado do político a serviço do império, é indispensável considerar o persuasivo retórico a serviço de si mesmo.

---

<sup>642</sup> CLG B LXXX. P. 307.

<sup>643</sup> FERNANDES, Miguel Rosado. Um político a serviço do império. Damião de Góis. In: *Em busca das raízes do Ocidente...* P. 259-294.

### 3.2 Os usos da inimizade: Damião de Góis contra Paolo Giovio e Sebastian Münster

Nem sempre as armas da concórdia eram as únicas a utilizar na República das Letras. Tão válidas quanto elas, as lanças da discórdia e da polêmica com que se armavam os gladiadores literários<sup>644</sup> fundamentavam suas expectativas de convencer outros humanistas a comungar de suas causas. Entre tantos amigos epistolares, era por vezes imperativo colher alguns adversários. A inimizade, assim como a amizade, deve ser compreendida por meio da retórica. Não se trata, efetivamente, de buscar aqui puramente o conflito de sentimentos que poderia levar um autor a veicular ácidos comentários sobre outrem<sup>645</sup>. Mas, muito antes, de perceber que a polêmica detinha conteúdo fortemente persuasivo, podendo ser empregada como parte de uma estratégia de convencimento<sup>646</sup>. No capítulo 2, procurei tornar evidente como a ironia perfilada pela sagacidade de Erasmo foi pedra de toque do *Ciceronianus*, obrigado inúmeros intelectuais a intervir<sup>647</sup>. Também Góis envolveu-se em polêmicas, urdidas para a defesa de seu reino e – agora podemos afirmar – para ilustração de sua própria carreira. Vejamos como as críticas a Paolo Giovio e Sebastian Münster se deram.

\*\*\*

Finisterra do antigo continente e último entreposto diante de um mar infinito e assustador, o reino de Portugal nos últimos anos da vida de D. João I de Avis poderia parecer à primeira vista um recôndito espaço no mundo mediterrânico, local desprovido de interação com outros potentados e de onde não poderia deslançar qualquer movimento de vanguarda, ou onde tardaria a fazer-se presente qualquer inovação vinda doutras terras. Igualmente, poderia soar aos ouvidos de um estrangeiro como um reino carente da fé católica, povoado que seria por muçulmanos desgraçados e judeus corrompidos. Mesmo com os novos ventos da expansão marítima, com a ascensão do

---

<sup>644</sup> Cf. a nota 335 desta dissertação.

<sup>645</sup> Embora não devamos abandonar o alerta de Huizinga: não esquecer a paixão. Cf. a epígrafe desta dissertação.

<sup>646</sup> Minha inspiração aqui é o trabalho de Adriano Scatolin. SCATOLIN, Adriano. Estratégias polêmicas de persuasão nos scriptores artium no século I a.C. In: MARTINS, Paulo; CAIRUS, Henrique F; NETO, João Angelo de Oliva. Algumas visões da Antiguidade. Rio de Janeiro: FAPERJ/Sete Letras, 2011. P. 211-220.

<sup>647</sup> A importância do diálogo reside, acima de tudo, na dramatização que impele o leitor a intervir, algo que possivelmente não ocorreria com uma simples exposição de argumentos. No dizer de Alcir Pécora, reproduzido por Felipe Charbel, o diálogo encarrega o leitor a produzir um *ato de juízo*. TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros...* P. 152.



Venturoso d. Manuel e a solidificação da política de elogio ao com d. João III – falamos aqui da atuação de Resende, Góis e muitos outros -, não diluiu-se de todo a sensação de que Portugal estava longe do centro do mundo.

Erasmus, convidado por Cisneros para auxiliar nos trabalhos da Bíblia Poliglota de Alcalá, declinou educadamente; contudo, em confiança epistolar ao grande amigo Morus, admitiu suas desconfianças em relação à inóspita Ibéria<sup>648</sup>. O cosmógrafo Sebastien Münster, já bastante adentro no século XVI, ainda veiculava tais desconfianças, argumentando que os reinos da península, especialmente Portugal, estavam mergulhados nas trevas, conspurcados pela mancha imposta pela presença dos inimigos da *Respublica Christiana*, gentes incapazes de produzir grandes homens de gênio, sendo, para mais, desonestos, rudes, estultos, pobres, frugazes à mesa, gananciosos na aventura ultramarina, carentes, enfim, de uma alma profundamente cristã<sup>649</sup>.

Não somente de estrangeiros partiam as críticas do gênero. No fim de 1475, Juan de Salzburgo e Paulo de Constança buscavam a arte da *imprimissam* como saída para que o reino aragonês deixasse sua tosca compleição intelectual rumo à sabedoria mais elevada<sup>650</sup>. Humanistas como Juan de Maldonado consideravam que apenas fora da península, sobretudo na Itália, seria possível encontrar mestres sábios o bastante para introduzir o estudante à língua latina adequadamente. No opúsculo *Paraenesis* (1529), o professor de Burgos afirma de forma categórica que os humanistas hispânicos estavam em enorme desvantagem tanto em termos de eloquência quanto de conhecimento dos clássicos<sup>651</sup>. Juan de Valdés apostava no entendimento de que apenas os italianos eram capazes de dominar plenamente o latim<sup>652</sup>. Mesmo Nebrija, considerado por Maldonado como o principal responsável pelo definhamento dos estudos clássicos na península, sugeria

---

<sup>648</sup> FERNÁNDEZ, Luis Gil. Los Studia Humanitatis en España durante el reinado de los Reyes Católicos. *Península, Revista de Estudos Ibéricos*. Nº 2, 2005. P. 45-46.

<sup>649</sup> GÓIS, Damião de. *Descrição da Espanha*. In: CARVALHO, Dias de. *Opúsculos Históricas*. Porto: Civilização editora, 1945. [1542] P. 111-122.

<sup>650</sup> FERNÁNDEZ, Luis Gil. Los Studia Humanitatis en España durante el reinado de los Reyes Católicos... P. 49.

<sup>651</sup> ASENSIO, Eugenio. Ciceronianos contra Erasmistas en España. Dos momentos (1528-1560)... P. 292.

<sup>652</sup> CAMILLO, Ottavio di. Interpretations of Humanism in recent Spanish Renaissance studies. *Renaissance Quarterly*, vol. 50, nº 4 (Winter, 1997). P. 1198.

aos estudantes o modelo italiano no que se refere à pronúncia correta do latim<sup>653</sup> – todavia, ele declinou dessa proposta anos depois.

Assim, predominou no pensamento de diversos estudiosos europeus a noção de que os ibéricos em geral e os portugueses em particular se achavam à margem das pesquisas que deram origem aos movimentos humanistas e à marcha dita renascentista. Estariam, portanto, distantes das leituras dos antigos e do conhecimento de seu idioma, fermento indispensável para a criação de obras de qualidade. Ou, por outro lado, estaria conduzindo mal as campanhas em nome de Cristo no ultramar.

Dentre os críticos desse último tópico encontrava-se um polemista importante, cristão que abandonou a neutralidade desejada por Góis para assumir uma postura de ataque. Tratava-se de Paolo Giovio, conhecido erudito, bispo de Nocera. O bispo pregava que o comércio de especiarias tornara-se refém do monopólio português; insistia, outrossim, que os súditos de D. João III vendiam produtos deteriorados como se fossem novos, inflacionando injustamente os preços.

O bispo colocava suas críticas nestes termos:

Estava sobretudo furioso para além do que é normal com a desfaçatez dos Portugueses, que depois de terem subjugado grande parte da Índia pelas armas, bem como depois de ocupados todos os empórios comerciais, compraram a totalidade das especiarias e desviaram-nas para a Hispânia e habituaram-se a vendê-las a retalho a todos os povos da Europa a preços mais altos do que anteriormente e com exagerado lucro<sup>654</sup>.

Alguns dados interessantes podem ser ressaltados a partir da leitura desse texto de Giovio, o *Libellus de legatione Basili magni principis Moschouiae ad Clementem VII* (Roma, Francesco Minizio Calvo, 1525<sup>655</sup>). Paolo Giovio, valendo-se dos conhecimentos que adquirira em visita diplomática a Moscou, decidiu abrir discussão com os portugueses, dirigindo-se, para tanto, ao papa Clemente VII.

Amadeu Torres sustenta que tais acusações são oriundas da pouca atenção dada a Giovio quando encaminhou à corte portuguesa uma proposta de redigir trabalhos sobre as suas vitórias no além-mar. Ignorado por D. João III, retribuiu deixando de

---

<sup>653</sup> FERNÁNDEZ, Luis Gil. Los Studia Humanitatis en España durante el reinado de los Reyes Católicos... P. 52.

<sup>654</sup> FERNANDES, Miguel Rosado. Um político a serviço do império. Damião de Góis... P. 279.

<sup>655</sup> A citação anterior foi tirada por Fernandes precisamente dessa obra.

narrar diversos feitos dos navegadores lusos na Índia em seu *Historiarum sui temporis libri XLV*<sup>656</sup>.

Jean Aubin, por seu turno, segue a linha de que as páginas finais do opúsculo de Góis refletem os preceitos de “*défense et illustration du Portugal, sans doute. Mais aussi, tribut à l’esprit de coterie padouan: Giovio était une dès bêtes noires de Bonamico*”<sup>657</sup>. Mas relembra, em seguida, que Damião jamais deixou de lado os laços com sua terra natal, seja por meio de correspondência, seja por meio de dedicatórias aos amigos poderosos que acumulou – temos podido demonstrar isso ao longo da dissertação. Assim, a *Relação do cerco de Diu* escrita por Góis e publicada em 1539 impõe-se como a voz de Portugal no restante da Europa, em meio à guerra de informações, difamações e elogios vigente.

A despeito do que motivou as acusações de Giovio, temos de levar em conta o fato de que ele apresentou seu texto diretamente ao papa, seguramente em busca do respaldo de um dos homens mais poderosos da Respublica Christiana, mas, também, a despeito da ausência de uma resposta papal, buscava ilustrar seu texto, torná-lo mais forte ao fazer referência a alguém hierarquicamente superior.

Por outro lado, a resposta de Góis às críticas de Giovio nos deixa curiosos em razão de sua “demora”. Enquanto Giovio atacara Portugal em 1525, apenas quatorze anos depois Góis viria a recomendar as discussões. O mesmo ocorreu com o Ciceronianus de Erasmo, para o qual surgiram respostas um tanto tardias, veiculadas dez ou quinze anos depois da publicação. Esse detalhe me leva a sugerir que Góis talvez estivesse à caça de uma polêmica na qual pudesse intervir, de modo a fazer com que seu opúsculo sobre as vitórias em Diu ganhasse maior atenção.

O texto do humanista português inicia-se com o ataque à suposta fonte do bispo, “[...] um certo Paulo Centurião, genovês”, dizendo que “[...] não merece esse Paulo a honra de se dar crédito às suas palavras”<sup>658</sup>. Prossegue, assegurando seus leitores de que o genovês apenas falava por seus próprios interesses, “[...] porque as nações prezam as nossas viagens marítimas mais pelas suas vantagens materiais, que pela expansão da

---

<sup>656</sup> TORRES, Amadeu. Noese e crise na epistolografia latina goisiana... P. 320.

<sup>657</sup> AUBIN, Jean. Damião de Góis dans une Europe évangélique... P. 221.

<sup>658</sup> GÓIS, Damião de. Relação do cerco da nobilíssima cidade de Dio, em Carmânia ou Cambaia. In: CARVALHO, Dias de. *Opúsculos Históricas*. Porto: Civilização, 1945. [1539] P. 85.

nossa fé”<sup>659</sup>. Justifica a seguir a margem de lucro das atividades, sob a proposição de que eles se fazem necessários para suplantar as enormes despesas que se acumulavam no paço régio. Ademais, traça uma relação dos territórios para os quais a fé cristã tem sido levada pelos portugueses, sobretudo os postos africanos, como a Etiópia, Sofala, Guiné, Mombaça, entre vários outros.

Retoma, a seguir, as vitórias em Cambaia, onde o “Vice Rei D. Francisco de Almeida venceu uma grande armada do sultão de Babilônia...”<sup>660</sup> Às praças da Índia já sob comando português, adiciona que até mesmo nos confins da China não mais se ignora a lei de Cristo. Não é lícito acusar-nos de ganância, por fim considera, nem de injustiça, pois “[...] por decreto real, e aprazimento de todo o reino, estas [especiarias estragadas] são queimadas, como sempre vi fazer em Lisboa quando servia de moço de Câmara do prudentíssimo Rei D. Manuel”<sup>661</sup>. A menção ao decreto real vigente desde o reinado de D. Manuel I reforça sua postura de apoio ao reino. O opúsculo se encerra com uma evasiva, onde se lê que “acidentalmente acrescentei este comentário ao ‘Cercos de Dio’ ...”<sup>662</sup>. Evidentemente, nada há de acidental nessa inclusão.

À primeira vista, a colocação casual da resposta a Giovio poderá ter sido alvo de algum crédito. Mas, da quarta edição em diante (Louvain, dezembro de 1544), veio separada do restante do texto, nos moldes de uma carta-posfácio, intitulada *De rebus et Imperio lusitanorum ad Paulum Iouium Damiani a Goes disceptatiuncula*. Para mais, o texto foi reeditado em 1574, 1602, 1603, 1791, em latim – demonstrando o sucesso do tratado -; há uma versão para o italiano em 1539, outra para o alemão, raríssima hoje, de 1540. A versão em português só surgiu em 1945, a qual me serve para este texto<sup>663</sup>.

Miguel Rosado Fernandes enxerga nas ações de Góis caráter exclusivamente político, “[...] ainda que com laivos económicos à mistura”. Ainda que o caráter político esteja premeditado desde a primeira página do trabalho de Góis – a carta prefácio ao cardeal Bembo não apenas refere à amizade epistolar por eles construída, mas, ainda, ao fato de que Bembo era um grande personagem de Veneza, então detida em enfrentamentos com a Genova de Paulo Centurião, aquele responsável por haver

<sup>659</sup> GÓIS, Damião de. Relação do cerco da nobilíssima cidade de Dio, em Carmânia ou Cambaia... P. 86.

<sup>660</sup> GÓIS, Damião de. Relação do cerco da nobilíssima cidade de Dio, em Carmânia ou Cambaia... P. 87.

<sup>661</sup> GÓIS, Damião de. Relação do cerco da nobilíssima cidade de Dio, em Carmânia ou Cambaia... P. 89.

<sup>662</sup> GÓIS, Damião de. Relação do cerco da nobilíssima cidade de Dio, em Carmânia ou Cambaia... P. 89.

<sup>663</sup> FARIA, Francisco Leite de. *Estudos Bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua época...* P. 18.

instruído Giovio<sup>664</sup> - podemos perceber na atuação do humanista o uso da polêmica como instrumento de ganho de prestígio. Ora, sendo Giovio personagem respeitado na República das Letras<sup>665</sup>, vencer uma contenda contra ele auferiria recompensas não negligenciáveis a Góis, deixando-o, para mais, em posição confortável diante de seus compatriotas.

A busca de atenção à querela com Giovio pode ser captada no epistolário goisiano. Embora não tenhamos a correspondência ativa em questão, sabemos que Góis alertou ao menos Buonamico quanto ao caso. O italiano, apesar dos muitos elogios feitos ao texto do amigo português [“Pois a história é tal que, diligentemente composta como está, pode na sua leitura cativar a qualquer”], evitou, contudo, maiores comentários a Giovio. “A respeito de Giovio nada tenho a apresentar, uma vez que ainda não li os seus escritos”<sup>666</sup>. A cremos em Jean Aubin, a ausência de resposta de Buonamico pode ter se devido à vontade de preservar seu nome em relação o bispo de Nocera, já que eles seriam desafetos à altura da publicação do opúsculo de Góis. Evidentemente, há que alertar para os perigos de uma superinterpretação do caso, de modo que a ausência de comentário de Buonamico pode ter se dado por desconhecimento concreto do que dissera Giovio.

As rugas entre Giovio e os portugueses não terminaram com os relatos de 1525. Após a resposta de Góis, Giovio deixou os humanistas lusos de lado nos *Elogia doctorum uirorum* (Basileia, 1542 e 1545; Ferrara, 1546, entre outras edições que se seguiram). Dessa vez, coube a Diogo Pires (1517-1607) discutir com o italiano. Pires nasceu em Évora, e era de origem judaica; estudou em Lovaina e Paris, tendo sido poeta afamado e médico. Saiu de Portugal em 1535 e morreu na Iugoslávia, em Duvrovnik”, segundo Torres<sup>667</sup>. Manifestou seu descontentamento por Giovio em carta de 1547, quando Góis já havia regressado à terra natal.

O principal problema da obra de Giovio, para Pires, era não ter mencionado em sua obra os varões ilustres de Portugal, como se nesse reino não houvesse algum; “[...] e não faltam hoje varões dignos do maior louvor cuja memória a posteridade um dia

---

<sup>664</sup> Devo essa explicação a FERNANDES, Miguel Rosado. Um político a serviço do império. Damião de Góis... P. 281.

<sup>665</sup> Para uma breve biografia de Giovio, cf. NAUERT, Charles G. *Historical Dictionary of the Renaissance...* P. 170.

<sup>666</sup> CLG B LXVII, P. 274-275.

<sup>667</sup> TORRES, Amadeu. *Correspondência latina goisiana...* P. 443.

celebrará”. Além dos portugueses de outrora, Henrique [Caiado], [Luís] Teixeira e [Diogo] Pacheco, homens doutíssimos, há que mencionar Resende, Pinheiro, Coelho, Cardoso, António Luís, “[...] todos notáveis por obras literárias”. Mesmo Góis é citado: “Quanto a Damião de Góis, se bem que as musas não lhe desagradem, todavia se lho tivessem permitido os franceses violadores de alianças, antes devera ser colocado entre os mecenas da nossa época”<sup>668</sup>.

Curiosamente, Góis não fora colocado entre os grandes doutores, cabendo-lhe espaço entre os mecenas, não fosse a intervenção dos franceses em sua vida no cerco de Louvain – veremos a questão em pormenor nas próximas seções do trabalho. Não obstante, a natureza da polémica de Pires tem alvo certo. Se no compêndio dos homens ilustres não contassem os portugueses, sua imagem diante dos vindouros seria diminuída. Do modo análogo, podemos pensar que Góis, ao atuar firmemente em defesa de seu reino, protegia sua memória, pois seus destinos estariam atrelados. A polémica, portanto, além de estimular o o prestígio no presente, podia salvaguardá-lo no futuro. Enquanto as obras opusculares voltavam-se ao elogio do rei e seu povo, as cartas asseguravam reconhecimento ao trabalho do humanista.

Vejamos agora as altercações com Münster.

Em 1542, já vivendo em Louvain, Góis recorreu às impressoras de Rutgerus Réscius para dar luz ao opúsculo *Hispania*. Essa obra ganhou algumas reedições, em 1544, Louvain; 1574, ano da morte de Góis, em Colônia; 1602, novamente em Colônia; 1579 e 1603 em Frankfurt. A única edição latina editada em Portugal remonta a 1791, Coimbra<sup>669</sup>.

Além da carta-prefácio dedicada a Pedro Nânio (Nannick, no idioma original), professor na Universidade de Louvain, o opúsculo inclui a resposta deste a Góis, na qual se lê, no fim, “ao sapientíssimo cavaleiro Damião de Góis, ilustre pela erudição e nobres ações, Pedro Nânio saúda efusivamente”. Diz, ainda, sobre a obra, que “os dons dos antípodas – por dobrada razão pertença dos espanhóis<sup>670</sup> (sic) - já por haverem descoberto este mundo, já por serem eles quem os traz para os seus celeiros, também ali

<sup>668</sup> CLG B CI, P. 352-353.

<sup>669</sup> FARIA, Francisco Leite de. *Estudos Bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua época...* P. 28.

<sup>670</sup> O termo adotado na tradução de Dias de Carvalho é infeliz. Posto que estivesse Góis tratando dos ibéricos, de uma unidade, como já ressaltai, histórico-geográfica e não política, dever-se-ia ter utilizado o termo hispanos, ou mesmo ibéricos.

são divulgados...”. Suas últimas palavras são algo reveladoras: “O que outrora eu lia destes reinos suscitava mais a minha admiração que meu crédito; tu, porém, tornas-me crédulo também e não já mero admirador”<sup>671</sup>.

Fiel servo da verdade das terras mais conhecidas por lendas e mitos nada comprovados. É desse modo que se apresenta o humanista, pronto a debater o passado da península de modo a clarificar todos os aspectos obnubilados pelo manto do fantástico e do inverossímil, características que, noutros momentos (lembramos da *Vrbis*) viriam a ser levantadas com o mesmo propósito da busca da verdade.

A defesa dos interesses “hispanicos” não corresponde à desqualificação do argumento de que Damião de Góis escrevia pensando no bem maior dos seus compatriotas. Neste caso, porém, precisa, por razões históricas, situar um conjunto que passou por experiências análogas no passado. Além disso, as críticas que motivaram esta redação, como veremos, visaram aos viventes da península Ibérica no seu aspecto mais geral. Cumpre lembrar, para mais, que Góis, diplomaticamente, aproveitou-se para estreitar laços com o império de Carlos V, detentor, é fato notório, de territórios nos Países-Baixos, região de extrema importância para o humanista.

O opúsculo consiste basicamente de levantamentos quantitativos e enumerações das “coisas da Hispânia”; elementos que comprovassem o valor de seu passado e a proeminência de seu presente.

Ao descrever as igrejas e os diversos montantes que elas eram capazes de arrecadar – e é oportuno destacar que suas listas separam a situação de Portugal daquela de Espanha - , por exemplo, Góis afirma, procurando reforçar a tradição cristã na região, e em clara oposição ao período muçulmano: “de tudo isto resulta claramente que os povos hispanos sempre foram crentes e devotados ao culto divino, pois tão liberalmente contribuem com as suas esmolas para as igrejas de Cristo”<sup>672</sup>.

Tais informações, contudo, não foram levantadas por Góis. Ele confessa tê-las retirado da obra de Lúcio Marineu Sículo, *Opus de rebus hispaniae memorabilius*, de 1533. Ocorre ser um texto que, como o goisiano, assenta-se “numa tarefa que os monarcas de ambos os lados da fronteira procuraram incrementar: a elaboração de

<sup>671</sup> GÓIS, Damião de. Descrição da Espanha. In: CARVALHO, Dias de. *Opúsculos Históricos*. Porto: Civilização-editora, 1945. [1542] P. 93-94.

<sup>672</sup> GÓIS, Damião de. Descrição da Espanha... P. 99.

textos que apoiassem a difusão internacional, isto é europeia, de uma literatura de propaganda em latim...”<sup>673</sup>.

Mais uma vez, encontramos um documento que permite questionar se Góis não teria sido exclusivamente um ativista da política de d. João III, para além do reconhecido desejo de saber, sobretudo histórico. Como vimos, tratar-se-ia de uma espécie de continuidade de sua vida diplomática, como articulador de um discurso laudatório para o reino de Portugal. É plausível, ainda, que assim tenha agido no intuito de facilitar um eventual retorno ao reino, com a franca possibilidade de obtenção de algum cargo de alto valor.

A hipótese não é nova. Havia sido aventada, em suas linhas mais gerais, por Antônio José Saraiva, para quem Góis era efetivamente um porta-voz dos propósitos de D. João III na Europa. Joaquim Veríssimo Serrão, por sua vez, rebate a ponderação de Saraiva. Vejamos como.

A negativa de Serrão firma-se sob três aspectos principais, a saber.

O primeiro deles depreende-se da ausência de aporte documental que comprove a relação entre Góis e D. João III. Quanto a esse ponto, nada se pode dizer em contrário, a não ser que Góis poderia agir, como procurei afirmar, na linha dos interesses chancelares no intuito de se posicionar melhor no jogo de posições inerente ao reino e a seu próprio prestígio. Mesmo que não desejasse retornar a Lisboa, investiria em panegíricos e estudos elogiosos sobre Portugal como uma oportunidade de expandir seu nome ao lado dos feitos lusos que tanto defendia, o que implica que a comprovação de um contato ou ordem de D. João III era desnecessária.

Em segundo lugar, Serrão põe em causa a questão do valor de oficialidade das ações de Góis.

Não há dúvida de que o comércio das especiarias com a Europa era uma das fontes do erário de D. João III; também não se põe em causa a depressão verificada nesse comércio pelos anos de 1531 a 1535 e que se fez sentir na economia portuguesa; e não se discute que houvesse satisfação da Coroa joanina perante o trabalho escrito de Góis em louvor da expansão ultramarina. Mais difícil, porém, se torna admitir que o nosso humanista continuasse a ser,

---

<sup>673</sup> OSÓRIO, Jorge A. Reflexos de Tordesilhas numa nota antiportuguesa de Pedro Mártir de Anghiera. *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*. Porto: v. IX, 1994. P. 192.



depois de abandonar a feitoria da Flandres, um representante oficial da política de D. João III<sup>674</sup>.

Sobre tal ponto, pode-se dizer o mesmo que acima expus. Ter a anuência oficial ou agir sem ela não muda a constatação de que Góis usou sua experiência diplomática para assistir seus propósitos humanistas.

Por último, mesmo admitindo que Flandres e Itália fossem dois centros vitais para a economia da corte, Serrão pretende que Góis não era o mais capaz dos súditos de D. João III à época para difundir a propaganda adequada. A razão seria sua pouca prática com o latim, que só teria começado a aprender aos vinte e nove anos. Esta tese foi completamente derrubada por Amadeu Torres em 1982, que demonstrou remontar o aprendizado de Góis aos seus tempos como pajem de D. Manuel. Ademais, seu envolvimento com a querela ciceroniana permite-nos concluir que a questão da qualidade da expressão em prosa não era negligenciada por ele.

A rivalidade com a França, a cada instante acentuada por Góis no *Hispania* – e temos de aqui vislumbrar a disputa que envolvia Francisco I e Carlos V, de quem Góis queria se aproximar -, terra que dependeria da Ibéria no que tange ao abastecimento de grãos, e que lhe seria secundária no esforço de expansão, reforça a tese da orientação política daquilo que escreveu.

O mesmo se diga para as páginas finais do texto, onde se encontra a resposta a Sebastian Münster. Em sua *Geographia uniuersalis uetus et noua complectens Claudii Ptolomaei Alexandrini Enarrationis libros VIII*, de 1540, apontou a “infecundidade do solo e das mentes, a verbosidade sofística a esconder a ignorância, a ostentação externa em contraste com a frugalidade familiar logo mudada em avidez e gula nos banquetes de convite, [...] a subalternização comercial em relação à França.<sup>675</sup>”

Mais uma vez, o embate se dá pelo expediente da comprovação de que as fontes usadas pelo interlocutor estavam enganadas. Münster teria tão-somente imitado seu predecessor, Miguel Villanovano [Miguel Servet], pobre relator das coisas da França. Desse modo, Góis evita o ataque direto a outra grande personalidade de seu tempo. Para mais, demonstra que os autores selecionados para o *Hispania* são mais válidos que os levantados por Münster. Também sustenta que sua experiência pessoal, por um lado

<sup>674</sup> SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *A Historiografia portuguesa: doutrina e crítica...* P. 58-59

<sup>675</sup> TORRES, Amadeu. *Noese e crise na epistolografia latina goisiana...* P. 347.

importante pelas informações diplomáticas e comerciais de que dispôs por muito tempo, por outro não tão válida, já que morava fora de seu reino há mais de uma década, tendo lá ido apenas uma ou duas vezes até 1545, era capaz de suplantar as lacunas subsistentes. Münster, por outro lado, jamais teria pisado na Hispânia, de modo que qualquer argumento que utilizasse partiria de fontes de segunda mão, sujeitas, pensava Góis, a distorcer as notícias.

Miguel Rosado Fernandes insiste que Góis atuou por patriotismo, “[...] mas também por motivos políticos com a finalidade de afirmar o bom nome de Portugal e da sua coroa”. A seguir, o professor esgrima outro argumento para a intervenção, argumento fundamental. Ouçamo-lo: “como havia Góis de ficar indiferente, embora tivesse de envergar a nacionalidade hispana e não a portuguesa, numa época em que Resende e tantos outros protestavam contra o *Todos somos hispanos* [...]?”<sup>676</sup>. A ideia de “*todos somos hispanos*” fora de fato muito rejeitada por Resende nas *Antiguidades da Lusitânia*<sup>677</sup>, uma vez que era de seu desejo provar as especificidades do povo português. Por que Góis, então, valeu-se dessa definição? Penso que, dada a situação periférica de Portugal, era a única forma de fazer opúsculo ganhar dimensões mais alargadas. Ao envolver a Espanha em sua defesa contra a Gália (saudada por Münster), Góis procurava trazer um aliado poderoso à querela. Por outro lado, Fernandes colocou apropriadamente que Góis não poderia ter deixado de lado os debates. Numa época em que *tantos outros* digladiavam-se na defesa de Portugal – e, por conseguinte, na busca por ilustração dos próprios nomes – como um personagem outrora ligado aos círculos diplomáticos poderia esquivar-se? Junto da necessidade de defender a terra natal encontrava-se, pois, a oportunidade de autorrepresentação.

Precisamente como no caso de Giovio, Góis colocou-se contra um reputado humanista. A trajetória epistolar do português mostra-nos que eles se cruzaram algumas vezes, indiretamente, antes e depois das críticas veiculadas no *Hispania*. Perscrutar esses encontros pode ajudar a clarificar alguns pontos.

---

<sup>676</sup> FERNANDES, Miguel Rosado. Um político a serviço do império. Damião de Góis... P. 287.

<sup>677</sup> FERNANDES, Miguel Rosado. Introdução. In: RESENDE, André de. *As Antiguidades da Lusitânia*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2009. P. 1-38

Ainda que tenha se encontrado com Münster em Basileia por volta de 1532<sup>678</sup>, mesma época em que mantinha contato com Bonifacius Amerbach nos círculos eruditos do Colégio Trilíngue, a primeira referência ao cosmógrafo no epistolário goisiano ocorreu em 1536. Na ocasião, Góis solicitava a Erasmo cópia de uma mapa da Suíça que havia visto em sua casa<sup>679</sup>. O mapa em questão veio a ser publicado por Münster pouco tempo depois<sup>680</sup>, e é bastante possível que Góis o tenha adquirido. Desse modo, podemos assumir que, por volta de 1538, Góis já conhecia o humanista germânico.

Em 1542, ano de publicação do *Hispania*, Góis discute as opiniões de Münster com Johan Fugger<sup>681</sup>. Ao amigo, membro da prestigiada família Fugger de Augsburg<sup>682</sup>, Góis procura se explicar – a carta parece de fato uma intervenção de Fugger no sentido de questionar os porquês do embate com um conterrâneo seu, Münster. “Quanto a dizeres que me atirei pouco amigavelmente contra Münster, em todo o caso o homem meu conhecido, instituo-te juiz nesta questão”<sup>683</sup>. Contudo, diante das críticas de Münster, Góis qualifica sua reação de natural. Afinal, assim como era papel de Münster prestigiar os germânicos com seus textos, também a Góis competiria louvar os seus. Apesar de se equiparar ao cosmógrafo no que pertine às tarefas que lhes cabiam, Góis frisa que seus argumentos partiam de ponto completamente diverso. Em vez de criticar todo um povo, seus comentários aos gálicos e germânicos voltar-se-iam a indivíduos em particular.

Pelo contrário, ao defender os nossos que é que eu fiz ou cometi? Em boa verdade aos alemães e franceses não os agravo a todos em geral, conforme ele aos hispanos, mas tão-só a alguns; e, dessas nações, unicamente contra os servos e parasitas apresentei, como que *gracejando*, a minha *humilde* defesa<sup>684</sup>. [grifos meus]

<sup>678</sup> TORRES, Amadeu. *Correspondência latina goisiana...* P. 383-384. No depoimento aos inquisidores, Góis ponderou que o encontro com Münster dera-se de forma casual na porta de uma livraria. Na altura, ele sequer teria sabido que tratava-se do célebre cosmógrafo. A afirmação pode ocultar o fato de que Münster aproximara-se dos círculos protestantes, assim como Simão Grineu, outra personagem com quem Góis manteve contato naquela região. RÊGO, Raul. *O processo de Damião de Goes na Inquisição...* P. 72.

<sup>679</sup> CLG A XIII, P. 66-67.

<sup>680</sup> “Segundo Hartmann, trata-se da carta geográfica traçada por Gilg Tschudi von Glaurus (1505-1572), aluno de Glareano em 1516-17 em Basileia, historiador, cartógrafo e antiquário, publicada em 1538 por Sebastião Münster”. TORRES, Amadeu. *Correspondência latina goisiana...* P. 397.

<sup>681</sup> Carta enviada de Louvain em 11-IV-1542. CLG A XXIX, P. 112-115.

<sup>682</sup> “João Diogo Fugger (1516-1575), filho de Raimundo Fugger e trineto de João Fugger, o continuador desta família de ricos mercadores alemães de Augsburg [...]” Mantiveram profundas relações com o reino português desde 1503-1504, quando fecharam contrato para comerciar diretamente com a Índia com seus navios. TORRES, Amadeu. *Correspondência latina goisiana...* P. 349.

<sup>683</sup> CLG A XXIX, P. 112-113.

<sup>684</sup> CLG A XXIX, P. 112-113.

Ao gracejar contra alguns compatriotas de Münster e Fugger, Góis pensava apenas fazer valer seu direito à humilde defesa. Não nos custa sugerir que, aqui, estamos contemplando aquele Damião de Góis que se lembrava de Erasmo, cujos gracejos humildes do *Ciceronianus* surtiram efeitos tão poderosos.

Logo adiante, todavia, Góis demonstra que não perdeu de vista as convenções retóricas da amizade, mesmo nos momentos de enfrentamento. “Ao próprio Münster o proclamo uma pessoa de bem, com a advertência apenas de que para o futuro escreva mais cautelosamente e não mande aos prelos senão o que conhecer averiguado”<sup>685</sup>. Pouco depois, como que liberado pela menção às qualidades de espírito de Münster, Góis volta a atacá-lo diante de Frugger. As mentiras de Münster, que estariam presentes em outros livros – inclusive em textos que discutiam a vida germânica –, não seriam salutares, diz Góis, nem às conversas entre homens doutos nem tampouco à dignidade cristã.

Tendo estabelecido seu caso, Góis aproveita-se para elogiar a Germânia – certamente levava em conta que manter alguns amigos na região era imprescindível –, expondo a Frugger que o ataque emendado a Münster no *Hispania* poderia ter sido ainda pior, e que só não o foi porque prezava o povo e o território germânicos, “[...] que sempre venerei qual a uma divindade e onde conto amigos preclaros cuja estima só quero santissimamente inviolada, como outrossim conservada perpetuamente”<sup>686</sup>. Góis bem o sabia, conservar a amizade epistolar em diversos centros de cultura humanística era essencial se quisesse cobrir-se de prestígio, honra e sobrevivência no cânone.

A resposta de Fugger a Góis - remetida em 8-V-1542<sup>687</sup> - prova que a estratégia do português foi efetiva. Fugger afirmou ter considerado justificada a atitude de Góis diante das palavras de Münster. Na verdade, não sabia que ele havia falado de maneira tão indigna de terras que desconhecia, “[...] de maneira que, aclarado assim o caso, não só te desculpo, senão também o odeio abertamente pelo seu insigne destempero [...]”<sup>688</sup>.

Essa correspondência indica que os insultos de Góis dirigidos a Münster em sua réplica devia ser controlados mediante a atividade epistolar. Dever-se-ia, suponho,

---

<sup>685</sup> CLG A XXIX, P. 112-113.

<sup>686</sup> CLG A XXIX, P. 114-115.

<sup>687</sup> CLG B XCI, P. 330-333.

<sup>688</sup> CLG B XCI, P. 330-331.

atingir certo equilíbrio entre a força da crítica nos opúsculos destinados ao elogio e defesa do reino e o intercâmbio epistolar com humanistas que tivessem relação com o agredido.

Em epístola ao germânico Beato Renano<sup>689</sup>, Góis novamente procura se explicar valendo-se da tópica da brincadeira. “[...] ousarei remeter-vos a Hispania, que há pouco publiquei por brincadeira. Quando a lerdes, não fiquéis a pensar que guardo ressentimentos contra a Alemanha”. Sigamos mais alguns passos do texto:

É esta uma terra que sempre exaltei com os maiores elogios, na qual conto grande número de amigos selectos a quem, como a uma divindade, venero e respeito, e cuja amizade com toda a pureza e constância desejo e quero ininterruptamente manter. Eu não ataco a Alemanha, como vereis, mas apenas tagarelo e brinco divertidamente a propósito dos parasitas e criados dela e da França. E fi-lo não porque alguma vez pretenda repreender os defeitos de ambas, mas para obviar ao juízo erróneo de Münster sobre as coisas da Hispânia e admoestar o homem, aliás meu conhecido e amigo, a fim de que futuro divulgue suas obras com mais cautela<sup>690</sup>.

Diversos pontos merecem destaque. Em primeiro lugar, a atenção aos amigos germânicos, cultivados epistolarmente e em viagens há tempos, preciosos aliados na comunidade literária e não só – com Fugger, por exemplo, Góis pode ter selado acordos importantes para o reino de Portugal. Sem atacar as terras germânicas, o que poderia ter causado reações em cadeia, Góis insiste que apenas “tagarelou” e “brincou” para educar Münster, também ele, amigo seu. O jogo desenvolvido por Góis, nas sombras do *Ciceronianus* de Erasmo, presta-se a manter todas as amizades em chave retórica, inclusive a de Münster, defendendo o rei e ilustrando a si mesmo com isso. Adular o seu adversário era parte da *performance adequada* (ou, poderíamos dizer, *decorosa*) do humanista que agisse dignamente diante de um igual. Terá Münster tributado a Góis semelhantes procedimentos?

Oito anos após a publicação de *Hispania*, Münster lembrou Góis nas cartas-prefácio e posfácio de sua *Cosmographia Vniuersalis Libri VI*, dedicada, curiosa e estrategicamente, a Carlos V. Góis figura como personagem principal do prefácio, o que sinaliza sua relevância e reputação na República das Letras. Leiamos a carta.

---

<sup>689</sup> CLG A XXX, P. 114-117.

<sup>690</sup> CLG A XXX, P. 116-117.

Münster começa desculpando-se pelo atraso da obra, argumentando que as dificuldades aumentam muito quando se trata de falar de personagens ainda vivos. “É que se alguma glória se atribui, torna-se como adulação; se algo se condena, como má vontade”. Diz não ligar para as críticas de Damião (interessa notar que ele não usa o sobrenome do português na carta ao imperador, pressupondo portanto que Góis era conhecido o suficiente para ser chamado de Damião<sup>691</sup>), sobretudo aquelas que dizem estar Münster errado em descrever terras remotíssimas sem nelas ter estado Para ele:

Publique Münster quando se lança a escrever os costumes dos povos, apenas aquilo que tenha visto de que de possua notória certeza. Mudam-se todos os dias as cidades, as fortalezas, os hábitos e modos de vida dos homens; e a própria Alemanha e França já não são aquelas que César descreveu nem tão bárbaras<sup>692</sup>.

Ao rebater as críticas de Góis, Münster aduz informação notória, qual seja, a de que o português o havia criticado por ignorar a mudança das condições dos tempos. Mais uma vez, percebemos ecos do *Ciceronianus* – e não só, já que a ideia de adaptação estava disseminada – nos procedimentos do humanista português. Mas, prossigamos com as palavras de Münster:

Damião julga que ignora isso quem, mesmo muito antes de ter lido a sua admoção, algo deu já à estampa acerca dos costumes de velhas e recentes nações depois de muitos outros escritores. Quanto mais correctamente Damião procederia se, posta de lado a contestação, antes ajudasse o nosso empreendimento e fornecesse dados [...] sobre as gestas orientais.

Não é possível uma só pessoa percorrer e observar todas as regiões do mundo, nem a idade humana se estende, como antigamente, por um milhar de anos [...]. Servem-nos de auxílio os velhos monumentos abandonados e bem assim os contributos daqueles que na nossa época chegaram a diversas paragens e aprenderam por experiência quanto a mim e a inúmeros outros não sucedeu presenciar.

Nós também acreditamos em Damião quanto ao que escreveu sobre os costumes dos etíopes que sob o Preste João vivem, mas a cuja região ele nunca foi nem alguma vez irá. Plínio, Estrabão, Ptolomeu, Diodoro Sículo, Quinto Cúrcio, Eneias Sívio, João Boemo, etc., escreveram sobre muita coisa que não viram mas receberam de varões fidedignos<sup>693</sup>.

Diante da mudança dos tempos, Münster retoma o igualmente justo argumento do valor da autoridade dos antigos. “Assim eu registro muitos elementos não vistos, no

---

<sup>691</sup> Considerando-se ser esta uma carta tornada pública, parece-me um fato digno de nota.

<sup>692</sup> CLG B CII, P. 354-355.

<sup>693</sup> CLG B CII, P. 354-355.

entanto referindo as experiências alheias [...]”<sup>694</sup>. Não obstante serem extremamente relevantes, as experiências alheias representadas pelos antigos contrapunham-se em depoimentos contraditórios, tornando difícil a atividade de seleção e entendimento do escritor de histórias.

Münster demonstrou habilidade<sup>695</sup> em sua digressão contra as críticas de Góis. Em primeiro lugar, apontou as próprias obras do amigo como prova de que estar presente e ter efetivamente visto os lugares de que se fala não é absolutamente indispensável. Se assim não fosse, os escritos de Góis sobre Diu, por exemplo, seriam dignos de suspeita. Por outro, cercou de elogios aos autores antigos, tornando qualquer contra-ataque difícil, já que agredir a força de autoridade de um Plínio ou um Solino indiscriminadamente forçaria Góis a abandonar algo de sua *humilitas*. Por fim, endereçou seu texto ao homem mais poderoso da Hispânia, Carlos V, protetor que Góis não poderia desacreditar sem pesados custos.

O aspecto da presença nos locais de estudo foi reforçado na carta-posfácio do texto, endereçada “ao leitor” [ad lectorem].

Descrevemos-te até aqui, amigo leitor, os povos e nações do orbe inteiro, os seus estudos, seitas, costumes, comportamentos, leis, religiões, ritos, reinos, principados, mercadorias, antiguidades, terras, regiões, novas, animais, montes, rios, mares, lagos, lugar e outras matérias deste género [...]”<sup>696</sup>.

Apesar de admitir que muitas matérias foram tratadas parcamente por falta de material de leitura, sente-se satisfeito com o resultado, apesar da cláusula:

“[...] de Damião [...]” segundo a qual “[...] nem isso devia ser publicado, apesar de dentro do possível registrado por ilustrados varões, excepto se eu houvesse visitado tais províncias e terras”. Como Góis fizera uma descrição dos costumes etíopes, divulgada pelo mundo a partir dos depoimentos que ouviu na corte lusa, “[...] permita a mim também, com Estrabão, Pompónio, Plínio, Cúrcio, Justino, etc., e na companhia de muitos escritores mais recentes, relatar o que não vi mas tirei desses varões dignos de crédito”<sup>697</sup>.

---

<sup>694</sup> CLG B CII, P. 354-357.

<sup>695</sup> É o que também pensa FERNANDES, Miguel Rosado. Um político a serviço do império... P. 292.

<sup>696</sup> CLG B CIII, P. 356-357.

<sup>697</sup> CLG B CIII, P. 356-357.

Ora, apesar de tudo, Münster não deixou de considerar o valor de Góis. Anos antes, em sua primeira resposta às críticas de Góis, chegou a admitir o valor de *Hispania*. A menção ocorreu em 1545, no momento de reedição de seu Ptolomeu. Damião de Góis, “um hispano”, o teria “obrigado a anotar” os pontos incorretos de seu argumento<sup>698</sup>. A resposta posterior, de 1550, ganha então cores diferentes, já que o distanciamento temporal indica que as críticas de Góis continuaram a ser discutidas nos círculos eruditos pelos quais se movia Münster. Mesmo tendo admitido as correções em 1545, ele viu-se impelido a responder à altura, também criticando o português. Retomar a polêmica foi a única forma que encontrou de restaurar seu prestígio e o equilíbrio das relações. A ver por outro ângulo, o *mea culpa* de Münster em 1545 correspondente à ação prudente e discreta esperada de um homem de letras. Reagir furiosamente em quaisquer instâncias produziria, provavelmente, efeitos perversos à sua imagem.

Quanto à Góis, em sua tentativa de conciliar ilustração pessoal e defesa apaixonada do reino e do povo hispano, talvez procurasse fundir a glória do letrado e glória do homem de ação, uma vez que esta, em geral, era considerada superior àquela<sup>699</sup>. “Há, nesse sentido, uma associação entre ambição pela busca das honras civis e o reconhecimento público do bom serviço à pátria”, como pensa Charbel. “Não existe glória sem reconhecimento público”, ele prossegue, “[...] e este parece voltar-se com mais força e louvor àqueles empenhados na condução dos assuntos de Estado ou de religião”. O esforço de Góis poderia ser lido, portanto, não apenas como o digno exercício do ócio, mas a tentativa de se manter próximo da glória mesmo depois de ter abandonado seu cargo no reino. Apenas os dois esforços somados poderiam alçá-lo ao reconhecimento cânico que almejava.

---

<sup>698</sup> FERNANDES, Miguel Rosado. Um político a serviço do império... P. 292.

<sup>699</sup> TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros*... P. 154.



### 3.3 Os usos da posteridade: Damião de Góis, Bonifacius Amerbach e o espólio de Erasmo

Quando a sombra da morte de Erasmo se avizinhava – era ele mesmo quem antevia tais presságios perante Góis<sup>700</sup> - não poucos projetaram vislumbrar, dentre as nuvens sombrias que a carregavam, esperanças e oportunidades de a partir dela estabelecer memória. Góis, com efeito, esteve entre eles. Consciente da firme amizade epistolar e pessoal estabelecida com o príncipe da República das Letras, não tardou a externar sua vontade de ligar-se ao antigo mestre por meio de amarras permanentes. Em carta que respondia a última mensagem de Erasmo, Góis o confessou abertamente: “E a tal modo me sinto preso de afeição por vós, que almejo em tudo a vossa memória permaneça íntegra e imaculada”<sup>701</sup>.

As razões, Góis as expõe com clareza, descortinando num diálogo privado a natural busca pela glória por meio da vida e obra de Erasmo:

Com efeito, como ninguém há descobioso da glória, ardo outrossim no anseio incrível de enarrar a vossa vida, o que possível me não é executar senão mediante o auxílio de algum varão douto, e até doutíssimo, por isso que exará-la quero num estilo tal que não só a vida mesma deva ser no futuro recomendada, mas de igual jeito o próprio fio e urdidura do discurso, coisa esta que calculo não vos ser desonrosa, na verdade. A enucleação de tal currículo afixá-la-ei no princípio dos vossos escritos.

A proposta de Góis é evidente. Buscaria a sua própria autorrepresentação a partir da construção biográfica da vida de Erasmo, a que se seguiria a impressão de suas obras completas, que levariam – terá pensado o humanista – o nome de Góis consigo pelos séculos dos séculos. A imortalidade das letras, afinal, dava segundo a aproximação do centro do cânone, de modo que a associação a Erasmo era absolutamente fundamental. O ponto de vista retórico corrobora esses usos da amizade. Cícero prescrevia que um dos maiores impactos da boa amizade era justamente permitir que amigos se vissem como “imagens de si mesmos”, de sorte que a morte de um é acompanhada pelo louvor dos demais:

---

<sup>700</sup> Conforme atestamos ao ler a última carta enviada ao português por ele. “Passa já de um mês que me encontro invariavelmente de cama, numa tortura incrível, de facto intolerável, e sem esperança de enxergar restabelecimento desta saúde, devido ao rude inverno que faz. Não tenho horror à morte, antes até a desejo, se essa é a vontade do senhor”. CLG B XLVI, P. 230-231

<sup>701</sup> CLG A XIII, P. 64-65.

Mas tirando-se tantos e tão grandes proveitos da amizade, o maior de todos é o que faz conceber belas esperanças, *para tudo que possa sobrevir*, e não deixa que desfaleçam ou se acovardem os ânimos. Porque o verdadeiro amigo vê o outro como a uma imagem de si mesmo. E assim, se fazem presentes ou ausentes, fartos ou necessitados, poderosos ou fracos, e o que é mais difícil de crer, vivos ou mortos. Tal é a honra, o desejo, a memória que sempre os acompanha dos seus amigos. Deste modo, a morte de uns parece ditosa e a vida dos outros digna de louvor<sup>702</sup>. [grifos meus]

Góis mostrou-se preparado para a tarefa, pois, pragmaticamente, admitiu que a linguagem apropriada para tal escrito não estava ao seu alcance<sup>703</sup> – terá imaginado um belo epitáfio em latim ciceroniano para Erasmo? Podemos apenas especular, mas, para concretizar seus objetivos, é lícito afirmar que Góis ainda solicitou ao amigo um catálogo de tudo o que escrevera, instrumento que facilitaria a publicação das obras completas após sua morte:

Por isso, já bastas vezes tenho matutado comigo mesmo e ainda dia a dia cismo em, se Deus me facultar vida bastante, imprimir, *depois de vosso passamento* e a expensas minhas, todas as vossas obras conjuntamente, - objectivo para cuja mais feliz assecução creio que muito vos interessava, caso esse incómodo aceitar quisésseis, arranjarde-me um catálogo ordenado dos vossos livros, tanto profanos como religiosos; além que, se alguns tendes que desejais suprimir ou editar em separado, poderíeis também significar-mo<sup>704</sup>. [grifos meus]

Góis tinha plena consciência de que o espólio intelectual de Erasmo seria disputado com outros humanistas – afinal, muitos eram os amigos dele, e muitas mais deviam ser as cartas de solicitação nesse sentido. Daí pedir, “[...] em último lugar, [...] que ninguém disto se aperceba, porque, se o negócio chegar a seu termo, não quero que a natureza do nosso propósito tenha sido revelada a pessoa alguma”<sup>705</sup>.

As palavras e preocupações de Góis foram algo proféticas. De fato, Erasmo veio a falecer pouco tempo depois – Góis chegou a escrever-lhe após sua morte (ocorrida

---

<sup>702</sup> *De Amicitia*, 7.

<sup>703</sup> Aqui, Góis terá em mente a importância, de matriz tuliana, da união dos grandes feitos ao talento do orador na *ars dicendi*. A utilidade pública dos escritos estava, afinal, atrelada ao apuro textual, elemento de base do ensinamento virtuoso. Cf. TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros*.. P. 166.

<sup>704</sup> CLG A XIII, P. 64-65.

<sup>705</sup> CLG A XIII, P. 66-67.

entre 11 e 12 de julho de 1536<sup>706</sup> -, pois não havia recebido as notícias em Pádua – e o catálogo que tanto pretendia utilizar para organizar a edição das obras completas parara nas mãos de Bonifacius Amerbach, seu executor testamentário e herdeiro universal, que o publicou em 1537 sob o título *Catalogi Duo Operum Des. Erasmi Roterodami ab ipso conscripti et digesti: cum praefatione D. Bonifacii Amerbachii*<sup>707</sup>. Para entendermos mais essa tentativa goisiana de construir seu prestígio na República das Letras e de enredar sua memória em papéis alheios, proponho uma análise do epistolário Góis-Amerbach, dimensionando a extensão de sua amizade e as condicionantes que os levaram a romper relações posteriormente. Antes disso, contudo, vejamos a última carta de Góis a Erasmo, uma vez que ela contém detalhes relevantes à análise sugerida aqui.

Góis diz a Erasmo que, havendo percorrido as “restantes cidades” das Germânia, decidira visitar Nuremberg “[...] antes de seguir para a vossa casa, no intuito de, concertado o negócio que aí me levava, estar de regresso directo a Itália [...]”<sup>708</sup>. Estava, aparentemente, pronto para resolver com Erasmo os últimos detalhes da edição das obras e da biografia a preparar, mas transtornos militares entre os exércitos de Francisco I e Carlos V na região o impediam de prosseguir até Basileia – Góis evoca os amigos que tinha na região para justificar seu atraso, demovido de viajar mesmo sob perigo em virtude de seus conselhos. Não sendo possível o contato direto, Góis esperava ao menos manter o epistolar: “[... ] resarçamos isto, na ausência, com a amizade e laços mútuos com que Cristo estreitissimamente nos uniu e epistolarmente compensem este sacrifício”<sup>709</sup>.

A seguir, Góis comenta cartas anteriores, de que não dispomos, nas quais Erasmo teria confirmado que ele seria o encarregado do catálogo. “[...] quererdes entregar-me, ordenado, o catálogo dos vossos livros, pelo que vos confesso o maior reconhecimento Se isso fizerdes, praticareis acção digna de vós e proveitosa à posteridade”<sup>710</sup>. Proveitosa à posteridade de ambos e dos leitores, que beneficiariam de relação tão profunda e amistosa. Apenas este escudo contra os detratores, a execução de uma biografia e a publicação das obras completas por alguém legitimado para tanto,

<sup>706</sup> A última carta de Góis a Erasmo data de 15-VII-1536, Nuremberg. CLG A XIV, P. 68-73.

<sup>707</sup> TORRES, Amadeu. *Noese e crise na epistolografia latina goisiana...* P. 283.

<sup>708</sup> CLG A XIV, P. 68-69.

<sup>709</sup> CLG A XIV, P. 68-69.

<sup>710</sup> CLG A XIV, P. 70-71.

orquestraria a boa passagem da fama de Erasmo às gerações seguintes. Era, ao menos, o que sugeria Góis.

Ser-vos-á por certo vantajoso aceitar este trabalho, porquanto não duvido de que, porventura chegado o vosso dia de nos deixar, muitos amigos vossos e até inimigos irão diligentemente descrever-vos a vida. Ora tais escritos, supondo que saim fora do que é *conveniente e necessário*, poderemos nós rebatê-los através dos que me confiardes, preparados por vós com aquela arte e ornato de estilo que sempre empregastes em todas as outras obras<sup>711</sup>. [grifos meus]

Diante das variações da Fortuna, sem estar vivo para defender-se, Erasmo contaria com o então jovem humanista Damião de Góis, cuja imagem-de-si estaria gravada à dele, como um selo a proteger uma carta de olhares imponderados. Além de organizador das obras e da biografia, Góis punha-se a postos para batalhar epistolar e livrescamente a favor da memória do célebre amigo que, se aceitava a confecção do catálogo, parecia discordar da biografia.

Quanto à recusa da biografia própria, não há que exarar tudo no papel: escreveis aquilo que vos honra, deixando de lado o resto. Podereis alongar-vos no relato da vida e dos costumes, tocando ao de leve no da progenitura<sup>712</sup>.

Góis tinha mira certa ao pensar submeter os textos e vida do amigo ao controle da *conveniência* e da *necessidade*. Para atingir esse objetivo, de redigir decorosamente a vida de um homem de letras elevadíssimo, estava pronto a recomendar omissões e correções de curso, como as ligações não oficiais entre os pais do humanista holandês. Desde então, aliás, se dispunha a enfrentar discussões e polêmicas pela memória de Erasmo, conforme explicita na mesma carta.

Em Ingolstadt, onde permaneci dois dias, ouvi de alguns estudantes meus amigos, desde tempo atrás comigo familiarmente relacionados, haver uns tímidos doutores que de vós proferem mirabolâncias diante do povo e dos estudiosos, nas tribunas, nas assembleias e em conversas particulares. Dizem que mudastes para Basileia a fim de mais à vontade poderdes seguir a seita de Zuínglio, acrescentando que sempre nela estivestes. [...] Quis encontrar-me com eles para lhes explicar quanto vos achais alheio a seitas e mostrar-lhes a sua estultícia e insânia<sup>713</sup>.

---

<sup>711</sup> CLG A XIV, P. 70-71.

<sup>712</sup> CLG A XIV, P. 70-71.

<sup>713</sup> CLG A XIV, P. 70-71.

Plenamente ciente das consequências que esse tipo de boato podia trazer – ele próprio teria deixado a companhia de Erasmo por conta de certos rumores que o ligariam aos protestantes, como veremos a seguir –, Góis mostrava-se disposto a discutir com cada amigo seu a respeito da consciência católica de Erasmo e sua irrestrita rejeição a seitas<sup>714</sup>.

As fontes nos indicam a existência de um acordo adiantado entre Góis e Erasmo, ao menos do ponto de vista do catálogo. Passemos à leitura das cartas trocadas com Amerbach, na esperança de encontrar motivos para a dissolução daquela parceria.

O epistolário Góis-Amerbach contém 19 cartas. Trata-se do correspondente mais recorrente dentre os missivistas de Góis. A primeira das cartas remonta a 1533 (18-V-1533), e foi enviada pelo português. Ela nitidamente foi preparada para sedimentar uma amizade pessoalmente estabelecida. Vemos Damião de Góis tratar com alguém que lhe era superior, como é sintoma esta cláusula de abertura: “Embora, pelas tuas atenções para comigo, eu devesse começar preferivelmente por um serviço em vez de por uma carta [...]”<sup>715</sup>. Ao salientar dever-lhe um serviço, Góis já estabelece o nível das discussões. Pretende tratar com “um homem de bem”, como recomendava Cícero. A sabedoria e préstimos de Amerbach seria justificativas desse “título”<sup>716</sup>. Ademais, ele informa que o motivo de envio da carta é dar conta de sua saúde ao amigo e por querer “[...] te recordasses da grande amizade que te consagra este Damião”<sup>717</sup>. Por fim, solicita maiores informações sobre conversa que tiveram em Basileia, despedindo-se. Naquele momento, Amerbach já mantinha amizade estreita com Erasmo; essa amizade pode ser percebida, aliás, desde a data da edição das obras de S. Jerónimo, em que Amerbach trabalhou ao lado de Froben<sup>718</sup>.

Tendo em vista essa relação e os interesses de Góis por Erasmo, é preciso retomar a primeira aparição de Amerbach na correspondência latina goisiana, ocorrida

---

<sup>714</sup> Retomemos aqui a carta em que Erasmo esforça-se em deixar claro sua rejeição às seitas, quando lembra os requisitos elencados para que Cornelius Grapheus lhe enviasse um serviço. Cf. a P. 125 desta dissertação.

<sup>715</sup> CLG A III, P. 43-45.

<sup>716</sup> Mas em primeiro lugar sou de parecer que não pode haver amizade senão entre homens de bem, e isto não vamos desfiar muito, como costumam fazer os que discorrem sobre subtilezas. Que isso será a verdade, mas não é o que se encontra regularmente na vida humana. Dizem que não há homem de bem senão o sábio”. (*De Amicitia*, 5)

<sup>717</sup> CLG A III, P. 43-45.

<sup>718</sup> TORRES, Amadeu. *Correspondência latina goisiana...* P. 383.

em carta enviada a ele por Erasmo pouco antes (5-V-1533). Ali, Erasmo faz menção a Góis, a quem evitara indicar Amerbach. “Lamento se o português vos foi molesto. Para que o não fosse, é que não quis recomendá-lo, embora pareça homem bom<sup>719</sup> e liberal”<sup>720</sup>.

Poucos meses depois, Erasmo e Góis engajaram-se na primeira de diversas conversas epistolares. Ali, Erasmo mencionou Amerbach em termos mais nobres do ponto de vista das relações deste com Góis.

Na carta para Amerbach não sucedeu qualquer menção de vós; e a razão foi que tinha sido escrita e selada anteriormente à vossa passagem por cá. Este, porém, mais sagaz que eu, logo se advertiu dos dotes do vosso espírito, protestando-me o seu agradecimento por lhe ter enviado tal homem, e acrescentando que lhe parecera um bom e íntegro cavalheiro<sup>721</sup>.

É de acreditar que a opinião positiva de Erasmo sobre o jovem português tenha motivado a aproximação de Amerbach, que, a princípio, havia se incomodado com a presença dele. Mesmo Erasmo procurou justificar seu distanciamento inicial, alegando que recebia muitas cartas (até 20 em um mesmo dia, afirmava) e muitas solicitações de amizade suspeitas. “Daqui nasce a causa de por vezes ser um pouco retraído, ao acolher os forasteiros saudadores”<sup>722</sup>. Porém, depois de conhecê-lo melhor<sup>723</sup> e receber dele uma bela taça de prata, passou a protestar afeto e dedicação a Góis<sup>724</sup> - talvez essa aproximação tenha impulsionado Erasmo a escrever, já que esta é a carta mais longa

---

<sup>719</sup> Góis usa aqui elogios que retomaria na própria correspondência com Góis. Em 25-VII-1533, chamou-o de “[...] qual outrora observaram os romanos, varão probo, livre, (sic) e amante do bem e da virtude”. CLG B X, P. 152-153.

<sup>720</sup> CLG B VII, P. 144-145.

<sup>721</sup> CLG B X, P. 152-155.

<sup>722</sup> CLG B X, P. 154-155.

<sup>723</sup> Em Cícero repousa a atenção à amizade inicial. A concessão dos afetos deve seguir à confiança nos homens prudentes, como podemos ler neste trecho: “É próprio de um homem prudente conter o primeiro ímpeto de seu afeto, como o de um coche, que usamos, e experimentar os amigos, como se experimenta um cavalo novo, afim de conhecer seu caráter por todas as faces. Comumente um pouco de ouro basta para mostrar como é frágil a amizade de alguns; outros, que puderam resistir a um pouco de ouro, sucumbem diante de uma soma considerável. Se encontrarmos quem prefira a amizade ao dinheiro, onde achar aquela que não prefira as honras, as magistraturas, os comandos, o poder, a autoridade? Colocai de um lado todos esses bens, do outro os direitos da amizade, e contai os que se declaram por estes. A natureza humana é fraca para resistir à tentação do poder e, se para obtê-lo, precisarmos sacrificar um amigo, acreditamos que a falta se justifica pela grandeza do interesse”. *De Amicitia*, 17. Mais adiante, Cícero volta à exortação no mesmo sentido. “Assim, não será demais insistir, é preciso conhecer antes de amar e não amar antes de conhecer. A negligência, funesta em tantas circunstâncias, é-o sobretudo na escolha e no comércio dos amigos”. *De Amicitia*, 22.

<sup>724</sup> CLG B X, P. 154-155.

enviada a Góis<sup>725</sup>. Por fim, Erasmo aproveitou a oportunidade para recomendar Góis a Amerbach. “Bonifácio Amerbach tem a vossa carta. Proponho-vos este imutável e eterno amigo – que também servidor leal e diligente, a algo queredes por seus ofícios”<sup>726</sup>. Como notamos, Erasmo utilizava seu prestígio para aproximar membros da República das Letras, criando – ou ajudando a criar – um círculo erudito efetivo. Além de ele mesmo trocar epístolas com diversos humanistas, propugnava que eles também as trocassem entre eles. A atitude ainda ganha respaldo se consideradas as prescrições antigas, uma vez que, havendo poucos dentre os “bons”, aqueles capazes de formar amizades verdadeiras, seria conveniente mantê-los próximos uns dos outros. A definição do caráter bom, para Cícero, partia da mútua benevolência – lembrada por Góis em sua carta inicial – e dependia, para mais, destes termos:

Porque em primeiro lugar, como pode ser suportável (como diz Enio) a vida que não repousa na mútua benevolência de um amigo? Que coisa tão doce como ter um com quem falar de todo tão livremente como consigo mesmo? Seria porventura tão grande o fruto das prosperidades, se não tivéssemos quem delas se alegrasse tanto quanto nós mesmos? E se poderiam sofrer as adversidades sem alguém que as sentisse ainda mais que aqueles mesmos que as experimentam? Finalmente tantas quantas coisas se apetezem, cada uma tem o seu uso particular: a riqueza, para o uso; o poder, para a veneração; as honras, para o aplauso; os prazeres, para o gozo; a saúde, para não sentir dores e ser expedito nos exercícios corporais; a amizade, abarca muitas coisas; para qualquer parte que nos volvamos a encontramos solícita, em todos tem lugar, nunca é impertinente, jamais molesta. De modo que não usamos mais da água e do fogo, como dizem, que da amizade. E não falo agora de uma amizade vulgar ou mediana (embora também esta deleite e aproveite), mas da verdadeira e perfeita, como foi a daqueles poucos que são tão afamados. Esta faz mais abundantes as prosperidades e as adversidades, rompendo-as e unindo-as, tornando-as mais suportáveis<sup>727</sup>.

Ainda em 1533 (1-IX-1533), Amerbach escreveu resposta à primeira missiva de Góis. Tendo sido elogiado e admirado na epístola anterior, Amerbach responde com decoro: “[...] reconheço a vossa bondade, que duma pulga faz um elefante, como sói dizer-se; bondade a que, por minha parte, cousíssima nenhuma recuso, se no meu exíguo préstimo puder ser útil em algo digno dos dois”. A fórmula final deixa aberta a possibilidade de maiores diálogos. “Meu ilustre Damião, a nalguma coisa mais adregar

---

<sup>725</sup> CLG B X, P. 152-161.

<sup>726</sup> CLG B X, P. 158-159.

<sup>727</sup> *Da amicitia*, 6.

de poder servir-vos, crer-me-eis vosso dedicado de todo o coração”<sup>728</sup>. Àquele que o importunara, agora encomendava os maiores préstimos. Engendrava-se a amizade epistolar e dissolvia-se, ao menos em teoria, a hierarquização inicial<sup>729</sup>.

Depois de abandonar – ou ser afastado do – o serviço régio, com o malogro das negociações para assumir a Casa da Índia de Lisboa, Góis dirigiu-se para a casa de Erasmo, não sem antes alertar Amerbach de sua chegada, convidando-o para a ceia na estalagem onde se hospedara<sup>730</sup> – Erasmo havia indicado Amerbach como um amigo fiel, de modo que é lícito imaginar que Góis quisesse ter com ele antes de adentrar a casa do *germanus*. No dia seguinte, Bonifacius comunicou a chegada de Góis ao parente Basílio: “O facto de não receberes agora o de Erasmo *Acerca da morte*, deve-se ao Senhor Damião de Góis, tesoureiro do monarca português, que hoje me deteve durante o dia inteiro, de sorte que a custo é que escrevo estas coisas [...]”<sup>731</sup>. De Friburgo, Bonifacius recebeu missiva de Erasmo também informando da chegada de Góis<sup>732</sup>.

A missiva seguinte salta alguns meses no tempo, passando à fase em que Góis já reside em Friburgo. De Basileia, Amerbach envia epístola solicitando ducados hispânicos para câmbio, pedido feito em nome de seu sogro<sup>733</sup>. O prosseguimento da amizade epistolar deu-se em julho de 1534, quando Góis avisou a Amerbach ter disponibilidade financeira para dar prosseguimento ao empréstimo<sup>734</sup>.

Poucos dias depois, Góis volta a entrar em contato com Amerbach, insistindo na possibilidade de empréstimo. Ademais, é essa a carta em que ele anuncia ao amigo que terá de se separar de Erasmo (a conselho de outros amigos, aliás), “[...] não sem a mais profunda mágoa. Escrevem que a Alemanha é suspeita por toda a parte, razão por que me irei daqui para Pádua [...]”<sup>735</sup>. Passados mais alguns dias, Amerbach retorna; cumpre as fórmulas protocolares de agradecimento pela gentileza: “Se, na verdade, em meus

<sup>728</sup> CLG B XII, P. 162-165.

<sup>729</sup> Evidente que, do ponto de vista social, as hierarquias continuavam a fazer sentido, como podemos notar nas cartas enviadas por Góis aos cardeais. Contudo, também é de se recordar que a amizade nos moldes tulianos equivalia à exclusão de qualquer distinção entre eles. Cf. *De Amicitia*, 19, 20. “Assim como, no trato íntimo da amizade, os superiores devem igualar-se aos inferiores; assim, os inferiores não se devem preocupar de ver-se sobrepujados pelos amigos em gênio, riqueza e dignidade [...]. Não basta, porém, na amizade, que os superiores se diminuam; é preciso que elevem, por assim dizer, os inferiores à sua altura”. (20).

<sup>730</sup> CLG A V, P. 50-51.

<sup>731</sup> CLG B XVII, P. 172-173.

<sup>732</sup> CLG B XVIII, P. 172-175.

<sup>733</sup> CLG B XXII, P. 178-181.

<sup>734</sup> CLG A VI, P. 50-51.

<sup>735</sup> Essa carta é de interesse para a leitura da seção 2.2 desta dissertação. CLG A VII, P. 52-53.



poucos préstimos, algo posso ou valho, em nada faltarei com igual dedicação e vontade”<sup>736</sup>.

Até aqui, como podemos notar, a comunicação entre Góis e Amerbach é distinta daquela travada pelo português com outros amigos. Não há propriamente um diálogo douto, com a discussão de obras clássicas ou as circunstâncias religiosas correntes. Apenas se dá a troca de notícias e solicitações corriqueiras de parte a parte. De certo modo, o epistolário Góis-Amerbach parece-me mais rígido, mais próximo da formalidade estrita requerida pelas regras da boa amizade do que vemos noutras cartas. Há certo distanciamento da leveza e aparência de despreparo prescritas por Erasmo. A correspondência continua assim por algum tempo. Amerbach agradece pelos ducados e se compromete a ajudar Góis a transportar seus pertences para Pádua<sup>737</sup>. Góis, por seu turno, se oferece para entregar uma carta de Amerbach para Alciato<sup>738</sup>.

Já em 1535, Góis envia carta tão-somente para alertar a Amerbach que se encontrava bem de saúde e na melhor disposição para atender a qualquer pedido<sup>739</sup>. Essa carta parece indicar a tentativa de retomar as conversas com Amerbach, que, mesmo antes, como dito, mantiveram-se em nível bastante protocolar. As suspeitas são confirmadas pela carta seguinte, em que Góis abertamente se indispõe com o silêncio de Amerbach:

Embora delongado silêncio houvesse talvez imposto à tua carta, estou sempre na persuasão de que isto não aconteceu de teu lado em prejuízo da amizade nossa, que, assim como é sagrada e incontestável, não requer, de ordinário, nem blandícias nem artificialismo de palavras. Tenho efectivamente a certeza de que de todos os modos me és delicadíssimo. Esta garantia da tua benevolência para comigo anda-me no coração e no espírito, nesses escaninhos onde nos acostumámos a guardar aquelas coisas que nos são mais caras<sup>740</sup>.

As certezas externadas por Góis se devem ao decoro. Ora, não é possível considerar algo diferente, dadas as evidências fornecidas por cartas anteriores. O “delicadíssimo” Amerbach havia desaparecido do rol de amizades epistolares sem

<sup>736</sup> CLG B XXVI, P. 183-185.

<sup>737</sup> CLG B XXVII, P. 185-187.

<sup>738</sup> CLG A IX, P. 56-57.

<sup>739</sup> CLG A X, P. 56-57.

<sup>740</sup> CLG A XI, P. 58-59.

explicar os porquês, e a amizade “sagrada e incontestável” devia parecer a Góis, com efeito, ameaçada.

Amerbach justifica-se em carta enviada no fim de setembro de 1535. “Não foi por esquecimento, senão por haverem rareado os correios, que deixei sem resposta aquela vossa anterior carta”; ademais, Amerbach incita o amigo a compreender a difícil posição de um amigo obrigado a enviar cartas para lugares diferentes de tempos em tempos: “[...] isto para de modo algum vos não lançar culpa a vós também, que de tempos a tempos mudais de pouso”<sup>741</sup>.

Amerbach reitera as fórmulas esperadas. Diz-se sempre disposto a tudo que o português lho solicitar; mostra-se pronto a uma “dedicação suma”. Os mútuos protestos de dedicação, que multiplicam-se nos dois lados do diálogo epistolar, também encerra-se nas prescrições de Cícero. O arpinate sugeria que a única forma de a necessidade<sup>742</sup> exercer impacto na amizade era por meio de uma saudável concorrência de virtudes. Leiamos novamente o *De Amicitia*:

Deixemos tais homens fora do nosso discurso, e acreditemos que naturalmente sem engendrar a inclinação de amar e o amor da benevolência, quando se manifesta a bondade, e os que a querem se aplicam e aproximam mais a gozar do trato e costumes daquele a quem começaram a amar, a ser iguais neste amor, e mais inclinados a servir ao seu amigo do que a ser gratificados por ele. Esta honrosa concorrência é que há de existir entre os amigos. Assim se tirarão da amizade grandes utilidades, e será mais ilustre e mais certo sua origem da natureza que da necessidade. Por que se fosse o interesse que unisse as amizades, quando viesse a faltar, desfá-las-ia. Mas, porque não se pode trocar a natureza, por isso são eternas as verdadeiras amizades. E fica explicado com isto a origem da amizade, se não quereis outra coisa<sup>743</sup>.

Não obstante os elogios, Amerbach frisa, indiretamente, que é melhor para Góis afastar-se de diálogos desnecessários: “Reservai-vos”, ele conclui, “[...] se acaso vos

---

<sup>741</sup> CLG B XLI, P. 216-217.

<sup>742</sup> “Nossa amizade não nasceu pois, da utilidade, mas a utilidade a seguiu”, ponderaria Cícero. *De Amicitia*, 14. Ademais, Cícero ressalta que a amizade não deve buscar um equilíbrio exato de favores de parte a parte. Isso equivaleria a “[...] fazer da amizade uma idéia bem limitada e mesquinha, sujeitá-la, assim, a um balanço entre a despesa e a receita. Parece-me que a verdadeira amizade é mais rica e mais generosa; não calcula com exatidão com medo de oferecer mais do que recebeu. Não se deve temer na amizade que se vá dar demais ou que se vá perder alguma coisa”. *De Amicitia*, 16.

<sup>743</sup> *De Amicitia*, 9.

trato mais reservadamente”<sup>744</sup>. Caso único na epistolografia latina goisiana, Góis vê-se distanciado por um amigo com quem não havia, até onde eu saiba, se indisposto de alguma maneira.

Um ano se esvai sem maiores contatos – ao menos que tenham chegado até nossa época. Góis volta a falar com Amerbach devido à notícia da morte de Erasmo, que celebra ao colocá-la em patamar superior de importância às mortes dos pais e irmãos – a amizade perfeita, segundo a analogia de Cícero<sup>745</sup>, era mais necessária e relevante que a água e o fogo, lembremos<sup>746</sup>. Diante de Amerbach, Góis revela confidências de suas relações epistolares com Erasmo, mostrando estatura que granjeara na República das Letras diante de seu príncipe. Cita, por exemplo, que Erasmo havia lhe contado que não lhe dava pena morrer, preparado que estava para a passagem<sup>747</sup>. Também faz menção aos seus negócios com Erasmo, mas, seguindo seu próprio pedido ao holandês, nada diz de específico.

Tínhamos combinado um com o outro acerca de determinados assuntos, que depois epistolarmente confirmámos e em consequência dos quais eu acordava em voltar a Basileia. Tal plano e decisão, porém, reputo-os perdidos, uma vez que só Erasmo, julgo eu, me poderia neles ser útil<sup>748</sup>.

Inseguro quanto ao ponto em que estava sua amizade com Amerbach, Góis recorre à memória de Erasmo para interpelá-lo.

Aqui contam-se miríficas coisas a respeito da sua morte e teor do testamento. Sabemos, entretanto, que foste seu universal herdeiro. Por isso, rogo-te em nome da nossa amizade e daquela que, *em razão de Erasmo, me debes agora*, te dignes em carta pôr-me ao corrente de tudo<sup>749</sup>. [grifos meus]

O tom é incisivo e direto, e não indireto e discreto, como sói ser no conjunto de seu epistolário. Talvez isso se deva à declaração seguinte, que ignora a omissão anterior e revela a Amerbach as verdadeiras intenções de Góis com a herança literária de Erasmo.

---

<sup>744</sup> CLG B XLI, P. 216-217.

<sup>745</sup> “[...] De modo que não usamos mais da água e do fogo, como dizem, que da amizade”. *De Amicitia*, 6.

<sup>746</sup> CLG A XV, P. 72-73.

<sup>747</sup> CLG A XV, P. 72-73.

<sup>748</sup> CLG A XV, P. 72-73.

<sup>749</sup> CLG A XV, P. 74-75.

Na última [carta] que dele recebi, escrevia, a exortação minha, querer remeter-me o catálogo dos seus escritos, tanto os eclesiásticos como os profanos, acrescentando que pretendia ele próprio seleccioná-los e pôr de parte respectivamente os que lhe aprouvesse ou não lhe agradassem. Por tal motivo, peço que examines diligentemente se levou a cabo este trabalho (sei que o começou). É que a derradeira, carta dele, por mim recebida, fora escrita no princípio de abril, tendo o mesmo morrido, segundo consta, 11 de julho. E nada mais tenho a dizer, caríssimo Amerbach, salvo que bem conheces a minha profunda estima para contigo<sup>750</sup>.

Ansioso pela resposta de Amerbach, Góis envia outra epístola de mesmo tema um mês depois. Nessa última, omite a questão do catálogo, limitando-se a solicitar informações detalhadas sobre a morte de Erasmo<sup>751</sup>. Contudo, a resposta de Amerbach saiu antes disso, não tendo, por alguma razão, chegado às mãos de Góis. Amerbach discorre sobre a perda de Erasmo, “ornamento de nosso século”, e enfatiza a sobrevivência da boa memória do amigo, contra o juízo de alguns homens que ainda viviam, críticos dele “[...] absolutamente iníquos que, como lembra o provérbio, dão em retorno um escorpião por uma perca”. Quanto à impressão das obras de Erasmo, Amerbach lembra a Góis que Froben levantara proposta semelhante; Góis pagaria os custos do trabalho junto de outros amigos “[...] a que Erasmo querem bem”<sup>752</sup>, enquanto Froben cuidaria da empresa de edição. “No entanto, dado que este resolveu propor-vos epistolarmente todo o desígnio do seu espírito, não há por que adiante mais convosco”<sup>753</sup>. Infelizmente, a carta de Froben a Góis se perdeu.

Amerbach decide incentivar Góis a proceder a favor de Froben, associando-se à sua edição das obras de Erasmo. Mais uma vez, impera a promessa de glória futura e permanente, garantida pela associação do nome do português ao do príncipe dos humanistas:

De uma coisa apenas, varão ilustríssimo, vos advirto, e é que não pouca glória advirá se vos apresentardes como editor das obras de tão importante varão. E não somente ficais, por essa razão editor de Erasmo, mas outrossim os eruditos e estudiosos, onde quer que seja, vos ficarão devendo muitíssimo; mais ainda, todas as pessoas pias e rectas aplaudirão até aos astros, cada um por si às mãos cheias, o gesto tão tocante e pleno de simpatia em relação ao amigo defunto. E agora,

---

<sup>750</sup> CLG A XV, P. 74-75.

<sup>751</sup> CLG A XVI, P. 76-77.

<sup>752</sup> CLG B LII, P. 242-243.

<sup>753</sup> CLG B LII, P. 242-243.

pelo que a mim respeita, sou aquele mesmo de antes, isto é, vosso do coração. Passai bem, Damião nobilíssimo e generosíssimo”<sup>754</sup>.

De editor intelectual, de organizador, Góis passaria a financiador das edições de Erasmo, e parece-me patente que Amerbach instigou-o no sentido de glória com a clara intenção de seduzi-lo a perseguir essa ideia. Os aplausos das pessoas pias e retas haveriam de atingir Góis, propunha Amerbach, ainda que de modo mais indireto do que esperado. O adjetivo “generosíssimo”, empregado na fórmula de despedida, também é digno de nota. Jamais havia aparecido na correspondência<sup>755</sup>, e provavelmente foi utilizado no intuito não somente de elogiar essa qualidade em Góis como recorrente – afinal, Góis era um tido por homem virtuoso, condição essencial do diálogo entre amigos no sentido tuliano -, mas, antes, de estimulá-lo a empregá-lo no caso em pauta. Percebemos em Amerbach o esforço de produzir os efeitos desejados por meio da *performance* epistolar.

A justificativa de Amerbach para a interrupção das comunicações com Góis parece ser justificada, pois também ele se repete em carta ao português, na qual remete ao – novamente – “generosíssimo” Góis as notícias sobre o momento da morte de Erasmo. Contudo, inclui nessa carta uma informação que abalou os projetos do amigo.

A “[...] outra informação é que, quanto a catálogo dos seus livros, como rogáveis, depois de examinados todos os papéis nada se encontrou capaz de satisfazer ao que pretendíeis. Nem mesmo há vestígio de trabalho começado; aliás, varão ótimo entre os demais e para mim digno de especial atenção, com prazer me teria empenhado em seu envio.

Fechadas as portas da organização do catálogo, a acreditar na sentença de Amerbach, restava a Góis apenas pagar pela edição. Amerbach demonstrava ansiedade em ter notícias a respeito disso. “Peço-vos, se sem incómodo próprio o podeis fazer, que não punhais dificuldade em responder à minha primeira carta sobre a edição geral das obras de Erasmo. Passai bem, generosíssimo, prestantíssimo e nobilíssimo Damião”<sup>756</sup>.

---

<sup>754</sup> CLG B LII, P. 244-245.

<sup>755</sup> Em cartas anteriores, as despedidas eram em geral dependiam da fórmula “varão ilustríssimo”, sem outros acréscimos significativos.

<sup>756</sup> CLG B LIII, P. 246-247.

O generosíssimo, prestantíssimo e nobilíssimo Damião logo retornou, e deu mostrar de haver notado que Amerbach furtara-lhe toda possibilidade de honra e glória a retirar da edição das obras de Erasmo.

Lamento Erasmo não ter podido, antes da morte, enviar-me o catálogo das suas obras, qual em cartas me prometera, assim como as notas que eu muitíssimo desejava sobre a sua vida. A havê-lo feito, não faltaria por minha parte ao prometido: a expensas minhas próprias me encarregaria de dar à estampa tudo o que no seu catálogo incluisse. Uma vez falecido, porém, sem tal levar a cabo, *não acho que viesse a ser-me honroso o imprimir-las à minha custa.*<sup>757</sup> [grifos meus]

A honra de pagar pelas despesas de impressão não faria sentido sem a ela se juntar à honra da edição. Góis, impedido pelas guerras que varriam a região germânica, perdeu a oportunidade de visitar Erasmo e assumir a tarefa que epistolarmente haviam combinado. A partir daí, com a morte do humanista, aqueles que eram mais próximos do *germanus*, encimado pelo executor testamentário e herdeiro Amerbach, afastaram Góis da posição central do projeto, oferecendo-lhe, como compensação, a oportunidade de participar indiretamente. Essa participação, contudo, não lhe proviria com o elogio de sua memória enquanto *homem de letras*, mas apenas enquanto o de mecenas (anos depois, seria exatamente assim que Diogo Pires viria a recordar o papel de Góis na República das Letras<sup>758</sup>).

A última carta de Góis, escrita em dezembro de 1536, precede de perto a publicação do catálogo das obras de Erasmo por Amerbach. Quanto à biografia de Erasmo, acabou nas mãos de Beato Renano, personagem com quem Góis trocou algumas epístolas. Também foi Beato Renano quem supervisionou as edições completas de Froben, publicadas em 1540<sup>759</sup>. Ao contrário de Amerbach, porém, Renano continuou mantendo contato com Góis<sup>760</sup>.

Amadeu Torres pensa que os contatos entre eles se finalizaram com esse episódio, uma vez que teria ficado claro para Góis que Amerbach ocultou-lhe a informação de que Erasmo havia preparado o catálogo – Amerbach, recordemos, principia dizendo não haver encontrado qualquer catálogo, muito embora os tenha

<sup>757</sup> CLG A XVII, P. 78-79.

<sup>758</sup> Cf. P. 214 desta dissertação. Ademais, cf. CLG B CI, P. 352-353.

<sup>759</sup> TORRES, Amadeu. *Correspondência latina goisiana...* P. 441.

<sup>760</sup> CLG B XC; CLG B XCII.

publicado em seguida. Tendo a concordar, mas é válido fazer a ressalva, já sugerida noutros pontos desta dissertação, de que o exíguo número de cartas sobreviventes no epistolário goisiano pode nos induzir ao engano. De todo modo, dadas as fontes disponíveis, pode-se dizer que a amizade epistolar entre os dois humanistas foi quebrada. O fim da correspondência Góis-Amerbach, para além dos motivos citados, poderia ter partido também da prescrição? Vejamos o que Cícero ensinava do ponto de vista dos limites da amizade:

Eis aqui os limites nos quais creio poder encerrar a amizade. Que os costumes dos amigos sejam sempre puros, que uma inteira comunhão de bens, de pensamentos, de vontade, exista entre eles. E mesmo se, por infelicidade, um deles necessita de auxílio do outro, em alguma empresa de justiça duvidosa, mas de onde dependa sua vida ou sua honra, pode-se, neste caso, desviar um pouco o caminho certo, contanto que daí não resulte a desonra. A amizade, com efeito, condescende até um certo ponto. Todavia, não se deve negligenciar o desvelo de sua reputação; a estima pública não é um medíocre instrumento de sucesso para a gestão de negócios e é vergonhoso obtê-la por condescendências e adulações; contudo, deve-se procurar o apoio da virtude, que segue sempre o afeto<sup>761</sup>.

E, mais adiante:

Sucedem, também, como por calamidade, que algumas vezes é necessário romper uma amizade: porque passo agora das amizades dos sábios às ligações vulgares. Muitas vezes quando vícios se revelam num homem, seus amigos são suas vítimas como todos os outros: contudo é sobre eles que recai a vergonha. É preciso, pois, se desligar de tais amizades —, afrouxando o laço pouco a pouco e, como ouvi dizer a Catão, é necessário descoser antes que despedaçar, a menos que se não haja produzido um escândalo de tal modo intolerável, que não fosse nem justo nem honesto, nem mesmo possível, deixar de romper imediatamente. Mas se o caráter e os gostos vierem a mudar, o que acontece muitas vezes; se algum dissentimento político separar dois amigos (não falo mais, repito-o, das amizades dos sábios, mas das afeições vulgares), é preciso tomar cuidado em, desfazendo a amizade, não a substituir logo pelo ódio<sup>762</sup>.

Ora, do ponto de vista retórico, Góis poderia ser levado a perceber um desequilíbrio nas relações. Ainda que a amizade possa condescender até certo ponto, a desconsideração que terá percebido em Amerbach representaria uma queda no nível de virtude oferecido naquela discussão. O “sempre seu de coração”, “teu em todas as

---

<sup>761</sup> *De Amicitia*, 17.

<sup>762</sup> *De Amicitia*, 21.

circunstâncias” Amerbach teria faltado na hora mais decisiva. Diante de tamanha perda de prestígio potencial, Góis preferiu passar a evitar a amizade de Amerbach, sem, contudo, declarar-lhe guerra. “Afrouxar os laços pouco a pouco”, eis a sugestão de Cícero, e, ao que parece, o caminho tomado por Góis. Não pude encontrar em seu epistolário qualquer menção de agravo a Amerbach – e sabemos que Góis não hesitava em recorrer à polêmica em certos momentos, como pude mostrar anteriormente. Assim, penso que Góis tenha se precavido para não tornar a amizade destruída em ódio declarado. Mantendo contato com tantos germânicos de prestígio – o próprio Beato Renano, por exemplo – Góis poderia causar grande estrago a tais relações se forçasse esses mesmos amigos a escolher entre ele e Amerbach. Diante de alguém melhor posicionado naquela instância da comunidade imaginária literária, terá sido melhor recuar e pensar noutras maneiras de acercar-se do cânone.

A insistência em produzir a memória de Erasmo se relaciona intimamente a essas questões. Espelho de virtudes<sup>763</sup> cristalizado – não se poderia esperar declarações espúrias de um defunto -, Erasmo necessitaria de defesa constante, mas sua obra era universalmente aceita como colossal. Os inimigos pouco a pouco desapareciam e, passada a poeira das próximas épocas, apenas sobreviveria o amor pela viva memória daquele grande intelecto. Quem com ele estivesse, virtuoso também seria, por fornecer aos vindouros imagem tão bela. Agir na edição das obras e da biografia de Erasmo equivaleria, portanto, a ser-lhe, de certo modo, cronista. E, ao escritor das gestas históricas, recordemos, caberiam os loucos de tê-la tornado imortal<sup>764</sup>. O fracasso na empresa levou Góis a outros caminhos e, dentre as diversas histórias que passou a contar, houve uma de si mesmo. Em 1544, transformou suas epístolas em opúsculo.

---

<sup>763</sup> “Porque nele parece que olhamos como em um espelho certo resplendor de bondade e de virtude. Pois não há coisa mais amável que a virtude, nem que mais concilie o amor dos homens, pelo qual amamos também em certo modo ainda aos que nunca vimos, Quem se recordará sem uma espécie de carinho e benevolência de M. Curio e G. Fabricio, a quem jamais se viu?” *De Amicitia*, 8.

<sup>764</sup> Cf. P 22 desta dissertação, assim como toda a introdução. Ademais, cf. TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Timoneiros...* P. 165.



### 3.4 Obra epistolar: a publicação dos *Aliquot Opuscula*

Os *Aliquot Opuscula* [figura 16] saíram dos prelos de Rutgerus Rescius em 1544, quando Góis ainda vivia em Louvain. Ele retornou àquela região depois de passar quatro anos em Pádua – tendo feito diversas viagens pelas cidades italianas – e contrair matrimônio. O casamento de Góis, assim como seus opúsculos, foi motivo de divulgação nas cartas latinas<sup>765</sup>. Ao cardeal Sadoletto, Góis chegou a fazer uma consulta quanto à noiva escolhida – ela foi aprovada por ele<sup>766</sup>. O cardeal Buonamico atestou que Johanna van Hagen, mulher de Góis, era nobre e virtuosa. E, ademais, acrescentou: “Os fortes geram-se dos fortes, e, como rectamente cantou aqueloutro velho poeta, “os filhos saem aos pais”<sup>767</sup> – a passagem, segundo Amadeu Torres, derivava-se de Hesíodo<sup>768</sup> (*Os trabalhos e os dias*, v. 235) e atendia à expectativa epistolar de evocação de passagens famosas no elogio a um amigo.

De todo modo, esse casamento voltou a abrir as portas da terras holandesas a Góis<sup>769</sup>. Em junho de 1539 ele abriu vínculos com a Universidade de Louvain, e foi a partir desse fato que começou a trabalhar nos opúsculos que viriam a trazer-lhe prestígio (*Fides, Hispania*)<sup>770</sup>. Contudo, um acontecimento importante se interpôs à até então tranquila estadia em Louvain. Em 1542, os exércitos franceses passaram a ameaçar a região, naquele momento sob o controle de Carlos V, e Góis imediatamente se colocou ao lado deste, em prol da defesa da cidade. Instaurado um cerco, Góis tornou-se um dos negociadores a deixar os muros da cidade e tratar com os comandantes do exército inimigo. Enquanto decorriam as negociações, contudo, Louvain retomou o ataque<sup>771</sup>, e Góis acabou sendo feito prisioneiro, sendo levado para a Picardia<sup>772</sup>. Os cidadãos de Louvain recusaram-se a pagar o resgate requerido pelos franceses, a apenas por meio da

<sup>765</sup> CLG B LXV; CLG B LXII; CLG B LXIX; CLG B LXX; CLG BLXIV;

<sup>766</sup> CLG B LXXI, P. 291-293.

<sup>767</sup> CLG B LXII, P. 265-267.

<sup>768</sup> TORRES, Amadeu. *Correspondência latina goisiana...* P. 437.

<sup>769</sup> Para uma breve relação dos contatos humanistas de Góis naquela região, cf. HIRSCH, Elisabeth Feist. *Damião de Góis...* P. 144-51

<sup>770</sup> HIRSCH, Elisabeth Feist. *Damião de Góis...* P. 151-152.

<sup>771</sup> Uma carta do epistolário goisiano dá versão diferente para o ocorrido. Splinter van Hagen, sobrinho de Góis, contou a Madruzzi que foram os franceses quem tentaram invadir a cidade sorrateiramente enquanto Góis negociava e, uma vez repelidos, motivaram os líderes da tropa a levar o português cativo. CLG B XCVI, P. 339-341.

<sup>772</sup> HIRSCH, Elisabeth Feist. *Damião de Góis...* P. 152-153.

intercessão de d. João III Góis ganhou a liberdade, ordenando que retornasse a Portugal logo em seguida<sup>773</sup>. A conjuntura, por evidente, teve reflexos epistolares.

Em 1543, já livre, Góis remeteu carta ao cardeal Madruzzi comunicando sucintamente os acontecimentos. Apesar de haver “recuperado sua honra”, Góis continuava com uma dívida de oito mil coroados de ouro referentes ao seu resgate<sup>774</sup>. Tendo em vista a suposta traição dos cidadãos de Louvain, passou a redigir um opúsculo, o *Lovaniensis obsidio*, exclusivamente voltado a relatar os fatos passados na batalha. O opúsculo foi dedicado, era de se esperar, a Carlos V<sup>775</sup>. Esse opúsculo, que era aguardado de 1543<sup>776</sup>, acabou saindo apenas em 1546 (Lisboa, Luís Rodrigues). Em algumas edições, como a da Biblioteca Nacional de Portugal, o livro vem com uma gravura de Dürer que supostamente<sup>777</sup> representa Góis<sup>778</sup> [Figura 17].

Detenhamo-nos rapidamente no retrato de Góis. Dele conhece-se um desenho, como dito, atribuído a Dürer, possivelmente feito entre 1523 e 1528, a partir do qual Philip Galle teria produzido um retrato, hoje sob a guarda da Albertina de Viena<sup>779</sup>. Mabuse<sup>780</sup> e Quinten Metsys [Massys]<sup>781</sup> também são referidos como possíveis autores de retratos do humanista. As atribuições acima assinaladas, todavia, são muitas vezes contraditórias e demonstram que este é um problema a resolver. Dada a exiguidade do espaço, limito-me a citar apenas um caso: o retrato que se atribui a Galle, disponível em seu *Imagines L. Doctorum Virorum, Qui Bene de Studiis Literarum Meruere*, compêndio de 50 gravuras de eruditos ilustres que chegava à sua terceira edição em 1587<sup>782</sup>, mostra uma imagem de Góis [Figura 18<sup>783</sup>] que, na verdade, remete à gravura de Dürer.

<sup>773</sup> TORRES, Amadeu. *Noese e crise na epistolografia latina goisiana...* P. 358-359.

<sup>774</sup> CLG A XXXI, P. 119.

<sup>775</sup> CLG G A XXXII, P. 119-121.

<sup>776</sup> Como nota Johan Fugger em carta a Góis em dezembro daquele ano. CLG B XCVIII, P. 345.

<sup>777</sup> Panofsky discordava dessa atribuição. HIRSCH, Elisabeth Feist. *Damião de Góis...* P. 38, nota 12.

<sup>778</sup> Francisco Leite de Faria aponta que a imagem foi adicionada apenas na edição disponível na Biblioteca Nacional de Lisboa, em data não demarcada. De fato, o outro exemplar que consegui analisar, o da biblioteca da Universidade de Munique, não conta com essa gravura. FARIA, Francisco Leite de. *Estudos Bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua época...* P. 34-35.

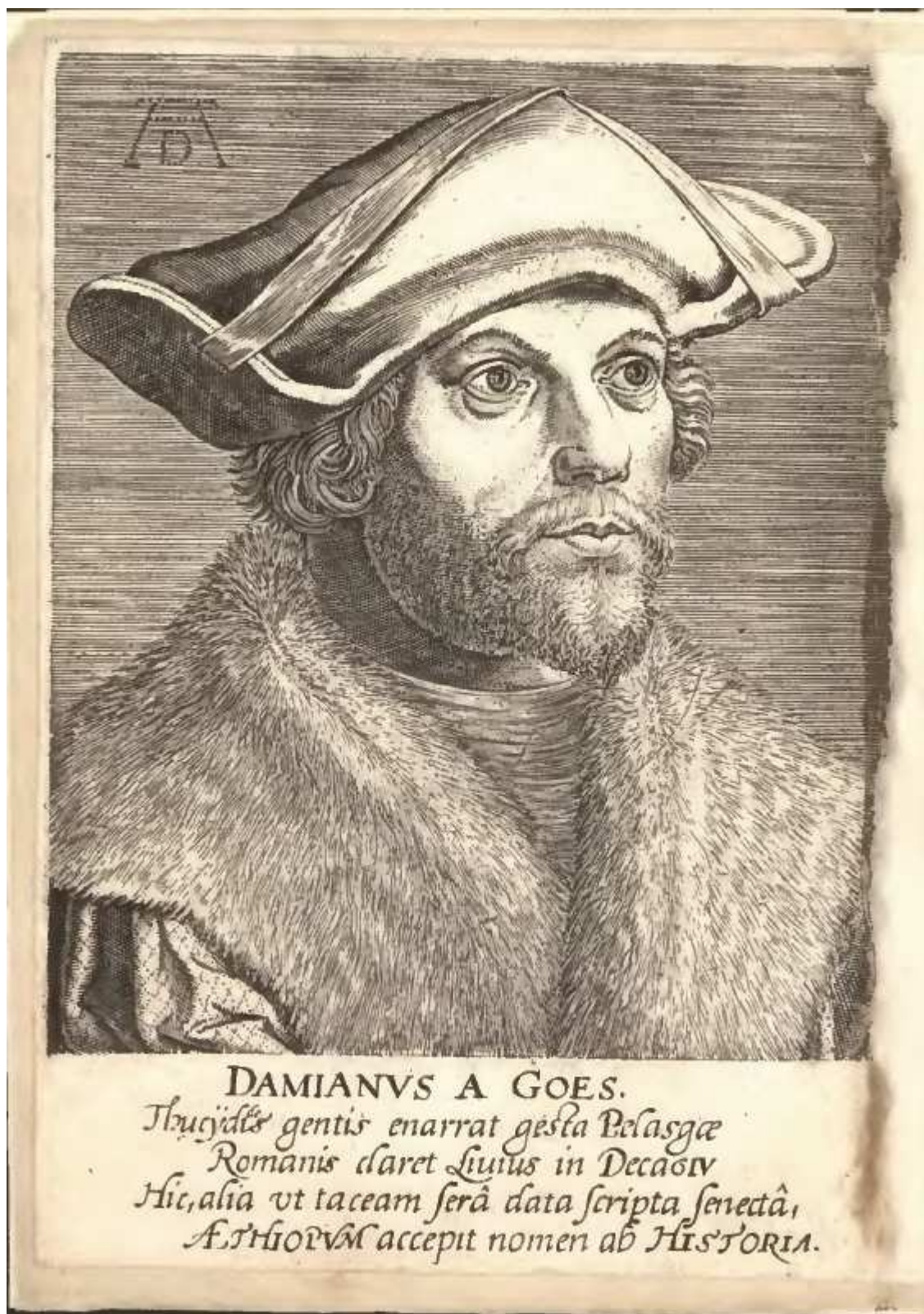
<sup>779</sup> Albertina, Inv. 3166. *Bildnis eines bärtigen Mannes (Damiano de Gois)*. Kreide, Pinsel auf gebräuntem Papier - 355 x 285 mm.

<sup>780</sup> MARTINS, José Vitorino de Pina (org.). *Damião de Góis: humaniste européen...* A folha de rosto dessa obra apresenta um desenho que se atribui a Mabuse, originário de uma coleção particular.

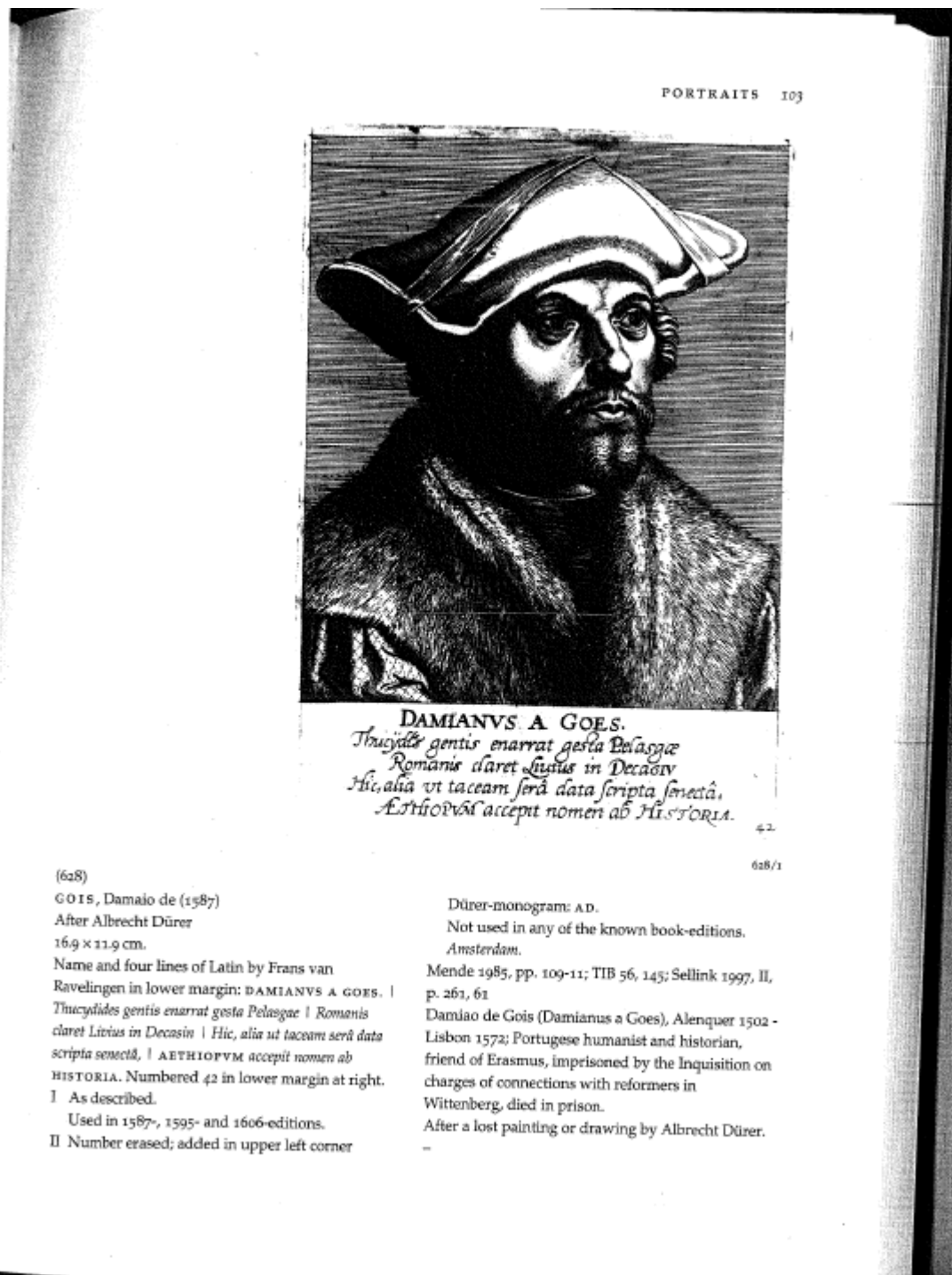
<sup>781</sup> TORRES, Amadeu. *A correspondência latina goisiana entre as motivações do seu humanismo cosmopolita...* P. 139.

<sup>782</sup> Conforme salienta SELLINK, Manfred. *The new Hollstein Dutch & Flemish etchings, engravings and woodcuts - 1450-1700*. Vol. IV, parte IV - Philips Galle. Rotterdam: Sound & Vision, 2001. P. 27-28, 103.

<sup>783</sup> Agradeço o envio desta imagem à doutora Ingrid Kastel, da Albertina de Viena.



**Figura 17.** Folha anterior [fl. 10] ao frontispício de DAMIANI GOIS EQVITIS LVSITANI. VRBIS LOVANIENSIS OBSIDIO. OLISIPONE APVD Lodouicum Rhotorigium typographum M. D. XL. VI. Biblioteca Nacional, Lisboa.



**Figura 18.** Imagem de Góis presente no *Imagines L. Doctorum Virorum, Qui Bene de Studiis Literarum Meruere*, por Philips Galle – 3.ed - 1587.

É nesse contexto de grandes turbulências que se inserem os *Aliquot Opuscula*. O compêndio de opúsculos escritos por Góis, cartas importantes e elogios em forma de poesia de amigos como Grapheus pode ter sido motivado pela iminência da morte nos eventos de Louvain. Confrontado com a perspectiva de vir a falecer sem organizar seus escritos – e as experiências com a fortuna da obra de Erasmo terão tido peso considerável aqui –, Góis se precaveu, estabelecendo, em texto único, todos os elogios significativos feitos à sua honra. Os *Aliquot Opuscula*, considero, foram arquitetados como uma obra memorial. Observemos o texto mais de perto.

Os *Aliquot Opuscula*, como a folha de rosto anuncia [Figura 16], são o resultado da organização dos seguintes opúsculos: *Fides, religio moresque Aethiopum; Lappiae descriptio; Bellum Cambaicvm; Hispania*; além deles, todos os apêndices de monta, como as críticas a Giovio (agora chamada de *Paulum Iouium disceptatiuncula*) e Münster (rebatizada como *Pro Hispania aduersus Munsterum defensio*), ganharam títulos próprios no conjunto dos *Opuscula*. Isso provavelmente se deve ao sucesso das polêmicas, que, naquele momento, poderia atrair leitores por si sós, mais cativados pelas diatribes do que pelos opúsculos que a encerravam. Todos textos, declarava-se na folha de rosto, haviam sido coligidos e reconhecidos por Góis [omnia ab ipso autore recognita]. As seguir, anunciam-se as cartas de Sadoleto e Bembo, bem como outras, de doutores ilustres [clarissimorum uirorum], além dos textos poéticos em homenagem a Góis.

A sequência das cartas aparece após a colagem dos opúsculos. A primeira das cartas parece ter o papel de delimitar a inserção de Góis na República das Letras. Trata-se de missiva enviada por Paulo Speratus (erudito bispo prussiano) a Góis em 1531, época em que, ainda a serviço régio, Góis o conheceria<sup>784</sup>. A seguir, aparece carta de Luís Vives a Góis, na qual este se desculpa pela demora na resposta – sob alegação de problemas de saúde. Vives, seguindo as tópicas da amizade relacionadas na última seção, oferece a Góis a certeza de que o epistolário entre eles seria mais frequente, e a amizade, mais equilibrada: “[...] enesta questão de amizade corro parilhas contigo, não correspondendo com frouxa dedicação a quem tanto me quer”<sup>785</sup>. A inclusão da carta, para além de enaltecer uma importantíssima e valiosa amizade do ponto de vista do prestígio público, talvez tivesse propósito pelos cumprimentos que Vives envia a Góis

<sup>784</sup> CLG B V, P. 142-143.

<sup>785</sup> CLG B IX, P. 150-151.

em razão da conquista do posto régio em Lisboa. A seguir, carta de Amerbach – o que demonstra a permanência de alguns laços a despeito dos conflitos –, seguida de outra remetida por Conrado Goclênio. A carta de Goclênio, já datada de 1534, corresponde a uma crítica amistosa pelo fato de Góis ter trocado Erasmo pelas cidades italianas.

Então tu, meu bondosíssimo Damião, escapulires-te de Friburgo que nem um cão no Nilo? Mete-se-te na cabeça desamparar assim de repente o nosso Erasmo, que ganharia prover-te de uma cultura de todas as ciências não inferior ao mesmo Nilo, que fecunda o Egito inteiro, e tanto mais quando não havias saciado ainda a tua sede de aprender? Que alcançará dar-te a Itália toda que Erasmo, sozinho, não consiga e em muito maior abundância?<sup>786</sup>

A compreensão de Goclênio, externada nas páginas seguintes, segue o mesmo sentido de cartas anteriores de Góis. O português teria abandonado a casa de Erasmo unicamente por haver quem suspeitasse que suas ligações com ele cheiravam a heresia. Goclênio ainda admite não ter quem indicar em Pádua, a não ser o “Lívio de nosso tempo”, Pietro Bembo<sup>787</sup>.

É de Pietro Bembo a próxima carta. Curiosamente, não se trata de uma epístola enviada a Góis, mas, antes, de carta escrita a Erasmo. A carta de Bembo visava a informar sobre os desdobramentos de seu encontro com Góis, jovem português interessado em “frequentar a universidade”. A carta seguramente foi incluída nos *Aliquot* por seu conteúdo laudatório a Góis.

De boamente estive já com ele: é na verdade, segundo frisastes e de dois encontros e conversas suas depreendi, dotado de ótimas maneiras, de toda a elegância e lhanza; pelo que se me afigura haver eu lucrado da vossa epístola, a qual a conhece me trouxe um homem admirável. E também lhe ofertei já, liberalmente, meus serviços, rogando-lhe dispusesse, por seu direito próprio, de mim mesmo e de todos os meus préstimos [...] <sup>788</sup>.

Datada de 1535, a carta seguinte traz novamente Amerbach. Longe de ser uma das missivas de cobrança quanto ao catálogo, a carta de Amerbach selecionada reportava-se a notícias que Góis pedira de Erasmo, ainda vivo. O texto de Amerbach,

---

<sup>786</sup> CLG B XXIV, P. 182-183.

<sup>787</sup> CLG B XXIV, P. 182-183.

<sup>788</sup> CLG B XXXV, P. 200-201.

porém, traz a nota de ligeiro afastamento discutida na seção precedente. “Reservai-vos, se acaso vos trato mais reservadamente”<sup>789</sup>.

Passa-se ao ano de 1536, e novamente vemos Goclênio. Ele recusa ao sobrinho de Góis, Splinter van Hagen, entrada no Colégio Trilíngue, justificando-se com o argumento de ausência de vagas abertas. Seguindo os preceitos de amizade, roga ao amigo que isso não desequilibre suas relações.

Da tua gravidade, circunspeção e singular inteligência espero lhes advirá, com a intimidade e exemplo teus, não mediano incremento no zelo da sua índole e da cultura, com o que eles caminham para tudo que há de melhor. Escrever-lhes-ei também [Rescius e outros amigos de ambos], caso o correio venha com intervalo bastante; de contrário, suplico-te a atenção de exerceres o ofício dessa carta, recomendando-me aos amigos<sup>790</sup>.

Ao que tudo indica, Góis satisfaz o desejo do amigo ao incluir essa carta nos *Aliquot Opuscula*. Colocado ao lado dos amigos Amerbach, Bembo e outros, Goclênio aureolava-se de prestígio no compêndio de Góis, pois ocorria, como ele mesmo colocou na carta a Góis, a aproximação entre semelhantes<sup>791</sup>.

Jacopo Sadoletto surge a seguir. Uma carta sua contendo elogios a Góis realizados em 1536 foi inserida no texto, carta em que sublinha “[...] vossa experiência, humanidade e prudência, que não só me convenceu a sua pregação cheia de autoridade, como ainda me impeliu a afeiçoar-me a vós”. Apesar de conhecê-lo há pouco tempo, Sadoletto procura surpreender o português com a confirmação de uma poderosa amizade rapidamente construída. “[...] nesta única finalidade de a conhecer vos dar o que menos esperáveis certamente: que eu estou tornado amigo vosso, antes de tal saberdes ou suspeitardes”. Ao fazê-lo, logo passou à fórmula de equilíbrio recorrente: “E até há-de outrossim devir para entre os dois e mútua esta nossa estima de tal modo iniciada, porquanto não creio em que na presente vontade minha vos vades descomprazer”<sup>792</sup>.

A resposta de Góis a essa carta é a primeira menção ao epistolário goisiano ativo no âmbito dos *Aliquot*. Perigosamente, menciona o pedido de ajuda de Sadoletto –

---

<sup>789</sup> CLG B XLI, P. 216-217.

<sup>790</sup> CLG B L, P. 240-241.

<sup>791</sup> “Como sempre, junta Deus, o semelhante, ao semelhante”. CLG B L, P. 240-241.

<sup>792</sup> CLG B LVI, P. 250-251.

recordemos, aqui começaram as tratativas para a negociação com Melanchton -, entrando, inclusive, nos detalhes relativos ao envio de carta ao luterano.

A homem tão fraco para tamanha empresa e indigno de tal honra, pedis e implorais auxílio para a Cristandade, como podendo até nós atender com medicamento privado na mÍngua de remédios públicos. Pois, eminentíssimo prelado, eu, conquanto retirado me tenha, há três anos, da corte do meu Príncipe, advertindo que lá não podia ocupar-me senão de meu ofício, e totalmente abdicado, na medida do possível, de tratar de negócios palacianos, no entanto, visto como esta tarefa respeita à integridade da nossa Fé e à salvação das almas, em tudo o que fazer se logre sem qualquer disfarce, dolos ou cavilações, de boa vontade oferto meu contributo por diminuto que seja, esperançado que fico na ajuda de Cristo Jesus. [...] A carta que me requereis remeta para Filipe Melanchton [...].<sup>793</sup>

O homem de letras, alijado dos negócios públicos por intrigas – de fato, percebemos que Góis constata certo desnível entre a vida literária e o serviço público, julgando mais valioso este em detrimento daquele -, espera poder fazer valer suas habilidades, dentro do espírito de *humilitas* que sempre o acompanha, em questões que exigiam complexa diplomacia.

A seguir, relacionam-se cartas a Clenardo – aquela em que Góis felicita-o pelos boatos de que em breve poderia alcançar o cardinalato e em que discute aspectos da tradução de *De Senectute*<sup>794</sup> -, Diogo Pires<sup>795</sup>, uma de Sadoleto a Góis<sup>796</sup> e outra de Buonamico a Góis<sup>797</sup>. Nesta última, louvam-se em Góis a qualidade de pessoa “[...] óptima e liberalíssima, e o meu maior amigo, se acaso não temesse que isso te fora molesto, porquanto costumás, graças à magnanimidade da tua alma, apreciar em pouco as coisas mesmas que parecem grandes”<sup>798</sup>. É ocioso prosseguir com as cartas que se seguem – no total, 40 cartas estão dispostas nos *Aliquot Opuscula*, sendo quatro da lavra de Góis.

Sem ser exaustivo, é já lícito interpretar o conjunto. As cartas, evidentemente, perfazem um grande elogio às qualidades de Góis, seja enquanto o solícito homem de letras que volta à diplomacia em nome de Cristo, seja como diplomata a divulgar as

<sup>793</sup> CLG A XVIII, P. 82-83

<sup>794</sup> CLG A XIX, P. 84-87. Cf. P. 175 desta dissertação.

<sup>795</sup> CLG A XX, P. 88-91. Cf. P. 176 desta dissertação.

<sup>796</sup> CLG B LX, P. 260-263.

<sup>797</sup> CLG B LXVI, P. 270-273.

<sup>798</sup> CLG B LXVI, P. 272-273.



grandes obras de sua pátria. Os depoimentos a seu favor – poucas cartas foram redigidas por Góis - vêm de todas as partes da *Respublica Christiana*, e se alinham ao tom conciliador que adotara na querela ciceroniana. Elas compõem, com efeito, o espelho de uma vida de sucessos fora de Portugal, coroada pelo contato fraterno mantido com os maiores e mais ilustres varões da República das Letras (para não citar os poderes eclesiásticos, encarnados nos cardeais, e no econômico, representado pelas cartas trocadas com Johan Fugger).

A hipótese explicaria perfeitamente o caso não fosse uma ausência fundamental. Não há uma carta sequer de Erasmo nos *Aliquot*. Já se aventou na literatura que Góis preferiu ignorar as cartas de Erasmo em razão de este ter se tornado um personagem demasiado próximo das seitas luteranas ao redor do ano de 1544. Assim, qualquer demonstração de amizade profunda com ele causaria suspeitas graves diante do Santo Ofício<sup>799</sup>. Essa explicação não faria sentido, pois, como lembra Torres, Góis só viria a ser incomodado pelo Santo Ofício a partir de 1545, ano da primeira denúncia de Simão Rodrigues – que, aliás, não foi adiante. A contrabalançar essa afirmação está um episódio importante, ao qual temos acesso no processo inquisitorial de 1571-1572. A divulgação da *Fides* em Portugal havia sido proibida pelo cardeal infante D. Henrique<sup>800</sup>, de modo que não seria impossível que Góis estivesse preocupado com a proximidade de Erasmo.

Torres insiste que a criação dos *Aliquot Opuscula* tem mais a ver com a tentativa de restabelecimento do prestígio de Góis após sua captura pelos exércitos franceses. Ademais, o conjunto teria valor rememorativo, já que Góis havia sido chamado de volta a Portugal.

Com respeito pelo saber do amigo, pego venia para discordar. Naquele ano de 1544, justamente malferido pelo comportamento ingrato da cidade de Lovaina e nomeadamente da Universidade, creio que a maxima preocupacao de Gois era, atraves de qualquer gesto que transcendesse em cheio a sua Oragao 50 de esclarecimento e defesa perante o senado academico, desenganadamente coroada pela apatia e pela intriga, dar uma resposta mestra que lhe restaurasse a honra e o prestígio localmente diminuidos e ficass-e ai como uma especie de

<sup>799</sup> TORRES, Amadeu. Damião de Góis e o erasmismo... P. 77.

<sup>800</sup> RÊGO, Raul. *O processo de Damião de Góis na Inquisição...* P. 87-90. TORRES, Amadeu. Damião de Góis e o erasmismo... P. 81.

padrao rememorativo, agora que estava em vespas de abandonar a Flandres e regressar a patria<sup>801</sup>.

Os *Aliquot Opuscula*, portanto, teriam funcionado como a “suprema réplica” de Góis diante de sua situação. Os aliados da República das Letras, acumulados ao longo de mais de uma década, uniam-se em sua defesa pela via epistolar. Quanto a Erasmo, apesar da possibilidade de preocupação com perseguições religiosas, não creio nessa alternativa. Afinal, se assim fosse, as cartas trocadas com o cardeal Sadoleto, cuja reputação também ficara abalada com a divulgação das tentativas de negociar com Melanchton, teriam de ser omitidas. Não foi o que ocorreu. A ausência de Erasmo tem explicação mais simples.

A crer em Torres, e também em minha exposição, Góis procurou, simplesmente, ajuntar ao opúsculo um conjunto de cartas cujo conteúdo fosse fortemente laudatório, que atendessem melhor à *dignidade* buscada. As cartas trocadas com Erasmo, ainda que contivessem os elogios de se esperar em tal tipo de diálogo, não eram particularmente cobertas por louros de parte a parte. Não há, no epistolário Góis-Erasmo, cartas de elogio às obras do português, nem tampouco protestos exacerbados de apoio<sup>802</sup>. Se Erasmo tivesse de se ausentar completamente dos *Aliquot*, por outro lado, menções a ele – como na carta em que Bembo diz a Erasmo das qualidades de Góis – teriam de ser escondidas. No fim, talvez seja lícito concluir que a edição de uma obra de conjunto, a unir os opúsculos em elogio ao reino e às cartas em elogio ao escritor fossem a mais perfeita lembrança de Erasmo. Talvez Góis estivesse inspirado pelo projeto frustrado das obras completas do antigo amigo, recuperado agora para sua própria trajetória.

Se não há uma biografia nos *Aliquot* – a não ser aquela que se depreende do conjunto epistolar, organizado, creio, cronologicamente para enfatizar o caráter evolutivo da trajetória do humanista na comunidade imaginada literária -, há, ao menos, traços biográficos, seja nas cartas, seja na obra poética que aparece no texto.

O tutor de língua latina e amigo Cornelius Grapheus compôs-lhe um retrato poético tanto das feições do rosto desenhado por Dürer e gravado por Philip Galle quanto de sua fisionomia moral, crivada de amor aos valores clássicos e especular das

<sup>801</sup> TORRES, Amadeu. Damião de Góis e o erasmismo... P. 78.

<sup>802</sup> TORRES, Amadeu. Damião de Góis e o erasmismo... P. 79-82.

glórias eternas de um tempo já remoto. Cito excertos de dois dos 47 dísticos publicados nessa homenagem, presente nos *Aliquot*.

Primeiro, o dístico do corpo:

“De quem, leve na cor, é este vulto plácido?  
 Nas feições há um rubor suave a purpureá-las.  
 Alongada, jovial, risonha em sua doçura,  
 É de coração límpido um indício à fronte.  
 Olhos brandos, bem negros, coma de igual tom  
 E cabelos um tanto encrespados; a barba  
 Outrossim de cor preta. Mui gráceis as faces,  
 [...]
 Tudo, enfim, de tal modo que a nenhuma arte  
 Caberia em direito algo tirar nem pôr.<sup>803</sup>”

Depois, o dístico da alma:

“Ninguém mais franco do que ele e humano e cortês,  
 Nem ainda mais gentil; a todos agradável,  
 A ninguém duro, cavalheiro em toda a parte  
 [...]
 E glória dos amigos. Leal, sincero, aberto,  
 Sem refulhos; alheio a qualquer fraude ou dolo  
 Ou disfarce; constante, obsequiador, longânime,  
 Prazenteiro, de rosto nobre sempre airoso  
 Sem sombras de tristeza; com todos sociável,  
 Benigno, liberal, afável, observante  
 Da verdade, inflexível na fé. E tudo isto  
 De tal forma que a cada passo este Damião  
 Anda de boca em boca e falam no seu nome.<sup>804</sup>”

---

<sup>803</sup> APUD TORRES, Amadeu. Traços prosopográficos de Damião de Góis... P 207.

Os dois últimos versos do dístico 47 encerravam as tamanhas qualidades do retrato elaborado pela mão certa de Grapheus num invólucro que haveria de perdurar para sempre.

“É aquele cuja fama, glória e honra imortais  
Respeitarão os séculos – Damião de Góis.<sup>805</sup>”

Damião de Góis, no conjunto de suas epístolas, tornadas obra epistolar nos *Aliquot Opuscula*, não poderia ter traduzido de forma mais clara suas intenções. Sua última tentativa nesse sentido revela-se na inscrição tumular que mandou preparar em 1560. Mais uma década antes da morte, ele procurou se prevenir das peripécias da Fortuna, que quase o havia levado no cerco de Louvain. Mesmo depois da publicação dos *Aliquot*, ele continuava a perseguir, obstinada e intensamente, persistir o mais perto possível do cânone e sobreviver na memória da República das Letras e na de seu reino.

A Deus, todo poderoso:

Damião de Góis, cavaleiro lusitano  
outrora fui. Peregrinei por toda a Europa,  
em negócios de Estado. Entreguei-me a vários acidentes  
e trabalhos de Marte.

A musa, os príncipes e os doutos  
amaram-me por meus méritos.

Repouso, neste sepulcro, em Alenquer,  
Onde nasci, até o revificar as cinzas<sup>806</sup>.

---

<sup>804</sup> APUD TORRES, Amadeu. Traços prosopográficos de Damião de Góis... P 207.

<sup>805</sup> APUD TORRES, Amadeu. Traços prosopográficos de Damião de Góis... P 208.

<sup>806</sup> HIRSCH, Elizabeth Feist. *Damião de Góis*... P. 263.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mergulhado em um regime de historicidade ligado à *Historia Magistra Vitae*<sup>807</sup>, Damião de Góis agiu como um humanista verdadeiramente moderno<sup>808</sup>. O renascimento do passado clássico e de seus interlocutores humanistas deu-lhe a motivação e os meios para realizar a construção de sua identidade e autorrepresentação na República das Letras. Atuando como uma espécie de “inimigo do tempo”, para lembrar Heródoto, e no sentido de conjurar “aquisições para sempre”, no acorde de Tucídides<sup>809</sup>, ele transitou entre Cícero e Erasmo ora com maestria, ora de modo vacilante, mas seus escritos epistolares sempre denunciam uma preocupação com o presente e o futuro de seu nome.

Procurei ensaiar, neste estudo, uma tentativa de produzir interpretações para sua epistolografia latina a partir dessa perspectiva. Dentro de tal ótica, investiguei, no primeiro capítulo, o contexto no qual se inseria a primeira linguagem epistolar goisiana, isto é, a diplomática, para em seguida mergulhar em sua busca pelos estudos humanistas e seu possível contato com a *Ars dictaminis* tal como compendiada por Erasmo.

No segundo capítulo, aprofundi o panorama da inserção de Góis na República das Letras, concluindo que seu conhecimento diplomático e sua habilidade em manter próximos amigos cindidos em querelas literárias e religiosas foi fundamental em sua transformação de intelectual “iniciante” a jogador reconhecido no tabuleiro humanista. Também procurei esclarecer como o diálogo com o passado clássico, pelo qual corria a retórica epistolar, não era homogêneo e objetivo. Ainda que possa ter desejado tornar-se um ciceroniano, chegando a admoestar Erasmo quanto à sua linguagem pouco cuidada, Góis manteve-se eclético em sua prática escrita, percorrendo, da Friburgo de Erasmo à Pádua de Bembo, também os modelos de Longueil e Calcagnini sem, contudo, propagandear um deles por meio de polêmicas.

---

<sup>807</sup> Para uma abordagem da persistência desse topos e dos momentos iniciais de sua crise, cf. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado...* P. 41-61.

<sup>808</sup> Como muito bem salientou Marcelo Jasmin, a modernidade humanista “[...] fez renascer o passado clássico como paradigma de suas transformações culturais e para a qual a imitação dos antigos era a própria condição do moderno [...]”. Não se trata, por evidente, da *modernidade* como anotada por Tocqueville e tantos outros, e que se liga à dissolução precisamente do topos da *Historia Magistra Vitae*. JASMIN, Marcelo Gantus. *Alexis de Tocqueville: a historiografia como ciência da política*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: IUPERJ/UFMG, 2005 [1997]. P. 25

<sup>809</sup> JASMIN, Marcelo Gantus. *Alexis de Tocqueville...* P. 17.

No capítulo final, tentando deixar para trás a sombra de Erasmo e procurando concertar seu próprio protagonismo, Góis difundiu suas obras a diversos humanistas e dignatários importantes. Em minha análise, prevaleceu a retórica da amizade e do elogio de parte a parte como *performance letrada* necessária para a realização dos efeitos desejados. As polêmicas aparecem, então, como outro aporte à disputa pela aproximação do cânone literário humanista, já então centralizado na figura de Erasmo. Contra Paolo Giovio e Sebastian Münster, Góis, ao defender sua pátria, tentou recobri-se de prestígio diante de seus conterrâneos e atuou no sentido do *conveniente* diante dos humanistas. Seu apelo à brincadeira na defesa da *Hispania*, por outro lado, indica a internalização da retórica, formatada no caso por meio da tópica da *humilitas*, e, de modo geral, inspirada no espírito crítico e persuasivo do *Ciceronianus*.

Tendo consciência do papel desempenhado por Erasmo, Góis valeu-se da amizade para tentar associar o seu nome à publicação das obras completas de Erasmo. Projeto fracassado em razão da intervenção de Bonifacius Amerbach, Góis acabou por encontrar outra oportunidade de publicação nos *Aliquot Opuscula*, coletânea de suas obras e cartas mais ilustres. Ali, verdadeira colagem de elogios à sua imagem, aparecem depoimentos dos antigos professores, como Grapheus, que lhe descreve o retrato físico e moral, e de tantos outros renomados personagens. A ausência de Erasmo é interpretada no sentido de que as cartas trocadas entre ele e Góis não se adequavam ao propósito de publicação dos *Aliquot*, qual seja, referir epístolas laudatórias a Góis. Embora menos viável, a hipótese de que a presença de Erasmo nesse tipo de compêndio poderia levantar suspeitas de heresia também foi considerada – e afastada.

Perpassando todo o trabalho, que coletou na retórica, na comunidade imaginada e no anseio pelo cânone aquilo que a escrita goisiana permite interpretar como seus objetivos principais, está um aspecto que deve ser lembrado. Não foi minha intenção, em qualquer momento, sugerir soluções para os *reais* planos de Góis, ou, colocando de modo mais claro, para *aquilo em que ele realmente pensou ou quis dizer* enquanto escrevia suas cartas<sup>810</sup>. Na realidade, ainda que trechos do texto apontem para escolhas

---

<sup>810</sup> Marcelo Jasmin novamente presta esclarecimento de grande utilidade quando justifica suas opções no estudo sobre Tocqueville: “Um último comentário acerca de minha opção internalista e qualitativa é que procurei, na medida do possível, respeitar a cláusula simultaneamente ‘lógica’ e ‘historicista’ da história das idéias que quer evitar que se diga que um autor ‘pretendeu ou fez alguma coisa que ele jamais poderia ser levado a aceitar como uma descrição correta do que pretendeu ou fez’. Entretanto, essa tentativa de fidelidade às intenções autorais na consideração analítica do pensamento não supôs a possibilidade de se

ou processos de decisão, estes se reportam intimamente às *prescrições retóricas* relacionadas ao contexto concreto em que aquele humanista viveu. A busca de proximidade às intenções do autor, portanto, se deu mediante a leitura das expectativas engendradas pela tradição interpretativa da retórica humanista em correlação com os contextos e dados biográficos acumulados pela tradição historiográfica. Essa investigação, assim, foi tanto uma tentativa de compreender o papel específico de Damião de Góis em sua escrita epistolar quanto um exercício de autoconhecimento dos limites e fronteiras da disciplina histórica<sup>811</sup>.

---

chegar à verdadeira interpretação daquilo que ele realmente pretendeu fazer ou dizer”. JASMIN, Marcelo Gantus. *Alexis de Tocqueville...* P. 31.

<sup>811</sup> Ou, para acompanhar Jasmin, “[...] exercício para o autoconhecimento de nossa própria historicidade”. JASMIN, Marcelo Gantus. *Alexis de Tocqueville...* P. 31.

## **ANEXO – Correspondência Latina Goisiana (CLG)**

### **Correspondência Ativa:**

A I - Damião de Góis a João Magno Gothus – Antuérpia, c. XI-1531 [carta-prefácio da *Legatio*]

A II – Damião de Góis a João Magno Gothus – Antuérpia, 1-XII-1531, Casa da Feitoria lusa [carta-posfácio da *Legatio*]

A III – Damião de Góis a Bonifácio Amerbach – Louvain, 18-V-1533

A IV – Damião de Góis a Erasmo de Roterdam – Antuérpia, 20-VI-1533

A V – Damião de Góis a Bonifácio Amerbach – Basileia, 09-IV-1534

A VI – Damião de Góis a Bonifácio Amerbach – Friburgo, 04-VII-1534

A VII – Damião de Góis a Bonifácio Amerbach – Friburgo, 18-VII-1534

A VIII - Damião de Góis a Bonifácio Amerbach – Friburgo, 21-VII-1534

A IX - Damião de Góis a Bonifácio Amerbach – Pádua, 31-X-1534

A X - Damião de Góis a Bonifácio Amerbach – Pádua, 23-VI-1535

A XI - Damião de Góis a Bonifácio Amerbach – Pádua, 28-IX-1535

A XII - Damião de Góis a Erasmo de Roterdam – Pádua, 22-XII-1535

A XIII - Damião de Góis a Erasmo de Roterdam – Pádua, 26-I-1536

A XIV - Damião de Góis a Erasmo de Roterdam – Nuremberga [Nuremberg], 15-VII-1536

A XV - Damião de Góis a Bonifácio Amerbach – Pádua, 31-VIII-1536

A XVI - Damião de Góis a Bonifácio Amerbach – Pádua, 24-IX-1536

A XVII - Damião de Góis a Bonifácio Amerbach – Pádua, 14-XII-1536

A XVIII - Damião de Góis a Jacopo Sadoletto – Pádua, 1-VII-1537

A XIX - Damião de Góis a Nicolau Clenardo – Pádua, 19-VIII-1537



- A XX - Damião de Góis a certo amigo seu – Pádua, 27-VIII-1537
- A XXI - Damião de Góis a Pietro Bembo – Louvain, c.-IX-1539 [carta-prefácio do *Commentarii rerum gestarum...*]
- A XXII - Damião de Góis a Pietro Bembo – Louvain, 13-IX-1539
- A XXIII - Damião de Góis ao Papa Paulo III – Louvain, c.-VIII-1540 [carta-prefácio de *Fides, religio moresque Aethiopum*]
- A XXIV - Damião de Góis ao Papa Paulo III – Louvain, 01-IX-1540 [carta-posfácio de *Fides, religio moresque Aethiopum*]
- A XXV - Damião de Góis a Reginald Pole – Louvain, 12-X-1540
- A XXVI - Damião de Góis a Pietro Bembo – Louvain, 14-X-1540
- A XXVII - Damião de Góis a Bild Rheinauer [Beato Renano] – Louvain, 24-X-1540
- A XXVIII - Damião de Góis a Pedro Nanninck [Nânio/Nannio] – Louvain, c.20-XI-1541 [carta-dedicatória de *Hispania*]
- A XXIX - Damião de Góis a João Diogo Fugger – Louvain, 11-IV-1542
- A XXX - Damião de Góis a Beato Rhenanus [Beatus/Bild Rheinauer/Renano] – Louvain, 01-VI-1542
- A XXXI - Damião de Góis a Cristóvão Madruzzi – Louvain, 05-VII-1543
- A XXXII - Damião de Góis ao imperador Carlos V – Lisboa, c.-VI-1546 [carta-prefácio do *Vrbis Lovaniensis obsidio*]
- A XXXIII - Damião de Góis ao Infante d. Luís – Lisboa, c.-XI-1548 [carta-prefácio do *De bello cambaico ultimo commentarii tres*]
- A XXXIV - Damião de Góis ao Cardeal Infante d. Henrique – Lisboa, c.-X-1554 [carta-prefácio de *Vrbis Olisiponis descriptio*]
- A XXXV - Damião de Góis a Jerónimo Cardoso – Lisboa, c.-XI-1554
- A XXXVI - Damião de Góis a Cristóvão Madruzzi – Lisboa, 02-III-1555
- A XXXVII - Damião de Góis ao senado de Danzig – Lisboa, 24-VI-1567

**Correspondência Passiva:**

B I - Cornélio Grapheus a Damião de Góis – Antuérpia, 01-VII-1529 (carta-prefácio do *Terentii...*)

B II - Cornélio Grapheus a Damião de Góis – Antuérpia, 19-XII-1530

B III - Cornélio Grapheus a Damião de Góis – Antuérpia, c. 1531

B IV - Erasmo de Roterdam a André de Resende – Friburgo de Brisgóvia, 08-VI-1531.

B V - Paulo Speratus a Damião de Góis – Marienwerder, 12-IX-1531.

B VI - Cornélio Grapheus a João Grapheus – Antuérpia, 13-VIII-1532.

B VII - Erasmo de Roterdam a Bonifácio Amerbach – Friburgo, 05-V-1533.

B VIII - João Driedo ao rei d. João III – Louvain, 09-VI-1533.

B IX - Luís Vives a Damião de Góis – Bruges, 17-VI-1533

B X - Erasmo de Roterdam a Damião de Góis – Friburgo, 25-VII-1533.

B XI - Conrado Goclénio a Erasmo de Roterdam– Louvain, 26-VII-1533.

B XII - Bonifácio Amerbach a Góis – Basileia, 01-IX-1533

B XII - Erasmo de Roterdam a Erasmo Scheto – Friburgo, 23-I-1534

B XIII - Erasmo de Roterdam a Erasmo Scheto – Friburgo, 11-III-1534

B XIV - Erasmo de Roterdam a Damião de Góis – Friburgo, 11-III-1534

B XV - Erasmo de Roterdam a Damião de Góis – Friburgo, 13-III-1534

B XVI - Bonifácio Amerbach a Basílio Amerbach – Friburgo, 10-IV-1534

B XVII - Erasmo de Roterdam a Bonifácio Amerbach – Friburgo, 11-IV-1534

B XVIII - Erasmo de Roterdam a Damião de Góis – Friburgo, 11-IV-1534

B XIX - Erasmo de Roterdam a Erasmo Scheto – Friburgo, 23-IV-1534

B XX - Erasmo de Roterdam a Erasmo Scheto – Friburgo, 11-V-1534

B XXI - Bonifácio Amerbach a Damião de Góis – Basileia, c. 04-VI-1534

B XXII - Gilberto Cognato a Bonifácio Amerbach – Friburgo, 04-VI-1534

B XXIII - Conrado Goclénio a Damião de Góis – Louvain, 10-VI-1534

B XXIV - Erasmo de Roterdam a Erasmo Scheto – Friburgo, 11-VI-1534

- B XXV - Bonifácio Amerbach a Damião de Góis – Basileia, 17-VII-1534
- B XXVI - Bonifácio Amerbach a Damião de Góis – Basileia, 19-VII-1534
- B XXVII - Ulrico Zásio a Erasmo de Roterdam – Friburgo, 27-VII-1534
- B XXVIII - Erasmo de Roterdam a Erasmo Scheto – Friburgo, 30-VII-1534
- B XXIX - Erasmo de Roterdam a Pietro Bembo – Friburgo, 16-VIII-1534
- B XXX - Luís Ber a Jerónimo Aleandro – Friburgo, 16-VIII-1534
- B XXXI - Erasmo de Roterdam a Damião de Góis – Friburgo, 25-VIII-1534
- B XXXII - Gilberto Cognatus a Bonifácio Amerbach – Friburgo, 11-IX-1534
- B XXXIII - Erasmo de Roterdam a Filipe Melanchton – Friburgo, 06-X-1534
- B XXXIV - Pietro Bembo a Erasmo de Roterdam – Pádua, 11-XI-1534
- B XXXV - Segismundo Gelénio a Damião de Góis – Basileia, 01-I-1535
- B XXXVI - Erasmo de Roterdam a Damião de Góis – Friburgo, 11-I-1535
- B XXXVII - Erasmo de Roterdam a Erasmo Scheto – Friburgo, 21-II-1535
- B XXXVIII - Filipe Melanchton a um certo amigo – Witemberg, 21-III-1535
- B XXXIX - Erasmo de Roterdam a Damião de Góis – Friburgo, 21-V-1535
- B XL - Bonifácio Amerbach a Damião de Góis – Basileia, 31-VII-1535
- B XLI - Erasmo Scheto a Erasmo de Roterdam – Antuérpia, 17-VIII-1535
- B XLII - Erasmo de Roterdam a Damião de Góis – Basileia, 18-VIII-1535
- B XLIII - Certo inglês a Damião de Góis – c. X-1535
- B XLIV - Erasmo de Roterdam a Damião de Góis – Basileia, 15-XII-1535
- B XLV - Erasmo de Roterdam a Damião de Góis – Basileia, 15-XII-1535
- B XLVI - Filipe Melanchton a Damião de Góis – Witemberg [Vitemberga], c.-XII-1535
- B XLVII - Erasmo de Roterdam a Gilberto Cognato [Gilbert Cousin] – Basileia, 11-III-1536
- B XLVIII - Nicolau Clenardo a Joaquim Polites – Évora, 22-IV-1536
- B XLIX - Conrado Goclénio a Damião de Góis – Louvain, 12-VII-1536
- B L - Beato Rhenanus [Bild Rheinauer] a Bonifácio Amerbach – Sélestad, 20-VIII-1536

- B LI - Bonifácio Amerbach a Damião de Góis – Basileia, 29-VIII-1536
- B LII - Bonifácio Amerbach a Damião de Góis – Basileia, 12-XI-1536
- B LIII - Nicolau Clenardo a Francisco Hovério – Évora, 15-XII-1536
- B LIV - Nicolau Clenardo a Joaquim Polites – Évora, 27-XII-1536
- B LV - Jacopo Sadoletto a Damião de Góis – Roma, 17-VI-1537
- B LVI - Jacopo Sadoletto a Filipe Melanchton – Roma, 17-VI-1537
- B LVII - Nicolau Clenardo a Joaquim Polites – Évora, 08-VII-1537
- B LVIII - Splinter van Hargen a Adriano Marius – Pádua, 01-XI-1537
- B LIX - Jacopo Sadoletto a Damião de Góis – Roma, 30-XII-1537
- B LX - Pietro Bembo a Damião de Góis – Veneza, 05-IV-1539
- B LXI - Lázaro Buonamico a Damião de Góis – Pádua, 17-IV-1539
- B LXII - Pedro Nanninck/Nannius/Nânio a Nicolau Olah/Olahus – Louvain, 06-V-1539
- B LXIII - Pedro Nanninck/Nannius/Nânio a Nicolau Olah/Olahus – Louvain, 12-V-1539
- B LXIV - Segismundo Gelénio a Damião de Góis – Basileia, 23-VI-1539
- B LXV - Lázaro Buonamico a Damião de Góis – Pádua, 09-VII-1539
- B LXVI - Lázaro Buonamico a Damião de Góis – Pádua, 29-X-1539
- B LXVII - Cristóvão Madruzzi a Damião de Góis – Trento, 05-XI-1539
- B LXVIII - Glareano a Damião de Góis – Friburgo, 06-XI-1539
- B LXIX - Tidemano Giese a Damião de Góis – Löbau, 16-XI-1539
- B LXX - Jacopo Sadoletto a Damião de Góis – Carpentras, 24-XII-1539
- B LXXI - Pietro Bembo a Damião de Góis – Roma, 31-XII-1539
- B LXXII - Jacopo Sadoletto a Jorge Coelho – Carpentras, 03-V-1540
- B LXXIII - Jacopo Sadoletto a Damião de Góis – Carpentras, 25-VIII-1540
- B LXXIV - Jorge Coelho a Damião de Góis – Lisboa, 26-VIII-1540
- B LXXV - Adão Carolus [Adam Karolyi] a Damião de Góis – Neustadt, Áustria, 28-X-1540
- B LXXVI - Nicolau Clenardo a todos os cristãos – Fez, c. 1540-1541

- B LXXVII - Justo Velsius a Damião de Góis – Antuérpia, 01-I-1541
- B LXXVIII - Pietro Bembo a Damião de Góis – Roma, 11-I-1541
- B LXXIX - João Rod [João Rodrigues de Sá de Meneses] a Damião de Góis – Roma, 11-I-1541
- B LXXX - Reginald Pole a Damião de Góis – Roma, c. inícios de 1541
- B LXXXI - João Magno Gothus a Damião de Góis – Roma, 01-IV- 1541
- B LXXXII - Pietro Bembo a Jorge Coelho – Roma, 09-IV- 1541
- B LXXXIII - Cristóvão Madruzzo a Damião de Góis – Trento, 21-V- 1541
- B LXXXIV - João Magno Gothus a Pietro Bembo – Roma, 07-VII- 1541
- B LXXXV - João Magno Gothus ao cardeal Santa Cruz [Marcelo Cervini] – Roma, 13-VII-1541
- B LXXXVI - João Vaseu a Damião de Góis – Évora, 18-X-1541
- B LXXXVI - Pedro Nanninck a Damião de Góis – Louvain, c. inícios de dezembro - 1541 [resposta à dedicatória de *Hispania*]
- B LXXXVII - Jorge Coelho a Damião de Góis – Lisboa, 13-XII-1541
- B LXXXVIII - Beato Rhenanus/Renano [Bild Rheinauer] a Damião de Góis – Sélestad, 21-III-1542.
- B LXXXIX - João Diogo [Jakob] Fugger a Damião de Góis – Augsburg, 08-V-1542
- B XC - Beato Rhenanus/Renano [Bild Rheinauer] a Damião de Góis – Sélestad, 21-V-1542
- B XCI - Guilherme Zenocar Agripa [Wilhelm Snoeckart Agrippa] a Damião de Góis – Bruxelas, 12-VII-1542
- B XCII - Viglio van Zuichem [Viglio Aytta van Zwichem] a Jorge Hermann [João Georges Hermann] – Bruxelas, 05-VIII-1542
- B XCIII - Tidemano Giese [Tidemano Gysius] a Damião de Góis – Löbau, 22-X-1542
- B XCIV - Splinter van Hargen a Cristóvão Madruzzo – Haia, 03-III-1543
- B XCV - João Magno Gothus a Damião de Góis – Roma, 21-III-1543
- B XCVI - João Diogo [Jakob] Fugger a Damião de Góis – Augsburg, 04-XII-1543
- B XCVII - Guilherme Bernartius Tiletanus a Damião de Góis – Louvain, 08-VIII-1544
- B XCVIII - Pietro Bembo a Damião de Góis – Roma, 03-X-1546

- B XCIX - Diogo Pires a Paolo Giovio – Ferrara, ?-III-1547
- B C - Sebastien Münster ao Imperador Carlos V – Basileia, 25-III-1550 [carta-prefácio de *Cosmographia uniuersalis lib. VI*]
- B CI - Sebastien Münster ao leitor – Basileia, III-1550 [carta-posfácio de *Cosmographia uniuersalis lib. VI*]
- B CII - Jerónimo Cardoso a Manuel de Góis – Lisboa, 04-V-1551 [carta nuncupatória do *Dictionarium iuuentuti studiosae*]
- B CIII - Jerónimo Cardoso a Damião de Góis – Lisboa, c.XI-1554
- B CIV - A cidade de Danzig a Damião de Góis – Gdansk [Gedani], 27.III-1566
- B CV - Johann von Pelken [Ioannes a Pelken] para a cidade de Colônia – Lisboa, c.Julho-1566/Abril-1567 [Embora incluída na CLG, a carta de Pelken foi redigida em alemão]
- B CVI - A cidade de Danzig a Damião de Góis – Gdansk [Gedani], 23.IV-1567
- B CVII - A cidade de Danzig a Damião de Góis – Gdansk [Gedani], 08.I-1570
- B CVIII - Jerónimo Osório ao cardeal D. Henrique – Silves, antes de setembro de 1571 [carta-prefácio do *De rebus Emmanuelis gestis*].

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES:

- ALBERTI, Leon Battista. Da pintura. Trad. Antônio da Silveira Mendonça. Campinas: UNICAMP, 1992.
- ALLEN, P. S. *Opus epistolarum Des. Erasmi Roterodami*. Oxonii [Oxford]: Typographeo Calendoniano [Oxford University Press], 1906.
- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Inferno*. Edição Bilíngue. Trad. Italo Eugenio Mauro. São Paulo: 34, 2010 [1998].
- BARROS, João de. *Ásia de João de Barros: Primeira Década* (fac-símile). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- BELL, Audrey F. G. *Um humanista português: cartas portuguesas de Damião de Góis*. Trad. António Álvaro Dória. Lisboa: Editorial Império, 1942.
- BREEN, Quirinus. *The Observationes in M. T. Ciceronem of Marius Nizolius. Studies in the Renaissance*. Vol. 1. University of Chicago Press, 1954.
- CALCAGNINI, Celio. *Super imitatione commentario*. In: DELLANEVA, Joann (ed.). *Ciceronian controversies*. Cambridge: Harvard University Press, 2007.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Catão Maior ou da velhice*. Trad. Damião de Góis. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003. [1538].
- CÍCERO, Marco Túlio. *De Oratore*. In: SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do Orador de Cícero: um estudo à luz de Ad familiares, I, 9, 23*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009 (tese de doutorado).
- CÍCERO, Marco Túlio. *Defesa de Árquias*. Trad. Carlos Alberto Louro Fonseca. In: RAMALHO, Américo da Costa (org.). *Cícero*. Lisboa: Verbo, 1974
- CLENARDO, Nicolau. *Carta a Joaquim Polites (Évora, 27-XII-1536)*. In: CEREJEIRA, Gonçalves. *O Renascimento em Portugal: Clenardo e a sociedade portuguesa*. Vol I. Coimbra: Coimbra Editora, 1974 [1926].
- CUSA, Nicolau de. *A douta ignorância*. Trad. José Maria André. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.
- DELLANEVA, Joann (ed.). *Ciceronian controversies*. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

- EPÍSTOLA DO MUITO *poderoso e invencível Manuel rei de Portugal e dos Algarves etc...* trad. Nair de Nazaré Castro Soares. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1979. [1513]
- GÓIS, Damião de. *Chronica do serenissimo senhor rei D. Manuel: escrita por Damião de Goes, e novamente dada a luz, e oferecida ao illustrissimo senhor D. Rodrigo Antonio de Noronha, e Menezes...* Lisboa: Universidade de Coimbra, 1749.
- GÓIS, Damião de. *Elogio da cidade de Lisboa: versões latina e portuguesa.* Trad. Aires A. Nascimento. Lisboa: Guimarães, 2002. [1554]
- GÓIS, Damião de. *Hispania.* In: CARVALHO, Dias de. *Opúsculos Históricos.* Porto: Civilização-editora, 1945. [1542]
- GÓIS, Damião de. *Relação do cerco da nobilíssima cidade de Dio, em Carmânia ou Cambaia.* In: CARVALHO, Dias de. *Opúsculos Históricos.* Porto: Civilização, 1945. [1539]
- HENRIQUES, Guilherme J. C. *Inéditos goesianos.* v. 2. Lisboa: 1896-1898.
- MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana.* 2.ed. v.1 Lisboa: s/ed., 1930 [1741].
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe.* Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Penguin-Companhia, 2010.
- MIGNE. *Patrologia Latina.* Paris: Garnier e J.P.Migne Sucessores, 1878.
- NIZOLIUS, Marius. *Nizolius, sive Thesavrus Ciceronianvs, omnia Ciceronis verba, omnemq; loquendi at que eloquendi varietatem complexus, nunc iterum, eruditi hominis herculeo labore atque industria, quarta parte auctior...* Veneza: Ex Officina Aldina, 1570.
- NUNES, Pedro. *Obras: Tratado da Sphera – Astronomici Introductorii de Spaera Epitome.* Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002 [1537].
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Romana: antologia da Cultura Latina.* 6. Ed (aumentada). Lisboa: Guimarães, 2010.
- PETRARCA, Francesco. *Lettera ai posteri o autobiografia.* In: SOLERTI, Angelo (org.). *L'autobiografia, il secreto e dell'ignoranza sua e d'altrui di messer Francesco Petrarca.* Florença: Sansoni, 1904.
- PLUTARCO. *Vidas paralelas: Demóstenes e Cícero.* Trad. Marta Várzeas. Coimbra: Centro de estudos clássicos e humanísticos, 2010.
- RÊGO, Raul. *O processo de Damião de Góis na Inquisição.* Lisboa: Assírio & Alvim, 2007. [1571-1572]



RESENDE, André de. *As Antiguidades da Lusitânia*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2009.

RESENDE, André. *Elogio de Erasmo (Erasmi Encomium)*. Trad. Walter de Sousa Medeiros e José Pereira da Costa. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1961 [1531].

ROTTERDAM, Erasme. Le Ciceronien. In: MESNARD, Pierra. *Erasme - La philosophie Chrétienne*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1970.

ROTTERDAM, Erasmo, *Ciceronianus sive de optimo genere dicendi – Ciceronianus: a dialogue on the best style of speaking*. Trad. Izora Scott. Toronto: University of Toronto, 2002 [1908].

ROTTERDAM, Erasmo. Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar. Trad. Emerson Tin. In: TIN, Emerson. *A arte de escrever cartas*. Campinas: UNICAMP, 2005. [1521]

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2007.

TORRES, Amadeu (org). *Damião de Góis: correspondência latina*. Trad. Amadeu Torres. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

VIVES, Juan Luís. *El arte retórica / De ratione dicendi: edición bilíngüe*. Trad. Ana Isabel Camacho. Barcelona: Anthropos, 1998. [1532]

ZURARA, Gomes Eanes. *Crónica da Tomada de Ceuta*. Lisboa: Europa-América, 1992.

### **LIVROS, ARTIGOS, TESES:**

ALESSIO, Gian Carlo. The Rhetorical Juvenilia of Cicero and the artes dictaminis. In: COX, Virginia; WARD, John O (orgs.) *The rhetoric of Cicero and its medieval and early Renaissance commentary tradition*. Leiden/Boston: Brill, 2006.

ANSWAARDEN, Robert van. O testamento de Rui Fernandes de Almada. *Revista da Biblioteca Nacional*, s. 2, vol. 7. Lisboa, (1) 1992.

ASENSIO, Eugenio. Ciceronianos contra Erasmistas en España. Dos momentos (1528-1560). In: ASENSIO, Eugenio. *De fray Luis de León a Quevedo y otros estudios sobre retórica, poética y humanismo*. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 2005.

ASENSIO, Eugenio. Juan de Maldonado (c. 1485-1554) y su Paraenesis o el humanismo en la época de Carlos V. In: ASENSIO, Eugenio. *De fray Luis de León a*

*Quevedo y otros estudios sobre retórica, poética y humanismo*. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 2005.

AUBIN, Jean. Damião de Góis dans une Europe évangélique. *Humanitas*. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, vols. XXXI-XXXII, 1979-1980.

AUBIN, Jean. Une frontière face au péril Ottoman: La terre d'Otrante (1529-1532). In: *Le latin e l'astrolabe*. Recherches sur le Portugal de la Renaissance, son expansion en Asie et les relations internationales. V. II. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2000.

AUERBACH, Erich. Sacrae scripturae sermo humilis. In: *Ensaio de Literatura ocidental*. São Paulo: Duas cidades; editora 34, 2007. [1941]

AUERBACH, Erich. Sermo humilis. In: *Ensaio de Literatura ocidental*. São Paulo: Duas cidades; editora 34, 2007. [1952]

BARATA, Maria R. de Sampaio Temudo. *Rui Fernandes de Almada, diplomata português do século XVI*. Lisboa: s/ed., 1971.

BATAILLON, Marcel. *Erasmus y España: estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1966 [1937].

BAUMGARTEN, Jens. Os discursos econômicos e a arte flamenga nos séculos XV e XVI: reflexões sobre o mercado de luxo a partir do tríptico de Jan van Dornicke do MASP. *Revista de História da Arte e Arqueologia*. Nº 06. São Paulo, dez. 2006.

BERCHTOLD, Alfred. *Bâle et l'Europe: une histoire culturelle*. Lausanne: Payot Lausanne, 1990.

BLACK, Robert. The renaissance and humanism: definitions and origins. In: WOOLFSON, Jonathan (org.). *Renaissance Historiography* (Palgrave advances). New York : Palgrave Macmillan, 2005.

BONILLA, Adolfo. *Luis Vives y la filosofía del Renacimiento*. Madrid: Imprenta del Asilo de Huérfanos del Sagrado Corazón e Jesús, 1903.

BREEN, Quirinus. Celio Calcagnini (1479-1541). *Church History*. Vol. 21, No. 3 (Sep., 1952).

BURKE, Peter. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-Chia (orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da época moderna*. São Paulo: UNESP, 2009.

CANNATARO, Maria. La Cultura Scritta: centri, modelli, diffusione sociale. In: MASSAFRA, A; SALVEMINI, B. *Storia della Puglia*. Vol. 1 – dalle origini al Seicento. Bari: Laterza, 2005.

- CELENZA, Christopher S. The revival of Platonic philosophy. In: HANKINS, James (org.). *The Cambridge Companion to Renaissance Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- CHAUNNU, Pierre. *A civilização da Europa clássica*. Vol. 2. Lisboa: Estampa, 1993.
- COUTO, Dejanirah. Spying in the Ottoman Empire: sixteenth-century encrypted correspondence. In: BETHENCOURT, Francis; EGMOND, Florike. *Cultural Exchange in Early Modern Europe: Correspondence and cultural exchange in Europe – 1400-1700*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- D'ANGELO, Frank J. The dialogue. *Rhetoric Review*, vol. 1, nº 01 (set. 1982).
- DAVIES, Martin. Humanism in script and print in the fifteenth century. In: KRAYE, Jill. *The Cambridge companion to Renaissance humanism*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010 [1996].
- DE SÁ, Artur Moreira. *Humanistas portugueses em Itália: subsídios para o estudo de frei Gomes de Lisboa, dos dois Luíses Teixeiras, de João de Barros e de Henrique Caiado*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casada Moeda, 1982.
- DESWARTE-ROSA, Sylvie. *Il “perfetto cortegiano” D. Miguel da Silva*. Roma: Bulzoni, 1989.
- DESWARTE-ROSA, Sylvie. *Les enluminures de la Leitura Nova – 1504-1502: étude sur la culture artistique au Portugal au temps de la Renaissance*. Paris: Centro Cultural Calouste Gulbenkian, 1977.
- DIAS, J. S. da Silva. O conflito dos antigos e dos modernos. In: *Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*. Lisboa: Presença, 1982.
- ECO, Umberto. *A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia*. São Paulo: Record, 2010.
- ECO, Umberto. *A misteriosa chama da rainha Loana*. Lisboa: Difel, 2004.
- ENENKEL, Karl. In search of fame: self-representation in Neo-Latin. In: GERSH, Stephen; ROEST, Bert. *Medieval and Renaissance Humanism: Rhetoric, Representation and Reform*. Leiden/Boston: Brill, 2003.
- FARIA, Francisco Leite. *Estudos bibliográficos sobre Damião de Góis e sua época*. Lisboa: Secretaria de estado da Cultura, 1977.
- FEBVRE, Lucien. *O Reno: história, mitos e realidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- FERNANDES, Miguel Rosado. Raízes do Nacionalismo Português. In: *Em busca das raízes do Ocidente*. Vol. 1. Lisboa: Alcalá/Calouste Gulbenkian, 2006.

- FERNANDES, Miguel Rosado. Um político a serviço do império. Damião de Góis. In: *Em busca das raízes do Ocidente*. Vol. 1. Lisboa: Alcalá/Calouste Gulbenkian, 2006.
- FERNÁNDEZ, Luis Gil. Los Studia Humanitatis en España durante el reinado de los Reyes Católicos. *Península, Revista de Estudios Ibéricos*. Nº 2, 2005.
- FORD, Andrew. The beginnings of dialogue: Socratic discourses and fourth-century prose. In: GOLDHILL, Simon (org.). *The end of dialogue in Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- FRANCASTEL, Galiene; FRANCASTEL, Pierre. El retrato en el Renacimiento: siglo XVI. In: *El retrato*. Madrid: Cátedra, 1978.
- FUMAROLI, Marc. Genèse de l'épistolographie classique: rhétorique humaniste de la lettre, de Pétrarque à Juste Lipse. *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, Vol. 78, Nº 6, 1978.
- GARIN, Eugenio. A história no pensamento renascentista. In: *Idade Média e Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1994.
- GARIN, Eugenio. As fábulas antigas. In: *Idade Média e Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1994.
- GARIN, Eugenio. *History of the Italian Philosophy*. Vol. I. Nova Iorque: Rodopi, 2008.
- GINZBURG, Carlo. Ainda a flagelação. In: *Indagações sobre Piero*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989 [1981].
- GINZBURG, Carlo. Estilo: inclusão e exclusão. In: *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. [1998]
- GINZBURG. O Alto e o Baixo: o tema do conhecimento proibido nos séculos XVI e XVII. In: *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991 [1986].
- GODINHO, Vitorino de Magalhães. *Mito e mercadoria. Utopia e prática de navegar*. Séculos XIII-XVIII. Lisboa: Difel, 1990.
- GRAFTON, Anthony. *What was history? The art of history in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. [2007]
- GRAFTON, Anthony. A sketch map of a lost continent. The Republic of Letters. In: *World made by words: scholarship and community in the modern west*. Cambridge: Harvard University Press, 2011 [2009].
- GRAY, Hanna H. Renaissance Humanism: the pursuit of Eloquence. *Journal of the History of Ideas*. Vol. 24, Nº 4 (Oct-Dec.). University of Pennsylvania Press, 1963.

- GRENDLER, Paul F. The Universities of the Renaissance and Reformation. *Renaissance Quarterly*, Vol. 57, nº01 (Spring 2004).
- HAMILTON, Alastair. Humanists and the Bible. In: KRAYE, Jill. *The Cambridge companion to Renaissance humanism*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010 [1996].
- HANKINS, James. *La riscoperta di Platone nel Rinascimento italiano*. Pisa: Edizioni della Normale, 2009 [1990].
- HANKINS, James. Socrates in the Italian Renaissance. In: AHBEL-RAPPE, Sara; KAMTECAR, Rachana. *A companion to Socrates*. Londres: Blackwell, 2006.
- HARVEY, Paul (org.). *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987 [1937].
- HIRSCH, Elisabeth Feist. *Damião de Góis*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002 [1967].
- HUIZINGA, Johan. *Erasmus*. Barcelona: Ediciones del Zodíaco, 1946 [1924].
- HUIZINGA, Johan. In commemoration of Erasmus. In: *Men and Ideas: essays by Johan Huizinga – History, The middle Ages, The Renaissance*. Nova Iorque: Meridian Books, 1959 [1936]
- HUIZINGA, Johan. Patriotism and Nationalism in European history. In: *Men and Ideas: essays by Johan Huizinga – History, The middle Ages, The Renaissance*. Nova Iorque: Meridian Books, 1959 [1936]
- JASMIN, Marcelo Gantus. *Alexis de Tocqueville: a historiografia como ciência da política*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: IUPERJ/UFMG, 2005 [1997].
- KIRK, G. S; RAVEN, J. E; SCHOFIELD, M; *Os filósofos pré-socráticos*. 7. Ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2010 [1983].
- KRISTELLER, Paul Oskar. The European diffusion of Italian humanism. *Italica*. Vol. 39, nº 01 (março de 1962)
- LOPES, Maria José Ferreira. *Damião de Góis e os clássicos: vestígios culturais e literários latinos nos Commentarii de Góis*. (texto cedido pela autora)
- MAHONEY, Edward P. Marsilio Ficino and Renaissance Platonism. In: CELENZA, Christopher S; GOUWENS, Kenneth. *Humanism and creativity in the Renaissance: essays in honor of Ronald G. Witt*. Leiden: Brill, 2006.
- MANN, Nicholas. The origins of humanism. In: KRAYE, Jill. *The Cambridge companion to Renaissance humanism*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010 [1996].

- MARGOLIN, Jean-Claude. Apologie pour l'Humanisme: de la globalisation à la sectorisation d'un concept socio-historique. *Península – Revista de Estudos Ibéricos*. v. 1. Porto: Faculdade de Letras, 2004.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *Damião de Góis e os mercadores de Danzig*. In: MARQUES, A. H. de Oliveira. *Portugal Quinhentista* (ensaios). Lisboa: Quetzal, 1987.
- MARTINS, José V. de Pina. A Commedia. In: *Cultura italiana*. Lisboa: Verbo, 1971.
- MARTINS, José Vitorino de Pina. Introdução. In: NUNES, Pedro. *Obras: Tratado da Sphera – Astronomici Introductorii de Spaera Epitome*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002.
- MARTINS, José Vitorino de Pina. O humano e o divino na obra de Dante Alighieri. In: *Cultura Italiana*. Lisboa: Verbo, 1971.
- MARTINS, José Vitorino de. Avant-propos. In: MARTINS, José Vitorino de (org.). *Damião de Góis: humaniste européen*. Braga: Barbosa e Xavier, 1982.
- MATOS, Luís de. Le milieu universitaire. In: *Les portugais en France au XVIIème siècle: études et documents*. Coimbra: Imprensa da universidade, 1952.
- MATOS, Manuel Cadafaz de. Leitura e leitores de Cícero em Lisboa e Coimbra ao tempo de D. João III (1534-1543). *Humanitas*, v. LXVII, 1995.
- MATTOSO, José. Os antecedentes. In: COXITO, Amândio; RAMALHO, Américo da Costa; CASTRO, Aníbal Pinto de et al. *História da Universidade em Portugal*. Vol. I. Tomo II. Coimbra: Universidade de Coimbra, Calouste Gulbenkian, 1997.
- MESNARD, Pierre. Discussion de la deuxième journée. In: MESNARD, Pierre et al. *Individu et société à la Renaissance: colloque international*. Bruxelles: Presses Universitaires de Bruxelles, 1967.
- MESNARD, Pierre. Le commerce épistolaire comme expression sociale de l'individualisme humaniste. In: MESNARD, Pierre et al. *Individu et société à la Renaissance: colloque international – 1965*. Bruxelles: Presses Universitaires de Bruxelles, 1967.
- NAUERT, Charles G. *Historical Dictionary of the Renaissance*. Oxford: Scarecrow Press, 2004.
- NISARD, Charles. *Les gladiateurs de la République des Lettres*. II vols. Paris: Michael Lévy Frères, 1860.
- OSÓRIO, Jorge A. Cícero traduzido para português no século XVI - Damião de Góis e o Livro da Velhice. *Humanitas*, 37-38. Coimbra: Faculdade de Letras, 1985-1986.

- OSÓRIO, Jorge A. Reflexos de Tordesilhas numa nota antiportuguesa de Pedro Mártir de Anghiera. *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*. Porto: v. IX, 1994.
- OSÓRIO, Jorge. Humanismo e História. *Humanitas*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1993.
- P. CARDOSO, Arnaldo Pinto. *A presença portuguesa em Roma*. Lisboa: Quetzal, 2001.
- PANOFSKY, Erwin. Albrecht Dürer e a antiguidade clássica. In: *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2009 [1955].
- PARKS, George B. Did Pole Write the “Vita Longolii”? *Renaissance Quarterly*, Vol. 26, nº 3 (Autumn), 1973.
- PARSHALL, Peter W. Albrecht Dürer’s St. Jerome in his study: a philological reference. *The art Bulletin*, Vol. 53, Nº 03 – Set. 1971.
- PEREIRA, António dos Santos. *Portugal: o império urgente (1475-1525)*. Quadros mentais e aspectos do quotidiano. v. 2. Lisboa: Imprensa Nacional, 2003.
- PÉREZ, Pedro Ruiz. Sobre el debate de la lengua vulgar en el Renacimiento. *Criticón*. Nº38, 1987.
- PIGMAN III, G. W. Versions of the Imitation in the Renaissance. *Renaissance Quarterly*, Vol. 33, Nº 01 (Spring). University of Chicago Press, 1980.
- RAMALHO, Américo da Costa. Cícero nas orações universitárias do Renascimento. *Separata da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas*. V. I Porto: FLUP, 1985.
- RAMALHO, Américo da Costa. Duas opiniões sobre os Germani no Portugal Quinhentista. In: *Para a história do Humanismo em Portugal*. Vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- RAMALHO, Américo da Costa. *Estudos sobre o século XVI*. Lisboa: INCM, 1983.
- RAMALHO, Américo da Costa. Humanismo na corte de d. Manuel: Damião de Góis e o testemunho de Cataldo. In: ACADEMIA PORTUGUESA da História. *Damião de Góis e seu tempo (1502-1574): actas do colóquio*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2002.
- RAMALHO, Américo da Costa. O Humanismo (depois de 1537). In: COXITO, Amândio; RAMALHO, Américo da Costa; CASTRO, Aníbal Pinto de et al. *História da Universidade em Portugal*. Vol. I. Tomo II. Coimbra: Universidade de Coimbra, Calouste Gulbenkian, 1997.

- RAMALHO, Américo da Costa. Origem e início do Humanismo em Portugal: in: *Para a História do Humanismo em Portugal (III)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- RAMALHO, Américo da Costa. Os humanistas e a divulgação dos descobrimentos. *Humanitas*. Coimbra: 1991-1992.
- RAMINELLI, Ronald. “A escrita e a espada em busca de mercê”. In: *Viagens Ultramarinas*. Monarcas e governo a distância. São Paulo: Alameda, 2008.
- REALE, Giovanni (org.). *Platone: tutti gli scritti*. Milão: Bompiani, 2000.
- RICO, Francisco. *El sueño del humanismo: de Petrarca a Erasmo*. Barcelona: Ediciones Destino, 2002. [1993].
- RUMMEL, Erika. Marineo Sículo: a protagonist of Humanism in Spain. *Renaissance Quarterly*. Vol. 50, nº 3 (Autumn 1997).
- SABBADINI, Remigio. *Storia del Ciceronianismo e di altre questioni letterarie nell'età della Rinascenza*. Torino: Ermanno Loescher, 1885.
- SANTOS, Leonel Ribeiro dos. *Linguagem, retórica e filosofia no Renascimento*. Lisboa: Colibri, 2004.
- SCATOLIN, Adriano. A invenção no Do Orador de Cícero: um estudo à luz de Ad familiares, I, 9, 23. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009 (tese de doutorado).
- SCHLOSSER, Julius von. I teorici dell'Italia settentrionale. In: *La letteratura artistica*. Milão: La Nuova Italia, 2000 [1924].
- SELLINK, Manfred. *The new Hollstein Dutch & Flemish etchings, engravings and woodcuts – 1450-1700*. Vol. IV, parte IV – Philips Galle. Rotterdam: Sound & Vision, 2001.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *A Historiografia portuguesa: doutrina e crítica*. Lisboa: Verbo, 1972.
- SUTCLIFFE, E. F. Jerome. In: LAMPE, G. W. H. (org.). *The Cambridge History of the Bible*. Vol. II. Cambridge: Cambridge University Press, 2008 [1969].
- TEIXEIRA, Felipe Charbel. Uma construção de fatos e palavras: Cícero e a concepção retórica da História. *Varia Historia*, v. 24. Belo Horizonte: Jul/Dez. 2008.
- TEIXEIRA, Felipe. *Timoneiros: Retórica, prudência e história em Maquiavel e Guicciardini*. Rio de Janeiro: PUC, 2008 (tese de doutorado)
- TEIXEIRA, Felipe. *Timoneiros: Retórica, prudência e história em Maquiavel e Guicciardini*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.
- THOMAZ, Luís Filipe F. R. *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Difel, 1998. [1994].



TORRES, Amadeu. *Damião de Góis e o pensamento renascentista: do ciceronianismo ao ecletismo*. Arquivos do centro cultural português – XVII - Separata. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

TORRES, Amadeu. *Noese e crise na epistolografia latina goisiana: as cartas latinas*. v. 1. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

VITERBO, Sousa. *A livraria real: especialmente no reinado de d. Manuel – memória apresentada à Academia real das ciências*. Lisboa: Academia real das ciências, 1901.

VOS, Alvin. The Vita Longolii: additional considerations about Reginald Pole's Authorship. *Renaissance Quarterly*, vol. 30, nº 3 (Autumn), 1977.

WIND, Edgar. Aenigma Termini. El emblema de Erasmo de Rotterdam. In: *La elocuencia de los símbolos*. Madrid: Alianza Forma, 1993.

WITT, Ronald G. “*In the footsteps of the ancients*”: the origins of humanism from Lovato to Bruni. Leiden: Brill, 2001.

WITT, Ronald G. Kristeller's humanists as heirs of medieval dictators. In: MAZZOCCO, Angelo. *Interpretations of Renaissance Humanism*. Leiden: Brill, 2006.

WITT, Ronald G. The first ciceronianism. In: “*In the footsteps of the ancients*”: the origins of humanism from Lovato to Bruni. Boston: Brill, 2001.

YATES, Frances. *A arte da memória*. Campinas: UNICAMP, 2007.

YATES, Frances. Pseudo-Dionysius and the Theology of a Christian Magus. In: *Giordano Bruno and the hermetic tradition*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1964.